



Resquícios de Memórias

Dicionário Biobibliográfico de Escritoras
e Ilustres Cearenses do Século Dezenove

Carla Castro





Carla Castro nasceu no dia 02 de abril de 1976 em Fortaleza. Filha de Vilmar Nogueira Osterne, natural da cidade de Limoeiro do Norte/CE e de Tereza Pereira de Castro, natural da cidade de Paraipaba/CE. O casal teve três filhos: Francisco Carlos de Castro, Carla Pereira de Castro e Carmem Pereira de Castro.

Formada em Pedagogia, Letras/Português e Direito, especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, atualmente cursa Mestrado em Literatura Comparada na Universidade Federal do Ceará.

Carla Castro escreveu o seu primeiro livro aos 10 anos de idade, O Menino Pobre e o Menino Rico, entretanto esse livro nunca foi publicado, mas naquela época a autora já



Resquícios de Memórias

Dicionário Biobibliográfico de Escritoras
e Ilustres Cearenses do Século Dezenove

Carla Castro



RESQUÍCIOS DE MEMÓRIAS
DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO DE ESCRITORAS
E ILUSTRES CEARENSES DO SÉCULO XIX

© 2019 Copyright by **CARLA CASTRO**
Impresso no Brasil / Printed in Brazil

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Diagramação eletrônica
Larri Pereira e Renan Rodrigues

Correção
Carla Castro

Capa
Larri Pereira

Impressão e Acabamento
Expressão Gráfica e Editora
Rua João Cordeiro, 1285 - Aldeota - Fortaleza - Ceará
CEP: 60110-300 - Tel.: (085) 3464-2222
E-mail: arte@expressaografica.com.br

Ficha Catalográfica
Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães
CRB 3/801-98

C 355 r Castro, Carla

Resquícius de memória: dicionário biobibliográfico de escritoras e ilustres cearenses do século XIX / Carla Castro.- Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

372 p.
ISBN: 978-85-420-1458-7

1. Literatura brasileira- biobibliografia 2. Escritores- cearenses
3. Biografia- dicionário I. Título

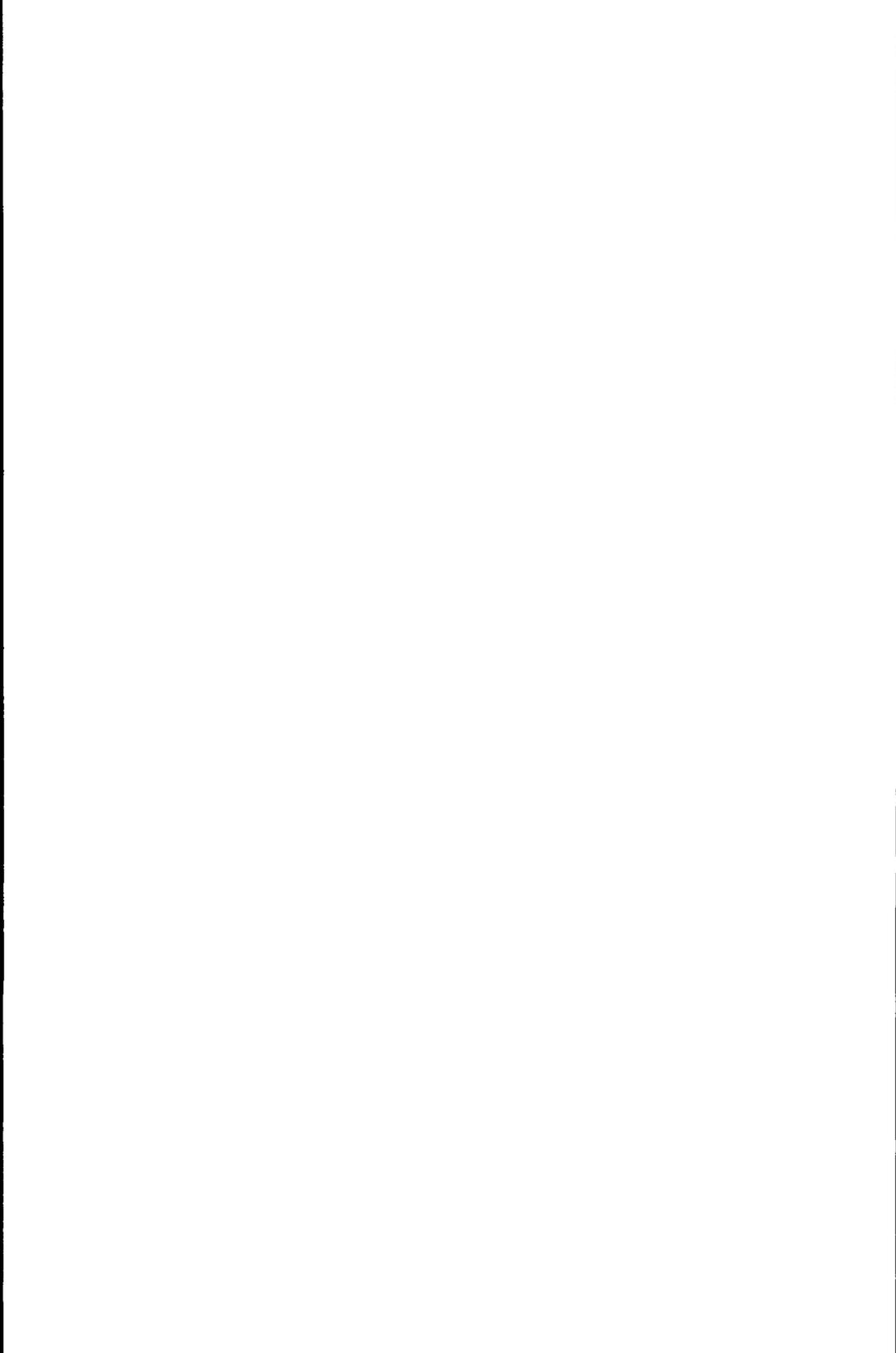
CDD: 869.0398151

*Deves Freitas
Com Catinho e
Administração*

*Carla Castro
11/11/2022*

Sumário

<i>Dedicatória</i>	5
<i>Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno</i>	6
<i>Agradecimentos</i>	16
<i>Notas explicativas</i>	22
<i>Prefácio</i>	23
<i>Introdução</i>	25
<i>Índice alfabético das autoras</i>	32
<i>Referências</i>	360
<i>A Autora</i>	367
<i>ANEXOS</i>	368



Dedicatória

Dedico à obra *Resquícos de Memórias – Dicionário Biobibliográfico de Escritoras Cearenses do Século XIX* a todas as patronas e escritoras sócias da **Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno** criada por iniciativa de Henriqueta Galeno, filha de Juvenal Galeno no ano de 1919.

Henriqueta Galeno é uma das escritoras biografadas nesse estudo. Poetisa e crítica literária desenvolveu papel fundamental na promoção da Literatura e das Artes em Fortaleza.

Fundada em 1919 a Casa Juvenal Galeno está completando 100 anos em plena atividade e funcionamento, abrigando mais de 20 instituições que realizam mensalmente reuniões, saraus e lançamento de livros. Hoje o trabalho de Henriqueta Galeno é perpetuado através de Antônio Galeno, bisneto de Juvenal Galeno, que mantém viva a memória de Juvenal Galeno e de Henriqueta Galeno promovendo a cultura e atendendo a alunos e pesquisadores que visitam a casa.

Dentre as Instituições que lá se reúnem estão: Academia de Letras dos Municípios Cearenses – ALMECE; Academia de Letras e Artes do Estado do Ceará – ALACE; Academia de Letras Juvenal Galeno – ALJUG; Academia Feminina de Letras do Ceará – AFELCE; Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno-AFCJG; Associação Cearense de Escritores – ACE; Associação de Ouvintes de Rádio do Estado do Ceará – AOUVIR-CE; Associação dos Humoristas Cearenses – AHC; Associação dos Artistas e Proprietários de Circo do Estado do Ceará – APAE-CE; Associação Gnóstica de Estudos Antropológicos e Culturais, Arte e Ciência – AGEACAC; Associação Maria Mãe da Vida – AMMV; Centro Cultural do Ceará – CCC; Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste – CECORDEL; Comissão Cearense de Folclore – CCF; Cooperativa de Cultura do Ceará – COOPECULTURA; Grupo Chocalho – GC; Grupo de Canto Lírico – Alvarus Moreno – GCL; Grupo de Estudos Literários – Além do Verso; Núcleo dos Amigos dos Mágicos do Ceará – NUAMAC; Oficina de Violão – OV; Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Ceará – SATED; Teatro Experimental de Cultura – TEC.

Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno

CADEIRA Nº 1

Patrona: Francisca Júlia da Silva

1º Ocupante: Ligia Soares Bulcão

2º Ocupante: Luciana Bessa Silva

CADEIRA Nº 2

Patrona: Princesa Isabel Orleans e Bragança

1º Ocupante: Susana Barreira do Amaral

2º Ocupante: Ana Maria do Nascimento

CADEIRA Nº 3

Patrona: Bárbara Heliodora

1º Ocupante: Olga de Lacerda P. Monteiro

2º Ocupante: Rejane Costa Barros

CADEIRA Nº 4

Patrona: Ana Justina Ferreira Néri

1º Ocupante: Ana Frota Mendes

2º Ocupante: Maria de Jesus Linhares

CADEIRA Nº 5

Patrona: Nísia Floresta

1º Ocupante: Fernanda Brito

2º Ocupante: Rosa Virginia Carneiro de Castro

CADEIRA Nº 6

Patrona: Ana Facó

1º Ocupante: Geraldina Amaral

CADEIRA Nº 7

Patrona: Auta de Sousa

1º Ocupante: Jandira Carvalho (Ex-Presidente)

2º Ocupante: Ana Maria Rodrigues de Sousa

CADEIRA Nº 8

Patrona: Francisca Clotilde

1º Ocupante: Maria Stella B. de Araújo

2º Ocupante: Clara Lêda de Andrade Ferreira

CADEIRA Nº 9

Patrona: Bárbara de Alencar

1º Ocupante: Ruth Alencar Leão

2º Ocupante: Hilma Maria Montenegro (Ex-Presidente)

CADEIRA Nº 10

Patrona: Branca Bilhar

1º Ocupante: Maria de Lourdes Hermes Gondim

2º Ocupante: Neide Azevedo Lopes

CADEIRA Nº 11

Patrona: Maria Quitéria de Jesus

1º Ocupante: Hildenê Sousa Campos

2º Ocupante: Maria do Céu Oliveira Campos

CADEIRA Nº 12

Patrona: Maria do Carmo G. Galeno

1º Ocupante: Cândida Maria S. Galeno (Nenzinha – Ex-Presidente)

2º Ocupante: Dolores Aquino

CADEIRA Nº 13

Patrona: Prisciliana Duarte de Almeida

1º Ocupante: Umbelina Nogueira (Rita de Lara)

2º Ocupante: Sylvia Helena M. Braun

CADEIRA Nº 14

Patrona: Irma Apoline Simas

1º Ocupante: Maria Luisa Pinto de Mendonça

2º Ocupante: Leda Costa Lima

CADEIRA Nº 15

Patrona: Anita Garibaldi

1º Ocupante: Maria Aracy Martins

2º Ocupante: Laís Almeida Martins

CADEIRA Nº 16

Patrona: Edwiges Sá Pereira

1º Ocupante: Maria de Lourdes Araújo

2º Ocupante: Maria Argentina Austregésilo de Andrade

CADEIRA Nº 17

Patrona: Amélia Rodrigues

1º Ocupante: Dolores Furtado

2º Ocupante: Maria Luiza Cavalcante de Abreu

CADEIRA Nº 18

Patrona: Ana Lima

1º Ocupante: Julieta Faheina Chaves Jufacha

CADEIRA Nº 19

Patrona: Alba Valdez

1º Ocupante: Olga Monte Barroso

2º Ocupante: Fátima cunha Moura

CADEIRA Nº 20

Patrona: Jovita Feitosa

1º Ocupante: Mariá Parente Correia

CADEIRA Nº 21

Patrona: Darcy Vargas

1º Ocupante: Maria Dutra Nunes Papaleo

2º Ocupante: Maria Carmosa Soares

CADEIRA Nº 22

Patrona: Úrsula Garcia

1º Ocupante: Terezinha Bedê S. Aguiar

CADEIRA Nº 23

Patrona: Henriqueta Galeno (Idealizadora e Fundadora)

1º Ocupante: Maria Adísia Barros de Sá

CADEIRA Nº 24

Patrona: Eunice Weaver

1º Ocupante: Doracy Sobreira de Mendonça

2º Ocupante: Alci Sobreira Costa

CADEIRA Nº 25

Patrona: Silvia Celeste de Campos

1º Ocupante: Carmelita Setúbal

2º Ocupante: Haydée Setubal

CADEIRA Nº 26

Patrona: Elvira Pinho

1º Ocupante: Maria Ivone de Alencar R. Lacerda

CADEIRA Nº 27

Patrona: Lúcia Miguel Pereira

1º Ocupante: Risete Cabral (Ex-Presidente)

2º Ocupante: Antoinette Alves Moura

CADEIRA Nº 28

Patrona: Amélia de Oliveira

1º Ocupante: Ilma Oliveira Montenegro (Ex-Presidente)

CADEIRA Nº 29

Patrona: Rosa Paulina da Fonseca

1º Ocupante: Marlete Leite

2º Ocupante: Francisca Benildes Batista

CADEIRA Nº 30

Patrona: Leonete Oliveira

1º Ocupante: Nazareth Serra

2º Ocupante: Jane Vieira

CADEIRA Nº 31

Patrona: Júlia Lopes de Almeida

1º Ocupante: Adalgisa Silveira

2º Ocupante: Maria do Carmo Fontenele

CADEIRA Nº 32

Patrona: Leonor Castellano

1º Ocupante: Anahid de Paula P. de Andrade

2º Ocupante: Matusahila de Sousa Santiago (atual Presidente)

CADEIRA Nº 33

Patrona: Cecília Meireles

1º Ocupante: Maria de Lourdes V. Pinto

2º Ocupante: Marília Sá

CADEIRA Nº 34

Patrona: Carmem Cinira

1º Ocupante: Estefânia Rocha Bezerra

2º Ocupante: Hildete Gomes Lopes

CADEIRA Nº 35

Patrona: Madre Maria José de Jesus

1º Ocupante: Ione Arruda Gomes

CADEIRA Nº 36

Patrona: Madre Joana Angélica de Jesus

1º Ocupante: Estefânia Gaspar B. de Menezes

2º Ocupante: Cléa Campêlo Vieira

CADEIRA Nº 37

Patrona: Maria Eugênia Celso

1º Ocupante: Eurídice Avelino Sidou

2º Ocupante: Maria Ida F. R. de Carvalho

CADEIRA Nº 38

Patrona: Dolores Duran

1º Ocupante: Terezinha de Jesus L. Parente

CADEIRA Nº 39

Patrona: Carmem Miranda

1º Ocupante: Lani Luiza de Melo

2º Ocupante: Maria Lina Cunha Moura

CADEIRA Nº 40

Patrona: Carmem de Araújo Lima

1º Ocupante: Alayde de Sousa Lima (Ex-Presidente)

2º Ocupante: Eliane Maria Arruda Silva

CADEIRA Nº 41

Patrona: Maria Tomázia

1º Ocupante: Gisela Paschen Schimmelpfeng (Ex-Presidente)

2º Ocupante: Maria da Glória Filgueiras Bastos

CADEIRA Nº 42

Patrona: Emília de Freitas

1º Ocupante: Maryse Weyne Cunha

CADEIRA Nº 43

Patrona: Margarida Sabóia de Carvalho

1º Ocupante: Maria Orildes Sales Freitas

CADEIRA Nº 44

Patrona: Maria Firmina dos Reis

1º Ocupante: Maria de Lourdes Ribeiro Brandão

CADEIRA Nº 45

Patrona: Clarice Lispector

1º Ocupante: Francisca Rita de Sidou Costa

CADEIRA Nº 46

Patrona: Ana Amélia de Q.C. de M.

1º Ocupante: Maria de Lourdes Figueiredo Araújo

CADEIRA Nº 47

Patrona: Júlia Galeno

1º Ocupante: Mary Galeno

2º Ocupante: Francinete Azevedo Ferreira

CADEIRA Nº 48

Patrona: Amélia de Freitas Beviláqua

1º Ocupante: Maria Luiza Motta Menezes

CADEIRA Nº 49

Patrona: Madre Ana Couto

1º Ocupante: Valdelice Alves Leite

CADEIRA Nº 50

Patrona: Ide Schloenbach Bleun (Colombina)

1º Ocupante: Zênith Feitosa

2º Ocupante: Maria Zênite Guimarães Ximenes

CADEIRA Nº 51

Patrona: Cora Coralina

1º Ocupante: Silvia Maria Deodato

CADEIRA Nº 52

Patrona: Fideralina Augusto Lima

1º Ocupante: Rejane Monteiro Augusto G.

CADEIRA Nº 53

Patrona: Maria Gonçalves da R. Leal

1º Ocupante: Raimunda Neide Moreira Freire (Ex-Presidente)

CADEIRA Nº 54

Patrona: Gilka Machado

1º Ocupante: Giselda Medeiros

CADEIRA Nº 55

Patrona: Amália Xavier

1º Ocupante: Marlene Bastos

CADEIRA Nº 56

Patrona: Myriam Coeli

1º Ocupante: Inês Kaúla

2º Ocupante: Viviane Fernandes A. Luz

CADEIRA Nº 57

Patrona: Loide Bonfim Andrade

1º Ocupante: Dorothy de Barnat

CADEIRA Nº 58

Patrona: Dinah Silveira de Queiroz

1º Ocupante: Hilnê Costa Lima

CADEIRA Nº 59

Patrona: Selenih de Medeiros

1º Ocupante: Francisca Ximenes

CADEIRA Nº 60

Patrona: Marilita Pozzoli

1º Ocupante: Glice Sales Alcântara

CADEIRA Nº 61

Patrona: Auri Moura Costa

1º Ocupante: Gisela Nunes da Costa

CADEIRA Nº 62

Patrona: Rachel de Queiroz

1º Ocupante: Maria Evan Gomes Bessa

CADEIRA Nº 63

Patrona: Chiquinha Gonzaga

1º Ocupante: Maria Haydée Campelo Dantas

CADEIRA Nº 64

Patrona: Heloneida Studart

1º Ocupante: Linda de Cássia de Sá Araújo

CADEIRA Nº 65

Patrona: Violeta Paiva

1º Ocupante: Mirtes Caldas do Val

CADEIRA Nº 66

Patrona: Zélia Gathai

1º Ocupante: Aracy da Silveira Cavalcante

CADEIRA Nº 67

Patrona: Maria Clara Jacob Machado

1º Ocupante: Maria de Lourdes Cavalcante de Abreu

Agradecimentos

Ao Sr. Deus Pai Todo Poderoso;

A minha mãe Sra. Tereza Pereira de Castro;

Aos meus irmãos: Carlos e Carmem;

Ao Pesquisador Ary Bezerra Leite por me transmitir o estímulo
e o amor a pesquisa;

A minha orientadora de Mestrado Edilene Ribeiro Batista in memoriam;

Ao meu orientador de Mestrado Stélio Torquato Lima;

Ao coordenador do Curso de Pós-Graduação em Literatura
Comparada–UFC

Orlando Luiz de Araújo;

Ao Vice-Coordenador Yuri Brunello;



**Aos professores e professoras do Curso de
Pós-Graduação em Literatura Comparada–UFC**

Denise Rocha

Francisco Edi de Oliveira Souza

Gildênia Moura de Araújo Almeida

José Leite de Oliveira Júnior

Joseane Mara Prezotto

Lola Aronovich

Marcelo Almeida Peloggio

Márcio Ferreira Rodrigues Pereira

Tito Lívio Cruz Romão

A Secretaria do Curso de Pós-Graduação em
Literatura Comparada–UFC

Diego Marques Ribeiro
Victor Matos de Almeida



A Talyta, Mariana e Marijara amigas que me acompanham
no trajeto do Mestrado;



A todos que fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC;



Aos professores: Eduardo Luz, Sânzio de Azevedo e Teoberto Landim, por
me transmitirem o conhecimento sobre a Literatura Cearense;

Aos professores do curso de Letras da UFC que organizaram junto comigo a
comemoração ao Dia da Literatura Cearense em 2006:

A professora Elisabeth Dias Martins e o professor Roberto Pontes;

A minha orientadora do curso de Especialização em Língua Portuguesa e
Literatura Brasileira da UECE Professora Solange Kate;

Aos professores que compuseram a banca de defesa da minha monografia
do Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
“Francisca Clotilde e Emília de Freitas: Vozes femininas na imprensa cearen-
se do Século XIX”.

A professora Mônica Maria Feitosa Braga Gentil

Ao poeta Francisco Miranda Filho (Miranda) in memoriam

Ao meu orientador do XVIII Encontro de Iniciação à Pesquisa da UNIFOR,
o professor Batista de Lima.

A professora Sarah Diva orientadora do grupo de pesquisas
AMI – Autobiografia, Memória e Identidade da UECE

A Bibliotecária Madalena Maria Monteiro

Ao professor Carlos Negreiros Viana

Ao historiador Raimundo Gomes



As pesquisadoras:

Adalzira Bittencourt in memoriam;
Alcilene Cavalcante de Oliveira;
Algemira de Macêdo Mendes;
Alzira Alves de Abreu;
Andradina América de Andrade e Oliveira in memoriam;
Anamélia Custódio Mota;
Ângela Barros Leal;
Ângela Maria Rossas Mota de Gutiérrez;
Cândida Maria Santiago Galeno in memoriam;
Cecília Maria Cunha;
Constância Lima Duarte;
Gildênia Moura de Araújo Almeida;
Gisela Paschen Schimmelpfeng in memoriam;
Giselda Medeiros;
Edna Yost in memoriam;
Fernanda Maria Abreu Coutinho;
Hebe C. Boa -Viagem A. Costa;
Heloísa Buarque de Hollanda;
Henriqueta Galeno in memoriam;
Hilda Agnes Hübner Flores;
Julieta Faheina Chaves;
Lourdinha Leite Barbosa;
Lucia Miguel Pereira in memoriam;
Lucia Nascimento Araújo;
Luciana Andrade;
Maria da Conceição Sousa;
Maria do Carmo Fontenele;
Mary Del Priore;

Mikaelly Andrade;
Maria Neuma Barreto Cavalcante;
Nelly Novaes Coelho in memoriam;
Olga Monte Barroso in memoriam;
Ruth Guimarães in memoriam;
Valdelice Carneiro Girão;
Vera Lucia Albuquerque de Moraes
Zahidé Lupinacci Muzart in memoriam;



A Academia Cearense de Letras

A Academia Feminina de Letras do Ceará- AFELCE
A todos os membros da ACE – Associação Cearense de Escritores;
A todos os meus familiares, amigos, professores, alunos e leitores.



A todos que colaboraram com informações sobre as escritoras:

A Ana Maria Lopes e seu esposo Geraldo Nogueira Batista,
neto de Anna Nogueira Baptista;

A Antônia Emília de Castro Alcântara
(Diretora da Escola de Ensino Fundamental Abigail Sampaio)

Ao senhor Antônio Santiago Galeno Júnior
(bisneto de Juvenal Galeno)

Ao Professor Marco Antonio Rodrigues Vasconcelos
(Diretor da EEEP Abigail Sampaio)

A Jailson Tavares Cruz
(Diretor da Escola de Ensino Médio Ana Facó)

A Clotilde Albano
(Diretora da Escola de Ensino Fundamental e Médio Maria Gonçalves)

Ao senhor Edmar Facó Soares e família

A senhora Beatriz Sampaio, neta da escritora Maria Sampaio de Andrade

Ao Sr. Eduardo Fontes, neto da escritora Antônia Sampaio Fontes

Ao escritor Dimas Macedo, autor de *A Metáfora do Sol*

Ao escritor e médico Dr. Martinho Rodrigues,
sobrinho da escritora Odília Rodrigues



In memoriam:

Ao meu pai Vilmar Nogueira Osterne

Aos meus avôs paternos: Natércia Osterne Nogueira
(nascida em 04 de janeiro de 1898)

Joaquim Nogueira Maia
(nascido em 26 de fevereiro de 1893)

Aos meus bisavôs e tataravôs maternos
(Pais e avôs de minha avó Rocilda Nunes de Castro)

Antônio Lopes Galvão

Ana Nunes de Castro Galvão

Agostim Dino de Castro Nunes

Francica Valéria Nunes de Azevedo

Aos meus bisavôs e taravôs maternos
(Pais e avôs de meu avô Francisco Pereira Filho)

Francisco Pereira Sobrinho

Antônia do Carmo Pereira

João Pereira dos Santos

Rita Gonçalves dos Santos

Aos meus avôs maternos: Rocilda Nunes de Castro
e Francisco Pereira Filho

Ao meu padrinho João Batista de Souza

Ao meu primo José Eduardo Ferreira de Castro

Ao meu tio Olavo Bento do Nascimento

A minha tia Maria Diana Pereira de Castro

Ao colega de mestrado Daniel Pereira de Oliveira

Ao professor Paulo Mosânio Teixeira Duarte
A Margarida Maria de Oliveira Freitas, servidora da Biblioteca Governador
Menezes Pimentel



Agradecimentos as seguintes instituições que me proporcionaram a possibilidade de pesquisar em seus arquivos impressos e em microfimes.

Academia Cearense de Letras;
Associação Cearense de Imprensa-ACI
BN-Biblioteca Nacional;
Biblioteca Pública Municipal Dolor Barreira;
Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel;
Universidade Federal do Ceará – UFC-Biblioteca de Ciências Humanas
Biblioteca Universitária da UFC (Setor de Obras Raras);
Biblioteca do Curso de Arquitetura (UFC);
Universidade Estadual do Ceará – UECE-Biblioteca Central
Biblioteca Prof. Antônio Martins Filho-Campus do Itaperi
Biblioteca Setorial do CH-Centro de Humanidades;
Casa Juvenal Galeno;
Centro Cultural Banco do Nordeste (Biblioteca);
Instituto Histórico do Ceará;
UNIFOR- Biblioteca da Universidade de Fortaleza;



Aos sebos

Cantinho do Livro (Simone Oliveira)
Ellenía (Samuel e Nina Rizzi);
Estante Virtual;
Librarium Dez (Rita e Rodrigo);
Livraria Arte & Ciências;

Livronauta;
Sebo O Geraldo.



Agradecimento especial a SECULTFOR pelo apoio recebido através do Edital das Artes 11/2016 da SECULTFOR n° 32/2016 categoria Pesquisa Literária Cearense.

Notas explicativas

A ordem alfabética dos nomes das escritoras será apresentada pelo primeiro nome;

O intuito desse trabalho é resgatar a memória das escritoras e divulgar os seus nomes para que as gerações atuais e futuras preservem a memória literária do nosso Estado.

O trabalho aqui apresentado é fruto de uma extensa pesquisa realizada ao longo de dezesseis anos, procurei abranger o maior número possível de escritoras nascidas no Século XIX, se faltou o registro de algum nome peço desculpas pela ausência. A pesquisa nunca se esgota e irá continuar com a pretensão de gerar novos trabalhos.

A grafia das palavras nos textos das escritoras pesquisadas foi mantida conforme o texto original.

Prefácio

*“Eu sou aquela mulher
Que fez a escalada na montanha da vida,
Removendo pedras e plantando flores.”*
(Cora Coralina)

Há muito de Carla Castro nesta autodefinição de Cora Coralina, tanto quanto nas distintas mulheres retratadas, por ela, nesta obra preciosa: “Resquícios de Memórias” – dicionário Biobibliográfico de Escritoras e Ilustres Cearenses do século XIX.

Realçante, também, na autora da obra, a sua aguçada sensibilidade, optando por “*escalar a montanha da vida*” com intuito único de selecionar, estudar, minuciosamente, os perfis das ilustradas mulheres de letras, sobreviventes audazes do imperialismo machista, predominante naquela época. Era necessária a lapidação destas “jóias raras” para devolver-lhes o brilho e acentuar a importância de cada uma no cenário cultural alencariano. Uma atitude louvável aconteceu: a professora Carla Castro resolveu pesquisar a produção textual de cada artífice das letras nascentes naquele século.

O trabalho foi árduo, estressante, pelas dificuldades decorrentes de um tempo distante, no que se refere à escassez de registros inseridos em livros; inexistência de dados biográficos ou documentos comprobatórios catalogados em bibliotecas ou em outras instituições do gênero, por fim, ela conseguiu “*remover as pedras.*”

Reconhecer e proclamar a existência de mulheres destemidas, determinadas em suas deliberações, opondo-se à ignorância da época, rompendo os grilhões que limitavam a liberdade de seus pensamentos, reacenderam os propósitos da professora Carla Castro; redefinir a importância desses vultos femininos no universo literário cearense, render-lhes louvores sempre! Acentuada estava a sua “*plantação de flores.*”

Parabéns, professora Carla Castro pelo brilhante intento!

A confraria da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno rende-lhe “aplausos em profusão” pela excelência da obra e pela dedicação exclusiva à pleiade privilegiada, hoje, residente nas paragens celestiais.

Francinete de Azevedo Ferreira
da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno,
AFELCE, ALMECE, UBT, AJEB, ACERE,
Grupo Chocalho, Coopcultura

Introdução

A obra *Resquícios de Memórias–Dicionário Biobibliográfico de Escritoras Cearenses do Século XIX*, apresenta o registro do nome de escritoras que nasceram no período compreendido entre 1801 e 1900. Escritoras nascidas no estado do Ceará ou que contribuíram com a nossa história literária. O critério de escolha para denominar-se Literatura Cearense seguiu a mesma classificação de estudiosos como: Dolor Barreira, Antônio Sales e Sânzio de Azevedo, de acordo com o que o autor estabelece em sua obra *Literatura Cearense*.

Com relação ao critério de escolha dos escritores contemplados no presente trabalho, devemos igualmente uma explicação: discordamos do sistema adotado pelo eminente historiador Guilherme Studart (Barão de Studart), em seu Dicionário Biobibliográfico Cearense, em que só são incluídas pessoas nascidas no Ceará, não obstante algumas haverem deixado muito cedo a terra do berço. Assim, deixa de figurar um Rodolfo Teófilo, por haver nascido acidentalmente na Bahia, figurando, porém, um Oscar Lopes, do qual se pode dizer que somente nasceu aqui...

Concordamos com Antônio Sales, e com Dolor Barreira, que em parte lhe seguiu as pegadas, uma vez que incluímos:

1- autores nascidos aqui e que aqui produziram literariamente, como Juvenal Galeno, Oliveira Paiva, Filgueiras Lima e inúmeros outros.

2- autores nascidos noutros Estados, mas que produziram literariamente entre nós, como Rodolfo Teófilo, Pápi Júnior, Alf. Castro ou Demócrito Rocha.

3 – autores que se ausentaram, mas ainda assim escreveram obras cearenses, como Domingos Olímpio, Gustavo Barroso, e outros.

Azevedo, 1976, pág.15.

Escritoras que produziram poesias, romances, contos, crônicas, artigos, músicas, que participaram de grupos literários e Instituições Culturais, que publicaram livros ou contribuíram para imprensa do Século XIX e XX. Muitas dessas mulheres nasceram no interior do Estado do Ceará, como:

Aracati, Baturité, Cascavel, Granja, Icó, Itapajé, Juazeiro do Norte, Paracuru, Quixeramobim, Sobral, São Benedito, Tauá e mesmo estando longe da capital, superaram vários obstáculos para publicarem os seus textos.

Mulheres que ousaram ao se expor através das suas falas e escritas, apresentando os seus ideais e os seus sentimentos, que defenderam suas causas numa sociedade dominada pelos homens onde a participação da mulher deveria se restringir aos cuidados com a família e com o lar. A elas dedico esse trabalho que expressa o nosso reconhecimento e a nossa eterna gratidão por representarem tão bem a nossa Literatura, do Ceará para o mundo.

Inspirada em literatos e historiadores que registraram a vida e a obra dos escritores cearenses, dentre eles cito: Antônio Bezerra de Meneses, Augusto Linhares, Barão de Studart, Braga Montenegro, Dolor Barreira, Geraldo Nobre, Joaquim da Costa Nogueira, Maria da Conceição Sousa, Mário Linhares, Otacílio Colares, Raimundo Araújo, Raimundo Girão, Raimundo de Meneses, Sânzio de Azevedo, Silva Nobre, dentre outros, tomei como missão o trabalho de organizar este dicionário com o maior número possível de escritoras nascidas no século XIX.

Para a realização dessa pesquisa várias obras foram lidas, obras que falam sobre a História e a Literatura Cearense do Século XIX e início do Século XX, dentre essas obras encontrei no estudo *O Ceará e os Cearenses* de Antônio Bezerra de Meneses de 1906, um relato sobre a nossa literatura em especial a literatura feita por mulheres.

Depois do ensino doméstico, são em geral educadas com esmero nas letras e nas belas artes.

Há ali senhoras que tem nome feito como poetisas e escritoras.

São bem conhecidas as Exmas. Sras. Anna Nogueira, Francisca Clotilde, Ignácia de Matos Dias, Emilia de Freitas, Francisca de Mello Cezar, Luiza Amélia de Paula Rodrigues, Anna Lectícia da Frota Pessoa, Luiza Justa, Anna Facó, Anna Bilhar, Adília de Albuquerque Luna Freire, Maria Salazar, Maria Rodrigues, (Alba Valdez), Maria Amélia Torres Portugal, Aurelinda Simões, Olga de Alencar, Amélia de Alencar e Júlia Moura, estas seis últimas, directoras da Liga Feminista Cearense, fundada pelas mesmas em 26 de Julho de 1904, e muitas outras, que honram os jornais com os seus escritos.

Em música e desenho conhecemos também cultoras distintíssimas.

MENESES, 1906, Pág. 75.

Dentre os nomes citados poucos são reconhecidos, destacamos os nomes de Alba Valdez a primeira mulher a ingressar na Academia Cearense de Letras em 1922 e a pioneira ao criar uma agremiação feminista, ainda em 1904 a Liga Feminista Cearense. Poucos são os registros encontrados sobre o primeiro movimento feminista no Brasil ocorrido em Fortaleza, de todas as obras pesquisadas, as únicas que relatam sobre o movimento são: o já citado *Ceará e os Cearenses* de Antônio Bezerra de Menezes e *Ensaístas Brasileiras* de Heloisa Buarque de Hollanda & Lúcia Nascimento Araújo.

A primeira agremiação literária feminina de que se tem notícia foi a Liga feminista Cearense, fundada em 1904 por Alba Valdez, identificada no meio literário como defensora do direito da ascensão cultural, econômico e político para as mulheres.

Outra pioneira foi a Academia Juvenal Galeno, da escritora Júlia Galeno, que, tendo seu ingresso recusado na Academia Brasileira de Letras, cria sua própria academia “exclusivamente para mulheres”, explicitando sua crítica frente à posição sexista da Academia Brasileira e promovendo sua inserção, ainda que marginal, no mundo institucionalizado das “belas-letras”.

HOLLANDA, 1993, página 23.

Francisca Clotilde, muito conhecida pela publicação do romance *A Divorciada* em 1904 e Emília Freitas autora do romance *Rainha do Ignoto*, publicado ainda em 1899. Considerado o primeiro romance de ficção científica escrito por uma mulher no Brasil. Os outros nomes citados não aparecem em destaque em nossa Literatura, e para identificá-los um longo trabalho de pesquisa foi realizado para que pudéssemos ter acesso aos textos e a biografia dessas escritoras.

Além de divulgar a vida e a obra dessas mulheres e acrescentar novos fatos até então desconhecidos do público leitor, também tivemos o trabalho de corrigir dados erroneamente registrados e propagados. Cito como exemplo o nome do livro de poesias da escritora Abigail Sampaio, o verdadeiro título de sua obra é *Luar de Prata*, mas registrado equivocadamente em vários livros e em sites da internet, como *Luar de Pátria*.

Inúmeras antologias, dicionários, revistas, jornais e estudos literários foram pesquisados tanto nacionais como locais, para que pudéssemos compor o *Resquícius de Memórias*. No *Dicionário da Literatura Cearense* de Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa, publicado em 1987, destacamos um depoimento de Antônio Sales, sobre as escritoras de sua época.

MULHERES ESCRITORAS

Não tem sido grande – felizmente diria um anti-feminista contumaz, – o número de senhoras cearenses que cultivam as letras, pelo menos publicamente.

A cearense é por excelência a mulher do lar, a companheira dedicada do homem, a mãe de família que tudo sacrifica por amor de sua gente e pela boa manutenção de sua casa.

Não que lhe falte inteligência. Ao contrário: sempre que é posta à prova a mentalidade feminina em nossa terra, se revela vigorosa e apta para ilustrar-se nas ciências e nas artes.

Mas, em nosso meio e em nosso clima, a mulher é muito feminina para ser feminista, e a família tem uma consistência tão forte que ser a dona de um lar é ainda a suprema e quase exclusiva aspiração de uma moça cearense.

Isso não exclui a sua capacidade para o trabalho material ou mental, a sua faculdade de cultivar a inteligência quando é preciso tirar partido dela para ganhar a vida ou auxiliar a manutenção dos seus, quando privados da assistência do trabalho masculino;

Neste ponto a mulher cearense é inexcedível em atividade e dedicação, e pode ser apresentada como modelo de companheira do homem.

Mas a rotina da educação provinciana, a timidez, a resignação um tanto oriental do seu temperamento, tudo a leva a negligenciar um tanto oriental do seu temperamento, tudo a leva a negligenciar o cultivo do espírito em proveito das utilidades e virtudes da feminilidade tradicional.

Poucos nomes se podem citar, pois, entre as mulheres que têm brilhado nas Letras, além das que se distinguem no magistério.

Francisca Clotilde e Emília de Freitas foram, na passada geração, os dois únicos nomes de escritoras, que se tornaram conhecidas em nosso meio.

A primeira colaborou abundantemente na imprensa, publicando artigos e contos, reunindo parte destes num pequeno volume – *Coleção de Contos*. É autora de muito versos, que não foram publicados em volume, e de um romance – *A Divorciada*.

Emília de Freitas, poetisa também e também romancista, publicou as *Canções do Lar* e a *Rainha do Ignoto*.

Logo após, surgiu um estro delicado de um feitio artístico bem acentuado: o de Ana Nogueira, que há longos anos emudeceu,

tendo deixado, entretanto, alguns atestados eloqüentes de sua inspiração e do seu bom gosto.

Alba Valdez e, sem dúvida, a pena mais aprimorada que tem produzido a mentalidade feminina entre nós. Em dois livros já antigos, *Dias de Luz* e *Em sonhos*, ligeiras narrativas e poemas em prosa, Alba Valdez revela o espírito culto e senhor da expressão, e estas qualidades mais se têm acentuado em numerosos trabalhos posteriores, não reunidos ainda em volume.

As irmãs Adelaide e Judite Amaral são senhoras de sério preparo e escrevem com correção e elegância sobre questões sociais e literárias, tendo a segunda se evidenciado na discussão do problema feminista.

E há ainda algumas inteligências femininas brilhantes, mas tão ocultas sob o véu da modéstia, que seria indiscrição arrancá-las ao segredo e à sombra em que se comprazem viver.

GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. **Dicionário de Literatura Cearense**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado, 1987. Página 18.

Nesse texto de Antônio Sales, literato por excelência, idealizador da *Padaria Espiritual*, redator do jornal *O Pão*, romancista, poeta e esposo de Alice Nava Sales Rodrigues, ainda podemos perceber o preconceito em relação ao papel da mulher enquanto escritora. A mulher cearense não poderia ousar e assumir características de uma feminista, pois ela deveria se limitar aos papéis de dona do lar e de esposa dedicada.

Em sua concepção poucas foram as que ousaram a se apresentar através da literatura. Em relação ao Antônio Bezerra, o nosso padeiro foi bem modesto ao destacar as poetisas que também atuavam no Magistério, dentre elas, observamos as bem conhecidas: Francisca Clotilde, Emília de Freitas e Alba Valdez, acrescentando o nome de Anna Nogueira, esposa de Sabino Baptista e única mulher a publicar no periódico o *Pão*, bem como o nome das irmãs Adelaide e Judite Amaral, essas duas últimas ainda bem desconhecidas do nosso público leitor.

Sobre a poetisa Anna Nogueira Baptista, um exaustivo trabalho de pesquisa foi realizado, a fim de desvendar informações sobre a sua obra biográfica, que só foi possível com a ajuda de seus familiares. Encontramos divergências em vários estudos biobibliográficos de que a escritora havia falecido sem deixar nenhuma obra. Em outros que a poetisa havia publicado uma

obra com o título *Carmes*. Entretanto pouco antes de falecer seus familiares organizaram um livro com o título *Versos* onde constam poemas escritos por Anna Nogueira durante toda a sua vida.

Vovó me disse, que queria escrever umas palavrinhas, expressão dela, para explicar como surgiram os versos da velhice.

Mas, Vovó está doente, muito cansadinha. As crises se sucedem e faltam-lhe forças para escrever.

Todos os dias, lamenta ainda não ter podido fazê-lo. Por isso faço-o por ela.

Desde o princípio do século, Vovó nunca mais fizera versos. Sem contar; é claro, com as quadras dos nossos santinhos de primeira comunhão.

Uma tarde, creio que em 1957, estava ela só em casa e muito triste. Uma saudade grande, muito grande mesmo, tomou conta do seu coração. – a infância, Santo Antonio, a fazenda querida onde nascera e se criara – a lembrança enfim de tudo aquilo, se apossou dela e quase sem se sentir, poz-se a escrever.

Ficou surpresa ao ver, que tinha escrito vinte e tantas quadras. E assim com esta inesperada visita da Musa, que ela supunha já a houvesse esquecido, surgiram os versos da Velhice.

Baptista, 1964, página 65.

O estudo *Resquícios de Memórias – Dicionário Biobibliográfico de Escritoras Cearenses* tem como objetivo preencher uma lacuna que existe em relação ao desconhecimento e a falta de registros e de pesquisas sobre as escritoras cearenses nascidas no século XIX, além de abordar a vida e a obra das escritoras também foram acrescentados textos redigidos por elas, para que pudéssemos conhecer seus escritos. Talvez a denominação “Dicionário” se limitasse a descrever os dados biográficos, entretanto optei por acrescentar registros fotográficos, poesias, crônicas e contos para enriquecer a pesquisa e oportunizar ao leitor ter contato com esses textos, haja visto que muitas das obras consultadas são raras e esgotadas.

Para constatar a ausência do registro do nome de escritoras cearenses nascidas no século XIX, nas obras que falam sobre a Literatura Cearense, tomamos como exemplo alguns livros consultados para o estudo. Na obra *Literatura Cearense* de 1976 do professor Sânzio de Azevedo podemos verificar que foram estudados quase duzentos escritores homens e apenas cinco

mulheres, são elas: Cândida Galeno, Lúcia Fernandes Martins, Margarida Sabóia de Carvalho, Marly Vasconcelos e Rachel de Queiroz, autoras do século XX. Augusto Linhares em sua *Coletânea de Poetas Cearenses* de 1952 destaca mais de 80 autores homens e apenas 8 escritoras, são elas: Ana Nogueira Batista, Fernanda Brito, Francisca Clotilde, Henriqueta Galeno, Jandira Carvalho, Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto, Stefania Rocha Bezerra e Úrsula Garcia. Em *Poetas Esquecidos* de 1938 do estudioso Mario Linhares, temos mais de vinte poetas e apenas três poetisas, Auta de Souza, Branca Bilhar e Carmen Cinira. Em *Ceará Intellectual* de Joaquim da Costa Nogueira de 1910, observamos um número maior de escritoras nele são apresentadas seis escritoras e 18 escritores. São elas: Adília de Luna Freire, Anna Facó, Francisca Clotilde, Francisca de M. Cesar Barcellos, Alba Valdes e Antonietta Clotilde. Acrescentamos ainda o estudo de Mário Linhares *História Literária do Ceará* de 1948, onde estão retratados quase duzentos escritores e apenas 12 mulheres, dentre elas: Ana Nogueira Batista, Diva Câmara, Francisca Clotilde, Maria Duarte, Emília de Freitas, as irmãs Galeno, as irmãs Sampaio, Úrsula Garcia, Alba Valdez e Rachel de Queiroz. O escritor acrescenta dois nomes que até o presente momento eram desconhecidos do contexto literário cearense, Diva Câmara escritora e atriz e Maria Duarte poetisa que viveu grande parte da sua vida no Rio de Janeiro, escrevendo para imprensa e participando da vida intelectual da cidade.

Esse estudo teve início em 2003, há exatamente dezesseis anos, quando ingressei no curso de Letras da UFC – Universidade Federal do Ceará e foi se desenvolvendo ao longo dos anos, tomando um maior fôlego em 2016 quando fui contemplada no Edital da Secultfor na categoria pesquisa em Literatura Cearense e em 2018 quando ingressei no Mestrado em Literatura Comparada na mesma Universidade. Outros trabalhos serão desenvolvidos com essa temática com a finalidade de resgatar a escrita literária feminina cearense. Antônio Sales em seu depoimento nos fala que Francisca Clotilde escreveu muitos poemas mas que se encontram esparsos e que ainda não foram publicados. Muito em breve essa compilação deverá vir a lume em pesquisa que estou desenvolvendo nos estudos do Mestrado.

Índice lfabético das autoras

1. Abigail Sampaio (1897-1990)
2. Adalgisa Albertino de Souza Pereira
3. Adelaide Correia do Amaral
4. Adília de Albuquerque Moraes (1874-1942)
5. Alba Cepilho
6. Alba Melo Amadel Soares
7. Alba Valdez (Maria Rodrigues Peixe) (1874- 1962)
8. Alice Linhares Pereira
9. Aline Pinto Acioli
10. Alvina Moraes
11. Alzira Lima
12. Amélia Alencar Mattos(11/04/???-1917)
13. Amélia Monteiro Gondim
14. Amélia Pedroso Benebien (1860 – 1953)
15. Ana Dias Pequeno (1879-1919)
16. Anna Bilhar (Ana Lopes de Alcântara Bilhar) (1853-1927)
17. Anna Facó (1855-1922)
18. Anna Leticia da Frota Pessoa (1877-)
19. Anna Margarida da Frota
20. Anna Nogueira Baptista (1870-1967)
21. Anahid Paula Pessoa de Andrade (1899-1983)
22. Antonieta Clotilde Duarte Bezerra (1890 -1958)
23. Antonia Sampaio Fontes (1884 – 1963)
24. Aurelinda Simões (Aurilinda Simões)

25. Branca Bilhar (1886-1928)
26. Branca Rangel (1892-1962)
27. Branca Rolim (1861-1911)
28. Branca Simões de Menezes (1885-1918)
29. Diva Torres Câmara (1885-1988)
30. Edith Dinoah da Costa Braga (1889-1950)
31. Edith Amaral
32. Emília Freitas (1855 – 1908)
33. Elvira Pinho (1860-1946)
34. Estefânia Gaspar Bezerra de Menezes (1897- ????))
35. Evangelina Accioly
36. Francisca Clotilde Barbosa Lima (1862-1935)
37. Francisca de Mello Cesar Barcellos
38. Henriqueta Galeno (1887-1964)
39. Ignacia de Mattos Dias (1854- 1931)
40. Isabel Inah da Frota Pessoa
41. Isabel Omphale Gondim (1866 – 1937)
42. Izabel Pergentina de Araujo
43. Joaquina Ester Sales Pessoa (1894-1992)
44. Judith Correia do Amaral
45. Júlia Correia do Amaral
46. Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos (1880 – 1950)
47. Júlia Galeno (1890-1978)
48. Julia Moura
49. Luiza Amélia de Paula Rodrigues
50. Luiza da Justa (18??- 1920)
51. Luisa de Oliveira Frazão (Luisa Frazão)

52. Margarida de Queiroz
53. Maria Amélia Torres Portugal
54. Maria Aracy Magalhães Martins (1897 – 1977)
55. Maria do Patrocínio Furtado (1866 – 1906)
56. Maria Dolores Furtado Nogueira (1896 – 1973)
57. Maria Duarte (18?? – 3/1/1949)
58. Maria Esther da Silva Pamplona (1871- 1952)
59. Maria Facó de Araújo (1886–????)
60. Maria Gonçalves da Rocha Leal (1899-1980)
61. Maria Jesuína de Albuquerque Rodrigues (1882-???)
62. Maria Sampaio de Andrade (1888-????)
63. Maria Salazar Fiusa de Pontes (????- 1945)
64. Maria Thomazia (1826-1902)
65. Noemi de Alencar Arraes (1900-1973)
66. Odília Rodrigues
67. Olga de Alencar Mattos
68. Rita de Cintra Costa (????–26 de janeiro de 1926)
69. Santuza Rodrigues de Andrade
70. Serafina Rosa Pontes (1850-1923)
71. Úrsula da Costa Barros Amorim Garcia (1864-1905)

I - ABIGAIL SAMPAIO (1897-1990)



A poetisa Abigail Sampaio nasceu em Paracuru, no litoral cearense em 09 de dezembro de 1897, filha de Josué Assis Sampaio e de Luiza Vieira Sampaio.

Iniciou seus estudos na própria localidade com sua tia Ormezinda Sampaio, em seguida foi morar e estudar em Fortaleza, sendo diplomada professora pela Escola Normal. Exerceu o magistério em São Lourenço, município de São Gonçalo, no Ceará. Desde a sua juventude demonstrava grande vocação literária através das poesias e dos versos por ela escritos.

Escrevia e publicava suas obras na revista “A Jangada”, publicação periódica da “Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno”. Publicou o livro *Luar de Prata* em 1923, sendo traduzido e publicado em castelhano em 1929 no Uruguai. Destacamos que o título do livro publicado por Abigail Sampaio é *Luar de Prata* e não *Luar de Pátria* como vem sendo reproduzido de forma errônea em sites, blogs e em livros.

Em colaboração com sua irmã Maria Sampaio publicou os seguintes livros: *Átomos e Scintelhas*; *Corolas de Cristal* versos e *Manacá*.

O livro *Átomos e Scintelhas* publicado em 1928 pela Typographia Santos em Fortaleza é dividido em duas partes. Na primeira parte intitulada *Átomos*, Maria Sampaio apresenta os seus poemas e oferece-os aos: seus pais, seus irmãos, seu esposo, e a distinta classe educadora cearense. A autora também dedica a obra a memória de sua querida mestra e amiga d. Anna Facó. Na segunda parte *Scintelhas*, Abigail Sampaio apresenta a seguinte dedicatória “Respeito e gratidão da autora a Margarida de Queiroz, Alba Valdez, Antônio Salles”.

Podemos constatar nessa apresentação do livro que as autoras Abigail e Maria Sampaio tinham contato e faziam parte da intelectualidade cearense dedicando a obra a personalidades como Antônio Sales idealizador da Padaria Espiritual e Alba Valdez participante do Instituto Histórico e da Academia de Letras.

A poetisa colaborou em diversos jornais e revistas do Brasil do Uruguai e da Argentina. Na revista *Vida Doméstica* publicada no Rio de Janeiro na edição de Abril de 1930 na página 87, em destaque, observamos uma análise da obra *Átomos e Scintelhas*.

BIBLIOGRAPHIA

ÁTOMOS E SCENTELHAS, Maria e Abigail Sampaio. Versos Typ. Santos, Ceará. – São duas irmãs. Ambas poetisas e de inspirado estro como se pôde ver pelos sonetos que seguem. Maria, que é uma esposa virtuosa, mãe de dois encantadores gêmeos, Claro e Josué, não occulta nos “Átomos”, os seus pendores parnasianos. È uma poetisa de talento. O melhor trabalho da parte que lhe coube na confecção do livro é o soneto “Árvore”.

A sra. Abigail produziu parte de “Scentelhas”, que se distingue por um tom de ingenuidade: pequeninos episódios sentimentaes, emoções, pantheistas, tudo numa authentica estylishação accentuadamente “jeune-fille”.

É della o soneto: Velhice.

Abigail Sampaio faleceu em 29 de novembro de 1990.

PUBLICAÇÕES: *Luar de Prata* (1923); *Átomos e Centelhas* (1928) *Corolas de Cristal* versos e *Manacá* em colaboração com sua irmã Maria Sampaio.

AMOR

À Antonieta Clotilde

*Amor... Dura corrente que nos prende
Claustro eterno e sem luz, onde velamos
Mercado de tortura onde se vende
Toda felicidade que gozamos.*

*Amor... Ferro grilhão... Ai quando amamos,
Com ímpeto de louco à dor se rende
O nosso coração! Se lhe falamos,
Este já não nos ouve... E nada atende!*

*E mundo afora vai, sereno e ambíguo...
Trilhando a longa estrada dos horrores,
Das carícias do amor triste mendigo.
Amor... Planta infernal de negras flores,
Ai daquele que em ti buscar abrigo,
Porque decerto morrerá de dores.*

Fonte: A Estrella, Agosto de 1915.

A JANGADA

Ao romper da manhã – o bravo jangadeiro

*Lança água, cantando, a jangadinha leve.
- Mais parece a boiar uma rosa de neve,
Um floco de algodão – sobre a espuma, ligeiro.*

*Longe, na curva azul, um círculo descreve,
E finalmente pára. O ousado marinheiro
Contra as vagas sacode a rede e muito em breve
Terá peixe a fartar...E luta o dia inteiro.*

*Mas, quando a tarde vem a enegrecer o poente,
Ei-la a voltar, garbosa, em procura da praia,
Como um cisne a bailar nas ondas, docemente...*

*E enquanto ela desliza, uma criança bela
Na praia, à dúbia luz do sol, que além desmaia,
Põe as mãos a rezar – olhos fitos na veia.*

Fonte: Sonetos Cearenses. Victor Hugo. Página 9.

VELHICE

(Inédito)

*Celere vae fugindo a mocidade...
Das rugas e das cans a turba ingrata
Assalta-nos de vez, de prompto mata
Fagueiras illusões, sonhos, vaidade.*

*A nevoa da velhice nos invade
E nossa mente esculpe, timorata,
O passado que vagos e dilata
Sobre a tela indelevel da verdade.*

*E à medida que vão correndo os annos,
A chusma dos amargos desenganos
Bailando vae perante o olhar vasio...*

A

*Então – repastos das mais crueis provanças –
Vemos passar de nossas esperanças
O corpo inere, macillento e frio!...*

Fonte: Vida Doméstica (RJ) – abril 1930 – Página 87.

DEVANEIOS

*Noite morna de dezembro.
A luz do luar em filigranas doiradas
Desce como uma carícia
Sobre as areias brancas das estradas.*

*Noiva no ar em languidos delirios
O perfume das rosas e dos lírios!*

*A aragem fresca levemente passa
Entoando uma leve canção a acalantar os ninhos
E os malmequeres sonolentos
A margem dos caminhos
Ao contacto dos ventos
Deixam cair as petalas fransinas
Como manchas do oiro sobre arminho.*

*Ao magnifico clarão da lua cheia
A sombra dos ramos e das folhas
Desenha arabescos e imagens
A projetar-se na brancura das areias.*

*E vendo a noite assim minhalma exulta e anseia
De encanto e de prazer.
E no meu intimo os desejos se confundem
Se abraçam e me absorvem.
E eu sinto a fremir no amago do seio
A ansia de infinito e a gloria do viver.*

Fonte: Jornal a Razão – domingo, 13 de dezembro de 1936 – Página 7.

PAISAGEM

A Carlyle Martins

*Risca a ardosa do céu
Uma estrela cadente
E deixa um traço de lús impresso no infinito,*

*Trapos de nuvens esgarçadas
Vêm abralar-se á lúa,
Que se mostra no azul, majestosa e serena,
Esplendidamente nua.*

*O cruzeiro esplendoroso,
No sul, palpita, pompeia,
Procurando enlaçar nos seus braços de oiro,
O corpo ní dalua cheia.*

*Tremem nas hastes franzinas,
As flôres rubras com ciume
E dão às borboletas que dormitam nos eu seio,
A essencia do seu perfume.*

*A caga treme, coleta,
Gargalham
Foje, se esfuma
E vem morrer enfim, na praia cristalina,
Rasgando a túnica da espuma.*

*Desce do infinito uma caricia
Como uma bençam sobre o mar.
E baixa sobre as coisas – numa neblina luminosa
A lús perdoadora do luar.*

Fonte: *Jornal A Razão* – Domingo, 10 de Janiero de 1937 – Página 7.

 2 - ADALGISA ALBERTINO DE SOUZA PEREIRA

Adalgisa Albertino de Souza Pereira nasceu em Sobral no final do século XIX, filha do major Antônio Albertino de Souza Pereira. No dia 06 de Maio de 1911 casou-se com o Sr. Enéas Rodrigues.

O Jornal *A Cidade* de Sobral do dia 21 de novembro de 1900 em sua quarta página publica um poema de autoria de Adalgisa.

AVE MARIA

Poesia recitada pela gentil creança Adalgiza Albertino por ocasião dos exames.

1.

*Ave Maria o campanário entôa
Com voz que echôa na longínqua serra,
E o athéu procura decifrar a medo
Qual segredo que essa hora encerra.*

2.

*Ave Maria! Vem cantando a briza
Na face lisa de lagoa azul;
Calam as aves sua voz sonora
E triste chora a viração do sul.*

3.

*Ave Maria lá murmura o vento
Que passa lento carregando a luz;
Oram as turbas, reverentes, calmas,
Prostam-se as almas no sopé da cruz.*

4.

*Ave Maria! Balbucia a rosa
Triste chorosa, recurvando a fronte;
E loiras nuvens nas gentis colinas
Beijam os cimos de azulado monte*

5.

*Ave Maria! Vem dizendo a lua
De face nua a despontar fagneria;*

A

*Fogem as aves procurando abrigo,
Chora e mendigo do caminho a beira.*

6.

*Ave Maria! Lá entoa a monge
Longe bem longe, no deserto além
As almas puras do Senhor enlaçam
E os echos passam murmurando?
Amem*

O mesmo periódico apresenta ao lado do poema um discurso proferido pela aluna no dia do recital.

Discurso proferido na ocasião do exame da 3ª aula pela gentil criança Adalgiza Albertino de Souza Pereira dilecta filha do nosso amigo capitão Antônio Albertino de Souza Pereira.

O acto de hoje solemniza um dia, aurora brilhante e risonha, que desponta no aureo horizonte de nossa infantil existência de alumnas escolares, e que nos desvenda a porvir em que o espírito se compráz felis e tranquillo.

É débil, por demoziada débil a minha fraca vóz, para expressar os sentimentos que me agitam a alma e me fazem pulsar o coração de alegria e não posso com tudo, embora em singellas palavras, em toscas expressões, deixar passar esse dia que marcará uma pháze nova em minha existência, sem testemunhar, avós! Minha querida e extremosa mestra, a minha gratidão eterna pelo que vos devo, pela elevação superior de minha natureza moral e intellectual, fructo único de vosso constante desvello, ensino e exemplo:

A vós, meus distinctos membros da commissão examinadoura, cuja enexcedivel benevolência, só teve igual a excessiva delicadeza affectuosa de vosso digno Presidente, o digníssimo Inspector Escollar, Ilmo. Sr. Dr. José Saboia de Albuquerque, o tributo de minha sympathia e gratidão que prometto tam viva e duradoura quanto o sentimento profundo de saudade q' me deixa a recordação do dia que nos é dado felis, solemnizar como aurora de novo provir em que a luz rompendo as trevas, nos faz antever o vasto horizonte em que domina o esperito.

- *Tenho dito* -

Sobral, 7 Novembro 1900.

Fonte: Periódico A Cidade (Sobral), 21 de novembro de 1900, Página 4.

3 - ADELAIDE CORREIA DO AMARAL (02/09/??-???)

O jornal *O Libertador* de 9 de setembro de 1886, em sua segunda página, noticia uma seção literária organizada pelas alunas do curso primário do Anexo da Escola Normal para celebrar a Independência, as alunas recitaram poemas e fizeram discursos, dentre elas: Margarida de Queiroz e Adelaide Amaral que tinham como professora a poetisa Francisca Clotilde.

No dia 24 de janeiro de 1893 o jornal *A República* noticia a relação de alunas que concluíram o curso na Escola Normal, dentre elas: Adelaide Amaral e Eglantina Amaral. Adelaide logo exerceu o magistério e com suas irmãs Judith e Ifigênia se dedicaram ao ensino das línguas, predominando os idiomas inglês, francês e espanhol. Adelaide traduziu vários livros para inglês e para o francês. Seu primeiro livro publicado foi *The Essential of English Language* em 1922 pela Editora Commercial em Fortaleza. A escritora Valdelice Carneiro Girão em seu estudo *Bibliografia Cearense Século XIX e XX* na página 218, faz um registro da publicação. “1374 THE Essentials of English Language. / Adelaide Amaral. Fortaleza: Commercial, 1922, 225p.

Em 1917 nos salões da Fênix Caixerai Adelaide proferiu palestra com o tema “*O Problema do Feminismo e suas modalidades*” debatendo sobre o papel da mulher. Do jornal *A Razão* de 19 de maio de 1929, página 03 reproduzimos o artigo de sua autoria “*A Caricatura do Patriotismo*”.

Seria possível descrever a impressão que nos causa o momento que atravessamos nesta grande República que se prepara para o centenário de sua independência política?

De um lado, o talento, a força, a beleza se prestam para as galas da exposição; do outro, um eterno círculo vicioso a apertar com os seus grilhões a garganta nacional.

É célere vae se aproximando esse faustoso dia. Nós, olhar fito na esteira imensa de luz que se distende do Amazonas ao Prata. Momentos há, porém, que o nosso cérebro parece paralisar, as idéias fogem apavoradas, e a esse torpor sucede um sentir doloroso que grita:

Pátria! Tu não és o nosso sonho; por que te deixas aviltar?

E é preciso com torcer a alma num esforço supremo para não desfazer a ilusão.

A

Pátria! Tu que o espírito de Ruy conduz para um apogeu de gloria, para que nos obrigas o olhar triste, em torno?

Pátria! Nós queremos sentir-te; mas falta-nos aos pés o teu sólo!

Eu te bemdigo; mas em nome da Liberdade dize-me, num paiz democrático, toda a opinião não tem direito de ser ouvida?

Eu quero falar-te em nome da democracia, que dizem, é a igualdade de todos, perante o direito, em nome da lei, que dizem. – é filha da vontade nacional.

Porque em nome desse direito, dessa lei não me escutas? É isso o que porventura se chama democracia?

Só poderíamos ajuíza do gênio de uma nação, quando a causa da liberdade, da justiça, da igualdade sejam em realidade os seus sonhos.

Dentre o ideal de esplendente fulgor dessa democracia, se nos offerece apenas no espetáculo diário, – uma esfarrapada, faminta e suja mendiga, de fisionomia nobre e digna porém.

Quanto dista a nossa educação democrática dos nossos sonhos!...

- Quem, jamais, ousaria acorrentar a Liberdade, quando impera o desrespeito à lei, ao direito e á justiça?!...

Praticar atos odiosos de character arbitrário, galgar o poder pela violencia e ilegalidade, cometer aberrações como autoridade, tudo isso em nome da lei, – excita e revolta.

Se a tirania é o maior ultraje atirado à face da humanidade, o bem mais precioso de cada um, é a sua dignidade *de cidadão* livre. E para resistir é preciso bastante coragem, afrontar violências, e com simplicidade atoica, se for preciso morrer, porque o patriotismo não tem defesa para os que não são victoriosos.

Na vida social e moral das nações, quem, aparte, pesar diariamente todos os atos exercidos sob a acção da lei, deduzirá de modo infalível que as decisões falsas objetam as verdadeiras; os sentimentos injustos opõem os justos e a solução eterna para todas as crises sociaes é uma, o direito do mais forte sobre o mais fraco.

Se mesmo, em leve síntese, apreciarmos o organismo social, como nos ensina o grande sociólogo francez Bordeau, veremos que cada typo é um ser abminavel, cada fisionomia uma careta, a autoridade empunha o cetro do despotismo, e a própria virtude comparece envolta em o negro véu da hipocrisia.

Mas o homem é obrigado a viver na sociedade. Perguntamos:

De que lhe vale o direito?

A

Se a experiência de todos os dias, a história de todas as épocas registam o ócio, o parasitismo e a nulidade, sempre triunphantes, em prejuízo dos que trabalham e dos que eles tanto desprezam.

E, aqui neste solo patrio, o sustentáculo que nos oferecem com o nome *de ordem moral*, destinado a fazer a felicidade dos povos, apenas soube punir dois homens a que a “Esfinge” de Afranio Peixoto pode assistir o espetáculo, e esses mesmos porque submeteram-se à voz pública... sem recurso à fórmula do Visconde de Jequititinhonha, que é negar, mesmo pegado em flagrantes... ou a de toda a gente do Brasil, que é vencer e dominar o clamor publico pelo sinismo afrontoso e provocante.

Patria! Eu te vejo neste momento, em que tu nos convidas ao certamen do progresso nacional, na colaboração das mesmas vontades, na comunhão das mesmas idéas, na força viva dos mesmos pensamentos, e até na fusão dos mesmos afetos, para elevar bem alto o amor instintivo do solo pátrio,—exposta aos maiores perigos, devida às mais baixas intrigas, humilhada mesmo perante à Europa, em nome da Liberdade, da Justiça, do Direito e da Verdade, levando ao patíbulo a eterna criança que é o povo, no riso inconciente de sua ignorância explorada.

Não há, entretanto, embriaguez maior do que a da Victoria; confraternizemo-nos. Pois, pelo triunfo de tua independência política, sob este CEO cheio de sol e de esperanças... onde pairam nuvens pesadas de tormenta, como a despejar os seus primeiros raios.

Perdôa-me, pátria, se não te reverenciei como mereces; a culpa recae sobre a Liberdade e o Direito.

ADELAIDE AMARAL

Junho, 22, 1922

(Do “Vinhêtas”)

Fonte: A Razão, domingo, 19-5-1929, Página 3.

Nesse artigo a autora promove uma reflexão sobre o centenário da independência política e questiona o papel da democracia e a distante realidade da igualdade de direitos pregada por ela.

A pesquisadora Adalzira Bittecourt em seu *Dicionário Bio-Bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil* em seu 1º Volume faz uma breve descrição sobre Adelaide.

Adelaide Amaral – Poetisa, cearense de sensibilidade delicada, que ao lado de sua irmã Edith Amaral, autora de ótimos trabalhos sobre assuntos políticos, literários e sociais, vem publicando seus poemas encantadores. Muitos críticos a colocam ao lado de Ana Faco e de Francisca Clotilde, como uma das grandes poetisas da terra de Alencar.

BITTENCOURT, 1969, Página 65.

No Jornal *A Razão* de 19 de maio de 1929 na página 3, a escritora Adília de Albuquerque Moraes assina a coluna a Razão Literária e apresenta um perfil da escritora Adelaide do Amaral em artigo intitulado *Valores despresados*.

Valores despresados

Quando attendendo à nímia gentileza do illustre Director d'esta folha, assumimos, desde o inicio, a direcção de sua página literária, era desejo nosso que fosse ella, em sua môr parte, collaborada pelo elemento feminil.

Matinas varias, impediram-nos de realizar esta aspiração, logo em começo. – Há grande desanimno entre as inlectuaes conterraneas: –a indifferença d'uns a ironia de outros, o descaso de terceiros, diminuem e represam os surtos de intelligencia, que bafejados por uma orientação segura, se encamihariam para nobre e proficuos fins.

Foi procurando despertal-as do letargo em que entorpecem os brilhos do espirito, que nos propuzemos a visital-as, a todas, convidando-as a erguerem suas vozes que m'jao podem calar-se a uma epocha em que, de sul a norte do Paiz, nossas irmãse se agremiam para pugnar e vencer.

Após trocarmos idéas com distinctíssimas patricias, já obtiveramos o apoio indispensavel d'estes phenomenos de intelligencia precôce que são Susana de Alencar e Rachel de Queiroz, –encataram-nos as promessas valiosas da renomada escriptora Alba Valdez, da illustre educadora D. Julia Vasconcellos e a cpadjuvação emprehendedora e insinuante da incomparavel Dra. Henriqueta Galeno. Faltavamos, porém, outras imprexdindíveis adhesões, e, foi assim, que em uma radiante e clarissima manhã do mez decorrente, batemos a porta d'uma amiga que muito nos honra e interessa.

Surgiu-nos, préstes, a silhueta esbelta de Adelaide Amaral, que, mostrando-se surpresa, convidou-nos a entrar.

Logo à primeita vista, sente-se a impressão de que es está tratando com uma escriptora de raça.... Sua sala alegre e illuminada pelos raios de sol, é guardenica, por toda parte de livros preciosos, e, sua

banca de trabalho, ostenta-se ao centro, a dizer que está em contínuo contacto com sua assidua possuidora.

Entre risonha e admirada perguntou-nos, pressurosa: Veio despedir-se? Vai partir?

Porque isto?—Já vivo tão esquecida que só uma razão poderosa far-me-ia lembrada.— Não nos esquecemos as amigas — mesmo de longe ellas nos são sempre presentes ao coração.

Expuzemos o nosso proposito, e foi logo atalhando: commigão conte, presentemente, para cousa alguma; voluntariamente entreguei-me à obscuridade em que me matenho, há anos, e n'ella persisto e quero conservar-me.

- As decepções, as injustiças de que tem sido victimas, crearam-lhe certo ambiente de descrença, de constrangimento em que permanece, como se accusasse um mundo à parte. O que se lhe não obliterou, foi este innato sentimento de hospitalidade e carinho — característica do nosso povo — e que se irradia, subtilmente, e transparece mesmo nas almas desesperançadas...

Acolheu-nos com uma fidalguia que muito nos penhorou.

Enquanto servia-nos savorissimo café, folheavamos machinalmente, algumas de suas obras, e, ao abriremos o seu primeiro livro publicado — *The essential of English Language* — deparamos com na nomeclatura de sua vastissima bagagem literária.

Assim é que tem ella no prêlo — José de Alencar, *Iracema*, versão ingleza, illustrada pela autora que também é pintora de nomeada, e promptos a publicar — Versão ingleza da *Anthologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de laet (prosa).

O problema do feminismo e suas modalidades (conferencia realizada no palacete da Phenix Caixerel em Agosto de 1917) — Adão em ceroulas, trabalho crítico, ao Dr. Carlos de Laert — Intellectuaes cearenses: Alvaro Fernandes, Antonio Salles, Francisco Prado, Rodolpho Teófilo e outros; Judas à moderna (estudo psicologico) Vinhetas, (artigos avulsos) A força da Escola Normal, prelecção apresentada ao concurso de inglez da Escola Normal. Os Pescadores d Tahyba, de Alvaro Martins (versão francesa e ingleza) — O valle do jaguaribe — Pe. Rodolpho F. da Cunha, (versão ingleza), Anomalias da lingua portuguesa — (Convencionalismo da Gramática). Verdades cruas (estudos sociologicos). José de Alencar — Guarany (versão ingleza). Pinga-fogo (novela). Caricias e Ninho de Cobras, em elaboração (Costumes cearenses).

E, ficamos a pensar – Quanto trabalho despendido, quanto valor despresado!

E porque? – Porque o nosso terreno é safaro, esteril e maninho para as sementes que não são seleccionadas... – seleccionadas pela mão dos magnatas, que muitas vezes separam as de melhor appa-recia, mas que, por dentro, estão bichadas!...

A belletrista de quem fallo é diplomada pela escola Normal, pertence a uma familia tradicional pelo character, honradez e independencia; desta sahiu um heroe do Abolicionismo que nem precisa mais repetir-lhe o nome e, tem sido, quase toda, devotada à causa da Instrucção.

Ninguem esqueceu ainda, o antigo Collegio das irmãs Amaral, e sete outro ramo mais novo da família, lhe tem seguido esta tendencia especial.

As irmãs Judith e Adelaide Amaral, desde cêdo, se teem dedicado ao ension de línguas a nossas jovens conterraneas e o fazem com grande proficiencia e proveito.

Sempre desajudadas de qualquer conforto official, arrastam uma existencia mediocre, mas altamente digna e quiçá até invejavel!

Realizam sem qualquer auxilia, o nobilissimo ideal porque se bate a mulher moderna – sua inteira independencia pessoal! – Não sei si fomos feril-as em sua modestia. Que nos perdoem – O que tentamos patentear aqui, é o desamor de nossos governantes para as mentalidaes notaveis que, irrompem n'um sorriso feliz es e estio-lam n'uma lagrima de amargura... dos que se encontram exilados dentro da terra do berço, e, pela força portentosa com que nos atrae o espirito da propria terra que nos sentimos ficar, sem coragem para deixar de ver os verdes mares bravios, a ponta do Mucuripe e não mais embriagar o olphato com o teu cheiro captoso e perturbador que nos vem da matta perfumada de nossos sertões”

18 de Maio de 1929

Adília de Albuquerque Moraes.

Fonte: Jornal A Razão de 19 de maio de 1929 na Página 3.

Adília não apenas traça um perfil da escritora Adelaide Amaral, mas destaca a sua importância para a Educação e para a Literatura Cearense. Escritora e tradutora dedicada e comprometida com o estudo dos escritores e das questões políticas e sociais relacionadas a sua terra.

4 - ADÍLIA DE ALBUQUERQUE MORAES (1874-1942)



Fonte: Dicionário
Bio-bibliográfico – 1º volume –
Adalzira Bittencourt.

A escritora Adília de Albuquerque Moraes nasceu em 12 de dezembro de 1874, em Icó no interior do Ceará, filha de Maria Leontina Coelho de Albuquerque e de José Pinto Coelho de Albuquerque, deputado e presidente da Assembléia Legislativa do Ceará. Quando solteira, publicou na imprensa textos literários sob os nomes de Adília Coelho de Albuquerque e Adília Pinto Coelho de Albuquerque. Após casar-se com José Adelino de Lima Freire, adotou o nome Adília de Lima Freire.

O *Jornal do Ceará* de 24 de junho de 1904 em sua segunda página, na coluna ECHOS E NOTÍCIAS informa o nome de Adília de Lima Freire como participante do movimento literário feminino que estava para surgir na cidade de Fortaleza. Posteriormente não sabemos se Adília continuou a participar do movimento que foi intitulado como *Liga Feminista Cearense* liderado por Alba Valdez.

Liga Feminista Cearense

Informam-nos que com o título acima será fundada brevemente nesta capital uma associação de letras tendo como socias fundadoras, entre outras, as inteligentes senhoritas dd. Julia do Vasconcellos, Alba Valdez, Amelia e Olga Alencar, Julia Moura, Adelia de Lima Freire, Maria de Lima, Julieta Coelho e Maria Amelia Torres Portugal.

Fazemos votos para que as talentosas patriotas levem avante tão feliz quanto proveitosa idéa.

Fonte: *Jornal do Ceará* – 24/06/1904 – Página 2.



D. Adília de Albuquerque Moraes,
Festejada escritora cearense

Fonte: A Razão – sábado, 3 de outubro de 1931 – Página 15.

Casou-se pela segunda vez, com o escritor e advogado Tancredo de Moraes, quando então passou a assinar-se Adília de Albuquerque Moraes.

Formou-se pela Escola Normal de Fortaleza, ocupando a cadeira de português, tendo desempenhado, mais tarde, a função de inspetora federal do ensino. Representou o Ceará no I Congresso Internacional Feminista, realizado em 1922 no Rio de Janeiro pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Participou de várias associações culturais do Estado e foi a partir de uma campanha de Adília, no início da década de 1930, que a principal praia de Fortaleza recebeu o nome de Iracema. Antes denominada Praia do Peixe.

Adília teve uma participação pioneira na política ao participar do Partido Liberal Evolucionista do Ceará, feito inédito para a época, sendo uma das cinco candidatas na briga pelas eleições de 1934 para a Câmara Federal e a Assembleia Constituinte do Ceará. Publicou suas crônicas e artigos nos jornais A República, Correio do Ceará, Gazeta de Notícias, Unitário, O Estado, O Nordeste, A Razão, Ceará Ilustrado e O Povo. Deixou as seguintes obras: Crônicas da Escola Normal; História de Ceará e Lições de Português.

A escritora faleceu no Rio de Janeiro em 2 de novembro de 1942.

PUBLICAÇÕES: “História de Ceará”; “Crônicas da Escola Normal”; “Lições de Português”.

Anarchismo

(Ao Distincto educador Sr. Joaquim da Costa Nogueira)

Impulsionada pelas idéas controversas dos últimos tempos, distende aterradores tentáculos a seita anarchista – poderosa agremiação que tem por fim nivelar as condições sociais, reformar as instituições, combater a miseria, servindo-se do punhal assassino como meio primordial de Victoria e sucesso. São os moços, de preferência, escolhidos para instrumentos de seus execráveis designos, pois que, na quadra juvenil que lhes doira os primeiros annos, sentem-se envaidecidos e ufanos em alardear ousadia e coragem – qualidades associadas para o êxito seguro das lutas difíceis e das incumbências árduas e temerárias.

É assim que temos visto Caserio, Bresci, Colggotz, Lucheni e esses outros que ensanguentaram a pátria portugueza, abaterem vultos proeminentes, cujo único crime consistia em serem depositários, uns, de poderes legaes que lhes foram conferidos pelo seu povo, outros, por conservarem na cabeça a pesada coroa herdada de seus avó! Carnot, Humberto, Mac-Kinley, Isabel D’Austria, D. Carlos e o desventurado príncipe de Bragança, completam o cyclo do martyriologio dos que nestes últimos annos foram attingidos traiçoeiramente! A morte alcançou-os em plena rua, cercados de amigos, de companheiros devotados; os três primeiros, sorrindo talvez na deliciosa impressão das festas a que acabavam de assistir, no meio da multidão que os acclamava, e, descuidosos, na alegria triumphante do momento, dos sinistros planos de seus desconhecidos algozes. Caserio, escondia n’um bello ramalhete a lamina afiada que devia embeber no peito de sua victima, e, na occasião em que o infeliz presidente, vendo-o em attitude de quem reverencia, prepara-se para receber as rosas perfumadas, vibra-lhe o golpe que, minutos depois, o fazia cadáver!

O réu Humberto regressava de Monsa, satisfeito d’aquelle dia, e d’uma curva da estrada, lá parte a bala certa que devia prostrá-lo. Ao vê-lo sem vida, a rainha repetia escapasse à arma homicida, não resistira a dor cruciante de ter sido ferido por um patricio!

Não menos revoltantes foram os meios empregados para a morte do ultimo – pobre velho que nos braços da esposa, com a serenidade dos intrépidos e dos fortes, murmurava na hora final:

- “cumpram-se as ultimas vontade de Deus!”

E Isabel d'Austria, a sonhadora e mystica princeza que vivera só para o coração e pelo coração? Ausente da corte, retirada em seu Achilleon, vivia da contemplação do retrato e dos objectos de uso de seu filho querido, morto na juventude mysteriosamente, e da consolação de ouvir, ao pé da estatua que mandára erigir ao seu favorito poeta Henri Heine, as vozes que lhe trazia o ramalhar da folhagem, agitadas pelos ventos do mar e que lhe segredavam na sombra os adeuses que lhe vinham do Além!

Um dia tento-a encantadora Suissa; scismou à margem de seus lagos, galgou-lhe as eternas geleiras, mas, sua alma doentia e enferma, não encontrou conforto a seus pesares, e, quando recostada no cães à espera do barco que a devia reconduzir, antegosava já o prazer de rever o retiro amado, o estylete agudo de Lucheni paralysa-lhe o affectuoso coração e mergulha-lhe o espirito no Sonho, para sempre!

D. Carlos recolhia-se à Capital de seu Reino, seguido de sua família. A alguém que lhe aconselhára prudência, respondera com um volver d' hombros e um sorriso.

Não, elle nada temia: sentia-se mais invulnerável entre o carinho da esposa idolatrada e innocencia e juventude de seus filhos, que se fossem guardado pelas mais fortes legiões de seu exercito. E calmo, tranquillo, confiante, transpunha em carro aberto o espaço que medeia entre a Estação e o palácio régio.

Ao desembocar, porém, na rua do Arsenal, o carro é assaltado e o infortunado rei e seu primogênito querido são impiedosamente trucidados!

Custa-nos acreditar em tamanha selvageria! E não fica ahi a perfidia d'este crime; sua hediondez mais se revela, na morte moral infligida a essa princeza de França, a caridosa, devotada e admirável Rainha.

D. Amelia, pela poderosa attração que exercia no paiz que adoptára, attração originada de suas altas qualdiades affectivas e de sua generosidade soberanam fizera jus a tanto respeito, veneração e amor dos portuguezes, que por si, por si só, bem merecia ser o forte esteio onde se quebrassem humildes e rendidas as ondas alterosas das odiosidades partidárias e das vinganças torpes e mesquinhas.

Ah! Infeliz mulher! Eu bem sei que as balas das carabinas do Terreiro do Paço abriram-te no coração ferida mais mortal e profunda que aquellas que atiraram para a noute do tumulto os dois entes que mais ternamente amaste!

Mas o que esperar os proselytos de tão condemnável doutrina? – Cortar a árvore que consideram daninha, não é exterminar o mal que Ella lhes poderia causar: outra em seu lugar brotaria e as sementes levadas pelo vento ou pelos alados viajores a fariam germinar mais adiante. Seria preciso que aniquilassem raízes e fructos o que, com o corte da árvore só, não conseguiriam.

Desvairados pelo peso das injustiças, pelos golpes da adversidade, pelos horrores da miséria, soccorrem-se inutilmente, de tão improficuos e detestáveis meios para soffrear o despotismo, resistir à penúria, gosar d'alguma abastança. O despotismo é um correlativo da ignorância: o homem desconhecendo seus direitos e deveres, menospresando as obrigações, contrahidas para com seus semelhantes, infringe, por vezes, a lei, viola o sublime objectivo de seu existir; nasce, d'ahi, a oppressão e o castigo.

E'na instrucção, pois, que está o remédio. – No dia em que desapparecer o ultimo analphabeto, já não existirá o ultimo tyranno. Tivemos há bem pouco tempo um exemplo frisante: quem venceu Haya? Foram os profundos conhecimentos de Ruy Barbosa.

Seja a Escola a arena do combate. E, quando o homem, poderoso em sua força moral, firme em suas attribuições, engrandecido pela alta comprehensão de que a felicidade é uma utopia vã e que, ricos ou pobres, fidalgos ou plebeus, preponderantes ou desprotegidos, aspiramos todos a um estado ideal que nunca alcançaremos, então essa luta cessará, os ódios se refrearão, pouco a pouco e a vida se lhe apresentará sob um aspecto novo, onde, não somente o Astro Rei fertilizará a Terra productiva, mas, um outro Sol mais útil, mais fecundo, que é o que irradia da intelligencia esclarecida!

Adilia de Luna Freire

Fonte: NOGUEIRA, Joaquim da Costa. **Ceará Intellectual (Extracto do "Anno Escolar")**. Typographia Escolar. Fortaleza – Ceará. 1910. Páginas: 16, 17, 18, 19.

5 - ALBA CEPILHO

Alba Cepilho foi jornalista e fundou o jornal humorístico e literário "O Serrote" em Fortaleza no dia 21 de janeiro de 1911. Encontramos o registro do seu nome em duas obras: no *Dicionário Bio-Bibliográfico de Mulheres*,

Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil – 1º volume de Adalzira Bittencourt e no estudo do Barão de Studart *Subsídios para a História do Jornalismo no Ceará de 1824 a 1924*, de onde reproduzimos as notas abaixo:

ALBA CEPILHO – Jornalista cearense. Fundou e redigiu em Fortaleza o jornal humorístico e literário *O Serrote*, semanário nascido a 21 de janeiro de 1911. Alí deixou as alviças de sua inteligência, do seu humorismo e de sua cultura.

BITTENCOURT, 1969, Página: 111.

1911

1082 – o *Serrote* – Semanario crítico, philherico e alegre, publicado em Fortaleza a 21 de janeiro. Redacção à Praça do Ferreira N° 3. Redactores D. Alba Cepilho, Drs. Chico Martello, Mané Pua, Pedro Verruma e João Formão. Sahia aos sábados. Dizia-se duma marcenaria secreta e impresso em machina de imprimir.

STUDART, 1924, Páginas 179 e 180.

6- ALBA DE MELLO AMADEL SOARES



Alba Mello nasceu no estado do Ceará, filha do advogado Antônio de Melo Filho e de Dona Ana Peçanha da Rocha Mota e Melo. Viveu pouco tempo no Ceará, passou a infância e a adolescência no estado do Pará e em seguida partiu para o Rio de Janeiro, onde por muitos anos foi funcionária pública. Colaborou durante vários anos com a revista *Malho* (RJ). No terceiro número da revista *Arlequim* em 1927, Alba Melo publica um artigo com o título *A Victoria do Feminismo*.

A Victoria do feminismo

Já não pôde ser novidade para as gentilissimas leitoras do "Arlequim" o sucesso do direito do voto As mulheres, no Senado Federal. Já a todos os recantos do Brasil o telegrapho, com fio ou sem elle, levou daqui a grata noticia. Mas nem sempre de

novidades se pôde tratar. Conversemos, então, do magno assumpto, á falta de outro mais novinho e tão palpitante. Podia ter sido ahi em S. Paulo, por exemplo, ou nou-tro logar, mas foi no Rio Grande do Norte que se rom-peu o primeiro ovo da chocadeira nacional. Gloria, pois, ao que primeiro se desempenhou do trabalho da incubação. Deixa, assim, o Rio Grande do Norte de ser a “terra do girimú”, para ser o ninho do feminismo, e “desta gloria só” fica “contente” Elle que chegou a pagar o seu functionalismo publico com abóboras, fez-se agora o pionero da igualdade dos sexos — antes de qualquer de seus irmãos, de norte e sul, ou, se alguém o prefere, de sul e norte, acaba de elevar aos pinaros a dignidade da mulher, dando a esta o direito de voto, numa terra onde, já alguém o observou, nunca os homens, com todo esse direito, conseguiram votar de verdade. As suas ac-tas falsas vão apparecer recheadas de nomes femininos, e as suas mulheres ostentarão os seus diplomas de elei-toras, como tropheos de uma victoria difficil. Célere, como tudo nesta época de aeroplanos e rá-dios, a reacção benéfica do successo vertiginosamente se estendeu de Natal a todo o resto do Barsil, e aqui che-gou ao Senado Federal. Um regimento feminino poz em sitio a praça senatorial. . Reflicto agora que talvez alguém possa achar qual-quer impropriedade nas minhas ultimas palavras. Con-fesso, então, que sempre escrevo o que me vem espontaneamente á penr.a. Desta vez, porém, não me esquivei a um certo trabalho de escolha. Estive a pensar em bando — por se tratar de moças, que não conheço e cujo nome ignoro, mas que devem ser bonitas. Seria menos prosaico, mas um tanto inconveniente por ser o Senado da Republica o scenario em que as represento. Contra um bando, outro bando: é o que logo viria á imaginação das minhas leitoras. Ora, um bando de senadores seria suggestão desrespeitosa. Adoptei, então — regimento. Yae melhor com aquella casa de veneranda representação dos Estados. E’ como — sitio — outra palavra de que também me servi São ambas muito da intimidade doe ù-lustres occupantes do palácio Monróe. Avulta ainda que não comsigo pensar no feminismo sem que logo me appareçam imagens marciaes — a mulher conquistando do homem até os postos militares — hoje o voto, amanhã o sorteio. Ora, ahi está tudo em pratos limpos. Fica, en-tão, assim mesmo. Na pasta de uma das commissões dormia, ha muito, o somno da innocencia um projecto de concessão do di-reito de voto á mulher. Era, pois, contra essa commissão que devia, em boa tactica, ser iniciado

o combate. Mas nem foi preciso combater. Apenas assestadas as baterias, logo a gente do redueto se rendeu á discricção. Só dois heroes preferiram cair no campo a entregar-se sem pele-ja- . Pode-se, pois, considerar victonosa a campanha. Talvez, já na próxima eleição, nós, as mulheres cariocas, escolhamos um candidato do sr. Frontin, que é barbado, contra outro do sr. Irineu, que já o foi, ou suffraguemos o sr. Penido contra o sr. Dodswortn, hypothese esta, aliás, mal escolhida no caso de um eleitorado feminino. Dos dahi de S. Paulo não sei quaes os que merecerão a preferencia feminina. O que sei é que ahi, aqui, em todo o Brasil, vai agora a mulher pezar nas eleições. Mas ainda não chegámos de facto”?a esse nobilissimo desideratum e, ha muito, já nenhum homem me cede o logar no bonde, nem desentope a calçada para que eu passe. Irei, com as outras, influir na escolha de intendentes, de deputados, de senadores, mas, se tiver pressa e os bondes vierem c cheios, terei de tomar um taxi, e se tiver de passar pela “Colombo” entre as quinze e as dezenove horas, terei de descer ao meio da rua, a não ser que tehna a fortuna de encontrar candidatos no meu caminho. Ora, entre o direito, que se me vae conceder, de votar no sr. Seabra, para que o Senado possa presentear o sr. Calmon com uma cadeira senatorial, e o de achar sempre um logar-zinho no bonde e a calçada livre, parece que este é que me seria mais commodo e mais pratico. Mas, como elle está perdido, não ha senão que apanhar o outro. Talvez seja melhor assim. Depois do direito de votar, virá o de ser votadas, e duzentos mil reis por dia não fazem cara feia a ninguém. Não ha que desanimar. Do principio é que se começa. Li que na Inglaterra são já dezeseite as pre-feitas. E’ auspicioso, ainda que pese á opinião de um des-mancha-prazeres, que prefere fosse esse, ao menos, o numero de perfeitas — ou perfeitas mulheres ou mu-lheres perfeitas. Vae tudo, pois, muito bem. Só uma restricção lhe faço. E’ que não se diga que foi uma victoria do feminismo a derrota da maioria da commissão do Senado. Os victo-riosos foram os “batons”, os “rouges”, os “bistres”, os sorrisos, os olhares, palminhos de cara encantadores e pedaços de perna da pontinha. Foi a isso que se rendeu a velha guarda. E só isso bastou. O feminismo é uma dou-trina, e não foi a discussão dos seus principios que venceu os senadores. Quem venceu foi a mulher com a sua bel-leza, a sua graça, o seu poder de seducção. Ora, emquanto os homens forem batidos com essas armas, emquanto as mulheres vierem a campo de sias acima dos joelhos, braços à mostra e cara

arranjadinha segundo a arte, muito mal se pôde considerar o feminismo. Assim, nunca elle será o venczdor, mas sempre os louros da victoria serão do seu mais temível adversário — a feminilidade. Continue, pois, a dormir tranqüillo, o feminismo, que nós, de saias ainda mais curtas, de braços ainda mais nus e de cara ainda mais pintada, iremos votar nos nossos candidatos.

Rio, Novembro de 1927. Alba de Mello

Revista ARLEQUIM (RJ) 24/11/1927—Página 4 e 5.

Adalzira Bittencourt em seu *Dicionário Bio-Bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil* – 1º volume traz o registro do nome de Alba Melo.

ALBA MELO – Filha do Dr. Antônio de Melo Filho e de Dona Ana Peçanha da Rocha Mota e Melo, nasceu no Estado do Ceará.

Ingressou no Funcionalismo Público do país, como redatora dos debates do Conselho Municipal do antigo Distrito federal, depois Assembléia Legislativa.

Em 1934, quando passou a chamar-se Câmara Municipal, ali ocupou cargo de Chefe do Serviço Legislativo.

È jornalista militante, há 24 anos, havendo colaborado na “A Manhã” em página semanal denominada “Calçadas e Salões”, colaborava na “A República” de Curitiba e “Diário da Noite” de São Paulo. Escreveu para “O Malho” crônicas humorísticas e apreciações políticas numa coluna intitulada “Pelo Conselho”. E para outros matutinos, crônicas sociais e assuntos femininos...

Redatora efetiva de “Para Todos”, onde tinha uma página “Interviews”, entrevistava damas da sociedade, ou visitas ilustres, poetas, teatrólogos, artistas...

Numa nova fase de “O Malho”, criou o “Suplemento Feminino” usando o pseudônimo de “Sorciére”. Para “Cinearte” fazia uma página, “Moda e Bordado”, organizou um “Guia das Noivas” para outras publicações da S/A “o Malho”, escrevendo ainda em “Ilustração Brasileira”.

Bibliografia:—“Espelho de Loja”, livro de crônicas humorísticas, que recebeu críticas de Medeiros e Albuquerque, Humberto de Campos, Osorio Borba, Tristão de Atayde, Léo Vaz, Maria Eugênia Celso, berilo Neves e muitos outros, em 1929.

BITTENCOURT, 1969, Página 133.



Alba de Mello Amadeu Soares, a "Sorcière" da nossa página
 "De Elegância", recentemente nomeada redatora dos debates do Conselho Municipal.

Fonte: Revista para Todos (RJ) 22/08/1927 – pág. 46.

Na Revista Malho (RJ) de maio de 1929 é apresentado um perfil da cronista Alba Mello.

Alba de Mello, já era um nome familiar aos nossos meios de imprensa. Ora num jornal, ora numa revista, assignava ella trabalhos que muito lhe recommendam a intelligencia – de uma visível vivacidade plástica. Como chronista, Ella se nos revelava das mais ágeis, movimentadas e fascinantes. Tinha penetração e segurança na observação: graça e agudeza no comentar; gosto no colorir e medida no vibrar.

Pois bem, essa escriptora nova, trepidande, actual, acaba de fixar melhor os seus dons naturaes e recursos de cultura num livro a que baptisou com esse nome já de si suggestivo – "*Espelho de loja*". Fez bem. As nossas letras além de escassas, são ainda por cima massudas. Precisamos alegeiral-as; tirar-lhes o character pesadão, alegrai-as emfim, para as harmonisarmos na realidade com a vida que ahi nos está dando uma imagem mais pratica do que tínhamos antigamente a respeito do movimento...

A ironia e a mordacidade desse espírito interessante de mulher projectam por si sós nos sombrios do nosso pensamento claridade capazes de lhe pronunciarem dias mais claros para breve. Não

fosse o seu livro de resto um espelho: não é outra que não o de reflectir imagens, em meio a luz, a função dos crystaes...

Depois, quando a gente tem no cérebro tanta cousa bella, não deve na verdade furtal-as à vista daquelles que tem olhos para admiral-as.

Revista Malho (RJ) de maio de 1929 – Páginas 34 e 48.

O MALHO DE TUDO UM POUCO

Cultura e....Cultura

Há por toda parte, hoje em dia a preocupação notória de promover e desenvolver a cultura da intelligencia.

Mas não parece que seja, propriamente, a intelligencia o que todo esse trabalho de academias, de programmas, de decretos, de conferencias, de artigos, cultiva ou melhor, cultiva convenientemente.

Não se precisa de ser philosopho nem pensador, nem mesmo ter um cérebro superior ao vulgar para comprehender que á boa cultura geral da intelligencia não bastam noções descosidas e indigestas, é preciso que outras sejam adquiridas scientificamente, isto é, degrau por degrau, assentando sempre cada uma na que lhe serve de indispensável base, e tomando só de cada uma o "quantum satis" para subir à seguinte, e sobretudo que estas não venham reseccar ainda mais o coração, antes lhe tragam nova seiva.

Tudo isso já tem sido dito e redito, mas aqui se repete, em linguagem menos alta e, incomparavelmente, de menor competência, porque aqui, nesta página de frivolidades, é bem possível que seja lido por mulheres.

Estas, principalmente, é que precisam convencer-se de que saber, com rigorosa e documentada exactidão, quantos homens morreram na batalha de Marathona, vale muito menos do que saber banhar creanças recém-nascidas.

Este é um conhecimento útil, proveitoso; aquelle, além de inútil é prejudicial, porque o tempo que gastasse para obtel-o poderia ser empregado com melhor resultado.

O bom não é ter muitas coisas na cabeça, mas tel-as que prestem. Aquelle pedante que, por não saber nadar, morreu afogado, estranhava que o barqueiro que o conduzia fosse inteiramente

ignorante de letras clássicas, mas quando a embarcação sossobrou, este, logo, com algumas braçadas, chegou à terra firme.

Cultivar a intelligencia não é enfeitá-la, arrebicá-la, mas torná-la mais vigorosa, mais capaz de discernimento, e, portanto, mais propensa ao bem.

De Mattos Pinto, tratando, há poucos dias, de Montaigne, citou-lhe esta máxima que bem retrata um grande espírito – “toda outra sciencia é damnosa, para aquelle que não tem a sciencia da bondade”.

Instrua-se, pois, a mulher, estude, aprenda, para se melhorar e melhorar o homem, mas fuja da pernicioso bacharelize, porque se um tolo encontra sempre outro mais tolo que o admira, também não escapa de julgamentos mais ponderados.

O celebre tratado, em vários volumes, “Da expressão physionomica do lagarto”, poderia levar a uma academia “o doutor Topsisius”, da “imperial Allemanha”, mas não contribuiria, em nada, para ascensão de Hitler ao poder, nem para suavisar a sorte dos judeus germânicos.

Deixe a mulher os lagartos em paz, e cuide de coisas de maior proveito, se quer que seus esforços tenham algum valor, e medite nisto que é de Molière, e, portanto, de bom cunho:

“Je consens qu’une femme ait dès clartés de tout ;

Mais je ne lui veux point la passion choquante

De se rendre savante afin d’être savante”.

Mas, por todos os santos de sua devoção, não tire do que acaba de ler a consequencia que se impõe:—ter na cabeça idéas alheias, na falta de próprias, sempre serve para alguma coisa; quando não se tem assumpto é um achado.

Sem ellas como se havia de encher esta columna?

A. de M.

Malho (RJ) 1933 – Edição 7—Página 34

Fonte: Revista O Malho (RJ) – 20 – Edição VII – 1933 – Seção “DE TUDO UM POUCO” – Página 34.

7 - ALBA VALDEZ (1874-1962)



Maria Rodrigues adotou o pseudônimo de Alba Valdez, tomou o nome de Alba de uma grande amiga, filha de Tomás Pompeu, e Valdez, do velho dicionário da língua portuguesa. Filha de João Rodrigues Peixe e Isabel Alves Rodrigues. Nasceu no sítio Espírito Santo, Vila de São Francisco de Uruburetama no dia 12 de dezembro de 1874 na cidade de Itapajé.

Em 1877 por causa da grande seca, veio com os pais residir em Fortaleza. Fez os primeiros estudos na escola primária de Isabel Teófilo Spinosa e posteriormente foi estudar na Escola Normal onde se diplomou aos dezesseis anos incompletos.

Alba Valdez foi professora, poeta, cronista, jornalista e defensora dos direitos da mulher, colaborou em várias revistas e jornais do Ceará e de outros Estados.

Escrevia principalmente crônicas e discursos e fazia parte de sociedades culturais como: *Centro Literário*, *Boêmia Literária* e *Iracema Literária*. Alba foi sócia efetiva do Instituto do Ceará e foi pioneira a ingressar na Academia Cearense de Letras. Pertenceu também a Ala Feminina da Casa Juvenil Galeno e à Academia Brasileira Feminina de Letras.

Segundo Mario Linhares em seu estudo *História Literária do Ceará*, o seu livro *Em Sonho* publicado em 1901 teve capítulos traduzidos para a língua sueca pelo Doutor Göran Bjordkman, da Academia Sueca e membro do Instituto Nobel, publicados na revista *Hwad Nytt* de Stockholm.

ALBA VALDEZ (Maria Rodrigues) – Nasceu em São Francisco de Uruburetama (Ceará), a 12-12-1874. É uma inteligência que honra a mulher brasileira. Publicou dois livros de contos e recordações da adolescência, “Em Sonho” (1901) e “Dias de Luz” (1907), que tiveram repercussão até no estrangeiro; tanto assim que alguns capítulos do “Em Sonho” foram traduzidos para o sueco, pelo ilustre escritor Dr. Göron Bjordkman e publicados no “*Ilustreradt Hwad Nytt*”, de Estocolmo.

LINHARES, Mário. *História literária do Ceará*. Rio de Janeiro: Fundação das Academias de Letras do Brasil, 1948. 203 p.

Escreveu o conto *A Carta*, traduzindo para o francês e publicado no jornal *Le Matin*, de Paris.

Em 1904, fundou a primeira agremiação literária feminina, a *Liga Feminista Cearense*, cuja diretoria era constituída da seguinte maneira: presidente – Alba Valdez; Vice-Presidente – Maria A. F. Portugal; Primeira Secretária – Olga Alencar; Tesoureira – Amélia Alencar e Oradora – Júlia Moura.

Contos e crônica foram enfeixados no volume *Em Sonho* publicado em 1901 e em 1907 publicou *Dias de Luz*, romance memorialista que registra lembranças de sua infância e adolescência.

O jornal *A República*, de oito de março do mesmo ano, registra o surgimento e o diferencial da escrita de Alba Valdez:

“Dias de Luz é um volumezinho de 120 páginas – à moderna, portanto. Estão abolidos os livros maçudos em que, quase sempre, a carência de idéias contrastava com o profuso exterior. Alba Valdez veio firmar com a sua novela os créditos de estilista primorosa há muito tempo proclamada pela crítica. (...) Mas não se pense que só por amor de estilo escreveu ela o seu livro, Dias de Luz seja um obra de entretenimento, literatura para preguiceiras. A autora, pela boca de suas personagens, enuncia as idéias sobre instrução pública, incita o povo ao amor à pátria e torna-se eloqüente quando pinta quadros domésticos. (...) Os tipos do livro de Alba Valdez são bem estruturados, a ponto do leitor se familiarizar com eles, idealizar-lhes as feições, como se na realidade os conhecesse. A escritora observa os menores caprichos da mente dos seus heróis, e nem esquece aquela singularidade de Inês (uma personagem) gravando na memória o número 27, da idade de certa condessa dos contos de Catulle. Vinte e sete anos! E isto lhe ficou parecendo uma idade galante que a moçoila, zombando muitas vezes por ter apenas dezesseis, almejava como a coisa mais feliz deste mundo.

Jornal “A República”, Fortaleza, oito de março de 1907.

Dolor Barreira em sua obra *História da Literatura Cearense*, destaca o talento de Alba Valdez no conto *Lenda Cristã*.

Reafirmando os seus dotes de escritora e de conteuse, Alba Valdez mimoseia as letras cearenses, em 1915 com o seu conto *Lenda Cristã*. Ei-lo: “Referem antigas tradições que, quando Nosso Senhor vivia na aldeira egípcia, onde êle e os seus se haviam

A

refugiado, perseguidos pela sanha de Herodes, os meninos da vizinhança reuniam-se muitas vezes em sua casa atraídos pelas admiráveis qualidades que descobriam no jovem Galileu.”

BARREIRA, 1962, Página 180.

Alba Valdez faleceu em 05 de fevereiro de 1962.

NO MUCURIBE

*O Mucuripe é uma visão Marinha,
Fala ao senhor nas folhas dos coqueirais;
Nas horas que proclama os jangadeiros
Olham do mar, a plácida igreja.
Se a tarde vem, a multidão se apinha
Nessa rude alegria dos peixinhos;
O sol golfeja sangue nos outeiros,
Beijando a enseada, a vaga borboleta.
Olhos no Azul, ao som d' Ave Maria
Uma velinha no portal sentada,
Reza contrita e o neto acarecia...
Na retina, no pranto morejada,
Retrata o filho que partira um dia,
E em vão pergunta o mar pela jangada.*

PUBLICAÇÕES: Em Sonho (1901) e Dias de Luz (1917).

OS SONHOS

I

*Era sonho. Que sonho venturoso
Eu tivera outro dia!
Fou n'um jardim florido, esplendoroso...
Sonhava que te via!*

II

*Era sonho. O palacio ora encantado,
Luzente como o dia!
N'um divan mollemente reclinada
Sonhava que te via.*

III

*Era sonho. De lucida avenida
Caminho eu seguia...
E lá, do Ceo olhando, embevecida,
Sonhava que te via.*

IV

*Era sonho. Te olhando da janella
Eu só te distinguia...
No azul do mar em gondola singella,
Sonhava que te via.*

.....

V

*E nunva mais eu tive esses meus sonhos
Os meus sonhos d'outr'ora...
Amo-te! E são ainda mais risonhos
Os meus sonhos d' agora!...*

ALBA VALDEZ

Fonte: A Constituição, sabbado, 2 de fevereiro de 1889 – Página 2.

Uma data cearense

O Ceará, entre muitos feitos gloriosos que sua historia registra, conta um que por si só constitue padrão immorredoiro a abolição do elemento servil em seu territorio.

Foi há vinte e seis annos, a 25 de Março de 1884.

Fortaleza, a linda cidade do norte, adornou-se de galas para comemorar de modo excepcional esse acontecimento grandioso que superpunha a antiga provincia ás outras com as quaes formava o vasto imperio do Brasil. De facto, ella tomava assento ao lado das nações mais civilizadas do mundo por uma admiravel e eloquente lição de civismoe humanidade.

O povo cearense não podia supportar o innominavel trafico que rebaixava parte de seus semelhantes ao nivel de alimarias. Envergonha-o o espetaculo degradante da escravidão, quando a liberdade individual é o mais sagrado dos direitos e não póde ser postergado sem grave quebra dos preceitos que regem as sociedades cultas.

Melindravam-lhe a consciencia as sneas crueis que desfaziam os doces laços de uma familia infeliz, a fuga de desditosos que se

internaval nas brenhas, preferindo a convivencia dos brutos á de homens insensíveis á sua dor.

E o mesmo dinheiro, producto do braço escravo, queimava-lhe as mãos válidas e honradas, afigurado-se-lhe criminosa extorsão.

Pois elle sabia trabalhar, combater pela vida. Sua enfiatura mais de uma occasião fôra posta á prova: em momento historico, para defender os brios da Patria, nos banhando mortiferos do Paraguay; todos os dias nas florestas virgens da Amazonia, onde os perigos enxameiam no proprio ar.

Nascido sob o céu mais ingrato do Brazil, o cearense nunca foi um predilecto da fortuna. No berço, embalou-o o éco plangente de passadas catastrophes e com as demais creanças nem sempre ouviu os contos de fadas, alegres e encantadores, narrados á luz do luar.

A actividade que o caracteriza tem abalroado contra frequentes caprichos da natureza. D'ahi talvez, a sua indole afoita e generosa.

Familiarizado desde cedo com a adversidade, sciente de quanto um minuto de amargura entoxica uma existencia inteira, desolava-o a excessiva abjecta do capitivo.

Tornava-se mister um movimento que acabasse com aquella vergonha social. A empresa não era facil e para ella se arregimentavam as mais bellas intelligencias e as mais decididas energias.

Travou-se, profim, a peleja.

Ameaças, perseguições, exilios, nada demoveu a intrepida phalange do nobre desideratum; ao contrario, tudo os imergiu no sonho cambiante do abolicionismo.

O paiz assistia estupefacto o empolgante drama.

Com rapidez vertiginosa propagou-se o incendio regenerador. As mulheres vendiam as joias para comprarem cartas de alforria e os homens, numa insania de heroies, pondo em holocausto a vida e a paz, subtrahiam violetnamente, quando lhes falleciam outros meios de victoria, numerosas victimas ao azorrague negro.

Haviam por isso o nome *de ladrões*; e cousa singular, nessa circumstancia o infamante epitheto teve significação honrosa.

Também não é para esquecer o gesto sublime e commovente dos rudes jangadeiros, confundindo a voz stentorea com a das verdes vagas tumultuosas:—No porto do Ceará não embarcam mais escravos.

E aconteceu que naquele dia, 25 de Março, para sempre memorável, o sol offuscante dos tropicos saudava a primeira terra brasileira onde todos eram livres, a qual um negro de genio por justos motivos cognominou – Terra da Luz.

Alba Valdez.

NOGUEIRA, Joaquim da Costa. *Ceará Intellectual (Extracto do “Anno Escolar”)*. Typographia Escolar. Fortaleza – Ceará. 1910. Páginas: 54, 55, 56.

Olga Monte Barroso em seu livro *Quem são elas*, homenageou Alba Valdez retratando a sua biografia.

ALBA VALDEZ

Ao defrontar-me com a vida e obra de Alba Valdez, para exaltar-lhe a memória, sinto não poder levantar o perfil completo de sua marcante personalidade, contando com a inspiração que as Tágides deram a Camões, refletida num estilo grandiloquo e corrente, como desejaría fazer ao nível do seu grande merecimento.

Maria Rodrigues era o seu nome, filha de João Rodrigues Peixe e Isabel Alves Rodrigues. Nasceu no sítio Espírito Santo, Vila de São Francisco de Uruburetama, hoje cidade de Itapajé, em 1874, no mês de dezembro.

Por causa da seca de 1877, veio com os pais residir em Fortaleza. Fez os primeiros estudos na escola primária de Isabel Teófilo Spinosa sempre se destacando como primeira da classe, o mesmo sucedendo quando aluna da Escola Normal, pela qual se diplomou com dezesseis anos incompletos.

Essa nota de precocidade, que se pode considerar uma tônica na sua vida, fê-la sempre antecipar-se na manifestação de seu talento literário, e de suas atividades feministas, não obstante as incompreensões e dificuldades de um meio ambiente que jamais foi favorável à expansão do talento feminino. Reagiu constantemente contra as limitações desse condicionamento patriarcal, pastoril e provinciano, em que a mulher era inferiorizada, vevndo distanciada dos problemas sociais, políticos e económicos do seu Estado.

Moça de rara inteligência, professora e escritora, colaborou em várias revistas e jornais do Ceará e outros Estados. Escrevia principalmente crônicas e discursos e fazia parte de sociedades culturais como: *Centro Literário, Boêmia Literária e Iracema Literária*.

Alba foi sócia efetiva do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras.

O seu livro *Em Sonho* teve capítulos traduzidos para a língua sueca pelo Doutor Giran Bjorkman, da Academia Sueca e membro do Instituto Nobel, publicados na revista *Hwad Nytt* de Stockholm.

Escreveu o conto *A Carta*, traduzido para o francês e publicado no jornal *Le Matin*, de Paris.

Em 1904, fundou a primeira agremiação literária feminina, a *Liga Feminista Cearense*, cuja diretoria era constituída da seguinte maneira: Presidente – Alba Valdez; Vice-Presidente – Maria A.F. Portugal; Primeira Secretária – Olga Alencar; Tesoureira – Amélia Alencar e Oradora – Júlia Moura.

O título dessa agremiação mostra-nos o espírito evoluído de nossa Alba com uma tônica diferente das de suas antecessoras intelectuais.

Contos e crônicas foram enfeixados no volume *Em Sonho* neste mesmo ano; depois publicou *Dias de Luz* em 1907.

No seu discurso de comemoração do cinquentenário do Instituto do Ceará, em 1937, Alba numa oração viva e entusiástica em homenagem àquela elite de homens de letras, os fundadores do Instituto, salientando a figura veneranda e ímpar do Presidente Barão de Studart, assim se expressou a respeito da situação da mulher cearense: *Aprendia sobre o Brasil a superioridade que gozava sobre os outros países do mundo, riqueza na fauna, flora e minérios, extensão magnífica de terra e mais significantes as das parias. Habitava-se a amar o Brasil pelo que ouvia e não pelo que sentia. Foi nesse ambiente, quando a mulher era mais mimada do que realista, quando pouco se comentava a bravura de Bárbara de Alencar nos idos de 1817 proclamando a república no Crato, aderindo ao movimento de Pernambuco, que fracassou, a bravura de Jovita Feitosa, notabilizando-se na guerra contra os paraguaios. A bravura de Maria Tomásia, heroicamente batalhando pelo movimento abolicionista.*

A mulher cearense do fim do século dezenove vivia naquele círculo fechado e compressor da família. Numa sociedade receosa de escândalo diante de tantos preconceitos, tendo ainda o pai da família na figura patriarcal e temida. O chefe que fechava o seu clã doméstico dentro dos limites de uma conveniênciua exagerada e artificial, tendo como principal efeito desse rigor o irrealismo da formação de suas filhas. A leitura da jovem era vigiada com severidade, as prendas domésticas, sabia-as quase todas, tocava

piano, cantava e enfeitava-se. As moças liam Olavo Bilac, Escrich, George Ohnet, e as poesias de Casemiro de Abreu e Castro Alves.

No discurso de posse na Academia Cearense de Letras no ano de 1953, Alba escreve triunfalmente por estar tomando posse pela segunda vez nessa Academia. A primeira foi em 1922, quando a Academia Cearense de Letras brotava da Academia Cearense fundada em 1894, e tomava corpo pelo esforço de Leonardo Mota, ajudado pelo Presidente do Estado, Dr. Justiniano de Serpa.

Alba estava então integrada entre os quarenta acadêmicos do novo quadro intelectual, tomando posse em oito de setembro de 1922, nos salões do Clube Iracema.

No ano de 1936, toma posse na Cadeira do Instituto do Ceará, antes ocupada por Julia Carneiro Leão de Vasconcelos por proposta feita pelo Professor Martinz de Aguiar e apoiada por Tomaz Pompeu Sobrinho. Foi saudada pelo professor Djacir Menezes, sob a presidência do Barão de Studart.

Alba foi Bibliotecária do Instituto e fazia parte da Comissão de Ciências e Letras com os doutores Andrade Furtado, Clodoaldo Pinto e Martins de Aguiar.

A vida e a obra de Alba Valdez, para quem as examina através de uma visão de conjunto, se desenvolvem num sentido de pioneirismo libertador, defendendo o direito da ascensão cultural, econômica e política da mulher cearense.

Batalhava, como mulher, pelo direito de votar e ser votada, assumindo papel mais condigno na vida de sua terra e de seu País.

Foi, sem dúvida, uma grande filha do Ceará.

Fonte: BARROSO, 1992, Páginas55-57.

8 - ALICE LINHARES PEREIRA

Filha do coronel Joaquim José Alves Linhares, funcionário aposentado do Estado e de Rita Amália Vieira Linhares (Micota Linhares). Alice Linhares nasceu em 26 de novembro de 1882 em Massapé, casou-se no civil em 26 de janeiro de 1907 com o Sr. Florentino Herbster Pereira farmacêutico, e no religioso em 27 de janeiro de 1907. Do Ceará partem para morar no Rio de Janeiro. O casal teve quatro filhos: Raul Linhares Pereira; Lélia Linhares Pereira; Yêdda Linhares Pereira e Maria Linhares Pereira.

Ainda em 1919, Alice Linhares com as senhoritas Mosinha Menezes e Guiomar P. Linhares, fundam o “*Jornal das Moças*” de Massapé, cujo primeiro número veio a lume a 15 de junho de 1919, como destaca Barão de Studart em seu estudo *Para a História do Jornalismo Cearense–1824 a 1924*.

O *Jornal das Moças* – Publicado em Massapé a 15 de junho. Redactoras, senhoritas Mosinha Menezes, Alice Linhares e Guiomar P. Linhares. STUDART, 1924, Página 215.

Em 21 de abril de 1929, o jornal *A Cruz* do Rio de Janeiro em sua segunda página, noticia a morte de Florentino Herbster.

Dr. Florentino Herhster Pereira

*** Com 48 annos de idade, em sua residencia, á rua Mariz e Barros, falleceu no dia 11, o dr. Florentino H. Pereira, funcionario da Saude Publica.

O extincto era um cidadão exemplar, modelar pai de família e fervoroso catholico. Durante os dias da molestia que o fina, recebeu, com tocante piedade, a Sagrada Communhão e, por fim, a Extrema Unção. Deixa viúva d. Alice Linhares Pereira, tia do nosso prezado amigo dr. Mario Linhares, e quatro filhos orphams: Lelia e Yedda, alumnas da Escola Normal, Raul, terceirannista de medicina, e Maria, de seis annos de idade.

Paz à sua boa alma e sinceros pêsames à digna família enlutada.

Fonte: *Jornal A Cruz* (RJ), 21 de abril de 1919, Página 2.

Alice Linhares faleceu no Rio de Janeiro no dia 1 de janeiro de 1933.

9 - ALINE PINTO ACIOLI

Aline Pinto Acioli é nome de destaque na luta pelo fim da escravidão, a escritora defendeu com veemência a libertação dos escravos no Ceará, como vemos no registro feito pela pesquisadora Adalzira Bittencourt. A abolicionista era casada com Benjamin Pompeu Pinto Accioly que faleceu em 27 de agosto de 1946.

ALINE PINTO ACIOLI – Nasceu no Estado do Ceará e desde menininha se apiedou dos pobres escravos, tratando-os com meiguice.

A

Depois de môça, foi uma ardorosa abolicionista, tomando parte ativa em 1883, na Campanha que então apaixonava a população de seu Estado. Foi membro da "Sociedade Libertadora", setor de Icó, filiada à mesma Sociedade, com matriz em Fortaleza. Escreveu, fez discursos, com sua alma inflamada, brigou, roubou negros de senhores maus, acolheu-os em sua casa, ocultou negros fugidos e ajudou pelo seu esforço, bondade, talento e pecúnia a redimir a raça.

BITTENCOURT, 1969, Página 133.

10 - ALVINA MORAES

Segundo Adalzira Bittencourt em seu *Dicionário Bio-Bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil* em seu 1º volume de 1969, Alvina de Moraes é descrita como escritora e jornalista cearense.

ALVINA MORAES – Escritora cearense. Colabora nos jornais do Ceará. Colaborou também no "Brasil Feminino" e era, no Ceará, a correspondente dessa Revista, fundada e dirigida por Iveta Ribeiro.

BITTENCOURT, 1969, Página 183.

Na edição da revista *Brasil Feminino* de julho de 1932, em sua página 09, vemos os nomes de Henriqueta Galeno e de Alvina Moraes como colaboradoras da revista. Henriqueta Galeno é descrita como poetisa, enquanto Alvina é jornalista.

DOS ESTADOS

Amazonas.

Manaus.

Raymunda Chevallier. — es-
criptora.

Violeta Branca. — escriptora.

Rosalia Beatriz. — poetisa.

Pará.

Zelia Dronmond. — escriptora.

Maranhão.

Cecy Cardoso. — cantora.

Sarita Cardoso. — declamadora.

Creusa Tavares. — pianista.

Constancia Moreno. — decla-
madora.

Violeta Rosa. — poetisa.

Odila Pinho. — educadora.

Piauí.

Yara Neves Ramos. — escri-
ptora.

Ceará.

Henriqueta Galeno. — poetisa

Alvina de Moraes. — jornalis-
ta.

 II - ALZIRA LIMA

Alzira Lima, seu nome está registrado no *Dicionário Bio-Bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil* em seu 1º volume de 1969. Poetisa pertenceu a Ala Feminina da casa Juvenal Galeno e colaborou com a revista "A Jangada".

ALZIRA LIMA – Poetisa, colabora na revista "A Jangada", órgão da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, em Fortaleza – Ceará.

Bibliografia: "O Caçador" – poema.(BITTENCORT, 1969, Página 186).

 12 - AMÉLIA DE ALENCAR MATTOS
 (AMÉLIA DE ALENCAR PASSOS GALVÃO) - (???- 1917)

Amélia de Alencar Mattos nasceu em Baturité, cidade serrana do Ceará. Filha do coronel José de Alencar Mattos de D.a Fausta Christina Mattos. Desde jovem Amélia começou a utilizar o pseudônimo *Cleopatra d'Nysse* e a enviar os seus textos para os jornais do município onde morava. Transcrevemos aqui um texto publicado no jornal *O Município* de Baturité.

Valeria

Era noite de plenilúnio, bela e muito bella, terna e muito terna.

A lua demesurrada de beleza, deslisava pela tela azulada e finíssima do CEO encantador, beijando as nuvens que altivas e garbosas fitavam-na sorrindo.

Os zephyros entoavam numa ballada sentimental, e ao longe deixavam impresso nas pétalas assetinadas dos lyrios uma palavra doce e amarga que nos faz soffrer...

Valeria, a virgem loura, pallida e romântica, de olhar seismático e meigo, doce como as águas tranquilas do lago sereno e diaphano, seguia, trazendo preso na pequenina e rósea mão num bouquet de magnólias frescas e sorridentes.

Valeria chorou...

E as suas lagrimas cahiram em saraivada sobre as magnólias, que extremeceram subjugados pelas perolas tepidas e nitentes que agalzharam-se nas corollas orvalhando-as deliciosamente.

A

Valeria, a virgem loura, pálida e romântica sismava... quando as magnólias com a voz dulcífua e sonora interrogam:

- Quem te fez chorar?

Valeria não respondeu, e as magnólias prosseguiram:

Serás como as românticas e formosas campestinas de olhos languosos, n'um enleio mystico e encantador quando o dia desperta bello e sereno entre a fragancia das flores, ou o crepúsculo saudoso aproxima-se, e os sephyros passam entoando uma ballada de amor, ellas tristes choram e suspiram.

O que sentem ellas?

Valeria formosa como um anjo articulou:

- E o echo do coração nostálgico das brumas sentidas das lagrimas que murmura Saudade.

Cleopatra d' Nysse

Fonte: JORNAL O MUNICÍPIO – Baturité – sabbado,
14 de junho de 1902 – Página 4.

Ainda em 1902, Amélia e sua irmã Olga de Alencar Mattos fundaram o jornal *O Astro* na cidade de Baturité. Ao se transferirem com a família para Fortaleza, o jornal continuou sendo editado. Em nossas pesquisas encontramos registros da divulgação de *O Astro* no período compreendido entre 1902 e 1907, pois as editoras enviavam exemplares para todo o Brasil.

O jornal *A Cidade* publicado em Sobral no dia 19 de abril de 1902 em sua terceira página destaca a visita das irmãs Amélia e Olga e a divulgação do jornal bi-mensário que encontrava-se em sua segunda edição.

JORNAES

Visitaram-nos pela primeira vez os seguintes collegas:

O ASTRO. Tivemos a visita deste interessante jornalinho bi-mensario, noticioso, litterario e artistico que acaba de vir a luz da publicidade na civilizada cidade de Baturité sob a direcção das illustradas patricias mademoiselles Amélia Alencar e Olga Alencar.

O n. que honra nossa banca de trabalho é o 2. correspondente ao mez de Março.

Penhorados desejamos aos illustres collegas mil prosperidades.

Jornal: *A Cidade* (Sobral), 19 de abril de 1902 – Página 3.

Em 1904 o jornal *A Cidade* no dia 10 de março em sua terceira página, destaca o terceiro aniversário do jornal *O Astro*, confirmando a sua permanência no cenário jornalístico cearense.

«O ASTRO»

No dia 1º do corrente completou mais um anno de fulgurante existencia esta formosa constellação do céu das letras cearenses.

Por motivo do seu 3º anniversario O ASTRO deu uma edição especial em magnifico papel com bellas produções, esmeradamente dourado.

Nós saudamol-o desejando-lhe prospera existencia.

Jornal: *A Cidade* (Sobral), 10 de março de 1904 –Página 3.

Infelizmente só encontramos um único exemplar do jornal *O Astro* que está no Instituto Histórico em Fortaleza. Amélia e Olga de Alencar Mattos participaram também da *Liga Feminista Cearense* agremiação feminina idealizada por Alba Valdez. O *Jornal A Cidade* de 9 de julho de 1904 registra o recebimento do 41º jornal *O Astro* e a relação de mulheres que participaram da Liga.

«O ASTRO»

Recebemos o n. 41 deste interessante periodico litterario, redigido com acerto pelas talentosas escriptoras cearenses Amélia e Olga Alencar, o n. que temos a vista tras além de muitas bellas produções uma poesia do nosso infatigavel collega Carlos Rocha.

Foi ha dias fundada na Capital a «Liga Feminista Cearense», ficando assim composta :

Presidente, Alba Valdes ; vice-presidente, Maria Amélia Torres Portugal ; 1.º e 2.º secretarias, Olga de Alencar e Aureliada Simões; thesoureira Amélia de Alencar; oradora, Julia Moura.

Jornal *A Cidade* (Sobral), 9 de julho de 1904 –Página 2.

O ASTRO

BI-MENSARIO, NOTICIOSO, LITTERARIO E ARTISTICO

BATURITÉ

REDACTORAS

AMELIA ALENCAR e OLGA ALENCAR

CEARA

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por Semestre 48000
 Numero do dia 100
 Numero atrasado 18000

PAGAMENTO ADIANTADO

O ASTRO

Baturité, 4 de Junho de 1902.

A caridade

Que immensa pagina amoravel se desdobra em nossa alma quando praticamos a caridade!

Uma sensação deliciosa, nos repete em notas dulcissimas do que se exalta no espaço infinito, bello e azulado a pousar sob os pés de Deus que as recebe sorrindo, como se praticasse-se em a elle. — O miseravel: a fome, o abrigado do frio, alentasse suas angustias, enxugasse suas lagrimas, e a tirasse ao longe os sordidos larrapos do desgraço!

Olvidar a caridade, jamais!

Deve nos compadecer-nos dos miseros errantes, pobres torturados, ermos do mundo, os desprovidos da sorte, não esquecer os seus duros e cruéis sofrimentos, sem os deixar morrer a fome e a miséria a estes infelizes desventurados, porque a caridade, mas a caridade fraternal e generosa, nascida do coração, omnia de Deus.

Porque foi elle quem nos ensinou com a sua bondade odoravel a praticar nos o bem, a alicar-nos com stoicismo e a tribular nos pobres, nos miseravellos desgraçados da sorte, este a-

que ella praticada leal e generosa evolva-se pelo ambiente bello e azulado, a pousar sob os pés de Deus.

PALLIDA

Aquella face bella e tão branca,
 Repassada de mística doçura,
 Quantos suspiros a meu peito arranca!

Pallida, assim tão pallida e tão pura
 Traz emoções de fútil nostalgia
 Entre lampejos de infantil ventura.

O seu olhar de candida magia
 Fere-nos alma tão delicioso
 Que alma ferida ri-se de alegria.

O sorriso é fonte de prazer e gozo,
 Pesar tão doce que o sorriso arranca,
 Num estase de amoris venturoso
 Aquella face pallida e tão branca.

1-1-02

Virgílio Barbosa

DESENGANO

Tarde encantadora enjos e o limpido trajecto um azul finissimo.

Tarde de poesia e encantos.

O céu recama-se de estrellas.

A lua em sua carreira vertiginosa passa a cariciando a natureza...

Passam os genios da noite e passam cantores das serenatas. Seus cantos desprendem-se bem longe, quebrando o silencio da noite.

Exemplar que encontra-se no Acervo do Instituto Histórico de Fortaleza.

Confirmando a longa existência do jornal *O Astro* registramos o recebimento do número 53 pelo *Jornal do Ceará* de 23 de janeiro de 1907.

O Astro

Recebemos o numero 53 do *Astro*, jornal literario e noticioso que se publica nesta capital sob a redacção das intelligentes senhoritas Amelia e Olga Alencar. Agradecidos,

No *Dicionário Bio-Bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil* de Adalzira Bittencourt no segundo volume publicado em 1970, tivemos acesso a conferência de Olavo Dutra, sobre a vida e a obra de Amélia Alencar Mattos.

Nasceu em Baturité, no Estado do Ceará. A mulher cearense teve sempre predileções para as coisas do espírito. Entretanto, a hostilidade do ambiente, a pequenez do meio, tolhiam e sufocavam quaisquer tentativas daquelas que pretendiam um lugar nas letras e nas artes. Só um espírito altamente superior, uma personalidade inimitável de mulher se libertava dos vazios preconceitos da sociedade de antanho.

Nestas ligeiras considerações enquadra-se a figura inconfundível de Amélia de Alencar Mattos, a primeira mulher que se tornou jornalista profissional nas plagas alencarinas. Foi em 1º de março de 1902 que, na tranqüila cidade de Baturité, fundou juntamente com sua irmã Olga, o jornal "O Astro" que teve destacada atuação naquela cidade serena, e posteriormente em Fortaleza, onde manteve oficina própria, dirigindo com muita técnica quase todo o periódico.

Não se diga, todavia, que Amélia não teve de transpor inúmeras vicissitudes e percalços, nem as enxurradas do despeito e da maledicência. É mister apenas apresentar este exemplo, para dignificar e enaltecer a sua extraordinária individualidade: certa vez um primoroso artigo de sua lavra, intitulado "O Trabalho", teve repercussão nacional, foi na íntegra plagiado por um cidadão do Rio Grande do Sul, cujo nome era muito parecido com o de Sílvio Romero. Um plágio unilateral e cínico. Um jornal do Piauí transcreveu o artigo chegando depois ao Ceará. A imprensa de Fortaleza considerou o artigo uma jóia literária. Aquele trabalho devia ter saído da pena erudita de Sílvio Romero... E sem mais delongas, "A República", diário de Fortaleza, reproduziu o mencionado artigo de Amélia de Alencar Mattos com o nome ilustre do autor da História da Literatura Brasileira. Espírito vibrátil, temperamento ardente, com uma prodigiosa imaginação, possuindo um acervo patrimonial de nobres e belos sentimentos, com rara elegância moral, Amélia de Alencar Matos reagiu contra o ultraje iníquo que se fazia à sua inteligência. E a sabotagem foi por terra. Ninguém consegue boicotar um verdadeiro talento. Esse incidente deu origem a que a consagrada Alba Valdez, grande espírito que todo o Ceará conhece e admira, escrevesse um excelente artigo

com o sugestivo título “O Prestígio do Nome”, trabalho hábil e que encerra um fundo de verdades. Todavia, esse episódio não arrefeceu o ânimo varonil de Amélia. Deu-lhe mais coragem para enfrentar a luta, dando ao público sobejas e positivas demonstrações da força de sua inteligência, do seu incontentamento interior, de sua insatisfação contra essa atmosfera de indiferença do meio em que vivia. O seu jornal continuou. Sua cultura foi se requintando, tinha ela a ânsia do aperfeiçoamento, consciência dos seus direitos e deveres, fortalecendo-lhe o coração, induzindo-o a admitir no mundo esse sublime sentimento que se chama solidariedade humana.

“O Astro” tornou-se o centro de suas irradiações literárias e a colméia de suas idéias. E seu nível intelectual subiu vertiginosamente. Procurou identificar-se com os grandes cérebros da humanidade, lendo avidamente. Apesar da escassez de seus estudos, tornou-se uma legítima autodidata. Coadjuvada por sua irmã Olga, e uma plêiade de intelectuais, fundou, sendo sua principal animadora. A “Liga Feminista do Ceará”, primeira entidade desse gênero organizada em Fortaleza. Tinha a “Liga Feminista do Ceará” a precípua finalidade de elevar o nível cultural da mulher cearense. Essa agremiação foi, indiscutivelmente, a precursora das reivindicações femininas do Ceará. Mantinha escolas gratuitas para meninas reconhecidamente pobres, com a finalidade de semear conhecimentos primários na terra de Iracema. A inauguração oficial da Sociedade realizou-se na residência das irmãs Alencar Mattos, com numeroso auditório composto do que Fortaleza possuía de mais seleta. Amélia abrilhantou a solenidade não só como literata, mas sobretudo como consumada artista que era. Tocou flauta com excepcional maestria e executou ao piano as suas próprias composições. O nome de Amélia de Alencar Mattos firmou-se, na sua época, no Ceará, não só como beletrista de fino quilate, mas também como exímia musicista. Até que um dia um grande amor fez com que Amélia deixasse o Ceará, terra que tanto amou.

Casou-se no dia 25 de maio de 1915 com o Dr. Passos Galvão e partiu para o extremo Norte do País. Sua despedida aos amigos e parentes foi dolorosa e comovente. Chorava copiosamente. Levou consigo, no âmago do coração, indelével saudade dos seus e da terra que a viu nascer. E pouco tempo depois faleceu no Território do Acre, longe do Ceará, mas com o espírito voltado para o torrão natal. Era filha de José de Alencar Mattos e de d. Fausta Maia de Alencar Mattos, sendo neta pelo lado paterno, de Francisco José

de Mattos, o célebre cirurgião Mattos, autor das famosas “Pílulas de Mattos”, e Dona Florinda de Alencar Mattos, filha de Leonel de Alencar, nome conhecido na História do Ceará e irmã de Ana Josefa, a mãe do Imortal criador de Iracema e de Dona Clodes de Alencar Jaguaribe, a sereníssima Viscondessa de Jaguaribe.

Amélia de Alencar Mattos herdou de sua família paterna os fulgores de espírito e a sedutora naturalidade de atitudes. Graças à grandeza de coração e de sua simpatia, era uma figura indispensável e essencial nas rodas elegantes de Fortaleza do seu tempo.

Lamentável é o silêncio que se faz em torno da personalidade invulgar de Amélia de Alencar Mattos. Apenas seus familiares, e alguns amigos diletos, lembram seu nome com enternecedora saudade. Fora daí, sua figura vem sendo relegada à vala comum do esquecimento. No entanto, no dia que se escrever a História do Jornalismo Cearense, cuja responsabilidade para sua execução foi conferida pelo Instituto do Ceará à aureolada escritora Alba Valdez, de merecido renome no cenário da intelectualidade brasileira, fará lembrar a individualidade ímpar de Amélia de Alencar Mattos, pois com o heroísmo de seu ideal, pulcritude de seu talento, fertilidade de imaginação como jornalista graciosa e suave pianista, de ocupar posição relevante na galeria intelectual do Brasil.

Fonte: (Conferência de Olavo de Alencar Dutra, seu sobrinho, numa colaboração brilhante ao nosso trabalho.)

Fonte: Dicionário Bio-bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil (Ilustrado) – 2º Volume – Adalzira Bittencourt.

Em Abril de 1915 Amélia fica noiva e no mês de maio casa-se com Passos Galvão diretor do jornal *Alto Purus* e vai morar no Acre. No ano seguinte Amélia fica grávida mas por complicações no parto a criança nasce morta.

O jornal *Alto Purus* em abril de 1916 publica uma notícia felicitando a escritora pela passagem do seu aniversário e destaca a repercussão do seu trabalho através do pseudônimo *Cleópatra d' Nysse* e de sua atuação no jornal *O Astro*.

Sociaes

Anniversarios:

D. AMELIA DE A. PASSOS GALVÃO

Transcorreu no dia 11 deste mez, o anniversario natalício da ex. ma. sra. d. Amelia de Alencar Passos Galvão, estremecida esposa

do dr. Passos Galvão, ex-director desta folha e filha do valoroso acreano coronel José de Alencar Mattos.

Não só pelo grato motivo como pelo restabelecimento de sua saúde a virtuosa senhora recebeu innumerous cumprimentos.

A distincta anniversariante é um dos finos ornamentos da nossa sociedade, possui dotes literários, tendo em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, durante muito tempo, publicado o "Astro" jornal literário e noticioso que alcançou grande exito naquelle tempo. De quando em vez os jornaes do sul trazem producções suas que vêm sendo transcriptas e assignadas com o pseudonymo de Cleopatra d'Nysse, nome de guerra que de muito tempo faz uso.

Ao seu digno esposo e distinctos irmãos dr. Alencar Mattos e pharmaceutico Ruy Mattos, o ALTO PURÚS envia os emboras pelo auspicioso acontecimento.

Fonte: Jornal: Alto Purús, Domingo, 16 de abril de 1916, Página 3.

Infelizmente no ano seguinte Amélia Alencar Passos Galvão falece no dia 24 de setembro no Acre onde morava com o seu esposo, após uma síncope cardíaca em seu segundo parto.

Amelia de Alencar Passos Galvão

Hontem, ás 20 ½ hora, foi esta cidade, dolorosamente surpreendida com o fallecimento de d. Amelia de Alencar Passos Galvão, esposa do cirurgião dentista Sr. Manoel dos Passos Galvão, e filha do illustre coronel José de Alencar Mattos, advogado provisionado, residente nesta cidade.

A noticia do infausto acontecimento circulou rápida por toda a cidade, occorrendo á casa do pharmaceutico Sr. Ruy Mattos, irmão da desditosa senhora, victimada d'uma syncope cardíaca após laborioso parto, grande numero de cavalheiros e famílias, que foram testemunhar á família enlutada a expressão de suas condolencias.

D. Amelia de Alencar Passos Galvão que era natural do Estado do Ceará, gosava no nosso meio social de abundantes relações de amidades conquistadas pelas suas bellas qualidades moraes, sendo dotada d'um espirito culto, revelado em producções litterarias de valor apreciável, além de ser uma mãe de família exemplar.

Significamos á família da fallecida os nossos sinceros pezames, especialmente ao seu esposo Sr. Manoel dos Passos Galvão, seu genitor coronel José de Alencar Mattos, e seus irmãos tenente Hugo de

Alencar Mattos, dr. Francisco de Alencar Mattos, pharmaceutico Ruy de Alencar Mattos, Clows de Alencar Mattos e Hermes de Alencar Matos e suas irmãs residentes no Estado do Ceará.

Fonte: Jornal Alto Purus, 25 de setembro de 1917 – Página 3.

No dia 15 de novembro de 1917 na página 5, o Jornal Alto do Purús presta uma homenagem a escritora publicando um de seus últimos trabalhos.

Cleopatra d' Nysse

Inserimos abaixo uma das ultimas produções literárias, inédita, da exma. Sra. D. Amelia de Alencar Passos Galvão, inesperadamente arrebatada desta vida em dias de setembro ultimo.

Sobre a perda para as nossas letras, *de Cleopatra d'Nysse*, nome de guerra da inditosa esposa do dr. Passos Galvão, esta folha já manifestou o mais profundo pesar, e ainda hoje lamenta o triste acontecimento que veio privar o mundo literário da apreciada colaboração de um dos mais brilhantes vultos femininos da terra de Alencar.

Espirito eminentemente evocativo, sabendo traduzir com elegância a sua natureza contemplativa e scismadora, a primorosa belletrista cearense tinha uma feição original de feminista, da qual fazia a apologia sentimental que todos já lhe descobrimos na sua ancia de desempenhar sempre e sempre a nobre missão de mãe.

E foi nesse afan, abraçada a esse nobre ideal, que succumbiu, quando pela vez segunda se aproximou o termo fatal da dura prova.

Fôra no mez de setembro. Arrastara-se ao Campo Santo, onde jazia o corpo de seu filhinho, cuja luz do olhar não conhecera. E foi nessa ocasião que o seu espírito comprehendeu toda a linguagem dos anginhos no scintillar das estrellas, tal como decorre dos

DEVANEIOS

Fiz hontem a minha primeira visita ao teu tumulo, meu dilecto filhinho.

A areia secca e arenosa que cobria fazendo montículo sobre o teu corpo tenro e frágil, me fez ainda maior saudade ao meu coração ermo e triste das tuas caricias.

Vi muitos túmulos de anginhos louros que ali dormitam eternamente em sonhos róseos e perfumados nas madrugadas em flor, pallidos e dourados à hora triste e merencorea dos crepúsculos.

A

Os sonhos dos anjos são todos iguaes, todos têm a mesma essência chistalina e pura dos vergeis cheirosos, a mais sublime doçura da innocencia – rosa perfumosa que só os anjos sabem cantar – estas canções melodiosas que embalsamam e vivificam o ambiente da mais celeste e cândida pureza.

Era quase a hora crepuscular, quando a saudade apparece mais queixosa e dolente, desta saudade que asphyxia, mata, cruelmente, eu sentia dilacerar de fibra a fibra, deixando numa tristeza immensa o pequenino sêr, o fragmento de minh'alma, alli dormindo, ignorando sem duvida o grandioso e sublime affecto deste amor inextinguível e eterno.

A lua irradiava no CEO, derramando sobre a terra uma luz suave e magoada. Algumas estrellas pequeninas scintillavam no CEO de puríssimo de anil. Fitei-as, sentindo no coração sensação estranha e pareceu-me que aquellas estrellas eram os anjinhos que enviavam os seus sorrisos de felicidade a terra, banhando os corações das mães, de saudade, como o orvalho das flores.

Oh! Sonho de meu amor, meiga e idolatrada flôr, no brilho das estrellas donde vem o reflexo de tu'alma que mora em meu coração, envia a suavidade do consolo desta lembrança querida que perdura sempre e sempre em reminiscências de amor e carinho.

Cobri de beijos a cruz azul que designava onde dormias o somno eterno da innocencia.

E alli, naquelle pedaço de céu, demorei a olhar triste a contemplar, com dor extrema, grande parte da minha ventura sepultada”.

Fonte: jornal: O alto purus – Acre – Quinta-feira, 15 de Novembro de 1917 – Página 5.

13 - AMÉLIA MONTEIRO GONDIM

Amélia Monteiro Gondim foi poetisa e professora. Tendo exercido o magistério na Escola Normal ingressando por meio de concurso. O Diário Official do Ceará em sua edição no dia 3 de novembro de 1914, apresenta o nome de Amélia na Comissão Examinadora dos exames escolares de Fortaleza.

Adalzira Bittencourt descreve uma pequena biografia sobre a escritora, em seu livro *Dicionário Bio-bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil* – 2º volume.

AMÉLIA MONTEIRO GONDIM – Poetisa cearense, escritora didática e professora Normalista. Num concurso da Escola Normal de Fortaleza, concorreu com dois intelectuais de renome, obteve o primeiro lugar, conquistando a cubiçada cátedra. Vem publicando versos na imprensa, e trabalhos sôbre educação e pedagogia, esparsos nos jornais cearenses.

BITTENCOURT, 1970, Página 241.

14 - AMÉLIA PEDROSO BENEBIEN (AMÉLIA PEDROSO BATISTA) - (1860-1953)



Amélia Pedroso Batista conhecida por Amélia Pedroso Benebien. Bembem era um apelido do pai que foi incorporado ao sobrenome de família. De Bembem adotou Benebiem. Amélia nasceu no Crato em 6 de janeiro de 1860, filha de Joaquim Pedroso Bembem, falecido em seu sitio Bebida Nova, Crato, a 3 de Setembro de 1904 e de Umbelina Moreira de Carvalho. São seus irmãos: Azenete Pedroso Batista; Maria Pedroso de Matos; Otoniel Pedroso Bembem; Clarinda Pedroso

Batista; Josefina; Atalane Pedroso Batista e Juvenal de Alcântara Pedroso.

Dez anos antes da Proclamação da República, um decreto permitiu às mulheres brasileiras estudarem nas Escolas de Medicina. Quando soube, supplicou aos pais para iniciar o curso na Escola de Cirurgia do Hospital Real da Cidade da Bahia, cuja Faculdade de Medicina fora criada em 1808. E num lombo de cavalo, aos 25 anos, acompanhada de dois escravos, partiu para Salvador, cortando de balsa o majestoso Rio São Francisco. Enfrentou o preconceito por ser mulher, cearense, num curso frequentado por filhos de abastados, brancos de todo o nordeste. Até a formatura em 1889 não repetiu uma cadeira.

Amélia Pedroso Benebiem diplomou-se em medicina pela Faculdade da Bahia em 1889. Foi a primeira cearense e a segunda brasileira a receber grau científico nessa Faculdade, sendo precedida por D.a Rita Lopes Lobato em 1887. Ao término do curso, a cearense defendeu a tese que intitulou "Disposições anormais do cordão umbilical".

A

Casou-se com o médico Perouse, passando a assinar Amélia Benebien Perouse. O casal trabalhou juntos por muitos anos.

Na obra *Crato: Lampejos Políticos e Culturais*, o autor revela a poesia da ilustre cratense.

AMÉLIA BENEBIEN

Ainda no alvorecer do século XX, dava as graças de poetisa Amélia Benebien Perouse, cratense ilustre que teve o honroso mérito de ser a primeira médica cearense e a segunda do Brasil, tendo se doutorado em 1889 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Com o soneto em metro de sete sílabas, publicado no jornal *Cidade do Crato* de 21 de dezembro de 1902, a jovem discípula de Hipócrates demonstrava, todavia, não ser a linguagem poética seu melhor instrumento de comunicação afetiva, conforme se verá em:

DESPEDIDA

*Desta terra em retirada
Dou as tristes despedidas
às patricias bem queridas
por quem fui mui visitadas.*

*Irei sempre bem lembrada
destas nobres destimidas,
destas tão perfeitas vidas
desta pátria bem amada.*

*Nesta firme estimação
a tão firmes amizades,
pede a boa gratidão*

*Que a essas mil bondades
deixe em paga o coração,
leve comigo saudades.*

Fonte: NASCIMENTO, 1998, Página 103.

Amélia Pedrosa Benebiem faleceu em 1953 aos 93 anos.

15 - ANA DIAS PEQUENO (1879-1919)

Ana Dias Pequeno nasceu em Icó, a terceira vila fundada no Ceará. Filha de José Frutuoso Dias Filho e Joana Isabel Dias, a Dona Janoca de Icó, líder conservadora e anti-aciolina, nascida em 08.01.1848 e falecida em Cedro em 06.09.1935, onde está sepultada.

O *Dicionário Bio-bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil* em seu 2º volume apresenta o registro da biografia de Ana Dias;

Nasceu em Icó, Estado do Ceará, filha da notável abolicionista e chefe político daquela cidade, d. Joanna Isabel Dias e do Dr. José Frutuoso Dias Filho. De sua mãe herdou os pendores para a política, em tempo e espaço desfavoráveis. Casou-se com Marcial Teixeira Pequeno, e foi mãe do Dr. Marcial Dias Pequeno, diretor do Departamento Nacional de Indústria e Comércio do Ministério do Trabalho; e do Padre Antônio Marcial Pequeno, Vigário da Matriz de Santa Rita, em S. Paulo.

Desde jovem até avançada idade, esteve sempre metida em política, sendo por ocasiões de campanhas eleitorais, uma oradora com argumentações incontestáveis. Inteligente, culta, essa dama foi chefe político muito querida e respeitada, comandando um batalhão de eleitores que lhe obedeciam cegamente.

BITTENCOURT, 1970, Página 277.

Dona Naninha, assim como era conhecida faleceu em Lavras da Mangabeira, quando atingia os 40 anos em 14 de agosto de 1919. Notícia Raimundo Gomes de Matos em artigo sobre a Dona Janoca do Icó, publicado no jornal *Diário Carioca* (RJ) de 22 de fevereiro de 1948 na página 18.

16 - ANNA BILHAR (ANA LOPES DE ALCÂNTARA BILHAR) - (1853-1927)

Anna Bilhar nasceu no Crato no dia 14 de setembro de 1853, filha de Joaquim Lopes Raimundo Bilhar de Isabel Bilhar de Alcântara. Teve como irmãos: Satyro Bilhar, Joaquim, Alexandre, Pedro e Epiphania.

A professora cratense Anna Bilhar, fundou com sua irmã o tradicional Colégio Nossa Senhora de Lourdes, com internato e externato

feminino. Instalado inicialmente em Baturité, em 1889, reaberto mais tarde em Fortaleza, em 1896, primeiramente em um prédio na rua 24 de Maio, e depois do atual Colégio Militar, em 1898, na avenida Santos Dumont.

O jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro do dia 13 de maio de 1906 noticia a chegada de D. Anna Bilhar naquela capital, ilustre educadora e diretora de um grande colégio em Fortaleza. Naquela ocasião Anna Bilhar e sua sobrinha Branca Brilhar se transferiram para o Rio de Janeiro. A educadora mantinha no Rio de Janeiro um Externato para moças situado na rua Desembargador Izidoro número 32, destinado quase exclusivamente às moças do Estado do Norte.

No dia 27 de março de 1927 a publicação intitulada “o Jornal”, anuncia a morte de Anna Bilhar, na ocasião a professora estava com 74 anos e era reconhecida por dedicar a sua vida à educação de várias gerações.

A educadora faleceu no dia 26 de março de 1927 em sua residência no Rio de Janeiro.

O periódico *Libertador* do dia 14 de novembro de 1881 em sua terceira página apresenta um poema de Ana Bilhar intitulado Amaro.

AMARO

*É candidato negreiro
Pelo segundo districto
E pede votos constricto.
Porque lhe falta dinheiro.*

*Do Assú é retirante,
É doutorrr lá de Bostom;
É mulato do bom tom,
Sim, senhor, e bem pedante...*

*Tem valente protecção
De um enorme typão,
Bixo ruim, estradaeiro,*

*Filho de terras estranhas,
Tem vivido das patranhas,
É um famoso sendeiro.
Bilhar*

Fonte: *Libertador*, 14 de novembro de 1881, Página 3.

 17 - ANNA FACÓ (1855-1922)



Anna Facó nasceu no dia 10 de abril de 1855 na cidade de Beberibe no Ceará. Filha de Francisco Baltasar Ferreira Facó e Maria Adelaide de Queirós Facó, o casal contraiu matrimônio no dia 25 de fevereiro de 1843 e formaram numerosa família.

Para resgatar a memória ou a conservação do passado como sugere Éclea Bosi, buscamos a descrição dos fatos ocorridos nos periódicos da época que noticiavam informações sobre a política, a literatura e a sociedade daquele século.

No Jornal *O Cearense* do dia 02 de março de 1882 é noticiado o casamento de uma das irmãs de Anna Facó, Maria da Penha Ferreira Facó e Thomaz Ferreira Filho, na ocasião os irmãos Facó decidem libertar todos os escravos que mantinham em posse. Dois anos antes da libertação dos escravos no Ceará, realizada em 25 de março de 1884 declarada por Sátiro Dias Presidente da Província, e seis anos antes do restante do Brasil, que só viria a declarar a abolição dos escravos em 13 de maio de 1888 com a assinatura da Lei Áurea. Transcrevo a notícia abaixo.

Manumissão – escrevem-nos de Cascavel, em data de 26 de fevereiro:

“No dia 25 do mez passado, por ocasião de celebrar-se o casamento do Sr. João Thomaz Ferreira Filho com a Exma. Sra. D. Maria da Penha Ferreira Facó, na igreja de Beberibe, município do Cascavel, o Dr. J. Facó e seus dignos irmãos conferiram aos últimos escravos que possuíam a carta de libertação que segue:

CARTA

Imperio do Brazil – Provincia do Ceará – Município de Cascavel.

Por nossa espontânea vontade e independente de qualquer ônus, conferimos carta de libertação aos últimos escravos, que, havidos por herança, ainda possuíamos, e são: Maria, preta, de idade de 42 annos, e seus filhos – Rufino, preto, de idade de 18 annos, Miguel, cabra, de idade de 14 annos, e Archanjo, cabra de idade de 12 annos,

A

matriculados na collectoria deste município sob os nos. 656,659, 661 e 662; e o fazemos para commemorar o anniversario do feliz consorcio de nossos virtuosos Paes – Capitão Francisco Balthazar Ferreira Facó e D. Maria Adelaide de Queiroz Facó, celebrado a 25 de Fevereiro de 1843.

E para constar passou-se a presente carta, que por uma só via servirá para todos, e em que nos assignamos.

Igreja do Beberibe, 25 de Fevereiro de 1882.

José Balthazar Ferreira Facó.

Gustavo Francisco de Queiroz Facó.

Francisco Balthazar Ferreira Facó.

Maria Francisca Ferreira Facó.

João Balthazar Ferreira Facó.

Raimundo Facó.

Anna Facó.

Catharina Facó.

José Aristides Ferreira Facó.

Maria da Penha Ferreira Facó

Pedro Facó.

Balthazar Facó.

Antonio Facó.

A interessante noiva fez a entrega da carta aos libertos, proferindo as seguintes palavras, que fizerão palpitar o coração de todos os circunstantes:

“No momento mais feliz de minha vida cabe-me o prazer de vos entregar a carta de liberdade, que eu e meus bons irmãos vos concedemos, para commemorar o dia de hoje, anniversario do feliz consorcio de nossos virtuosos pais.

Praza aos ceos que tenhaes uma vida de alegrias iguaes as que neste momento são a corôa de minha felicidade, e as primicias do meu futuro.”

Os libertos, enternecidos, agradecerão com lagrimas de contentamento e gratidão o beneficio da liberdade.”

É tão eloqüente a exposição feita por nosso illustre correspondente, que não temos nada a accrescentar – ficamos enleados e saudamos cordialmente aos philanthropicos abolicionistas.

Fonte: Jornal O Cearense 02/03/1882 – CAPA.

Os estudos iniciais de Anna Facó foram na cidade de Cascavel com a professora Maria Carolina Ibiapina, em seguida foi para Fortaleza estudar na Escola Normal. Antes de colar grau foi convidada para lecionar no Ginásio Cearense em 1886 e no ano seguinte se formou na Escola Normal.

GYMNASIO CEARENSE

ENSINO PRIMÁRIO

A cadeira de primeiras letras será regida pela professora normalista D. Anna Facó

DIRECTOR GERENTE

Capitão Antonio Duarte Bezerra

Fonte: *Jornal Libertador*–28/12/1886 – Página 3.

No ano de 1890 foi anunciado no jornal *O Libertador* a inauguração da Escola Facó, dirigida por Anna Facó.

— — —
Escola Facó
 RUA FORMOSA. N.º 173
 Começou hoje esta escola os seus trabalhos lectivos do anno corrente, sendo divididos em curso primario que funcionará das 9 horas da manhã á 1 hora da tarde, e outro infantil, para creanças de 4 a 7 annos, só começando este, porém, no dia 3 de Fevereiro proximo vindouro, das 4 ás 6 horas da tarde.
 Fortaleza, 16 de Janeiro de 1890.

Anna Facó.

Fonte: *O Libertador* – Sexta-Feira, 17 de Janeiro de 1890- Página 3.

No cenário educacional do final do século XIX e início do século XX Anna Facó terá destaque reconhecido, além de ter iniciado muito jovem a lecionar e dedicar toda sua vida ao magistério, a educadora desenvolveu uma metodologia e textos próprios para serem utilizados na educação para crianças. No *Jornal do Ceará* do dia 03 de maio de 1907, na primeira página, encontramos um conto para crianças e No *Jornal do Ceará* do dia 06 de agosto de 1907 na primeira página encontramos o texto *Canto Gymnastico* que trabalha através da música, a oralidade, o conhecimento numérico, o corpo humano e o desenvolvimento motor através dos movimentos.

A

PARA AS CRIANÇAS
MINHA PALMATORIA
Contos aos meus alunos

I

JULINHA

Eram dez horas da manhã.

Bello dia de inverno: sol nublado e não chovia. Na escola de... grande movimento. Era dia de abertura das aulas.

A professora acabava de entrar no salão escolar, onde um mundozinho que lhe era quasi todo desconhecido, a esperava.

Alguns pais achavam-se também alli. Ella cumprimentou a todos e percorreu com a vista o delicado e interessante grupo que lhe ia ser confiado.

Eram quatro ou cinco dezenas de crianças de cinco a nove annos de idade, no geral vigorosas e decentemente vestidas.

Umás se mostravam sorridentes, outras carrancudas e três ou quatro chorosas. Attrahiu-lhe logo a attenção uma risonha pequerrucha de cinco annos, a qual lembrava mimoso botão de rosa.

A professora achegou-se dela, beijo-a e perguntou-lhe:

- Vem também para a escola?
- Venho – respondeu sorrindo a pequena.
- Como se chama você?
- Julinha.
- De quem é filha?
- Do papai.
- Quem é elle?
- O papai.

A professora riu-se, beijo-a de novo e disse comsigo:—Esta vem, por em quanto, habituar-se à vida escolar e nada mais.

Mero engano; oito dias depois já patenteava Julinha que havia de ser uma alumna de mão cheia.

Como enganam as apparencias!

ANNA FACÓ

Fonte: Jornal do Ceará, 03 de Maio de 1907, Primeira Página.

Canto Gynastico	Um, dois; um, dois; um, dois...	Um, dois; um, dois; um, dois...	Um, dois; um, dois; um, dois...	Um, dois; um, dois; um, dois...	Um, dois; um, dois; um, dois...
(PARA AS ALUNAS DO CURSO BACHAREL 1.) Todos ao pé: Vamos ora de gymnastica Dous exerciçoes fazer; Vamos bem da nossa escola Os membros desenvolver.	Um, dois; um, dois; um, dois... Vamos tambem nossos braços Adestrar pausadamente; Verticalmente elevados, Horizontalmente verticalmente.	Um, dois; um, dois; um, dois... Estar os braços bem esten- didos a altura da cabeça e bra- ços a os lados do tronco.	Um, dois; um, dois; um, dois... Vamos lada nossas cabeças Pacientes se voltar A direita e à esquerda, Sem isso nos molestas.	Um, dois; um, dois; um, dois... Primo dobrados a meio, Para depois se estenderem; Dobrar os ante-braços sobre os braços e depois estendê-los horizontalmente.	Um, dois; um, dois; um, dois... Com os dedos nos quadris in- clinar o corpo para a direita e para a esquerda.
Comançamos tambem o corpo Direito, braços caídos, Fes firmes e muito precisos, Calculhantes quasi unidos, As pontas de nossos pés Vão se unir, se desunir, Fazendo lembrar o leque A se fechar e a se abrir.	Um, dois; um, dois; um, dois... Nossos pés debaixo, traveços, Delicados no pisar, O peso de todo o corpo Na ponta vão supportar.	Um, dois; um, dois; um, dois... Vão lada nossas cabeças Pacientes se voltar A direita e à esquerda, Sem isso nos molestas.	Um, dois; um, dois; um, dois... Nossos corpos delicados Arremedo fazer vão A's tornalhas que se corvam Ao soprar da ventação.	Um, dois; um, dois; um, dois... Dobrando nossos pés firmes Como pregados no chão, Vamos fazer com o corpo Uma visca de rotação.	Um, dois; um, dois; um, dois... Fazer um giro balanceado o corpo, quasi desarmado, oit, solhar ao lugar donde partiu e cantando:
Pondo os dedos nos quadris, juntar os pontos dos pés e sepa- rará-os sem regular os calcu- lhos e cantando de 6 a 12 vezes.	Um, dois; um, dois; um, dois... Com os dedos nos quadris in- clinar o corpo para a direita e para a esquerda.	Um, dois; um, dois; um, dois... Mover com os dedos nos jun- tos a cabeça deitada para a esquerda e vice-versa:	Um, dois; um, dois; um, dois... Como uma fragil barquinha Vacillando no alto mar, A' direita e à esquerda Vão agora se inclinar	Um, dois; um, dois; um, dois... Nossas perninhas alto fragéis, Fortes as vamos tornar, Curvando-as e decurvando-as, Neste beijuinho secular.	Um, dois; um, dois; um, dois... Lark, li, lark, lark, Lark, li, lark, lark, Dançamos até voltar Cada um a seu lugar. ANNA FACÓ.

No Clássico *Dicionário da Literatura Cearense*, Raimundo Girão fala sobre a trajetória da professora Anna Facó.

FACÓ (ANA). Nasceu na então vila, hoje cidade de Beberibe, CE, em 10 de abril de 1855. “Exemplo de tenacidade, anima-a, bem cedo, o desejo de instruir-se e conquistar a independência econômica. Abandonando a paisagem nativa do Beberibe, fica-se em Fortaleza, odne, aos poucos, vai concretizando as suas esperanças” (Abelardo Montenegro). Não tardou em abrir a Escola Facó, de curso primário e curso infantil. Inaugurado em 12 de julho de 1907 o primeiro Grupo Escolar de Fortaleza, é nomeada diretora, pois tinha se consagrado o seu nome nos misteres do magistério inicial. Dotada de forte inclinação para as coisas literárias, resolve, sob o pseudônimo de Nitio-Abá, publicar um romance a que deu o título de *Rapto Jocos*, saídos os capítulos, como folhetim no *Jornal do Ceará*, em 1907, romance de natureza rural, popular e histórico, onde predomina o humor verdadeiramente machadiano. Depois, com o mesmo pseudônimo e no mesmo jornal publica, a partir de 22 de março de 1907, outro romance – *Nuvens*, do tipo urbano, aproveitando fato verídico ocorrido na capital cearense. Somente depois de sua morte, acontecida no dia 22 de junho de 1926, é que esses romances foram editados em volume (Livraria Editora Humberto, em 1937 e 1938), graças ao empenho do Dr. Antônio Carlos de Queirós Facó. Confrontando Ana Faço com outras romancistas cearenses, Abelardo Montenegro afirma que “o estilo de Ana Facó é bem mais cuidado do que o de Emília de Freitas e Francisca Clotilde. Os pensamentos trajam vestes mais ricas. A gramática não sofre golpes costumeiros. A dialogação embora imperfeita ainda, supera à daquelas outras romancistas”.

GIRÃO, 1987. Página 97.

Em âmbito nacional encontramos o registro da biografia de Ana Facó na obra *Dicionário Bio-bibliográfico de Mulheres, Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil* em seu 2º volume e em *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, organizado pela escritora Zahide Lupinacci Muzart, os quais reproduzimos abaixo:

ANA FACÓ – Nasceu a 10 de abril de 1855, em Beberibe, Estado do Ceará, filha de Francisco Baltazar Ferreira Facó e de d. Maria Adelaide de Queiroz Facó. Aos 10 anos de idade iniciou seus estudos de leitura com seu irmão José Baltazar. Em 1869, estudou de fevereiro a junho, na Escola da professora pública de Cascavel, Maria Carolina Pereira Ibiapina. Não freqüentou outras aulas a não ser muitos anos depois, as da Escola Normal.

No dia 2 de março de 1885, a convite de seu primo Torcápio Ferreira, deixou Beberibe, indo estudar em Fortaleza. A 5 do mesmo mês e ano, matriculou-se na Escola Normal, terminando o curso em princípios de 1887.

A 3 de dezembro de 1886, foi convidada por seu primo, João Lopes Ferreira Filho, para ocupar a cadeira do ensino primário em um Colégio que ele o Capitão Duarte Bezerra fundaram, na capital Cearense.

Em junho de 1887, foi residir em Fortaleza, e para lá foram também seus irmãos. Em fevereiro de 1888, tendo deixado de ensinar no “Ginásio cearense”, abriu um curso primário com a denominação de “Escola Facó”.

A 6 de junho de 1891, foi nomeada professora auxiliar da Escola Normal; em 1894 tendo sido feita uma reforma na referida escola, extinguiram a sua cadeira, sendo ela nomeada Inspetora de alunos. Já em 1896 recebeu nomeação para ser professora da classe infantil, anexa à escola Normal. Por intermédio do professor José Barcelos, foi convidada em junho de 1907 para dirigir o 1º Grupo escolar que ia ser inaugurado em Fortaleza. E, na direção do Grupo, esteve até 1913, quando adoeceu.

Requeru três meses de licença, mas só lhe deram um. Não podendo continuar em exercício, solicitou aposentadoria, sendo jubilada no dia 3 de setembro de 1913. Faleceu a 22 de junho de 1926.

O Engenheiro Antônio Carlos de Queiroz Facó, que no dizer do jornalista Dr. Demócrito Rocha, tem sido um desvelado cultor da memória de sua irmã, depois da morte dela, publicou os seguintes livros firmados pela ilustre cearense: “Comédias e Cancionetas”, 1937; “Rapto Jocos”, romance, 1937; “Poesias, 1937”; “Nuvens”, romance, 1938; “Minha Palmatória”, contos, 1938. “Páginas íntimas”, 1938.

Noticiando a morte de Ana Facó, o jornal “A Semana”, de 28 de junho de 1926, publicou entre outras coisas o seguinte: “Espírito altamente culto”, era a saudosa extinta um talento: romancista, poetisa, desenhista etc., deixando esparsa em jornais e revistas, grande e apreciável bagagem literária, recordação feliz de um tempo em que a literatura cearense era uma pujante realidade.

Caracterizavam-lhe ainda o feito moral, qualidades bem dignas de apreço: uma grande modéstia e um extraordinário amor à família.

“O grande mérito do livro de Ana Facó é a meticulosa observação de costumes que ele nos transmite. Nêle temos a cópia fiel da vida cearense, em 1874, na ribeira do Pirangi.

Sob esse aspecto, como livro de observação regional, não é sobrepujado por nenhum outro romance do Ceará. O próprio tom ingênuo da obra e a inocência do estilo parecem rebentar da própria terra simples e desprezenciosa que serviu de cenário ao romance”, assim se expressa Demócrito Rocha, referindo-se a “Rápto Jocosos”. O Ceará se orgulha dessa filha querida.

BITTENCOURT, 1970, 2º volume, Páginas: 278, 279, 280.

Na obra *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, organizado pela escritora Zahide Lupinacci Muzart, o estudo sobre Anna Facó foi realizada pela pesquisadora em escrita feminina Constância Lima Duarte, que descreve alguns aspectos da biografia da educadora.

Em 1891, no governo do General José Clarindo de Queirós, seu parente, foi nomeada professora auxiliar da Escola Normal, ocupando depois os cargos de inspetora e de professora da classe infantil. Quando o primeiro Grupo Escolar de Fortaleza foi inaugurado, em 12 de julho de 1907, Ana Facó foi convidada para dirigi-lo, cargo que exerceu até aposentar-se, em 1913, após 22 anos de serviços prestados à educação pública.

Sob o pseudônimo de Nitio-Abá, publicou um romance intitulado *Rápto Jocosos*, cujos capítulos saíram em folhetim no *Jornal do Ceará*, em 1907. Segundo um crítico da época, tratava-se de um romance “de natureza rural, popular e histórico, onde predomina o humor verdadeiramente machadiano”. Ainda nesse mesmo ano, inicia a publicação de seu segundo romance – *Nuvens* –, também em folhetins do *Jornal do Ceará*, em que consta a história de dois namorados que se separam por causa das intrigas de uma falsa amiga. Após inúmeras peripécias, ao final, tudo se explica e as nuvens se afastam deixando entrever um céu claro de felicidade.

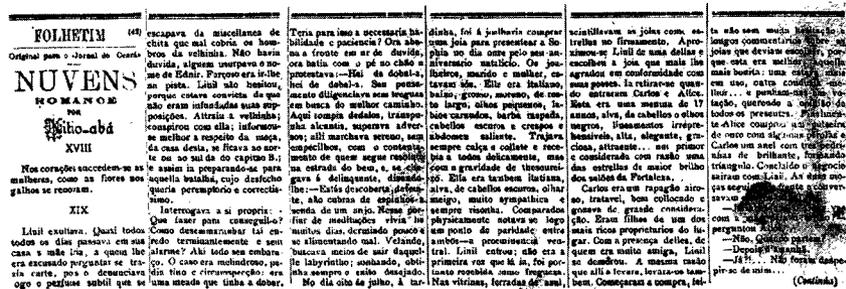
Ana Facó publicou ainda peças teatrais, contos e hinos para crianças, que se deixaram impregnar pelo tom didático e carinhoso da professora. Uma de suas peças – “Cúmulo do galicismo” – consegue ser hilariante, ao descrever uma personagem que tenta se fazer passar por uma francesa e que mistura o tempo todo a língua portuguesa e francesa. Em um outro livro – *Páginas Íntimas* –, a autora trata de episódios familiares, da sua tendência ao isolamento e da importância que a literatura tinha para ela.

Apenas depois de seu falecimento, ocorrido em 22 de junho de 1922, os dois romances foram editados pela Livraria Editora Humberto, em 1937 e 1938.

ZAHIDE, Vol. 1, 2000. Páginas 745 e 746.

Suas obras *Rapto Jocosos* e *Nuvens* foram publicadas em folhetins no Jornal do Ceará, sob o pseudônimo de Nitia-Abá, que em tupi-guarani significa “ninguém”. Sua obra literária, constante de seis volumes, foi publicada entre 1937 e 1938. Os romances: *Nuvens* e *Rapto Jocosos*, o livro de contos: *Minha Palmatória*, o inventário de peças teatrais: *Comédias e Cançonetas*, um volume de *Poesias* e um caderno de reflexões e reminiscências: *Páginas Íntimas*. Em *Páginas Íntimas* a escritora fala sobre as suas memórias, sua vida, a sua família, as lembranças da infância, o trabalho, os estudos e a condição feminina da época. Nora em seu estudo *Entre história e memória* nos esclarece da diferença entre os termos. A memória está relacionada as nossas lembranças enquanto a história é uma representação do passado.

Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, m telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. (NORA, 1993, Página 3).



Fonte: Jornal do Ceará – Fortaleza – Quinta-feira, 13 de junho de 1907 – capa.

A pesquisadora Cecília Maria Cunha em seu estudo *Além do Amor e das Flores: Primeiras escritoras Cearenses*, aborda o enredo dos romances *Rapto Jocosos* (1937) e *Nuvens* (1938).

No tocante à ficção *Rapto Jocosos* (1937), romance de 25 capítulos distribuídos em 185 páginas, ambientado na “ribeira do rio Pirangy”, em Beberibe-CE, pode-se afirmar que é sua obra principal. A trama se desenvolve a partir da intenção do Velho Antônio de desposar sua sobrinha, a jovem Dunamira. Filha de família pobre do interior cearense, ela ama seu primo Reinaldo e tem esperança de que ele a salve do transtorno de ter que se casar com o sexagenário. (CUNHA, 2008, página 196).

Da mesma autora o romance de costumes, *Nuvens*, publicado em folhetins, tem como tema o amor. A trama, urdida em 253 páginas, é bem simples. Diferentemente do livro anterior, agora o cenário para a história de amor de dois primos, Ednir e Odar, é a cidade de Fortaleza. CUNHA, 2008, Página 206.

O livro *Poesias* obra posthuma publicado em 1937 por iniciativa do seu irmão, contém 37 textos divididos em duas partes, o primeiro intitulado *Alnira* apresenta três poemas, são eles: O Lar; No Jardim e o último Mãe e Filha. A segunda parte intitulada *Campesinas* possui 34 poemas, são eles: O Inverno; A Flor de Espuma; Minha Mãe; A Mulher; Lamentos; A Nenen; O Idyllio; Protesto; Um Cartão Postal; Lembrança; A Alzira; Num Bonde; Um Estro; Medo; Descrença; Transportes; Allusão; Innocencia; A Visão; O Botão; Amanhã; Prece; Tu És...; Metamorphose; Deus; Um Sonho; O Século XIX; Aranha; Hei de Cantar; Acrósticos; Um Barbarismo; Meus Cantos; Amor Perfeito; Um Incendio. Transcrevemos alguns dos poemas abaixo:

NO JARDIM

- ALNIRA -

*Era tarde de abril e tarde olente,
O sol esmorecia.
Recamado de cirrus, lindamente,
O céu então se via.*

*Docemente nas grimpas do arvoredos
A brisa ciciava,*

A

*E, velando seu ninho terno e ledó,
Um sabiá cantava.*

*Concertava com ele outros cantores
Alados primorosos,
Volitando festivos entre as flores
Dos laranjaes frondosos.*

*Mais remoto o marulho do oceano
Acompanhava as aves,
Semelhando-se aos baixos de um piano
As suas notas graves.*

*Tudo mais em silencio. Todavia,
Que paz, que amenidade,
A natureza pujante oferecia
Naquella soledade!*

*Como um templo aguardando as costumadas
Preces d'Ave-Maria,
Tinha o lar suas portas descerradas.
Ninguem porém se via.*

*Mas, si alguém no jardim ness'hora entrasse,
Numa avenida bella,
Ficaria surpreso, ao ver-se em face
De juvenil donzella.*

*A deidade entre as flores se deleita,
No seu édem tranquillo,
Elegante formosa e mais perfeita
Do que a Venus de Milo.*

*Mais perfeita, sim, mais, que tinha braços
D'escultural belleza,
Com que amor poderia tecer laços
D'insolúvel firmeza.*

*Gracioso vestido lactescente
Seu corpo contornava;
Em botão semi-aberto, rosa olente
O peito lhe adornava.*

*Em anéis o cabelo destrançado
O seu dorso cobria.
Um poial de mil flores circulando
D'assento lhe servia.*

*Sobre um livro pousado no joelho,
De vez em vez traçava
Alguns versos, quiçá fiel espelho
Daquillo que a poleava.*

*E depois contemplava o mar distante,
Com tal melancolia,
Que uma gotta febril e radiante
Dos olhos lhe corria.*

*Novamente alguns versos escrevera,
E suspirou sentida.
Logo após, em voz alta e doce, lera
Pausadamente:*

“A VIDA”

*“A Vida é luz que não brilha,
“É fogo que arde sem chamma,
“É tormenta sem ribombos,
“Revolto mar que não brama.*

*“Para que, meu Deus, creaste
“Tanta flor, tanta belleza,
“Tão farto de maravilhas
“O seio da natureza?*

*“Si viver tão procelloso
“Déste, quasi sem bonança,
“Áquelles a quem honraste
“Com a tua semelhança?...*

*“A vida!... que é pois a vida
“Sem bafejos da ventura?
“Noite perenne sem astros,
“Fundo pego de amargura.*

A

*“Como é triste a existência
“A quem vê na flor dos annos
“Ideaes, crenças e sonhos
“Desfeitos em desenganos!...”*

*Calou-se e na destra seu mento pousara,
Qual flor que de leve no galho pendeu.
Nos olhos o pranto subtil marejara,
Nos lábios um nome querido morreu.*

*Mas essa tristeza liava à donzella
Uns tons graciosos de casto langor.
Tornava-lhe a fronte mais rósea, mais bella,
Os olhos mais ternos, o ar seductor.*

*E a tarde soberba d’encantos sorria,
Qual doce prenuncio de festa, de paz,
A brisa suave dizer parecia:
- O pranto da virgem em flor se desfaz.*

FACÓ, Anna. Poesias (Obra Posthuma). Livraria Humberto.
Fortaleza/CE, 1937. Páginas 9-12.

A MULHER

*Emancipam-se os escravos
E a mulher escrava jaz,
Sem que seja discutida
Sua escravidão mantida
Por quem della mui se apraz,
Qual não crendo que haver possa
Mulher livre e doce paz.*

*Diz-nos a Santa Escriptura
Que Deus do limo creara
O homem; e delle tirara
Uma costella e formara
A mulher, e os contemplou.
E viu que eram bons logo
Adão e Eva os chamou.*

Levou-os ao mui formoso
 Paraíso terreal,
 Só vestidos de inocência,
 Desconhecendo a sciencia
 Que distingue o bem do mal.
 “- Aqui vivereis” – lhes disse
 Com ternura paternal.
 E continuou com blandícia:
 “Amae-vos com effusão,
 Sêde bons, multiplicaee-vos,
 Sempre amigos. Respeitae-vos
 Mutuamente. Distincção
 Só busqueis em vossos feitos,
 Guiados pela razão.

Só tereis prazer e goso
 No vosso viver sem fim;
 Não tereis magoas nem dores,
 Não murcharão vossas flores
 Neste selecto jardim.
 Sêde sempre obedientes,
 Em tudo pensae em mim.

Tudo é vosso, salvo aquella
 Grande árvore do saber.
 Si lhe tocardes no fruto,
 Vereis transmudar-se em luto
 Vosso edenico viver.
 Morrereis e só na morte
 Finda o vosso padecer.”

Saiu Deus. Adão e Eva
 Dão-se os braços, lá se vão,
 Trocando ledos sorrisos,
 Percorrendo o paraíso,
 Ebrios de satisfação,
 Sentindo prazer immenso
 Encher-lhes o coração.
 Era interminável a ventura,

A

*Sem nuvens e sem pesar,
Passava o tempo. Não viam,
Tanto, tanto se queriam.
Tinham o mesmo pensar,
A mesma vontade em tudo.
Que feliz e bello par!*

*Um dia Adão se afastara.
Eva sozinha ficou.
Sentiu-se então attrahida
Pela arvore prohibida.
Para lá se encaminhou.
No tronco serpe enroscada
Deste modo lhe falou:*

*- Eis o fruto da sciencia,
Fonte de todo saber.
- Mas é o fruto prohibido.
- Para ser appetecido.
Deus sabe tudo fazer!
Queria ver si tentavam
O bem e o mal conhecer.*

*Si pela serpe tentada
Peccou Eva e distinguiu
O bem do mal, com bondade,
Deu provas de lealdade.
Como esposo dividiu
A sciencia, que preclara
De altos dons a revestiu.
Qual foi então seu desejo,
No praticar desta acção?
Foi tender para egualdade
E mostrar com amenidade
Que seu grande coração
Dava amor e amor pedia
Com egual dedicação.*

A

*Mas ai! Um dia disputam,
Trocam doestos. Venceu
O homem que era mais forte,
Silencio impoz à consorte,
Que de susto obedeceu.
E curvada a seu domínio
Desde ahí permaneceu.*

*Já vem, pois, dos primos tempos
Que tu, oh! homem, senhor
Pela força te tornaste.
A mulher escravizaste
A teu julgo sem pudor.
E que te deu ella em paga?
Ternos carinhos e amor.*

*Negas-lhe toda a sciencia,
E até seu próprio dever
Não lhe ensinas. Mas si um dia
Cede ingênuo, sem porfia,
Às seducções do teu ser,
No lamaçal da miséria
Sacudida vae gemer.
E por quem? Por ti, oh! homem,
De seus erros mero autor.
Não evitas as torpezas,
Como por entre as devesas
Vae ceifando o cegador,
Ceifas della a innocência
Sofrego sem pundonor.*

FACÓ, Anna. Poesias (Obra Posthuma). Livraria Humberto.
Fortaleza/CE, 1937. Páginas 80- 83.

Cunha em sua monografia de mestrado *Além do Amor e das Flores: Primeiras escritoras Cearenses*, descreve os temas mais recorrentes nas poesias de Anna Facó.

Outra publicação de Ana Facó é o livro *Poesias*, publicado em 1937. Os temas – marcadamente românticos que compõem essa seleta giram em torno do lar, da natureza (inverno, flores, nuvens),

lamentos, medo e assim por diante. Quanto a estes escritos, Angela Leal atesta que o texto em versos “Alnira”, que compõe a primeira parte das Poesias, foi encenado em quase todas as escolas cearenses, mesmo após a morte da autora. “Alnira é composto de três partes: o lar, o jardim, a mãe e a filha. O início é bastante descritivo do lar onde moram mãe e filha, pois o pai está morto”. O ponto central do pequeno romance é a descoberta do amor de Alnira: o sofrimento e depois a felicidade.

CUNHA, 2008, Página 207.

Anna Facó participou efetivamente do cenário literário e pedagógico no final do século XIX e início do século XX em Fortaleza. Publicando seus romances e suas poesias no *Jornal do Ceará*, assumindo a direção de escolas e implantando uma nova forma de lecionar para crianças, praticando uma metodologia inovadora com textos e didáticas voltadas para a educação infantil, valorizando o Ser enquanto criança.

Através da leitura de seus poemas podemos perceber marcas temporais de uma sociedade conservadora, patriarcal, cristã e apesar de pertencer a uma família abastada, Anna Facó buscou através de sua escrita questionar o papel da mulher nessa sociedade.

Sobre o acervo pessoal da escritora Anna Facó só foram encontrados dois exemplares raros de suas obras no Instituto Histórico de Fortaleza; *Minha palmatória: contos aos meus alunos*, obra póstuma (1938) no setor de restauração e *Poesias*: obra posthuma (1937) disponível para consulta local. Apesar de ter realizado contato com o sobrinho neto da poetisa, o Senhor Edmar Facó que reside no Rio de Janeiro, não foi possível localizar nenhum arquivo pessoal da escritora.

A conservação da memória da vida e obra da escritora são importantes porque registram a participação da mulher na sociedade enquanto escritora, teatrologa, poetisa e formadora intelectual, numa época marcada pelo machismo e o patriarcalismo. Nora destaca a importância da memória de uma minoria que sequer tem o poder de fala.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada, sobre focos

privilegiados, e enciumadamente guardados, nada mais faz do que levar a inscandescência a verdade de todos os lugares de memória.

NORA, 1993, Página 7.

Olga Barroso em seu estudo *Quem são elas* incluiu o nome de Anna Facó no rol das homenageadas.

ANA FACÓ

O nome de Ana Facó lança uma luz, com a mesma intensidade e amplitude, na história da sociedade cearense como professora, poetisa, romancista e contista.

Estamos pois diante de uma revelação de inteligência, vontade e sentimento de amor à causa do magistério e da literatura.

Cearense de Cascavel, nascida em 10 de abril de 1855, eram seus pais Francisco Baltasar Ferreira Facó e Maria Adelaide de Queiroz Facó. O casal teve dezesseis filhos: José Baltasar, Francisco Baltazar (cedo falecidos), José Baltasar, Francisco Baltasar, Gustavo, Maria Francisca, João, Raimundo, Catarina, José, Maria da Penha, Pedro, Baltasar, Antônio, Joaquim e Ana.

Fez os primeiros estudos com a professora Maria Carolina Pereira Ibiapina, em Cascavel, e o curso normal do Instituto de Educação Justiniano de Serpa, onde foi diplomada. Ana sintetizou na sua pessoa e na sua missão todas as características da professora, tornando-se uma das mais bem dotadas mestras do nosso Estado, cujo poder intelectual de educadora e compositora a colocava acima das demais colegas de sua geração.

Usava métodos de ensino modernos, além de ser prosadora, comediógrafa e desenhista. Escreveu seis livros publicados por seus irmãos como obra póstuma, sendo que dois romances, um, urbano, intitulado “Nuvens”, e um, rural “Rapto Jocos”, teriam sido publicados em folhetim no “Jornal do Ceará.”

Escreveu suas memórias em “Páginas Íntimas”, um verdadeiro resumo de sentimentos, e mais uma seleta de Contos e Hinos destinados às crianças, com o título de “Minha Palmatória.”

Para suas alunas escreveu “Comédias e Cançonetas” que logo foram adotadas em outras escolas primárias.

Ana percorria a estrada justa e certa, passando por todas as difíceis etapas do magistério tendo como aspecto essencial a fé na profissão. Assim é que, no Governador do General Clarindo de Queiroz,

foi nomeada Professora Auxiliar da Escola Normal. Tendo o General sido deposto, assumiu o Governo do Estado o Presidente Nogueira Acióly que, reconhecendo os méritos de Ana, a conservou na mesma Cadeira, dizendo que o Ensino Público não poderia perder a cooperação de tão competente professora, embora soubesse ser ela sua opositora política.

Acióly fez mais, como reconhecimento ao grande valor intelectual de Ana Facó nomeou-a Diretora do primeiro Grupo Escolar de Fortaleza, em junho de 1907.

Ana muito trabalhou pela educação de sua gente, como portadora da missão de transmitir, e foi muito dedicada aos membros da sua ilustre família, principalmente destacando os mais estudiosos.

A família de Ana Facó, assim como ela, teve o maior destaque na sociedade, sendo seus sobrinhos: Doutor Eurico Facó, apreciado poeta; Doutor José Baltasar Ferreira Facó Filho, advogado no Rio de Janeiro; Doutor João Frederico de Queiroz Facó, bacharel em Direito; Caio Facó, alto funcionário dos Telégrafos, e Doutor Boanerges de Queiroz Facó, magistrado e escritor. São, igualmente, seus sobrinhos: General Edgar Facó, figura de destaque do Exército Nacional; Américo Facó, poeta e jornalista; Coronel João Facó; Doutor Hesíodo de Queiroz Facó, professor e bem dotado poliglota, falando dezesseis línguas e dialetos.

Faleceu em 22 de junho de 1922 e teve o seu centenário comemorado pela Academia Cearense de Letras e pelo Instituto do Ceará. Nossa homenagem a uma mulher notável, de vida tão digna e tão exemplar.

Poesias

UM ESTRO

Ao talentoso primo Luiz Brasileiro de Araujo

*Sob o límpido azul do firmamento
Eu scismava embalando o pensamento,
Da luz no scintilar;
Algo porém de triste me sentia,
Que meu ser em langor estremecia
Já quasi a soluçar.*

A

*Que soffria? Não sei; a minha vida
E' a nota tristonha desprendida
Da lyra do soffrer;
Como a flor desbotada, sem carinhos,
De negror em negror váe sobre espinhos
Inditosa morrer.*

*Assim triste, ao ar livre me sentando,
Taciturna, e em tudo mal pensando,
Nem conhecia a dor,
Que o riso de meu lábios apagava,
Que o pranto de meus olhos arrancava
E me fazia horror.*

*Bem amargo já eu sentia o pranto,
Quando a nota suavissima de um canto
As ouças me feriu;
Enleada fiquei por um momento,
Mas ergui-me e vaguei a passo lento
E o canto proseguiu.*

*Prosequira tão doce como o aroma
Da baunilha à noitinha, quando assoma
Do luar o clarão;
Té sorri menos triste me sentindo...
Só attenta a ouvir o canto lindo
Estava eu então.*

*Donde vinha? De um estro rutilante
Como as flores, mimoso, inebriante
De belleza, de luz,
Tenro ainda, mais rico de esperança
E n'aurora risonha em que descansa
O seu ardor transluz.*

*Ateado num fogo de harmonia,
Com primor derramando a poesia
Bem alto subirá.
E o poeta de loiros coroado*

A

*Serás tu, a quem meu pequeno brado
De longe saudará.*

FACÓ, Anna. **Poesias (Obra Posthuma)**. Livraria Humberto.
Fortaleza/CE, 1937. Página 97 e 98.

PRECE

*Quero morrer, meu Deus, mas de repente,
Sem no leito soffrer agudas dores;
Esquecendo da vida os dissabores,
Dirá então minh'alma:—Finalmente!*

*Eu nasci sob estrella, decrescente,
De luz amortecida, sem fulgores;
E vivi enfezada como as flores
Que jamais desabrocham totalmente.*

*Quem nascesse e vivesse sem proveito
Do mundo, baixar logo deveria
Ao repouso final do térreo leito.*

*A sentença também me caberia
Se ouvisse minha prece, oh! Deus perfeito,
A teus pés prontamente eu estaria.*

FACÓ, Anna. **Poesias (Obra Posthuma)**. Livraria Humberto.
Fortaleza/CE, 1937. Página 114.

O SECULO XIX

*Meia noite. Aguardava povo em massa
Raiar o sec'lo vinte ver ufano,
Mas attonito recua; ao novo anno
O século dezenove ainda abraça.*

*“ – Um anno só me resta, veloz passa.
Roubar-m'o não queiraes tão deshumano!
- Diz o nobre e augusto veterano.
E nervoso nas cans a mão perpassa.*

A

“- Buscaes um recém-nado, achaes um velho
Que vos deu muita luz, vos fez potente,
]Mimando-vos co'amor sobre o joelho.

E quereis aboli-lo cruelmente?!
Que se mire o vindoiro nesse espelho!
Gratidão no vocábulo há somente.”

FACÓ, Anna. *Poesias (Obra Posthuma)*. Livraria Humberto.
Fortaleza/CE, 1937. Página 125.

MEUS CANTOS

*Meus cantos são tão saudosos
Como os gemidos chorosos
Da rabeca de um mendigo;
Como o sentido lamento,
Na hora do passamento
De um extremoso amigo.*

*Meus cantos são tão sombrios
Como o espelho dos rios,
Na hora do sol se pôr;
Como o rosto macerado,
Combatido pelo fado
Descorado pela dor.*

*Meus cantos são tão convulsos
Como os fervidos impulsos
De um peito apaixonado;
E como ao bater das portas,
De noite, nas horas mortas,
Treme o ser amedrontado.*

*São meus cantos delirantes
Como as falas incessantes
Do ninho na embriaguez;
Como da febre o delírio,
Como no grande martyrio
Vem e volta a pallidez.*

A

*São meus cantos extremossos
Como os affectos mimosos
Dos fagueiros passarinhos;
Como os sinceros desejos,
Como os afagos e beijos
Da mãe aos caros filhinhos.*

*São meus cantos enleados
Como a virgem aos agrados
Do ente que mais amar
São sem arte e poesia
Mas talvez... talvez um dia
Melhor eu possa cantar.*

FACÓ, Anna. *Poesias (Obra Posthuma)*. Livraria Humberto. Fortaleza/CE, 1937. Página 133 e 134.

Idéas Solutas

E' o viver uma batalha; são os mortaes os combatentes. Lucte o combatente com destreza e desassombro. Reluctancia contra a fraqueza; estoicismo contra o infortúnio. Domine constantemente a vontade; meça-se denodada com o destino. Cança o espírito? Lidem as mãos. Padece o corpo? Distraia-se o pensamento. Chora o coração? Riam os lábios. Desfaz-se uma illusão? Forge a imaginação nova chimera. Perícia em tudo: à borda de um abysmo – ponte de paciência; mas difficuldades de um Ascenso – azas de intrepidez. Desanimar jamais. Cahir em desalento é abreviar a vida.



Este mundo é mar e esta vida viagem, disse o padre Manoela Bernardes. Sim, este mundo é um mar de mysterios e esta vida é uma viagem começada no berço e terminada no tumulo. O moral é o viajor, o destino o barco, a esperança o pharol e a prosperidade a mira. Para um o mar é límpido, salutifero e bonançoso; para outros é enturvado, tormentoso e nauseativo. Não rezem estes a paulina à sorte.

Passa um navegante. Seu baixela auri-roscos desliza em mar sereno e crystallino. E' um viajor opulento e vanglorioso. Espezinha a lei, posterga a justiça e deturpa a verdade. E' por todos saudado com affecto. Navega denodado e altaneiro. Se vê um obstáculo, desvia-se com cautela; se encontra um thesouro, empolga-o em silencio, dizendo comsigo:—Quem bens ajunta, grande se faz. E' festejado

A

e applaudido. A flor dá-lhe perfumes, e o jardineiro sente-se orgulhoso ao vel-o colher um de suas rosas.

E' um filho da fortuna.



Vae alli, em mar fluctuoso, um barquinho frágil. Seu passageiro é lhano: integro nas palavras como nas acções; é independente e consciencioso. Com o próprio suor ganha o pão de sua manença. Não transgride a lei e respeita os bens de outrem.

E' prudente sem fraqueza, e generoso sem alarde. Ensurdece às instigações da cúbica, da philaucia, da incensação e da hypocrisia que lhe dizem:—Probidade é insensatez. Queres passar a um mar prospero, toma-nos por guia. Responde-lhes com olhar de altivo desprezo e continua singrando em mar procelloso.

E' um enteado da sorte.



E' nímia adiversidade dos lenhos que pullulam na tona desta grande esphera. Tem cada um sua configuração, como tem cada viajor sua phsionomia. Há grandes e pequenos, sumptuosos e miserandos, dominantes e dominados, oppressores e opprimidos. Aqui luzes, alli trevas; aqui flores, alli espinhos; aqui um bravo de contentamento, alli uma imprecação de dor; aqui o laurel de um ditoso, alli o supplicio de um martyr. Que de contrastes incompreensíveis! Teve, porém, Deus compaixão do desgraçado; para que este podesse suportar a desventura deu-lhe: para abscondel-a – a dissimulação, para mitigal-a – a esperança e para esquecel-a por momentos – a phantasia.



A dissimulação tem alguma analogia com a mendacidade, mas não há entre ellas synonymia. A mendacidade é vicio; a dissimulação é tactica. A mendacidade é de ordinari contemptível, a dissimulação é por vezes necessária: esta occulta a verdade por circumspecção; aquella a deforma quase sempre por nequicia. Quantas vezes não é a mendacidade um artificio favoneando um mal? Quantas vezes, porém, não é a dissimulação um sorriso capenado uma lagrima, ou um véo, sob o qual se furtam a olhos indiscretos sentimentos sinceros e grandes? Se dissimular é mentir, nem sempre quem mente é mau.



A

A esperança nasceu de um sorriso liberal da Providencia, e veste-se de esmeraldas; a phantasia gerou-se da actividade impetuosa da imaginação, e adorna-se com as deslumbrantes cores do Iris. A esperança é um bem, a phantasia uma força. A esperança tem por symbolo uma ancora; a phantasia tem por insignia um sceptro. A esperança estende as mãos ao infeliz – é um balsamo; a phantasia toma nos braços o poeta – é um sonho. A esperança tranquillisa; a phantasia enthsiasma. Tem pés a esperança; tem azas a phantasia. Não se enerva quem marcha ao lado da esperança; corrobora-se quem segue o vôo da phantasia. Há comtudo muita paridade entre ellas: – é que ambas illudem sem mortificar.

ANNA FACÓ.

NOGUEIRA, Joaquim da Costa. **Ceará Intellectual (Extracto do “Anno Escolar”)**. Typographia Escolar. Fortaleza – Ceará. 1910–Páginas: 31,32,33.

ANA FACÓ

Romancista cearense por Geraldina Amaral

A leitura mais despretençiosa do que nos deixou Ana Facó pode revelar a elegância incomum com que escreveu a sai língua, coisa notável numa mulher cuja luta pela vida parecia não lhe dar tempo para esses aperfeiçoamentos. Essa qualidade, aliás, foi reconhecida, a despeito de tudo, no tempo em que viveu. Não precisou esperar pela posteridade afim de que se percebesse os seus méritos. O professor José de Barcelos, autoridade em português ao seu tempo, não deixava passar nenhuma ocasião para proclamar a superioridade de Ana Facó naquela matéria. Não lhe poupava elogios, e com êle muitos dos intelectuais da época tinham a certeza de que havia, naquela inteligência, uma grande intimidade com a língua materna. Todos os seus trabalhos literários, porém não estiveram nunca à altura dos seus conhecimentos; quero dizer, o ambiente em que viveu e o seu temperamento retraído não permitiram que ela se expandisse e deixasse aos pósteros mais belezas e mais espiritualidades, uma visão maior de sua cultura, uma mensagem mais ampla que dissesse do seu espírito aquilo que nele se continha, sem restrições nem temores.

Em todas as suas criações percebemos que existe um elemento fidente funcionando como uma constante, e que as comunica entre si caracterizando-as, num transbordamento visível de insatisfação, de insufiência, mas de insatisfação e insufiência que trazem à luz uma alma superior, incapaz de vingança, mas que ri sempre e sempre. Sua ironia espalha-se delicadamente por entre as salas, pelo sertão,

pelas famílias sertanejas e citadinas, ora num episódio, ora numa palavra ou acontecimento. E esse lado humorístico da sua obra intensifica-se em “Rapto Jocos”, romance que, na literatura cearense, parece construir o único exemplo que obedece a um pensamento inteiramente afastado dessa angústia, desse ambiente de tragédia que sentimos existir em toda criação dos nossos romancistas. O romantismo de Ana Facó, em transição, já procurando fixar as nossas coisas, o nosso ambiente, não refletiu o aspecto soturno da literatura da sêca, visceralmente nossa, e que tem traduzido de maneira insistente e cada vez mais esclarecedora as emoções, os sentimentos e a desigualdade da luta entre o homem e o meio. Os seus ambientes foram calmos e quase felizes, quando era mais comum serem requeimados pela ardência da luta e da dor que avassalam o cearense, preso às suas influências cósmicas da terra e à sua eterna condição de homem em posição de combate. Ao tempo em que Ana Facó se dedicava aos seus trabalhos literários, fins do século XIX e princípios do século XX, a escola romântica ainda possuía os seus adeptos rigorosos no Brasil, principalmente entre as mulheres cearenses, mais tímidas e conseqüentemente mais românticas. E no entanto, na velha Europa, o naturalismo já aparecia como antiquado e estava Dora de cogitações. No Brasil, todavia, o movimento romântico continuava ainda, se bem que em decadência, em pura dissolução. Chegava o inevitável esgotamento de energias e a reação se pronunciava, vitoriosa com alguns e em desenvolvimento com outros.

Ana Facó, por motivos diversos, os mais importantes a meu ver o seu retraimento social e suas leituras, escreveu dentro dos velhos moldes, observando uma técnica comedida e filiou-se instintivamente ao romantismo. Seu romantismo como já disse, estava em transição, marchava para o naturalismo e não se confinava aos elementos sentimentais que constituíam as bases românticas.

No romance, então, essa tendência naturalista é bastante acentuada. Vemos em “Rapto Jocos”, que ela diz ser um romance popular histórico, o que esclarece muito a sua inclinação para o real, o palpitar do coração sertanejo, a exuberância da vida dos homens do campo, a graça da sua ignorância e a espontaneidade da sua vida sem artifícios nem convenções. Ali sentimos a alma rude do sertão, tal qual se apresenta na realidade, calma, mansa, vigorosa e lógica. É fácil constatar a autenticidade das personagens do outro romance, “Nuvens”, que é um retrato perfeito duma época, duma maneira de viver, duma sociedade. A bonomia saudável das tias duma

A

personagem, as predileções delas, os momentos de desinteligência, os faniquitos e manias; a preta velha, dedicada e fiel, as brincadeiras dos meninos e rapazes na rua no tempo dos fogos, tudo no romance trai o real, a vida, a verdade.

Aos seus dois romances, deu Ana Facó um aspecto cuidado, principalmente no que se refere à forma, à linguagem; e não esqueceu ela que a fabulação também deve preocupar a artista. Não se impressionou apenas com a plástica, burilando a palavra, mas com a concepção, com o processo mental que daria corpo e alma às personagens, saliência e cor aos fatos e coisas.

Fonte: Jornal Âncora – Cajazeiras (Messejana, Ceará), 29 de janeiro de 1952–CAPA.

18 - ANNA LETICIA DA FROTA PESSOA (1877-)



Anna Letícia da Frota Pessoa nasceu no dia 25 de dezembro de 1877 em Sobral, filha de Emiliano Frederico de Andrade Pessoa e de Maria Adelaide Frota Pessoa. Seu pai o Sr. Emiliano exerceu o magistério por muitos anos em Fortaleza e faleceu no Rio de Janeiro em 11 de dezembro de 1910.

Anna Frota ainda jovem foi morar no Rio de Janeiro, lá fez o curso normal e se formou em 1904, logo que se formou começou a lecionar como professora substituta interina das aulas de Português e Literatura do curso diurno da Escola Normal no Rio de Janeiro. Dedicou-se durante muitos anos ao magistério e se aposentou no ano de 1927.

Em 1906 casou-se com o senhor Pedro Lourenço Gomes e passou a assinar Anna Letícia da Frota Pessoa Lourenço Gomes. O casal teve sete filhos, Gláucia Lourenço Gomes, Maria Lourenço Gomes, Claudio Lourenço Gomes, Frederico Lourenço Gomes, Alcides Lourenço Gomes, Emiliano Lourenço Gomes, Letícia Lourenço Gomes. Letícia casou-se com Haroldo de Figueiredo e passou a assinar Letícia de Figueiredo, foi cantora e musicista reconhecida internacionalmente.

Foi professora e diretora de escola.

19 ANNA MARGARIDA DA FROTA



Anna Margarida da Frota nasceu em Sobral, filha caçula de Antônio Januário Gomes da Frota e Raimunda Neves da Frota. Estudou na Escola Normal e logo ao se diplomar começou a exercer o magistério. Em 1907 o *Jornal do Ceará* trazia uma publicação com o anúncio do Collegio Frota o qual Anna Frota era diretora.

Adalzira
Bittencourt
destaca o nome

de Anna Margarida da Frota, em seu *Dicionário Bio-Bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil. 2º Volume*.

ANA MARGARIDA DA FROTA
– Nasceu em Sobral, Estado do Ceará, filha de Antônio Januário Gomes da Frota e de d. Raimunda Neves da Frota. Diplomada pela Escola Normal do Ceará, exerceu o magistério durante vários anos, estando presentemente aposentada. Amando o ensino e as crianças, não quis gozar dessa aposentadoria senão voltando à cátedra do ensino particular. Escreve na imprensa cearense.

Bibliografia: “Leituras Morais e Cívicas”, para o 4º. Ano primário; “Livros de Minha Sobrinha”, leitura para o 2º ano; “Dramatizações” (para ser teatralizado em escolas).

BITTENCOURT, 1970, Página 296, 297.

Collegio Frota

Com este nome acaba de ser fundado n'esta Capital, á rua Formosa n. 149 um novo estabelecimento de ensino destinado á educação de meninos e meninas.

Accitam se alumnos externos e semi internos, assim como matricula para uma só, duas ou mais materias, segundo a vontade dos alumnos.

No Collegio Frota, onde o ensino será dividido em 3 cursos: primario, médio e secundario, ensina-se Portuguez, Arithmetica Geographia, Historia, Francez, e Ingles etc, sendo Lentes de nosso estabelecimento, mestres de reconhecida competência.

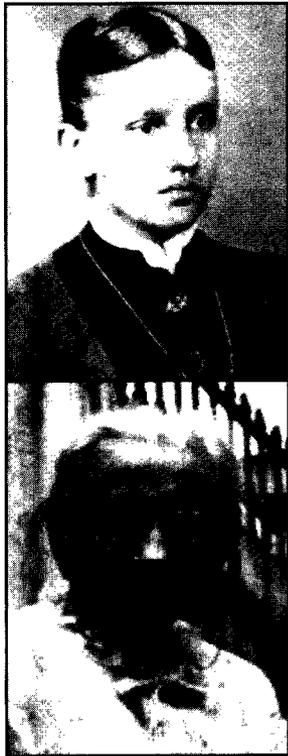
A Directora

Anna Margarida da Frota

14-1-1907

Fonte: *Jornal do Ceará*,
16/01/1907 – Página 2.

 20 - ANNA NOGUEIRA BAPTISTA (1870-1967)



Anna Nogueira Baptista, poetisa e professora, nascida no Icó no final do século XIX, inspiração para a vida e principalmente para produção desse dicionário. Anna Nogueira foi a primeira escritora cearense por quem me debrucei por anos e anos a fim de desvendar a sua vida e os seus versos, pois haviam várias informações divergentes sobre a sua vida e sobre a sua obra e que só foram possíveis de serem esclarecidas com a ajuda de seus descendentes, dentre eles o seu neto Geraldo Nogueira Baptista e sua esposa Ana Maria Lopes a quem agradeço imensamente.

No final do século XIX a participação feminina não ficou restrita as tarefas do lar, muitas vozes foram ouvidas na imprensa e nas artes, dentre elas destacamos Anna Nogueira Baptista, poetisa com contribuição na imprensa local e nacional da época, integrante de movimentos literários e culturais. Anna Nogueira nos deixou um livro com um registro de suas poesias escritas na infância e na velhice, marcando-nos com suas impressões, um período de sua vida e de sua memória, uma grande contribuição para a história da nossa literatura.

A cidade de Icó foi a terceira vila instalada no Ceará, logo após de Aquiraz e Fortaleza e em 1842 obteve a categoria de cidade. Devido a sua importância econômica, Icó foi uma das cidades que tiveram projetos urbanísticos planejados na corte, Lisboa. É nesse cenário em Icó, que no dia 22 de outubro de 1870, nasce Anna Nogueira, filha de João Nogueira Rabello e Thereza de Albuquerque Mello Nogueira Rabello. Anna Nogueira foi a caçula de nove filhos. Com apenas quarenta anos Thereza veio a falecer de parto, em 1872 deixando a sua filha caçula com apenas dois anos de idade. Anna Nogueira passa então a ser criada pela escrava Mãe Maria. Passado alguns anos seu pai casa-se com Joaquina Rabello, com quem não teve filhos. Ainda

bem pequena, ela presenciou as terríveis cenas da seca de 1877. E aos dez anos de idade tomou parte nos festejos comemorativos da campanha recitando versos de sua autoria, num espetáculo teatral promovido em homenagem a uma comissão de libertadores vinda de Fortaleza.

*Salve oh loira liberdade!
Filha do céu e da luz
Tu és a arca bendita
Da santa lei de Jesus.
És do céu a mensageira.*

*Qual outrora Gabriel
Anunciando ao proscrito
O fim da treva cruel.*

Os dias de alegria e brincadeiras de Anna foram interrompidos no dia seis de dezembro de 1883, quando o seu pai, João Nogueira Rabello veio a falecer aos cinquenta e nove anos de idade. Para tristeza de Anna Nogueira, em 21 de janeiro de 1894, Affonso Nogueira Rabello seu irmão também morre na Amazônia.

Em Fortaleza Anna Nogueira frequenta as rodas literárias e colabora com várias publicações locais dentre elas: O Libertador, Constituição, Republica, O Pão, O Domingo, O Repórter, a Evolução de Fortaleza e também com as revistas: A Quinzena e Almanaque do Ceará.

Na Revista *A Quinzena* publicada em 16 de abril de 1888, Nº 6, Anno II podemos ler o poema de Ana Nogueira Batista, intitulado "Teu Olhar". A Quinzena foi uma publicação literária do Clube Literário, que circulou entre 1887 e 1888 no Ceará. O periódico foi elaborado por um grupo de intelectuais e escritores, dentre eles Oliveira Paiva, Juvenal Galeno, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales e Francisca Clotilde.

TEU OLHAR

*Ao divino fulgor das alvoradas,
A's estrellas inquietas luminosas,
Ao puro lyrio as delicadas rozas,
A frescura das relvas perfumadas.*

*A's borboletas meigas e doiradas,
Volitantes, alegres, caprichosas,*

A

*Aos solfejos das aves maviosas,
Da casta pomba as azas prateadas.*

*Ao céu, azul sereno e radiante,
Ao claro sol de maio fulgurante,
A' branca luz Virginea do luar.*

*A' tudo isto que o universo adora,
As rosas, lyrios, aves e aurora,
Prefiro a doce luz do teu olhar.*

Anna Nogueira

Fonte: A Quinzena, 16 de abril de 1888, N° 6, Anno II.

O Jornal *A Evolução* de 8 de novembro de 1888 na página 4 publicou uma poesia de Anna Nogueira com o título *Homenagem* oferecendo a escritora Francisca Clotilde, no poema podemos perceber a admiração e a amizade entre as escritoras.

HOMENAGEM

A' F.CLOTILDE

*Antes de lhe enviar, minha Senhora
As minhas saudações por este dia
Deixe me dizer-lhe quão feliz seria
Si pudesse lhe ver, falar-lhe agora.*

*E por isto lembrei-me de que outr'ora
Contaram me uma historia muito pia
D'uma fada bondosa que fazia
Mil prodigios, mil graças n'uma hora.*

*E pensei que si hoje, neste instante
Achasse a bôa fada-em, supplicante
Lhe pedira por dom d'alto valor*

*Que me dêsse o transpôr a immensidade
Que nos separa e adoce felicidade
De a seus pés homenagens ir depôr.*

19-10-88

ANNA NOGUEIRA

Fonte: Jornal *A Evolução* – Fortaleza, 8 de novembro de 1888 – Página 4.

Em 1892 Anna Nogueira oferece a Adilia Albuquerque o poema *Ao Amanhecer* no Jornal A Republica de 3 de agosto na primeira página. Anos depois o seu poema seria musicado por Alberto Nepomuceno.

AO AMANHECER

A ADILIA DE ALBUQUERQUE

Cantai, cantai, alegres passarinhos!
Abri as azas pelo espaço a lora;
deixai os vossos ninhos,
que já brilha no céu a luz da aurora.

Já não tarda surgir o sol radioso
que vem vivificar com seus ardores
e encher de luz e goso
a natureza e as orvalhadas flores.

Ouve-se ha muito a musica dos gallos,
dos bons e festivos madrugadores
qu' ao labor dos trabalhos
estão chamando os rudes lavradores.

Cantai, alegres aves matutinas!
Cantai lozores á brilhante aurora,
e as formosas campinas
enchei de vossa musica sonora.

Amanheceu de todo. Oh! minha musa,
Solta o vôo tambem por estas ares
e despe de reclusa
o frio manto cheio de pesares.

Vamos cantar! As sombras da tristeza
foram-se em frente ao matinal clardo;
e, como a natureza,
festivo me palpita o coração.

Ceará - 1892

ANNA NOGUEIRA

AO AMANHECER

A Adilia de Albuquerque

*Cantai, cantai alegres passarinhos!
Abri as azas pelo espaço a fôra;
Deixai os vossos ninhos
Que já brilha no céu a luz da aurora.*

*Já não tarda surgir o sol radioso
Que vem vivificar com seus ardores
E encher de luz e goso
A natureza e as orvalhadas flores.*

A

*Ouve-se há muito a musica dos gallos,
Dos bons e festivaes madrugadores
Qu'ao labor dos trabalhos
Estão chamando os rudes lavradores.*

*Cantai, alegres aves matutinas,
Cantai louvores à brilhante aurora,
E as formosas campinas
Enchei de vossa música sonora.*

*Amanheceu de todo. Oh! Minha musa,
Solta o vôo também por esses ares,
E despe de reclusa
O frio manto cheio de pesares.*

*Vamos cantar! As sombras da tristeza
Foram-se em frente ao matinal clarão
E como a natureza
Festivo me palpita o coração!*

Ceará—1892

Fonte: Jornal A República, 3 de agosto de 1892, Página 1.

Nesse período Anna Nogueira conhece os fundadores do movimento literário “A Padaria Espiritual” e se apaixona por Manoel Sabino Baptista, o Satyro Alegrete, escritor e poeta. Talvez tenha sido no final de 1895 ou no começo de 1896 quando os jovens se conheceram, mas foi em 1896 que ocorreu o noivado e o casamento.

Em 30 de setembro de 1896, Anna publica pela primeira vez no jornal *O Pão* na Edição No. 34, do ano III, na página 6, um poema intitulado “No Templo”.

NO TEMPLO

*Nesta suave hora de sol posto
Nossa Senhora, a bôa Mãe Clemente,
Sorri p'ra nós do throno seu fulgente
Cheia de amor e de ineffavel gosto.*

*Ella, consolação, arrimo, encosto
Dos que na vida lutam tristemente,*

A

*Abre o seu coração bondosamente
E carinhosa inclina o meigo rosto.*

*Recebe as orações dos desgraçados.
As mansas preces dos afortunados,
De onde resumam doces contrições...*

*Ouve as sentidas queixas piedosas
Das ternas mães e noivas amorosas
Que põem nella os frágeis corações...*

- 1896 -

ANNA NOGUEIRA

Fonte: O Pão, Edição No. 34, do ano III, Página 6.

O casamento de Anna Nogueira aconteceu no dia 22 de outubro de 1896, no mesmo dia do aniversário de Anna Nogueira. Anna e Sabino casaram-se na matriz do Icó, abençoados pelo vigário da paróquia, velho amigo da família.

No Jornal "O Pão" de 31 de outubro de 1896, na edição de número 36, Anno III, página 8, Anna Nogueira publica o poema com o título "Vita Nuova" e assina como Anna Nogueira Baptista. Essa foi a última edição do jornal "O Pão". Mesmo com o fim do jornal "O Pão", Anna Nogueira continua a escrever e publicar as suas poesias nos jornais da cidade. A poetisa foi a única mulher a publicar suas poesias no periódico *O Pão* e a participar das fornadas.

VITA NUOVA

*Eis-me longe da cidade
Estou no campo, afinal
De lá só trouxe saudade
Das flores de meu quintal*

*Há muito já que eu queria
Fugir de lá, e a Natura
Vir confiar a sombria
Tristeza que me tortura.*

*Trago a minh'alma doente,
Cheia de fel e tristeza,*

A

*A gemer dolentemente
Como geme uma ave presa.*

*Venho esquecer meus pesares,
As minhas profundas mágoas:
- Espalhá-los nestes ares,
- diluí-las nestas águas.
Venho atrás de medicina
Aos males do coração...
Talvez a luz matutina
Possa curar-me a aflição.*

*Venho gozar das sadias
Emanações das manhãs,
Saturar-me destas sãs
Campesinas alegrias.*

*Venho procurar descanso
Á sombra dos arvoredos,
Surpreender os segredos
Da brisa ao passar de manso.*

*Ouvir o doce lamento
Feito de queixas, de ais,
Que geme saudoso o vento
nos verdes carnaubais.*

*Rever enfim os lugares
Onde vivi noutros anos;
- o coração sem pesares,
- a alma sem desenganos...*

*Vida nova! Eu quero agora
Fazer canções maviosas!
Há de inspirar m'as a autora,
Ou as estrelas raiosas....*

Fonte: O Pão, 31 de outubro de 1896,
edição de número 36, Anno III, página 8.

O primeiro filho do casal nasceu em 26 de julho de 1897 e foi batizado com o nome de Luiz Nogueira Baptista. Quase um ano depois do nascimento do primogênito, nasce Olavo Nogueira Baptista, em 29 de julho de 1898. Após ter publicado o último jornal “O Pão” em 1896, a Padaria ainda permaneceu com suas fornadas até o ano de 1898, de acordo com a última ata assinada por Rodolpho Teóphilo em 20 de dezembro de 1898.

No princípio do ano de 1899, realizou-se em Fortaleza um concurso, organizado pelo jornal “A República”, propondo a versão em português de um soneto de François Copée, conhecido e apreciado poeta francês. Anna concorreu e teve sua versão premiada por unanimidade dos votos da comissão organizadora, no dia primeiro de fevereiro daquele ano. O jornal noticia o fato, no dia 21 de fevereiro de 1899. E o seu poema “Ao Amanhecer” foi musicado pelo compositor Alberto Nepomuceno. Nessa época Anna Nogueira não escrevia apenas para os jornais de Fortaleza mas também para várias cidades como: *Pacotilha* do Maranhão, a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, *A Província do Pará*, de Belém e o *Rio Negro* de Manaus.

Naquele mesmo ano o casal decidiu mudar-se para o Pará. Em abril Sabino segue viagem sozinho para estabelecer-se e em seguida buscar Anna Nogueira e os seus filhos. No dia 28 de julho de 1899 Sabino desembarca em Fortaleza. Um dia o casal veio a cidade e na volta enquanto esperavam o bonde, Sabino sentiu-se mal, ao chamarem um médico o diagnóstico foi dado. Sabino tinha sido acometido pela varíola, como o período de incubação dessa doença é de aproximadamente doze dias, é provável que Sabino tenha contraído o vírus durante a viagem. No dia 16 de agosto de 1899, Sabino não mais resistiu, sendo levado pela morte.

Anna Nogueira Baptista, grávida, com os dois filhos pequenos, sem casa e sem dinheiro, contou com o apoio dos amigos queridos que lhe ajudaram materialmente e com o conforto da lealdade. E no dia primeiro de janeiro de 1900, Anna deu a luz a uma menina que a chamou carinhosamente de Maria Thereza Nogueira Baptista. Passados os primeiros meses de nascimento da filha, Anna começou a lecionar num colégio de Fortaleza. Após um ano da morte do marido, Anna sofreria um novo golpe, mais uma vez a morte se aproxima e leva um ente muito querido. A sua filha querida Maria Thereza, com apenas 10 meses, repentinamente, adoeceu e morreu. Mais uma vez Anna se vê envolta em profunda tristeza. Sua irmã Thereza que já alguns anos residia em Recife com o marido, a convida para morar com ela. E assim no final daquele ano de 1900, dois meses após a morte da filha, Anna embarca

para Recife acompanhada dos dois filhos e de Ana Clara, que a ajudava com os cuidados da casa e das crianças desde a partida de Sabino.

Em Recife, Anna Nogueira lecionou em escolas particulares e estudou à noite na Escola Propagadora da Instrução, diplomando-se Professora em 1903. Em 1902, fundou com outras escritoras do Recife a revista *O Lyrio*, dentre elas: Amélia Beviláqua e Úrsula Garcia. A escritora colaborou até o último número da revista, em novembro de 1903. Anna ingressou no magistério público em 1912, aposentando-se em 1929.

Em 1964, quando completava noventa e quatro anos, os seus netos se reuniram para publicarem a sua produção poética em um livro, que foi intitulado *Versos*, sendo editado pela Edigraf no Rio de Janeiro. O livro reuniu as suas poesias da juventude e da velhice, realizando um sonho que datava da época do seu casamento. Nos anos seguintes Anna adoeceu e no dia 22 de maio de 1967, com noventa e seis anos veio a falecer.

AO LUAR

*Eu não sei que tristeza indefinida
traz-me um luar assim... Ave erradia,
em um misto de dor e de alegria,
vôa minh'alma em busca d'outra vida...*

*Parece que há no peito uma ferida
que sangra sem doer...e fria, fria
uma vaga e profunda nostalgia
vem me tocar a fibra mais dorida!*

*Não se define o que a minh'alma invade:
- Um sentimento estranho de saudade
que se exp'rimenta, mas se não traduz...*

*Saudade que embriaga, como vinho,
e que tem a doçura dum carinho
e a transparência desta branca luz!*

Ceará

Fonte: BAPTISTA, Anna Nogueira. *Versos*.
Rio de Janeiro/RJ, 1964. Página 13.

RETROSPECTO

A meu marido

*Eis-me a reler os versos maviolos
que te inspirei naquela apaixonada
fase de amor, serena, imaculada
plena de sonhos, de ilusões, de gozos.*

*Releio-os um a um e mais formosos
acho-os agora; na alma enamorada
revive tôda a quadra iluminada
pelos clarões dos dias venturosos.*

*Releio tudo... e como por encanto
ante os meus olhos úmidos de pranto
vae-se animando todo meu passado...*

*E sinto ainda palpitar o seio,
e encontro o nosso amor o nosso enleio
em cada estrofe, em cada verso amado.*

1898

Fonte: BAPTISTA, Anna Nogueira.
Versos. Rio de Janeiro/RJ, 1964. Página 49.

O PASSADO

*Vai-se passando para mim a vida...
Ah! como longe estão os roseos dias!
Cheios de luz e cheios de harmonias
Da minha bela infância estremecida.*

*Como está longe a doce fê querida
Que tinha então! A tantas alegrias
Sucederam-se dúvidas sombrias
Que me torturam a alma entristecida.*

*Os meus sonhos... perdi-os nos caminhos
Rudes da vida, e o coração agora
Tem a tristeza dos desertos ninhos.*

A

*Tenho vontade de parar.. A aurora
Já não reluz, e nem os passarinhos
Modulam cantos que eu ouvi outr'ora!*

Recife, novembro 1902

BAPTISTA, Anna Nogueira. Versos.
Rio de Janeiro/RJ, 1964. Página 58.

MATER DOLOROSA

*Vejo-te, aqui no transe angustiado
Em que, oh! Santa Mãe, tu mais sofreste.
Que copiosas lagrimas verteste
Sôbre êste corpo frio, inanimado!...*

*Bem caro te custou nosso pecado!
Que infinita amargura padeceste,
Quando em teus braços, morto, recebeste
O teu doce Cordeiro Imaculado!*

*Mas, entretanto, oh! Mater Dolorosa,
A humanidade—sempre criminosa,
Entregue ao vício, entregue à perdição.*

*Não te compensa o sacrifício ingente,
nem vê que tu, por nosso amor sômente,
Tens sete espadas sobre o coração!*

1897

BAPTISTA, Anna Nogueira. Versos.
Rio de Janeiro/RJ, 1964. Página 43.

 21 - ANAHID PAULA PESSOA DE ANDRADE (1899-1983)



Anahid Paula Pessoa de Andrade, nasceu em Sobral no dia 26 de julho de 1899, filha do Dr. Joaquim Miranda de Paula Pessoa e Vitalina Parente de Paula Pessoa.

Estudou em Sobral, no Externato Nossa Senhora da Assunção e em Fortaleza, no Colégio da Imaculada Conceição. Anahid casou-se em 08 de setembro de 1917 com seu primo José Leôncio Gomes de Andrade. São seus filhos: Joaquim Miranda Pessoa de Andrade; José Leôncio Pessoa de Andrade;

Fernando Paula Pessoa de Andrade; Maria Judith Pessoa de Andrade; Maria Dolores Pessoa de Andrade e Francisco Paula Pessoa de Andrade.

Anahid Andrade publicou diversas crônicas e poesias no jornal *Correio da Semana* de Sobral, o seu romance *Terra de Contraste* foi lançado ao público pelo Secretário de Cultura, Dr. Raimundo Girão, em noite de autógrafos na Casa de Juvenal Galeno. A escritora publicou também a obra memorialística *Sobral de Ontem e de Hoje*.

Anahid faleceu em 25 de maio de 1983.

O jornalista Sílvio Carlos do jornal *Diário do Nordeste*, escreveu em sua coluna no dia 26 de setembro de 2009 sobre a bravura de Anahid.

“Pessoa de muita fibra

Anahid Paula Pessoa de Andrade era filha de Joaquim Miranda Paula Pessoa e Vitalina Gomes Parente de Paula Pessoa, descendentes do senador Paula Pessoa, fundador de dinastia política no século XIX que mandou no Ceará e que ainda hoje tem representantes na vida pública, como o deputado Tomaz Figueiredo Filho e a senadora Patrícia Saboya. Anahid Paula Pessoa de Andrade foi mulher de muita fibra. E não apenas como realizadora, fundadora que foi da creche Lúcia Sabóia e da Maternidade Manoel Marinho, como também escritora da terra, tendo a Princesa do Norte como cenário de seu romance. Deixou a marca de mulher destemida, capaz de sustentar seus atos e suas opiniões até com o argumento do revólver, quando era necessário.

De revólver e terço

Foi o que ocorreu na defesa de sítio S. Felipe na Serra do Rosário, em Sobral, contra o MST da época. Conta a filha, Dolores Feitosa: “Foi muito tumultuada aquela ação-invasão, expulsão, polícia, justiça e até desforço, inclusive com morte. Anahid defendia bravamente os seus direitos e, enquanto portava um revólver, levava um terço que rezava nas tréguas. A questão foi ganha na justiça”.

Defesa do que era seu

Anahid portava-se como leoa defendendo filhos e propriedade. Logo depois da Segunda Guerra, quando da prisão (incomunicável) de Joaquim Miranda de Andrade por sua filiação comunista, moveu céus e terras no Rio, para onde se dirigiu, com a finalidade inicial de localizá-lo e saber em que prisão se encontrava, e depois de o libertar. Mostrou capacidade de liderança, reunindo mulheres de oficiais, vítimas de idêntica violência e dizendo a um eminente cearense que ocupava alto posto no Ministério do Exército, em alto e bom som: “Vocês enlameiam a bandeira nacional que juraram defender”.

O filho foi solto, depois de um ano de prisão e Anahid de constante vigilância dos agentes da Dops no Rio o que a levaram a comentar a confusão que levava à mente dos agentes de polícia que foram encarregá-los de seguir a “perigosa comunista” que pela manhã ia à missa, quando comungava, e durante o dia aliciava mulheres dos oficiais, na luta pela liberdade dos presos. O outro filho, José Leôncio, também foi acusado de comunista e denunciado pelo Dops no Rio em inquérito sobre a matéria que tinha como figura central Graciliano Ramos.

Comunas sobralenses

Era menino quando vi, da janela do sobrado do Bispo (hoje Museu Dom José), na então Rua Senador Paula, os cotovelos escorados em toalha de mesa amarela em que ruborizava uma rosa, a volta da Itália de ilustre sobralense, Joaquim Miranda Paula Pessoa de Andrade, herói da FEB. O outro irmão, José Leôncio Pessoa de Andrade, que também fora combater na Itália, ficara nos EUA, colocando prótese na perna, alvo de bombas alemãs, por conta de seu destemor.

Ali também recebeu medalha de campanha, guerra e sangue. Ambos eram acusados de comunistas no Rio pelo governo federal e, em Sobral, pelo padre Sabino Loyola.

Depois meu pai me levou até a casa do pai, José Leôncio, que recebia, em festa, um dos herdeiros. Era o boníssimo Joaquim Miranda Paula Pessoa de Andrade, a quem a gente, na banca de jornais do Alaor, entregue ao Almeida, no antigo Abrigo Central, do Rio, que freqüentava, ironizava pela condição de grande proprietário (por herança) e defensor da reforma agrária (por convicção).

Miranda costumava lembrar das perseguições que sofreu por conta de suas idéias com humor.

Não temo

Não receio a inveja dos outros. Quando era moço, suscitava tanta inveja em terceiros que até deles recebia cartas anônimas, repletas de acusações, insultos.”

Anahid participou da Liga Feminina Sobralense conforme noticiou o jornal O debate do dia 10 de fevereiro de 1912, em sua segunda Página.



TERRA DE CONTRASTES

*Abominante homem de letras Dr. Raimundo
Girão com estima e admiração*

Anahid de 1969

Anahid Andrade



CAPÍTULO I

FIM DE VERÃO

Um véu de cinza cobre o céu, a terra e a alma dos homens.

As árvores despidas de fôlhas são balançadas pelo vento forte e mormacento, semelhando-se a espéctros dançantes. O chão cobre-se de detritos de folhas sêcas e gravetos. O capim já foi consumido pelo gado, o qual como faquir indiano se mantém em pé, lambendo as fôlhas sêcas, bebendo a água salobra e comento a parca ração de rama de juazeiro ou mandacará que os homens lhe dão em reduzidas porções. Em tôda essa paisagem morta, a vida se manifesta no juazeiro, que como enorme esmeralda, ostenta o seu verde luxuriante, brilhando ao sol, e pontilhando de esperança o campo e a alma dos sertanejos.

Um grupo de homens de foice e facão à cinta, trepa nessas árvores, derrubando os galhos verdes da preciosa ramácea que o gado magro come avidamente, com o olhar triste, como triste é tudo que o cerca.

Noutra parte vêem-se uma fogueira e outros homens a cortar cactus e queimar-lhe os espinhos, para que o gado possa comê-lo e escapar, até que Deus Nosso Senhor mande as chuvas.

Verdadeiro quadro dantêsco, formam essas figuras bronzeadas, magras, ferozes, pelo efeito das chamas da fogueira e do espêto que trazem nas mãos, para mexer com as vergôntees espinhosas que jogam ao fogo. Executam um verdadeiro ritual macabro, tangido pelas línguas de fogo que dançam no espaço e o estrépido dos espinhos ao que se queimarem.

Reses magras, e negros urubus pousados nas árvores sêcas completam a cena, digna de ser descrita pelo vate da Divina Comédia.

Por um momento os homens interrompem a tarefa e voltam ao seu aspecto humano. Sentam-se, e tirando de um saco de couro, que chamam de mocó, pedaços de rapadura e farinha, começam a triturá-la com os dentes alvos e fortes, sacudindo na bôca, com habilidade engraçada, a farinha sêca. Bebem depois numa cuia amarrada na cabaça, a linfa salobra e amarelada, e está completo o frugal almoço.

Satisfeitos na sua sobriedade, estiram-se no chão com os dois braços cruzados em baixo da cabeça, à guisa de travesseiros, e olhando o céu límpido e azul começam a conversar.

Fala primeiro o Antônio, rapazinho de vinte anos, de olhos negros e vivos, demonstrando inteligência e firmeza:

- Até quando teremos de dar rama ao gado? As nuvens não se juntam. Parecem estar com medo umas das outras e as acauãs ainda não começaram a cantar, nem os caborés.

Responde o Chico Cosme, homem maduro, cômico de sua experiência:

- Hoje, eu vi uma coisa que me animou, as formigas carregando os fios para os altos e a Comadre Maria disse que as nuvens, de noite, estavam correndo depressa do nascente para o poente, o que é bom sinal. A Deus querer, as chuvas não custam e vai ser um bom inverno. Êste ano foi muito escasso. Os legumes não deram pro gasto e o trato do gado tem sido duro. Felizmente o gado está

sadio e aproveita o trábio da gente. Em outubro relampeou pro piô e pelos meus calcos já devia ter chovido. É sempre três mês o prauzo do inverno, de lá para cá. Mas nosso Ceará véio e enganoso. Às vezes promete e num dá e às vezes dá demais carregando o legume já seguro deixando a gente com água na boca.

Esboçou um sorriso sem expressão e completou:

- Vamos rapaziada, espalhar a rama queimada e queimar o resto, para se pegar o feijão mais cedo.

Todos se ergueram lépidos e fortes, embora franzinos e esguios; em breve, as vergôntes de mandacaru eram comidas pelo gado que já estava perto, atraído pelo cheiro do cáctus queimado, como nos aguça o apetite, o cheiro de pão quente, na vizinhança das padarias.

Há mais de oito meses que não chove no Ceará. As últimas chuvas caíram nas fogueiras e já começou o mês de março. A natureza parece morta. Uma tristeza paira nas coisas e nos homens, já afeitos ao verão e ao inverno, à fartura e à escassez.

Só uma coisa os amedronta – A SÊCA – que os visita periódicamente, mas essa mesma, à recebida resignadamente, fatalisa são. Por êsse motivo, o cearense luta, corajosamente, para sobreviver, mas não luta para evitar ou atenuar os efeitos da calamidade, que os visita em épocas incertas, carregando o produto dos anos de poupança e trabalho.

Passada a seca, êle começa de novo, com a mesma imprevidência e o mesmo fatalismo atávicos.

Terminada a tarefa do dia, os trabalhadores se vão, com andar miúdo, estalando as alpercatas nos calcanhares, para o alpendre da casa do vaqueiro, onde relatam, na sua linguagem simples e expressiva, os acontecimentos do dia, ou contam histórias passadas, rindo como crianças.

Depois do jantar, uma senhora de meia-idade veio sentar-se à porta da frente. É tia Maria, gorducha, vestindo saia de chita azul e casaco branco, conversadeira e prestativa. Viúva há muitos anos, mas metendo sempre nas conversas o seu defunto marido e suas opiniões. Depois de espalhar a saia e sacudir o casaco, disse:

- Ah! Verão brabo. O calor está de matar, mas, não custa a chover, esta calma é porque as chuvas vêm perto. É verdade que não está relampejando para o Piauí, mas, o finado dizia que não raro, o inverno de lá começa com o daqui. Quem sabe se este ano não vai

A

ser assim? É bem fativo porque o tempo está mudando e não se vê ainda relâmpagos para as bandas de lá.

A noite descera branda e silenciosa e a lamparina de querosene mal iluminava o rosto dos presentes, que automaticamente se voltaram para o poente, onde deviam aparecer os relâmpagos precursores do inverno, e absortos fitavam o céu já pontilhado de estrelas.

De repente, o Antônio, disse alvoroçado:

- Eu vi piscar bem baixinho lá na ponta da serra.

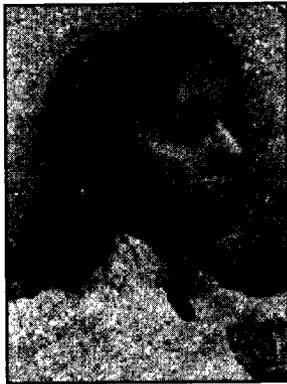
Todos olharam para o ponto indicado e em côro disseram:

- Abriu outro agora... e mais outro.

Uma alegria coletiva se apossou dos presentes que animadamente começaram a relatar as datas e circunstâncias de outros invernos, até que os corpos cansados da labuta do dia, reclamaram as rêdes para o sono reparador e calmo, que só as consciências tranqüilas podem gozar.

Fonte: Andrade, Terra de Contrastes,
e Dições Centenário, Páginas 13-15.

22 - ANTONIETA CLOTILDE DUARTE BEZERRA (1890-1958)



Antonieta Clotilde nasceu em Fortaleza no dia 04 de abril de 1890. Filha da professora, dramaturga, escritora e poetisa Francisca Clotilde Barbosa Lima e do Capitão reformado e professor Antônio Duarte Bezerra. Antonieta sempre conviveu em um ambiente literário e assim seguiu os mesmos passos de sua mãe, foi também professora e poetisa.

Em Baturité no dia 28 de outubro de 1906, fundou a revista *a Estrella* no qual era redatora, editada até o final do ano de 1921, o que lhe proporcionou contato com poetas, escritores e assinantes do Brasil inteiro. Foram 193 edições, produzidas durante 15 anos. Um exemplo de perseverança feminina na produção e divulgação da literatura.

Em 1908 em Aracati, Antonieta, Angelita e Francisca Clotilde fundaram o Externato Santa Clotilde, considerado o melhor colégio misto da região jaguaribana.

Antonieta Clotilde dedicou toda a sua vida ao magistério e a publicação da revista *Estrella*. Após o encerramento das publicações da revista e o falecimento de sua mãe Francisca Clotilde em 1935, sofrendo privações financeiras Antonieta deixa o Casarão do Externato e volta a viver na primeira casa onde morou com a família na rua Grande.

Em 15 de setembro de 1958 Antonieta Clotilde falece em Aracati.

Patria Brasileira

Sinto um justo orgulho de ter por Patria o vasto território brasileiro, decantado nas lyras de ouro dos poetas, exaltado em sonoros versos, em phrases rendilhadas, em obras monumentaes de filhos dilectos que sabem apreciar as sublimes bellezas que nelle se encerram com uma magnificência deslumbradora.

Não há certamente maior encanto, mais doce atração para um coração patriota do que contemplar nessas noutes bellissimas de estio o firmamento matizado de estrellas a espalharem dourados clarões sobre a terra.

Parece que este palladio azul representa o nosso adorado Brasil e suas luminosas consellações, os estados florescentes, destacando-se com um brilho deslumbrante o magnífico “Cruzeiro do Sul”, que pode symbolisar as glorias do Ceará – a pátria da liberdade, a Terra da Luz.

Oh! Que prazer invade-me a alma vendo a bandeira de minha pátria fluctuando á aura da gloria, beijada pelo sol dardejante que lhe imprime áureos reflexos fazendo sobresahir o verde expressivo que lembra a esperança e o penhor da victoria!

Vastas campinas onde se desabotoam mil flores, apenas o inverno envia o solo resequido as gottas do bemfasejo inverno serras imponentes que se erguem para as alturas coroadas de verdores, cascatas espumosas que reflectem os raios solares em belíssimos cambiantes, tegatos que serpenteiam docemente humedecendo a grama esmeraldina dos prados, aves multicores que saúdam as alvoradas festivas em gorgeios harmoniosos, tudo me faz amar com acrisolado affecto a minha grande Patria, o meu adorado e estremecido Brasil. Sim, apesar de pequena, aprecio tua grandeza,

oh! Minha terra, e curvo-me diante d'aquelles que illuminam o cérebro de teus filhos com os fulgores da instrucção e lhes ensinam a defender os teus brios, a exaltar teu valor e a trabalhar pelo teu engrandecimento entre as nações cultas.

ANTONIETA CLOTILDE

(Redactôra da "Estrella").

Fonte: NOGUEIRA, Joaquim da Costa. **Ceará Intellectual (Extracto do "Anno Escolar")**. Typographia Escolar. Fortaleza – Ceará. 1910–Páginas: 62 e 63.

Adalzira Bittencourt registrou a biografia de Antonieta Clotilde em seu *Dicionário Bio-bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil*, 2º Volume.

ANTONIETA CLOTILDE – Nasceu em Aracati, Estado do Ceará, filha da poetisa Francisca Clotilde Barbosa. Fundou e dirigiu por vários anos a revista ilustrada "A Estrêla", publicação essa com divulgação em todo o Brasil. Nela publicou contos, versos, crônicas, comédias, novelas, etc., revelando o seu talento criador e a sua cultura de jovem dedicada exclusivamente às cousas belas do espírito. Uma enchente do Rio Jaguaribe, inundando a cidade de Aracati, carregou toda a redação, tipografia, secretaria, móveis, arquivo, etc., da revista, enchendo de mágoas e dor a jovem poetisa que, desde então, abandonou a pena e abandonou-se, afastando-se do mundo, dos amigos, de tudo que enchia a sua vida de alegria, de entusiasmo e de anseios de glórias.

"Estrêla" foi fundada primeiramente em Baturité e o seu primeiro número saiu a 28 de outubro de 1906; depois passou para Aracati, onde viveu anos, apresentando poetas e poetisas de todo o Brasil. Mas veio a enchente que inundou de lágrimas a meiga, dôce, querida, jovem, bela e talentosa Antonieta Clotilde, colocando um ponto final nos seus sonhos.

BITTENCOURT, 1970, 2º volume, Páginas 402 e 403.

 23 * ANTONIA SAMPAIO FONTES (1884 - 1963)



Fonte: Samambaia Poesias.

Escrever sobre as escritoras cearenses que nasceram no século XIX foi um desafio. Decidi livremente estudar, pesquisar e escrever um dicionário que constasse o maior número de escritoras, pois caso alguém se interessasse pelo tema não tivesse tanto trabalho como eu tive ao longo desses dezesseis anos.

Dentre os maiores desafios estavam a falta de referências bibliográficas, comecei pelos cearenses Sânzio de Azevedo, Dolor Barreira e segui para o mestre Barão de Studart.

Entretanto comecei a encontrar divergências entre as informações, dentre elas datas, publicação de obras, sobrenomes e nomes. Pasmem até o nome da escritora aparecia modificado. Eu não digo sobrenome pois quando elas casavam geralmente adotavam o sobrenome do marido, e se cassassem duas ou três vezes haveriam duas ou três mudanças. Até mesmo o mestre Barão de Studart em sua obra clássica *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense* comete alguns equívocos. O primeiro que encontrei foi o nome de **Anna Nogueira Baptista**. No clássico dicionário do Barão de Studart o nome da escritora aparece incorretamente grafado **Anna Baptista Nogueira**. Como a escritora chamava-se Anna Nogueira, após o casamento adotou o sobrenome do marido, passando a assinar Anna Nogueira Baptista.

Nesse tempo de busca encontrei várias obras em sebos do eixo Rio/São Paulo pois aqui no Ceará em se tratando de Literatura Cearense especificamente escrita por mulheres do século XIX não existem referências. Salvo o trabalho realizado pela Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno através da publicação da coletânea *Mulheres do Brasil*, entretanto esse estudo abrange mulheres de todo o país e não se restringe ao século XIX.

Em várias outras capitais encontramos estudos sobre as escritoras: paulistas, cariocas, piauienses, paraibanas, catarinenses, capixabas. Um dos primeiros livros que adquiri foi o *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho, uma preciosa obra fonte de muitas informações. Na obra de Nelly colhi o nome de Antonieta Sampaio Fontes, que está na página 73 com a indicação 154. E por muito anos pesquisei a escritora Antonieta

Sampaio Fontes, sem ter nenhum sucesso. Não encontrava nenhuma informação, nenhuma data, nenhuma relação, foi quando relendo os textos para a publicação, decido ir em busca do seu único livro que fora relançado em 1980 com um prefácio de Filgueiras Lima. De todas as bibliotecas em que consulto consegui localizar a obra na Biblioteca Governador Menezes Pimentel, no mesmo dia corri para lá, mesmo estando a cinco anos fechada, alguns serviços ainda são realizados no prédio da RFFSA na praça da Estação no Centro de Fortaleza. Quando lá cheguei me dirijo ao setor do Ceará e quando a bibliotecária procura a obra na estante constata que ela não está lá, pois como estão funcionando em um pequeno espaço eles estão trabalhando com um acervo reduzido e mesmo a obra constando no sistema que está lá, ela não está. E mesmo se estivesse, como estão trabalhando com um acervo reduzido se na estante constar apenas um título você também não pode solicitar o empréstimo. Tomada mais uma vez pelo desânimo, pela tristeza, pelo abandono em que se encontra a Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel e pelo seu acervo inalcançável as mãos de pesquisadores, sigo o caminho de volta para casa. Ainda havia uma esperança!

A Biblioteca da UNIFOR – Universidade de Fortaleza, por sete anos estudei nessa universidade, de 2008 a 2015 e pude pesquisar em um dos maiores acervos aqui do Ceará. Apesar de não ser mais estudante da Universidade, pedi a minha irmã Carmem para que ela pudesse solicitar o único exemplar que lá encontrava disponível, e assim ela o fez. Destaco aqui o apoio fundamental e imensurável da minha família e em especial de minha irmã Carmem Castro, que ao longo dos três anos em que ela estuda na UNIFOR pode realizar empréstimos de obras que somente lá eram encontradas.

Ao me entregar o exemplar verifico que o nome da escritora não é Antonieta Sampaio Fontes, mas sim **ANTÔNIA SAMPAIO FONTES**. Qual foi a minha surpresa! Imensa!!! O nome da poetisa estava escrito erroneamente por isso ao longo de todos esses anos a minha busca pelos seus poemas foi em vão e jamais encontraria e se eu não tivesse tido acesso a única obra da escritora, certamente teria publicado o livro com o nome dela errado. De posse da obra *Relíquias do Coração*, o meu coração volta a alegrar-se no trabalho que muitas vezes comparo ao de um arqueólogo para encontrar informações sobre essas mulheres. Por isso o nome do dicionário é *Resquícios de Memórias*. E então constato que no trabalho de Nelly haviam várias incoerências sobre a escritora pesquisada, desde o nome, a data de falecimento e que agora serão por mim corrigidos de posse do livro que conta com uma dedicatória de seu próprio filho.

“Ao prof. José V. de Carvalho e exma. Família. Homenagem póstuma à poetisa Antonia Sampaio Fontes, minha mãe, cordialmente, Humberto Fontes, junho 80”

FONTES, 1980, Contracapa.

E com a orelha escrita por seu neto Eduardo Fontes, a qual reproduzo na íntegra.

Um mínimo de dados biográficos é indispensável para melhor se conhecer a autora de “Relíquias do Coração”. Meu intento, porém, ao escrever a “orelha” do presente livro, é traçar o perfil humano, psicológico daquela que foi minha avó paterna.

ANTÔNIA SAMPAIO FONTES nasceu em Baturité, aos 24 de fevereiro de 1884, filha de Antônio Jardim e Maria Sampaio Jardim. Mudando-se para esta Capital, casou-se com Israel Pinheiro Fontes – figura ainda lembrada e venerada pelos familiares, que logo fechou os olhos ao mundo, no recuado ano de 1934.

Cumprindo o destino de todo nordestino e mais do cearense nômade, emigrou, na companhia do marido, para o alto Acre, onde o seu tio Justino fizera alguma fortuna com a exploração dos seringueiros, na época áurea da borracha. Ainda a bordo do “Paquete Pará”, navio que os levou àquela longínqua região do país, compôs sonetos e poemas com a temática do mar. Corria o ano de 1911. Regressando, aqui fixou-se definitivamente até sua morte, ocorrida aos 02 de março de 63.

Para o Acre foi pobre, e voltou de lá pobre – e aí se cumpre mais um destino de cearense! É assim que anos depois a morte do meu avô vem surpreendê-la. De herança, deixou-lhe ele apenas os filhos, seis ao todo, e todos jovens: – meu pai Humberto, então com dezessete anos, – o único filho homem da família; e as minhas tias Maria José, Julieta, Carmelita, Maristela e Cláudia – tornadas de momento órfãs de pai e filhas de uma viúva sem casa própria, sem outra profissão além de poetisa...

Salvo-a a fé em Deus, a fé em Nossa Senhora, fé que transborda de tantos de seus motivos poéticos. Salvou-a a coragem de, pela mão da poesia (e depois se diz que poesia não serve para nada!) criar, educar e formar a todos os seus filhos. Se hoje todos têm condições de vida própria, devem-na a esta heroína que venceu privações, canseiras, ansiedade, noites de insônia, de mistura com lágrimas, muitas lágrimas de solidão e tristeza – sendo esta também uma tônica da sua poesia humana e sofrida!

Já Filgueiras Lima refere, no belo Prefácio que escreveu, que a sua família indicava ter crescido muito, tantas são as louvações e as páginas de amizade, parecendo-lhe que ele próprio não ficou à margem deste círculo. Era assim que minha avó construía... Era assim que obtinha o de que necessitava para levar à frente sua missão:—colégio, emprego, proteção para os filhos — pelas mãos da poesia “que lhe brotava em cataduplas do coração que nunca envelheceu porque tinha, de verdade, um coração de criança”, como afirma o poeta de O Mágico e o Tempo.

Conheci-a de perto:—a fibra, a alma, o coração. E aduza-se — a inteligência. E a inspiração poética, também.

Era menino, moço e adolescente. Hoje, casado, pai de filhos que ela não viu, não deixo de admirá-la -, não deixamos, os que a conhecemos—, prova da força e do valor de sua personalidade que a ausência só revigora. E a saudade!...

Eduardo FONTES.

Infelizmente o nome da escritora não foi grafado erroneamente apenas em uma obra, encontro o mesmo equívoco no *Dicionário da Literatura Cearense* de Raimundo Girão. Acredito agora que Nelly Novaes Coelho tenha utilizado como fonte de consulta essa obra e assim reproduziu a informação errada. Sito-me imensamente feliz e realizada em poder retificar esses equívocos e assim dá voz a Antônia Sampaio Fontes.

ROSAS

Ao Dr. Fernandes Tavora

*Já desfralda a flamula da Alliança!
O céu se abre e mãos cadenciosas
Jogam do Além, em profusão mil rosas,
Por sobre vós ô bravos da esperança!*

*Rosas de amôr, de fê, perserverança,
Da côr do sangue, ó almas valorosas!
Avante pois, que as lindas perfumosas,
Sirvam de glória a paz que já se alcança.*

*Rosas no peito e rosas nas granadas,
Rosas no mar e ao long das estradas,
Rosas no altar da Pátria que estremece!*

A

*Rosas do Azul que vem de João Pessoa,
Que despertando, em rosas abençoã
Esse raiar de sol que resplandece!...*

Antonia Sampaio Fontes

Fonte: A Razão, 25/10/1930 – Página 5.

SALVÉ Ó LIBERAES!

(Acrostico)

Ao Dr. Alonso Memoria

*Saltitam pelos beirais
As avestias em bando,
Ligeiras cantarolando,
Viva, viva os liberaes!*

*Em baixo nos roseiraes
Os cravos desabrochando
Levantam-se commungando
Idéas celestiaes!*

*Bimbalham sinos na torre
Eu digo – meu Deus quem morre?
Responde o echo talvez,*

*Alguem que ruiu de todo,
Erguei-vos Brasil do lôdo!
Sagremos pois Juarez!*

Antonieta Sampaio Fontes

Em 28-10-1930

Fonte: A Razão, 29/10/1930 – Página 8.

A BARQUINHA

**A d. Nene Vieira Cavalcante, m..d
professora do Grupo escolar Norte da Cidade**

*Como um cysne a fluctuar,
Uma barca apparecia,
E as ondas saccudia,
A vagar, sempre a vagar.*

A

*Estava a tarde a findar,
O sol no mar já morria
E a barca inda se via,
Cruzando o azul do mar.*

*Mas de repente um tufão,
Um raio, após um trovão,
A tempestade a colheu*

*E foi-se a barca fendida
Assim nas ondas da vida,
Tal como a barca vou eu.*

Antonia Sampaio Fontes

Em 17/11/1930

Fonte: A Razão, 18/11/1930 – Columna do Povo–Página 2.

AGRADECIMENTOS D'ALMA

Aos moços d' "A Razão"

*Senhores jornalistas da "A Razão"
Não tenho com que possa agradecer
Favores e finezas, na atenção
Quea mim dispensais sem conhecer.*

*Emtanto venho aqui pra vos dizr
Que muito vos bemdiz meu coração
Que vem de elogiar, enaltecer
A vossa muito illustre Redacção.*

*Sou pobre, mas por vós a pobresita
Não cança de pedir a Carmelita,
As bençãos de Jesus que nos anima.*

*E dentro destes versos tão sem vida
Minh'alma por demais agradecida
Espera merecer a mesma estima.*

31-12-1930

Antonia Sampaio Fontes

Fonte: A Razão, 03/01/1931 – Página 3.

ESQUECIMENTO RECOMPENSADO

*À Therezinha, mimosa filhinha do m.d. Pharmaceutico, sr.
Alberto Eloy da Costa, no seu primeiro anniversario natalício.*

*A briza fãrfalhando no arvoredado
Eu ouço que executa uma canção,
Suave, lhe pergunto – O que há então?
E a briza nada diz do seu segredo.*

*E os lindos passarinhos no balzedo
E as flores sem que haja excepção
E as leves borboletas com atenção
Ensaaiam-se talvez. – Qual o enrêdo?*

*Um pombo muito branco e delicado
Ordena um não sei que, formalizado,
E nisto vem voando uma rolinha.*

*E olha para mim desconfiada
E diz-me pespegando uma biscada
- Não sabes que faz annos Therezinha?*

Antonia Sampaio Fontes

Em 30-11-1930

Fonte: A Razão, 1 / 12 / 1930 – Página 5.

PEQUENA GRANDEZA

*A minha filhinha Maristella,
No seu anniversario natalicio.*

*Faz annos hoje a minha Maristella
E eu perguntei-lhe o que de mim queria,
Ella me disse com expressão singela
- Eu quero apenas uma...Poesia.*

*Beijei-lhe a fonte sonhadora e bella
Rica de affecto e de sabedoria,
E ternamente eu retorquei p'ra ella
Isto de verso é méra fantasia!*

A

*Attentas bem. O mundo é dos espertos
Dou-te um bêbê dos olhos bem abertos
E ella sorrindo, com gestinhos nobres...*

*- Mamãe, não quero, toma o teu dinheiro,
Compra uns dez pães ou doze ao teu padeiro
E manda-os, por mim, distribuir aos pobres!*

Antonia Sampaio Fontes

22 – Dezembro – 1920.

Fonte: A Razão, 22/12/1930 – Página 6.

SONHO E PRECE

Sabbado 13 de Dezembro de 1930

*Canção – Á memória do jornalista Antonio Drummond – Para
ser cantada com a musica da “AVE-MARIA”.*

- Dedico a sua viuva e filhinhos –

*Cae a noite de onze de Junho
No sillencio da meditação
Quando surge sem dar testemunho
O phantasma da desolação.
Que traçara ligeiro rascunho
No caderno da vil traição
Assignando com o seu proprio punho
A sentença da condenação.*

Estrilho:

*Foi nessa noite serena e sombria,
Que a tua energia desapareceu,
Quanta maldade! No mundo quem há de
Esquecer coração que jamais se abateu.*

*Nunca, nunca te vi, no entanto,
Do meu prato um rosário formei
E na hora da tua agonia
Quando a noite descia eu rezei
E mais tarde num sonho que tive*

A

*Therezinha me diz afinal
Não é morto quem morto revivo
Para a gloria de um novo ideal.*

Estrilho:

*Foi nessa noite sombria e serena, etc.
Foi nessa noite serena e sombria, etc.*

*No alto do firmamento
Um estrella scintilla entre as mais,
E tu'alma que vela e revela
A saudade pungente d'aquelles que amaes.
Lá no campo do cemiterio,
Uma cruz se levanta do chão,
Se não fala do grande mysterio,
De nada da vida, mais pede ORAÇÃO.*

ANTONIA SAMPAIO FONTES

EM 10-12-1930

Fonte: A Razão, 13/12/1930 – Página 3.

SALVE NATAL!

Sexta-feira, 26 de Dezembro de 1930

Sociaes

*À querindinha Rosiney, encanto do lar do sr. Valdemiro Saraiva e
exma. Esposa d. Antonietta Saraiva, no sei 1º anniversario nata-
lício, ocorrido a 24 de Dezembro de 1930.*

*Mimosas borboletas voltando
Em torno de uma rosa angelical
Ouvi que elas estavam combinando
Um plano, para um lindo festival!*

*Surpreza fico ali. Eis se não quando
Um pombo abre a porta do pombal
E dois e quantro e seis, mais de um casal
Arrulam, como que aanunciando.*

A

*E logo um sabiá e um beija-flôr,
Vem-vens e bem-te-vis, com tanto ardor!...
Cantavam; que de pasma eu indaguei.*

*E nisto um rouxinol atrevidinho
Ouvindo, disse a mim, num segredinho
Que hoje era o Natal de Rosiney!*

Antonia Sampaio Fontes

Fonte: A Razão, 26/12/1930 – Página 5.

SONETO

Terça-feira, 3 de Março de 1931

Sociaes

*Ao Dr. João Hyppolito, alma de arminho e coração de oiro
Rossas floescem sob um céu de anil.
Cravos verbenas, dhalias, myosotis,
Tudo floresce e os lindos bugarys
Também floescem nas manhãs de Abril.*

*Florece tudo e tudo é tão gentil
Entanto eu penso, o coração me diz
Que a flor mais linda á florescer feliz
E a flor de bem que tem encantos mil.*

*Flor que perdura, flor que tudo alcança,
Flor de conforto, fê, flor de esperança,
Flor que não murcha aos beijos da vaidade.*

*Flor que se impõe aos corações de oiro
Linda, tão linda como um anjo loiro!
Eu te bemdigo ó flor da Caridade!*

Antonia Sampaio Fontes

27-2-1931.

Fonte: A Razão, 03/03/1931 – Página 7.

A PEDIDOS

Beijo e Saudade

*À D. Clotilde Nepomuceno de Siqueira, virtuosa esposa do sr.
Francisco Diogo de Siqueira.*

*Foi nesse dia ornado de esplendores
Que te partiste ó filha minha amada
Baixou um anjo e sem dizer-me nada
Voou comtigo à região das flores.*

*Sem tes sciencia as cruciantes dôres
Porque passou minh'alma amargurada
Não será nunca! O não! Cicatrisada
A dôr que fêre e causa dissabôres!*

*Foi nesse dia!...E que tristeza! Entanto
Deve esconder nas perolas do meu pranto
Tudo que sinto e genuflexa...
Então!*

*Aos pés da campa, orando em soledade,
N'um desfolhar de petalas de saudade,
Te mando Haydée, num beijo.
O Coração.*

ANTONIA SAMPAIO FONTES

22-5-1931 - Fonte: A Razão, 25/05/1931 – Página 4.

24 AURELINDA SIMÕES

Aurelinda Simões, filha de Joaquim Manoel Simões, guarda-livros e integrante do Clube Literário. Seu nome é citado por Antônio Bezerra no clássico *O Ceará e os Cearenses* de 1906, como escritora que já tinha o nome feito. No jornal *O Ceará* de 10 de abril de 1905, na segunda página, encontramos felicitações pelo dia do seu aniversário a quem são atribuídas qualidades como inteligente e distinta.

Registamos com prazer, o natalício da "demoiselle" Aurelinda Simões, dilecta filha do sr. Joaquim Manoel Simões, guarda-livros desta praça.

A' esta aurea data e ás alegrias que invadem o coração da sua digna família, de suas amigas e de seus admiradores nos associamos desvanecidos, enviando a destino e inteligente patricia os nossos affectuosos parabens.

A escritora Aurelinda Simões participou do movimento *Liga Feminista Cearense* ocorrido em 1904 em Fortaleza, idealizado por Alba Valdez que também era a Presidente; Maria A. Torres Portugal ocupava o cargo de Vice-presidente; Olga Alencar a Primeira Secretaria, Aurelinda Simões a Segunda Secretaria, Júlia Moura a Oradora oficial e Amélia Alencar a tesoureira.

Em 1907 Aurelinda casou-se com Joaquim da Cunha Accioly passando a assinar Aurelinda Simões Accioly.

25 - BRANCA LOPES DE ALCÂNTARA BILHAR (1886-1928)



Fonte: Revista Fon-Fon (RJ) 6 de outubro de 1917 - Página 6.

Branca Lopes de Alcântara Bilhar nasceu no Crato em 27 de novembro de 1886, filha de Joaquim Lopes de Alcântara Bilhar e de Cândida de Alcântara Bilhar. Era sobrinha da educadora Anna Bilhar e do compositor Sátiro Bilhar.

Branca Bilhar ficou órfão muito jovem sendo criada por sua tia Anna Bilhar, juntas fundaram o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, inicialmente em Guaramiranga e mais tarde reaberto em Fortaleza.

Desde cedo Branca Bilhar demonstrou talento para a música em especial para o piano e sua tia Ana Bilhar decidiu em 1906 ir para o Rio de Janeiro para que sua sobrinha pudesse se dedicar ao estudo da música.

Branca Bilhar foi pianista e por duas vezes, obteve medalha de ouro no Instituto Nacional de Música, ministrava aulas de música no pensionato, onde também se discutia literatura e política. A mais destacada aluna de Branca foi a então jovem Eunice Monte Lima, que se tornou conhecida como Eunice Katunda.

No ano de 1921 no Rio de Janeiro, Branca Bilhar participou de vários festivais em benefício do monumento a Jesus Christo o Redemptor.

A escritora Adalzira Bittencourt em seu estudo *Dicionário Bio-bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil* em seu terceiro volume apresenta uma breve biografia de Branca Bilhar.

BRANCA BILHAR – Musicista com obras publicadas sobre folclore do Samba Sertanejo e outras músicas. Nasceu em Guaramiranga no Estado do Ceará, filha do Jurisconsulto Dr. Joaquim Lopes de Alcantara Bilhar e de d. Cândida Candéa de Alcântara Bilhar. Iniciou seus estudos de piano aos 8 anos de idade com a conhecida professora cearense, dona Dondon Feijó da Costa Ribeiro. Tanto aproveitou a pequena Branca que aos 9 anos já se fazia ouvir em concerto, para encanto da professora e dos seus pais. Em 1909 vai para o Rio de Janeiro, para o Instituto Nacional de Música, onde conquistou facilmente o 1º prêmio e a medalha de ouro o que lhe valeu “Viagem à Europa”. Não pôde gosar dessa viagem pela Conflagração Européia de 1914. Já havia estado em Paris alguns anos antes e ali submeteu-se a um exame de piano, tendo seu examinador lhe elogiado a técnica e a sua magistral execução. Essa sua viagem à Europa, feita com sua tia, a Sra. Ana Bilhar, irmã de seu pai que fora à Europa em busca de médicos especialistas para sua saúde.

Contentou-se em continuar estudando no Rio de Janeiro e a 16 de Maio de 1916 deu um concerto no Salão do Jornal do Comércio e todos os grandes críticos dos nossos mais sérios jornais teceram-lhe os mais rasgados elogios. Assim: “Quando a senhorita Branca sentou-se ao piano, notamos grande desembaraço, uma pujante mecânica pianística, sem desfalecimento, impulsiva, arrogante, firme dominadora.” – “Gazeta de Notícias”.

“A senhorita Branca Bilhar pode e deve figurar condignamente na honrosa lista dos grandes virtuosos do piano, ao lado de artistas como Guiomar Novaes, Antonieta Rudge e outros tantos nomes brasileiros de elevada reputação”. – “Rio Musical”.

O “Jornal do Brasil”, o “Jornal do Comércio”, “Correio da Manhã”, todos teceram elogios admiráveis.

B

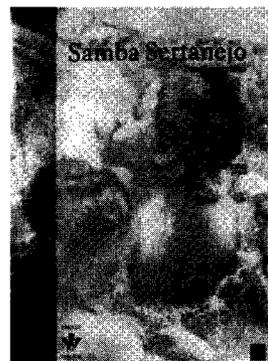
“Interpretando Beethoven ou Lizstt, Mendelsohn, Chopin, Debussy ou Schumann, Bach ou Saint-Saens, Mozart ou Handel, ela deixava a impressão de que conhecia a alma de todos esses inextinguíveis compositores de celebridade universal, porém com uma individualidade pessoal bem acentuada no seu cunho de sobriedade” – “Jornal do Comércio”.

BITTENCOURT, 1972, Página 650 e 651.

A pianista Branca Bilhar faleceu no Rio de Janeiro em 22 de dezembro de 1928, conforme noticiou o jornal Correio da Manhã (RJ) de 23 de dezembro de 1928, na página 8.

BRANCA BILHAR

O nosso mundo artístico perdeu hontem um dos seus elementos de mais justo destaque com o falecimento de Branca Bilhar. Formando ao lado de nossas pianistas de technica mais aprimorada. Branca Bilhar appareceu várias vezes nas nossas salas de arte, conseguindo sempre de sua numerosa platéia os mais sinceros applausos, invariavelmente endossados pela crítica. O falecimento de Branca Bilhar, que sem duvida ecoará dolorosamente, não só no meio que Ella sempre procurou elevar, como na nossa sociedade, onde contava numerosas relações, ocorreu hontem, à noite, na Casa de Saúde São Sebastião, à rua Bento Lisboa, de onde, hoje, à tarde, se dará o salmento fúnebre para o cemitério de São João Baptista.



Fonte: Revista Fon-Fon-17/05/1918 – Página 24.

O escritor Mário Linhares em sua obra *Poetas Esquecidos*, destaca a importância de Branca Bilhar para as artes brasileira.

B

Branca Bilhar foi uma poetisa que não fazia versos, mas produziu imperecíveis páginas musicais, que são verdadeiras poesias, cheias do mais puro lirismo.

A poesia e a música são irmãs gêmeas. Ambas se confundem, unidas como expansão natural do sentimento, definindo peculiares estados de alma, no subjectivismo das suas manifestações espirituais.

Entra bem o seu nome aqui na galeria dos poetas esquecidos.

É um protesto contra a conjuração do silêncio que se fez em torno de uma das mais lindas vocações de virtuose, de que nos podemos ufanar, nestes últimos tempos.

Ainda muito cêdo, no verdôr da adolescência, Branca foi uma revelação de artista,—de artista que dispunha de uma sensibilidade requintada que sabia encher de ternura o coração dos que lhe ouviam, ao piano, as próprias composições, tão reçumantes de frescura e de graça, em lances de grande inspiração.

Havia nela a fôrça de uma predestinação que a erguia acima das coisas comuns, na existência, numa constante ascensão para o infinito das suas contemplanções.

Não foi ela sómente a intérprete conscienciosa dos grandes mestres, na posse plena de uma técnica admirável; desabrochava na sua inteligência, como idílica flor de beleza, a alma romântica de um poeta.

Branca Bilhar é filha de ilustre família do Ceará. Seu pai, Dr. Joaquim de Alcantara Bilhar e seu irmão Raul Bilhar foram figuras conspícuas em nossas letras jurídicas. Orfanada de mãe e de pai ainda menina, foi ela criada por sua tia D. Ana Bilhar, propecta educadora cearense, que cuidou, com desvelo maternal, de sua sobrinha, a ponte de se transferir de Fortaleza, onde dirigia conceituado estabelecimento de ensino, para o Rio de Janeiro, a fim de melhor educar e desenvolver o talento de sua tutelada.

E Branca, no curso que fez no Instituto Nacional de Música, se cobriu de louros. Não foi uma aluna vulgar, que se distinguisse apenas no esforço mecânico de atender as exigências do programa escolar. Não. Destacou-se sempre como uma das primeiras figuras entre os seus condiscípulos e tornou-se o ídolo dos seus mestre. O professor Godofredo Leão Veloso foi um dos que tiveram por ela admiração especial e evocava-lhe o nome, em suas aulas, como um exemplo a imitar.

Diplomando-se pelo nosso Instituto, conquistou medalha de ouro e premio de viagem á Europa, onde teve contacto com as maiores sumidades do teclado.

O grande pianista Eduardo Risler, quando de uma das suas excursões pó esta Capital, compoz e dedicou-lhe uma brilhante peça musical, como expressiva homenagem aos seus méritos, honra que ninguém aqui lhe mereceu.

A vocação de Branca foi uma herança da família. Todos, em sua casa, amavam e cultivavam a musica. Seu pai, sua tia e, especialmente, seu tio Sátiro Bilhar compunham modinhas e canções que eram cantadas, ao som do violão dextro e mavioso.

Como compositora, Branca deixou uma bagagem que assegura a glória de seu nome.

Destacamos aqui, de passagem, as suas composições principais:—“Dedicação”, “Romance”, “Reminiscencia”, “Cateretê”, “Alaide”, “Samba sertanejo”, “Bailado indígena”, “Os heois de Copacabana” (hino heróico a 5 de Julho), os sonetos musicados “Sabia”, de Luiz Murat e “Esmeralda”, de Alvaro Bomilcar.

De outras, já publicadas, difficilmente se encontram exemplares nas casas editoras.

São valsas, fantasias, melodias, modinhas e canções, escritas com mestria, por mãos de quem conhece os segredos do mágico instrumento.

Mas, é preciso salientar que o cunha precípua das suas composições é o forte sopro de brasilidade que anima as suas melhores páginas. Viveu ela sempre à procura de uma expressão característica para a música brasileira, como um eco das múltiplas vozes da terra virgem, repercutido na harmonia das coisas e dos seres da Natureza deslumbrante e selvagem.

O “Samba Sertanejo” e o “Bailado indígena” refletem os ritmos da gente rude e autoctônica, numa estilização feliz.

Seu estro não desceu á massa rudimentar dos morros, como atualmente se faz com sambas, batuques e cateretês, de ínfimo sabor popular. Parte ele das raízes da nacionalidade, das expansões da alma primitiva em escala ascendente, para uma representação mais condigna, menos rústica, mais elevada e erudita. Tudo isso sem extravagâncias pervertedoras do nosso senso estético. Branca, em sua curta existência, não chegou a realizar o seu plano de arte;

B

mesmo assim, em tudo que escreveu, sente-se a alma brasileira, com indizível, delicada.

O “Hino aos Heróis de Copacabana” é outra modalidade sedutora de seu sentimento patriótico, do amor á gleba querida que tão belamente soube exalçar, nos surtos de sua virtuosidade.

Branca Bilhar morreu em 22 de Dezembro de 1928, ainda môça, no pleno vôo de uma inteligência que ainda muito mais nos prometia dar.

Foi uma alma boa, simples, modesta e, sobretudo, retraída e tímida, que tinha o pudor de dar na vista, esquiva de exhibições. D’ai porque não viveu em evidencia, como tantos outros que, sem os seus méritos, adquiriram fácil consagração.

E’, hoje, um nome esquecido, injustamente esquecido.

Mas, um dia, quando se fizer a verdadeira historia da música brasileira, inventariando-se os lídimos valores, seu nome aparecerá, como uma das mais vibrantes expressões artísticas – daquelas que não mentiram á fé do seu destino, dando um contingente inestimável á formação cultural de nossa pátria.

LINHARES, Mário. **Poetas esquecidos**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti – Editores, 1938. Páginas: 225,226,227,228, 229.

Olga Barroso em seu estudo *Quem são elas* incluiu o nome de Branca Bilhar no rol das homenageadas.

Quem se empenha em conhecer as mulheres de destaque do Ceará vai encontrar um bom número de senhoras mais dotadas para as artes, como uma resposta ao aspecto decisivo de uma época, quando a mulher era educada para o lar, devendo ser portadora de tradições moralistas, além dos dotes de cultura e arte que deveria possuir.

Em época mais distante pode-se supor que a influência desses usos poderia provocar excelentes manifestações de maiores artistas.

Assim é que a nossa homenageada, Branca Bilhar, foi a grande pianista com clara e marcante inclinação para a música.

Nascida em Guaramiranga no ano de 1886, era filha do jurisconsulto e catedrático de Direito Doutor Joaquim Lopes de Alcântara Bilhar e Cândida Candêa de Alcântara Bilhar.

Iniciou os estudos regulares com a tia Ana Bilhar, diretora do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, e os musicais aos oito anos de

B

idade, com a pianista Dondom Feijó da Costa Ribeiro, revelando desde logo entusiasmo e talento para a música.

Estudou violino com o Professor e Maestro Henrique Jorge que, por descobrir as tendências de Branca para a arte musical, convenceu sua tia Ana a mandá-la para o Conservatório do Rio de Janeiro, o que aconteceu em julho de 1909, estanto ela apenas com vinte e três anos de idade.

Foi sucesso no Conservatório e, terminando o curso, passou a estudar no Instituto Nacional de Música.

Com os triunfos e glórias por tanta dedicação ao estudo, ganhou o primeiro prêmio – Medalha de Ouro, o que lhe dava o direito de uma viagem à Europa. Esta viagem não se realizou por causa do iminente conflito europeu de 1914.

Tornou-se no piano grande intérprete dos maiores clássicos: Mozart, Beethoven, Liszt, Mendeshon, Chopin, Debussy, Handel, Bach e Schumann; por vezes várias teve registros elogiosos na imprensa carioca, colocando-a ao nível de uma Guiomar Novais, Antonieta Muller e outros nome da mais alta fama.

Continuando a morar no Rio, tornou-se dedicada professora de piano, empolgando sempre os seus alunos pelo método de ensino. Era culta e reconhecida por sua verdadeira vocação musical. A escritora Maria de Lourdes H. Gondim, em “Mulheres do Brasil”, volume 1º, página 258, repete a notícia do “Jornal do Comércio” do Rio de Janeiro, nos seguintes termos: “sua audição de ontem foi mais uma revelação de uma bela artista da tecla, que não necessitou atravessar o oceano, nem ser laureada por Conservatório de fama, para merecer aplausos sinceros de uma platéia de elite”. Realizou concertos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e, muito aplaudida foi, quando se apresentou em São Paulo a convite do Governador Dr. Altino Arantes, como uma das melhores pianistas do Brasil.

São suas composições: “Alayde”, “Dedicação” oferecida à sua tia Ana, “Improviso”, “Serenata”, “Bailados Indígenas”, “Samba Sertanejo” e “Heróis de Copacabana”, dedicada aos heróis de 1918, e outras.

Faleceu no Rio em dezembro de 1928, ano em que recebera um convite do então Presidente do Ceará, Doutor Matos Peixoto, para realizar um concerto por ocasião das comemorações do centenário de José de Alencar.

Nossa homenagem é fruto de profunda admiração que todos lhe devotam e se torna mais presente ao sabermos que era seu desejo rever o Ceará, seu berço, sua terra, que ela tanto amou.

Fonte: BARROSO, 1992, Páginas 61 e 61.

26 - BRANCA QUIXADÁ RANGEL (1892-1962)



Branca Quixadá Rangel nasceu no dia 3 de julho de 1892 no Ipu, filha de Antônio Rangel Filho e de Maria Antonieta Quixadá Rangel (Doninha). O casal contraiu matrimônio na cidade de Sobral em 8 de setembro de 1890 e tiveram 9 filhos, dos quais sobreviveram: Branca Rangel, Diva Rangel Parente, José Rangel, Gerardo Rangel e Falb Rangel.

Branca Rangel foi uma pianista reconhecida por seu talento e por ter participado da criação do Conservatório de música Alberto Nepomuceno.

Na obra *A Modinha Cearense* de Edigar de Alencar encontramos uma pequena biografia da pianista.

BRANCA RANGEL, nasceu no Ipu a 3 de julho de 1892. Pianista de notáveis recursos, foi professora de piano e diretora do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Musicou vários poemas de Juvenal Galeno, ente os quais *A Cabocla*, incluído nesta coletânea. Faleceu em Fortaleza, a 6 de abril de 1963.

ALENCAR, 1967, Página 44.

O periódico *A Lucta* de Sobral do dia 5 de julho de 1922 na primeira página noticia uma confraternização nos salões do Club dos Democratas enaltecendo o talento de Branca Rangel.

O serão da Academia

Realizou-se no dia 29 ultimo, nos amplos salões do Club dos Democratas, a festa com que a "Academia" solemnizou a data da sagração de D. José Tupynambá.

B

Em duas partes estava programizado o certamen: uma literária, em que se ouviram alguns académicos em prosas de fino lovor e sonetos de bom quilate e a outra musical, confiada à competência da senhorita Branca Rangel, se fazendo acompanhar em alguns números por D. Amalia Pinto, senhoritas Raymundinha Aragão, Edith Saboya, Antonietta e Flora Parente, Maria de Lourdes Cavalcante, Maria Christina Freire e Toinha Alcantara.

A arte da senhorita Branca Rangel, esteve muito além de qualquer comentário que se possa querer fazer, porque nós já conhecemos o que é a interpretação dos clássicos por essa virtuose patricia: dir-se-ia que as almas de Chopin e Schubert manifestava-se pelos seus delicados dedos exímios traductores das emoções adormecidas no papel.

A assistência selectissima que accorreu aos Democratas, veio de certa maneira, servir de incentivo à novel associação que se vê ahi em horizonte de franca desenvoltura.

Fonte: A Lucta (Sobral), dia 5 de julho de 1922, Página 1.

Branca Rangel faleceu em Fortaleza no dia 6 de abril de 1962, conforme podemos atestar através da fotografia de sua lápide. O Pesquisador Edigar de Alencar comete o equívoco em afirmar que a pianista havia morrido em 1963.

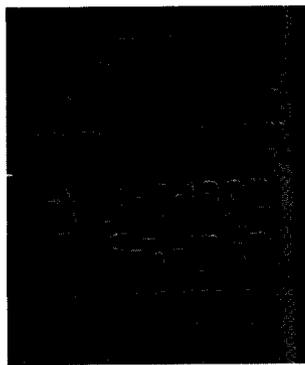


Foto: Carla Castro / Cemitério São João Batista

MINHA JANGADA DE VELA

*Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
Tu queres vento de terra,
Ou queres vento do mar?*

B

*Quer sossegada na praia,
Quer nos abismos do mar,
Tu és a minha jangada,
A virgem do meu sonhar.*

*Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
Tu queres vento de terra,
Ou queres vento do mar?*

*Sé à liberdade suspiro,
Vens liberdade me dar,
Se fome tenho, ligeira,
Me trazes para pescar!
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
Tu queres vento de terra,
Ou queres vento do mar?*

*Ai, vamos, que as verdes ondas,
Fagueiras a te embalar,
São falsas nestas alturas,
Quais lá na beira do mar.
Minha jangada de vela,
É tempo de repousar.*

Composição: Branca Rangel / Juvenal Galeno.

27 - BRANCA ROLIM (1861-1911)

Branca Rolim nasceu em 1861, exerceu o magistério, foi abolicionista e musicista. Organizou diversos saraus em prol da Sociedade Cearense Libertadora. Em 1893 prestou serviços tachygraphos ao Congresso Cearense Constituinte e a Assembléia Legislativa. A escritora Gisela Paschen Schimmlpfeng em sua obra *A Mulher E a Abolição* na segunda parte intitulada *Heroínas da Abolição* destaca o nome de Branca Rolim pelos seus préstimos a causa libertadora.

D

Está em festas o lar do Sr. Joaquim Manoel Simões, inteligente guarda-livros desta praça, pelo motivo do aniversário natalício de sua digna filha, a graciosa senhorita Branca Simões.

Admiradores das invejáveis qualidades que ornaram a gentil patricinha, levamos-lhe nestas linhas a expressão sincera do nosso parabem.

Fonte: Jornal do Ceará, 2 de dezembro de 1904, página 2.

Branca casou-se com Vicente Roque de Menezes e passou a assinar Branca Simões de Menezes. Em 10 de maio de 1917 nasceu o ilustre filho do casal o cientista e engenheiro agrônomo Rui Simões de Menezes que muito colaborou para a criação do Instituto de Ciências do Mar em Fortaleza.

Branca Simões participou das primeiras reuniões para a criação da Liga Feminista Cearense, dirigida por Alba Valdez em junho de 1904, como foi noticiado no *Jornal do Ceará* de 27 de junho de 1904 na segunda página.

A escritora faleceu em Fortaleza no dia 25 de abril de 1918.

29 - DIVA TORRES CÂMARA (1885-1977)



Diva Torres Câmara é filha do primeiro casamento de João Eduardo Torres Câmara que em 1866 contraiu matrimônio com Maria Suassuna. Do enlace nasceram os filhos: João Eduardo Torres Câmara Filho e Diva Torres Câmara. Diva nasceu em 1885, poetisa e musicista, autora da letra de *Praias do Ceará*, da música e letra de *Casinha do Roseiral* e muitas outras.

Ainda criança Diva Câmara começou a fazer tratamento para a visão. O jornal *A República* de 27 de dezembro de 1894 na segunda página, relata o seu retorno a Fortaleza após fazer tratamento na Capital Federal contra moléstia na vista.

Diva Camara

O nosso estimado amigo e colega João Camara tem hoje o seu coração de pae extremoso vibrando de intimas alegrias pelo mais justo dos motivos.

D

A sua innocente e mimosa filhinha Diva, que há tempos estava na capital federal a tratar da sua vista terrivelmente comprometida por impiedosa moléstia voltou hoje ao seio carinhoso da família, completamente restabelecida, enchendo de alegrias vividas os corações outr'ora angustiados do nosso querido companheiro de trabalhos e de sua exma. esposa, mãe cheia de meiguices e ternuras.

Partilhando as alegrias do nosso querido amigo, mandamos-lhe e a sua exma. senhora os nossos parabéns e as nossas alegrias.

Fonte: A República , 27 de dezembro de 1894, página 2.

Na obra *A Modinha Cearense* publicada em 1867, o autor Edigar de Alencar apresenta o perfil da escritora.

DIVA CAMARA, pianista que se tornou conhecida em Fortaleza como colaboradora de seu irmão Carlos Câmara quando das temporadas populares do Grêmio Dramático Familiar, é compositora inspirada. Sendo musicista espontânea, a sua canção *Praias do Ceará*, publicada no Almanaque do Ceará, de 1928, não foi por ela musicada. Escreveu os belos versos pensando musicá-los, mas não chegou a fazê-lo, pois Joubert de Carvalho se lhe antecipou, dando-lhes a melodia que logo se tornou popular. Diva Câmara tem outras composições, entre as quais *A Casinha do Roseiral*, com poema e música de sua autoria.

ALENCAR, Edigar de. **A modinha cearense.**

Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. Páginas: 249,250,251.

Diva faleceu em Fortaleza no dia 9 de abril de 1977.

No estudo de Mário Linhares *História Literária do Ceará*, na página 177 o escritor acrescenta mais informações sobre a poetisa, compositora.

Diva Câmara, filha do ilustre jornalista João Câmara e irmã do comediógrafo Carlos Câmara, é uma delicada flor de sensibilidade. Está hoje, completamente cega. Já não pode contemplar as paisagens de sua terra que tem cantado com tanto sentimento. É poetisa e compositora. Escreveu e musicou a graciosa canção.

Fonte: LINHARES, 1948, página 177.

PRAIAS DO CEARÁ

*Minha casinha, situada à beira- mar,
Fica bem pertinho
Donde a onda vem quebrar;
Tem ao lado um frondoso cajueiro,
Onde um bando de graúnas
Vem cantar o dia inteiro!*

*Estrilho
Não há de certo, não há
Como as praias do Ceará!*

*Minhalma se extasia em contemplar,
Num eterno devaneio,
Este céu, a terra e o mar!
A vida é como um sonho encantador,
Neste retiro saudoso,
Que só nos fala de amor!*

*Quando surge o astro-rei, é uma beleza!
Com os seus raios fulgurantes
Banha toda a natureza!
E as jangadinhas, nessa abençoada hora,
De velas soltas ao vento,
Vão saindo barra a fóra!*

*Que poesia, quando chega de tardinha,
Quando toca a Ave- Maria
No sino da igreja!
Ouvindo o grito estridente da jandaia,
Chamando os companheiros,
Lá no coqueiral da praia.*

*Quando o sol vai descambando, lentamente,
Vai deixando uma saudade
Dentro do coração da gente!
Até o mar, que de contínuo se enfurece,
Numa doce calmaria,
Se recolhe numa prece!*

D

*Sôbre um leito engrinaldado de conchinhas,
Vão pousar todas as tardes,
As formosas jangadinhas!
E os intrépidos, valentes pescadores,
Aos seus lares pressurosos,
Vão rever os seus amores!*

*Quanta harmonia, que doce suavidade,
Quando a noite nos envolve
Com seu manto de saudade!
E a lua cheia, com seu mágico clarão,
Vem surgindo radiosa,
Dissipando a escuridão!*

*Não há no mundo que se possa comparar
A estas praias tão formosas,
Quando a noite é de luar!
Sinto um conforto nesta triste solidão,
Em que tudo nos convida
A murmurar uma oração!*

*Quanta saudade nos envolve o coração,
Ao ouvir nas horas mortas
O choroso violão!
E o praieiro faz ouvir à sua amada
Os sentimentos de sua alma
Na canção apaixonada!*

*É tão singela minha casinha! É um primor!
Saturada de perfume
Dos jasmineiros em flor!
Tem no alpendre uma rêde, a descansar,
Onde adormeço, sorrindo,
Embalada pelo mar!*

LINHARES, Mário. **História literária do Ceará.**

Rio de Janeiro: Fundação das Academias de Letras do Brasil, páginas: 177 e 178.

CASINHA DO ROSEIRAL

*Quem viu outrora uma casinha
Tão alegre e bonitinha
Em meio de um roseiral
Lá murmurava uma cascata
Em seu rosário de prata
Sua prece eternal.*

*E mais poética ficava
Quando o sol além raiava
Doirando o verde pomar.
E nos leques das palmeiras
As graúnas feiticeiras
Modulavam o seu cantar.*

(2ª. Parte)

*Era um encanto tão suave
Naquele ditoso lar
De onde a gente sentia
Fugir tôda a nostalgia
Respirando um bem-estar.*

*Quando a noite vinha a lua
Espargindo o seu clarão
O caminheiro inspirado
Cantava como enlevado
Dedilhando um violão.*

ALENCAR, Edigar de. **A modinha cearense.**
Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. Página: 251.



Edith Dinoah da Costa Braga nasceu em 8 de fevereiro de 1889, na cidade de Paraíba filha de Felismino Novertto Leite da Costa e Margarida Dinoah Costa. O Casal teve três filhos. Edith, Raul e Neuza.

No ano de 1923 Edith Braga se casou com Anastácio Braga Barroso, próspero fazendeiro e proprietário de imóveis. O casal teve uma filha Maria Ebe Braga Frota nascida no dia 10 de julho de 1925 na cidade de Fortaleza.

Em Fortaleza Edith Braga estudou na Escola Normal diplomando-se professora.

Por ser uma aluna de destaque foi convidada para lecionar no grupo José de Alencar, situado ao lado do teatro de mesmo nome.

Em 1923 recebeu a indicação de Lourenço Filho para lecionar na Escola Normal, as disciplinas de Pedagogia, Psicologia e Didática. Após a dissolução de três cadeiras Edith precisava de aprovação em concurso para continuar a lecionar na Escola Normal. Na conquista da vaga encontrou como concorrente Joaquim Moreira de Sousa então diretor de Instrução Pública e Heribaldo Dias da Costa. Heribaldo Dias da Costa faltou as provas sem informar o motivo. A disputa movimentou não só a classe de professores mas a cidade toda. Havia grande torcida para que Edith Braga fosse aprovada mas seu adversário também tinha apoiadores políticos.

Os jornais da época noticiavam o fato.

O Diretor da Instrução, perdeu

No concurso da Escola Normal para preenchimento de uma cadeira de pedagogia, se inscreveram dois candidatos: o Diretor da Instrução Pública e a Professora D. Edith Braga.

Esta senhora em diversas provas tem conquistado vitória sobre o candidato competidor.

Fonte: O Jornal (Sobral), 28 de maio de 1933, Página 1.

O Concurso público acabou transformando-se em um processo judicial, quando Edith Braga foi acusada de ter cometido plágio durante a realização das provas. A Sua memória era espetacular e ela conseguia transcrever e citar os grandes estudiosos, o que despertava a revolta em seu opositor.

Em 1934 Edith Braga foi nomeada ao cargo de professora da Escola Normal e o seu concorrente o Sr. Joaquim Moreira de Sousa, Diretor da Instrução Pública do Ceará, humilhado pela derrota, mudou-se com toda a família para o Rio de Janeiro.

Edith Braga faleceu em 25 de junho de 1950 em Fortaleza, aos 51 anos de idade.

O Jornal *A Razão* de 13 de junho de 1929 nas páginas 2 e 3 reproduzem na íntegra a brilhante dissertação da illustre professora d. Edith da Costa Braga, durante a semana pedagógica. Selecionamos alguns trechos da palestra.

A PSYCHO-PEDAGOGIA E SUA APLICAÇÃO NA ESCOLA PRIMÁRIA

Exmo. Sr. Director da Instrucção Pública.

Meus senhores e minhas senhoras.

Minhas collegas

O professorado cearense agita-se no momento em torno do importante problema da educação do nosso povo, procurando fomentar e facilitar a realização do ideal de adaptação ao meio.

Esse movimento salutar que vem empolgando os seus elementos de maior valor, é um attestado eloquente da dedicação e pertinacia intelligente que sempre norteou essa pleiade arrojada e generosa que constitue a pedra angular da civilização de nossa terra. Com uma concepção clara e segura do valor de seu trabalho silencioso, investigador, concentrando no presente suas realizações e no futuro suas esperanças, pouco lhe importa não logre na vida a perspectiva luminosa, illusoria, utopica mesmo, de uma compensação financeira.

Com a sympathia que despertam sempre as cousas de interesse colectivo, esse echo de vibrações profundas chegou até a Escola Normal, levado pelo digno Director da Instrucção Pública – um convite para a SEMANA PEDAGOGICA. Quiz o dr. João Hippolyto de Azevedo e Sá que a escolha do representante recahisse sobre mim quando bem poderia ter cabido a outro professor que melhor pudesse corresponder à honra da incumbência. Justifica-se, assim, minha presença aqui, neste momento, occupando vossas atenções.

Não me apresento com o título pomposo de conferencista; não pretendo trazer-vos idéas novas, desconhecidas; não me esforcei também por procurar joias preciosas na vastíssima seara da litteratura moderna. Minhas palavras, representando um gesto franco de apoio ao vosso emprehendimento, não passarão de uma despreziosa palestra, de um esboço de aula, apenas.

Avêssa por índole à oratória, sinto-me deslocada quando na tribuna; prefiro a sala de trabalho onde posso observar o evoluir dos conhecimentos suggeridos e assimilados. Assim pois, buscando assumpto na disciplina que professo, escolhi o thema:-- "A Psycho-Pedagogia e sua applicação na Escola Primaria".

A escola moderna, liberta, de todo, das grilhetas do classicismo medieval, abandona o campo do empirismo e apparece como um conjuncto de verdades organizadas e coordenadas com a intervenção das sciencias positivas, que se baseiam na observação de phenomenos da própria vida humana.

A creança, matéria plástica sobre a qual o mestre vae realizar a obra da educação systematizada, é um sêr, em evolução physiologica e animica. Sujeito às leis naturaes que não se dominam senão pela obediência a ellas proprias, às suas causas e aos seus effeitos.

Necessita de uma concepção genética, funccional e psychica, na qual appareça com uma organização propria e uma mentalidade especial. Essa concepção encontra-se na Physiologia e na Psychologia Experimental que, ao lado da Anthropologia, da Biologia e da Hygiene, offerecem à Pedagogia dos nossos dias valiosos elementos para o conhecimento da mentalidade infantil e para o emprego de processos experimentaes que possam garantir a formação de personalidades conscientes.

Surge, então a Psycho-Pedagogia synthetizan'o os mais salutaes processos educativos hodiernos e integralizando as mais seguras conclusões, não só do ponto de vista utilitário, como ainda do ponto de vista technico, Applicada à Escola Primaria visa:

- a) Adaptar os processos de ensino à marcha do conhecimento, cultivando em cada disciplina a funcção da intelligência que nella exerce preponderância.
- b) Realizar pesquisas anthropometricas e psychometrica que forneçam, em dados seguros, a historia da evolução physica e psychica do alumno durante o período escolar. Examinemos o primeiro aspecto.

Ao entrar para a escola, a criança apresenta-se como uma pequena individualidade, podendo exercer activamente suas faculdades e adquirir conhecimentos, pondo em jogo os próprios elementos sensoriaes que se exercem sobre o meio natural. A curiosidade é nella uma fonte perenne de obsrvação e investigação, e da qual o mestre tirará proveito na primeira phase da marcha do conhecimento. D' ahi a necessidade do ensino concreto, e da adaptação perfeita, real, quando possível, do material didactico a cada disciplina e ainda a cada licção. É essa, em qualquer aula, a phase mais delicada, por isso que requer maiores conhecimentos psychologicos por parte do mestre; é a conhecida sob a denominação de percepção confusa do todo e a que deve serguir um curso vantajoso para a aquisição de sensações numerosas.

Affecta à sensibilidade, faculdade primordial da vida, que nos é dada pelos sentidos como partes especializadas do systema nervoso, deve ser ponto inicial do ensino aos moldes intuitivos

Fonte: A Razão, 13 de junho de 1929, Páginas 2 e 3.

31 - EDITH AMARAL



Fonte: Vida Doméstica (RJ)
Fevereiro de 1939 – Página 20.

A escritora Edith Amaral nasceu no Ceará e muito cedo foi com a família para o Rio de Janeiro. Filha do português João Antônio Albernás do Amaral e de Maria Correia do Amaral. O casal teve vinte filhos, dentre eles as escritoras: Adelaide Amaral, Júlia e Judith Correia do Amaral. Edith Amaral casou-se com Euclides Amaral e tiveram três filhos: Luiz Carlos, Maria Paula Amaral e Maria Helena Amaral. A escritora Adelaide Bittencourt em seu *Dicionário Bio-Bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil*, faz a citação do seu nome ao falar de

Adelaide Amaral, destacando a qualidade dos seus trabalhos.

ADELAIDE AMARAL –poetisa cearense de sensibilidade delicada, que ao lado de sua irmã Edith Amaral, autora de ótimos trabalhos sobre assuntos políticos, literários e sociais, vem publicando seus poemas encantadores. Muitos críticos a colocam ao lado de Ana Facó e de Francisca Clotilde, como uma das grandes poetisas da terra de Alencar.

BITTECOURT, 1969, Página 65.

32 - EMÍLIA DE FREITAS VIEIRA (1855 - 1908)



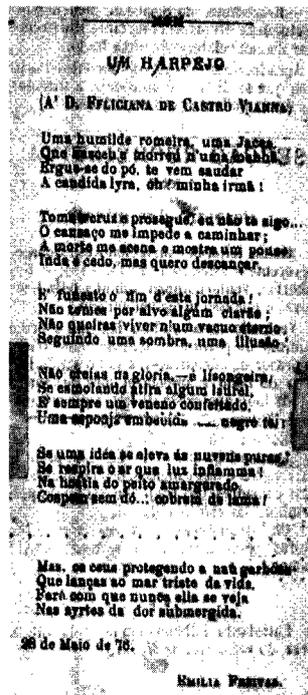
Fonte: REVISTA A ESTRELA "A gentil cultora das letras, Melle. Emília de Freitas, distinctíssima colaboradora e propagandista da 'Estrella' em Mossoró" (Outubro de 1915, p.15.)

Emília de Freitas nasceu na cidade de Aracati, em 11 de janeiro de 1855, filha do Tenente-Coronel Antônio José de Freitas e de Maria de Jesus Freitas. Seu pai faleceu em 1869 deixando sua mãe viúva e com 12 filhos, dos quais quatro, poucos anos depois, também faleceram. Na época Emília de Freitas estava com 14 anos e sofreu muito a ausência do pai e as dificuldades financeiras.

Após a morte do seu pai veio residir em Fortaleza onde se dedicou aos estudos na Escola Normal, dentre eles o estudo das línguas estrangeiras do Francês e Inglês e da Geografia. Exerceu o magistério em Fortaleza e em Manaus.

Colaborou nos jornais *O Lírio*, *O Libertador*, *O Cearense*, *O Estado do Ceará*, *A Mocidade* e *a Brisa*, publicando os seus versos. Dentre os comentários sobre a sua obra haviam elogios e críticas.

Após muitas pesquisas em busca dos poemas de Emília de Freitas identificamos No Jornal *A Mocidade* de 08 de junho de 1876 na página 3 o poema *Um Harpejo* em homenagem a D. Feliciano de Castro Vianna.



POESIA
RECITADA NO COLLEGIO
DE S. CECILIA
NA NOITE DE SEU 1º
ANNIVERSARIO - 1881

É dever n'est' hora excelsa
Mostrar um sincero pasmo,
Saudar com enthusiasmo
O sublime pavilhão
Onde trabalha ufanosa,
Como esta uma cruzada
Que se arroja denodada,
Em busca da perfeição!

Seja embora audaz empreza
Inda em começo vencida,

No jornal *O Cearense* de 12 de janeiro de 1879 na página 4, um poema em homenagem a sua falecida irmã Adelia Adelaide de Freitas.

Em 1881 durante as festas em comemoração ao aniversário do Collegio Santa Cecília Emília de Freias recita a poesia que transcrevemos abaixo

Epicollto.

Ao passamento de minha irmã Adelia Adelaide de Freitas.

Amavel, risonha e soffredora
Soubeste entre nós sempre viver,
Depois nos deixando inda feliz,
Quem te casou tambem morrer?

Antes que o silencio mortuario
Te viesse corrar os puros labios,
Ouvi nos teus câncidos discursos
Palavras que jámais diria sabios!

Tu disseste na hora derradeira:
« De mim que sou pobre creatura
« Quem se lembrará depois da morte
« Envolta no pó da sepultura?!

Amiga o que importa a fofa pompa
Dos ricos e valdeos funeraes?
A morte é sempre a mesma, as mortoes cizaes
Da Rei e do mendigo são iguaes!

Entre dores no mundo o que val honras?
O que val as humanas distincções?
O ingresso do não compra-se ouro?
Ante Deos apresenta-se bradoes?

É mais uma Cruz sobre um jazigo
Que o novo e sumptuoso monumento
É essa quem nos lembra a redempção,
É esse o que suffoca o sentimento

Já vês que a lembrança que so grava
No sincero e amigo coração,
Dura mais que essas pedras onde deixão,
O solo formal d'uma inscripção.

Não sei se ti perdi! a cada instante
Minh'alma ausente te procura,
É no campo invisível do infinito
Que vejo-te na paz e na ventura!

É no riuo da estrella acintilante
Onde fite o profundo e triste olhar,
Que vejo-te occulta como a perola
Occulta no fundo de alto mar!

É daqui o dextero entre soluços
Envio a meu canto aspero e rude
A gloria suprema onde tu goas
O premio sublime da virinde.

Janerio de 1879.
Emília de Freitas.

Fonte: *O Cearense* de 12 de Janeiro de 1879 na página 4.

E

É bello n'essa avenida
 Dignamente marchar;
 Não esquecendo que ao sábio
 Da desgraça, no abandono
 Sempre resta um sceptro, um throno,
 Que é forçoso respeitar!

Que diga a voz da razão
 Ante a grandeza real
 Da magestade immortal...
 Quem a fronte não curvou?!
 Sim, todo ouro da terra
 É pequeno fragmento,
 Não faz sombra ao pensamento
 Qu' o estudo illuminou!

Oh! Quando nas priscas eras
 Actuava a tyrannia,
 Todo povo, então jazia,
 Do saber inda na infância;

Hoje no século das luzes
 Em toda parte s'ensina
 Á rasgar a regra cortina
 Da noite da ignorância!
 E a offrenda generosa
 D'essa seiva immorredoura,
 Q'ora a nação enthesoura
 Nos craneos dilectos seus;
 Com justiça, por direito
 Igual ao filho do nobre,
 Receba, o alumno pobre
 Francamente nos lyceos.

Educar, da mocidade
 A esperançosa cohorte,
 È assegurar a sorte
 Da futura geração!

E

*É accender uma lâmpada
Nas trevas qu'envolvem alma!
É tecer vivida palma
Com as flores da – Instrução!*

*É animas aos adeptos
Dos grandes conhecimentos
A construir monumentos
Que vencem do tempo, as milhas!
Soltar as azas da Idea
Na suprema immensidade,
Legando à posteridade
Portentosas maravilhas!*

*Salve! Mil vezes quem ergue
O grandioso estandarte,
Que na sciencia e nas artes
Guia os heróes para a historia!
Salve! Quem dá livremente,
Das lettras, no templo, ingresso!
Salve! Quem ama ao progresso
N'estes ensaios de gloria.*

Emilia de Freitas

Fortaleza, 22 de novembro de 1881

Publicada no jornal "Pedro II" de 27 de novembro de 1881.

Sua presença era constantemente solicitada para participar de eventos culturais, dentre eles os movimentos em prol da abolição da escravatura do Ceará, foi convidada para ser oradora da solenidade de instalação da Sociedade das Cearenses Libertadoras, em 1883.

A pesquisadora Gisela Paschen Schimmlpfeng em sua estudo *A Mulher E a Abolição* apresenta o nome de Emília de Freitas destacando suas ações em prol do movimento da abolição.

Emília de Freitas teve ativa participação durante a Abolição no Ceará, pronunciando no dia 6.11.1883 o discurso abaixo, "que arrancou do auditório frenéticos aplausos", na soleníssima instalação da Sociedade das Cearenses Libertadoras.

Senhores!

Exmas Senhoras!

Antes de manifestar as minhas ideias, peço desculpa a ilustre SOCIEDADE CEARENSE LIBERTADORA para aquela que sem títulos ou conhecimentos que a recomendem vem felicitá-la pela primeira vitória alcançada na ditosa vila de Acarape. Depois imploro ainda permissão para, à sombra de sua imortal bandeira, aliar os seus esforços aos dessas distintas e humanitárias senhoras, oferecendo-lhes com sinceridade os únicos meios de que disponho: meus serviços e minha pena que, sem ser hábil, é sem compensação guiada pelo poder da vontade.

A sua insuficiência nada receia da parte de um povo generoso e magnânimo; primeiro, porque liberal, saberá perdoar faltas involuntárias; segundo, porque hoje quem não terá pejo de levantar a voz e dizer: "Eu sou negreiro!"

Nos sertões do Ceará já nem os ecos respondem à palavra escravidão!

As flores de nossos prados querem expulsar de seu solo esse monstro detestável que em nossa pátria querida infamava e enegrecia as risonhas cenas da natureza!

Ah! Bem felizes os que podem assinalar a época de sua existência com feitos que enobrecem e divinizam.

Neste momento é com verdadeiro prazer que pronuncio o nome da Exma. Sra. Maria Thomázia Figueira Lima e de suas dignas consocias.

Como na França a admirável Roland ia às grades d'um cárcere animar aos desventurados republicanos, eles hoje nos animam a trabalhar na grande obra que edifica a humanidade.

Com razão, a ninguém mais que a mulher assiste o direito de enxugar lágrimas.

Socorrer a miséria, mitigar dores, é a sublime missão que nos confiou a Providência.

A voz de nossos corações será em todos os tempos um hino de amor e consolação: portanto, é de nosso dever auxiliar os heróis na árdua empresa da remissão dos cativos.

Seja prêmio de nossos esforços, vermos em breve os nossos caros patrício voltarem do campo de ação, coroados de louros, agitando triunfantes o pensão da Liberdade!

Mas, enquanto não chegamos ao almejado fim, trabalhemos e

E

*Não diga ser brasileiro
Quem não contemplar sorrindo
Um dia faustoso e lindo
Na terra da Santa Cruz!
Quem não adora a beleza
Do padrão de sua Glória
Estampado com firmeza
O fato que hoje conduz
As folhas áureas da história
Ideias que serão sempre
Traços formados de luz!
As bellas ações elevam!
Oh!bendita seja a hora
Em que os pobres que choram
Nos grilhões do cativo,
Compassivo estende a mão
O anjo da caridade
E lá d'alta região
Deixam o trono altaneiro
E em nome da humanidade
Entrega ao triste cativo
Seu direito de igualdade,
Seu futuro todo inteiro.
Para os filhos de Japhet,
Segundo a lei natural,
Um descendente de Cham
É seu irmão, seu igual.
Deixemos que o pobre negro,
Por um decreto formal,
Tome parte, seja um membro
Da família universal!
Pois a posse de si mesmo
Bem augusto, eterno, inato,
Se os antigos o violaram,
Foram cruéis, perpetraram
Um mortal assassinato!
Se hoje um senhor resistir,*

E

*Lhe diremos: que cobrais?!
Pedir o mesmo preço d'um homem?
Vós lhe deveis muito mais:
De seus dias e trabalho,
De seu sono a doce paz,
O eterno encanto do lar
Ventura que lhes roubais!
Pra dívida de consciência
Uma plena quitação,
Lhe confirais, exigimos,
O título de cidadão,
Para que vá sem temer
N'alguma aula receber
O batismo da instrução
- Nós que aqui nos reunimos,
Nem só ouro vos pedimos
Como também vossas graças;
Quem não tiver uma bolsa,
Por certo tem coração,
Dele empregue toda força,
Que os rebeldes cederão;
Pois só uma alma dormente
Jazerá indiferente
À causa da remissão!
Nesses felizes instantes
Vendo suar dos semblantes
Vivaz e celeste ardor;
Direi firme ao mundo inteiro:
No império do cruzeiro
Inda há prodígio e valor!
Da destemida cruzada
Denodados combatentes,
Todos, ousados, valentes,
Ninguém na liça cedeu!
Já um abismo galgaram,
O despotismo destronaram
Do escravo o homem nasceu!*

*Glória a árvore frondosa
 De que esse bem floresceu.
 E se das trevas do erro
 Uma voz se levantar,
 E nos vier perguntar:
 Por que exulta a multidão?
 Não só o brado das ondas
 No porto desta cidade,
 Mas, na própria imensidade
 Os mesmos anjos dirão:
 - "São os heróis do progresso
 Espargindo a liberdade,
 É o povo Cearense
 Engrandecendo a nação!"*

Schimmlpfeng, 1984, Páginas 41,42,43,44,45.

No Jornal O Estado do Ceará do dia 20 de outubro de 1891 reproduzimos o texto de sua autoria intitulado *A Infancia. A Mocidade e a Velhice*, oferecido a Sra. D. Maria Accioly.

A Infancia. A Mocidade e a Velhice.

Offerecida a Exma. Sra. D. Maria Accioly

Achei-me à borda d'um risonho lago:

A fresca aragem, que corria branda, movia os ramos da cecem florida até a face das serenas águas, onde iam retratar-se as rosas e as açucenas das manhãs da vida.

E, impregnada do jasmim cheiroso, da baunilha e resedá mimoso, ella impellia a nacarada concha, em que fugia-me a formosa – Infancia.

Esta vestida da rosada aurora, fronte toucada de dourados sonhos, erguia o sceptro da esperança rindo, e cantando o hyno d'um porvir ditoso.

- Infancia! Infancia! lhe acenei da margem, erguendo o lenço de que fiz bandeira, porque me deixas neste extenso prado, e vás fugindo sem cuidar ligeira?

- Volta um momento teu feliz semblante, e, vê terno, e, que sentido – adeus!

Mas ella ia pressurosa e bella como uma nuvem pelo azul do céu.



E

Segui na estrada soluçando ainda, e subi a encosta de gentil collina, verde, tão verde, como a primavera, onde se erguiam, colossaes gigantes! Lindas palmeiras!

Alli, o sol da vida, a Mocidade fervida erguia a torre de ilusões no ar, e eu vi a louca de binóculo em punho, perdendo! Vista, de ambições n'um mar.

Mas... lá, distante se quebrando ao longe, eram as vagas da existência em lucta, que se atiravam como furor indômito, do desengano, sobre a rocha bruta!

- Oh! Mocidade! Tão gentil tão bella! Diz-me onde a vista teu querer conduz?

Pendeu a fronte, e lhe rolou dos olhos gotta de pranto convertida em luz.



Então, bem triste fui seguindo além, e vi um ente a caminhar na neve, e a pesada bruma do tristonho inverno sobre o seu peito parecia leve!

Tinha um barrete com florões de gelo sobre a cabeça a comprimir razão; da experiência, sustentava a sonda, nos frios dedos da calosa mão.

- Sois vós- Velhice – a quem respeito e amo, quando adorava a meus honrados paes?

- Porque vagando nas ruínas tristes de annos passados aqui só choraes?

Ella fitou-me com seus olhos baços, toda clemência, placidez, bondade, e foi descendo a solitária encosta por sobre a neve a desfolhar – Saudade.

Outubro, de 1891

EMILIA FREITAS

Fonte: Jornal Estado do Ceará, 20 de outubro de 1891. Páginas 2 e 3.

Após o falecimento dos seus pais, e com os terríveis efeitos da grande seca do final do século, Emília embarca em companhia do irmão Alfredo Freitas para Manaus. Lá ela foi nomeada professora do Instituto Benjamin Constant, onde ensinou nos cursos primário e secundário. No ano de 1900 Emília de Freitas casa-se com Arthunio Vieira, na época o casal morava em Manaus e Emília lecionava no Ginasio Amazonense, seus versos já eram

publicados nos jornais, bem como apreciações sobre o romance Rainha do Ignoto, como esta publicada no jornal *A Província* de Recife de 4 de agosto de 1900.

A Rainha do Ignoto é um bonito romance que, do Ceará, teve a delicadeza de enviar-nos a talentosa escriptora d. Emilia de Freitas.

Aos amantes do maravilhoso agradará elle, de certo, pela feição lendaria dos lances e dos typos, concebidos todos no pieno dominio da phantasia.

Avançamos mesmo a affirmar que será grande o numero das aquas leitores interessados, porque hoje, como sempre, as narrativas de phantasmagorias e encantamentos encontram por toda parte espiritos predispostos recebê-las com sympathia.

Olhado deste ponto de vista, o romance de d. Emilia de Freitas será um successo, pois não lhe faltam peripecias curiosas e vôas de imaginação no desenrolar do enredo através das sombras do occultismo.

Para sermos sinceros, porém, tomamos a liberdade de observar á apreciavel escriptora que teria acertado melhor se applicasse o seu bello talento n'um trabalho de mais observação e menos ficção.

A Rainha do Ignoto tem, noentretanto, para nós o valor de uma promessa esperançosa, embora não desina ainda uma personalidade litteraria, porque não acreditamos que por este livro (supponho que de estrêa) se possa julgar a capacidade de sua autora.

Agradecemos, penhorados, o exemplar que nos chegou ás mãos.

Fonte: Jornal A Província (Recife), 04/08/1900—capa.

No mesmo ano de 1900, Emília de Freitas e seu esposo partem para Fortaleza em busca de descanso para sua saúde, conforme descrição no Diário Oficial de Manaos de 29 de agosto de 1900.

A petição em que D. Emilia Freitas Vieira, professora publica do 5.º grupo escolar da Capital, pede licença para gosar as ferias no Ceará, por se achar doente, foi assim despachado :—Informe o sr. dr. director da Instrução Publica.

Fonte: Diário Oficial Manaos – 29/08/1900—Capa.

Ao publicar o romance *Rainha do Ignoto* a escritora enviou exemplares para vários jornais do Brasil, divulgando a sua obra, dentre eles o Jornal do Recife de primeiro de agosto de 1900 que publicou uma nota.

**A Rainha do Ignoto—A distincta litterata cearense D. Emilia Freitas teve a gentileza, que agradecemos, de offercer-nos um exemplar do seu romance psychologico, ultimamente editado pela Typographia Universal, de Fortaleza.
Brevemente emittiremos o nosso juizo acerca do referido trabalho.**

Fonte: Jornal do Recife, 01/08/1900 – capa.

O jornal *A Tribuna* do Rio Grande do Norte – Anno IV – Fasciculo 5 de 1900, publicou uma detalhada apreciação nas páginas 6, 7 e 8, sobre o romance *Rainha do Ignoto* de Emília de Freitas, assinada por Antônio Marinho, onde o crítico descreve o enredo do romance e faz uma análise sobre o trabalho da escritora que viria a ser precursora na literatura fantástica.

Carta aberta

Á Redacção d' A Tribuna

Venho desobrigar-me da tarefa de dar a minha desvaliosa opinião, que solicitastes, sobre o romance *Rainha do Ignoto*, de Emilia Freitas, recentemente publicado no Ceará.

Não como critico, mas por mero diletantismo satisfaço o vosso pedido, correspondendo, assim, à acolhida fidalga que à vossa nímia generosidade sempre apraz dar aos meus escriptos.

É preciso conhecer muito bem a psychologia femenina para falar com segurança sobre o romance de uma mulher.

Não entro, portanto, em subtilezas e detalhes, demorando só nos pontos em que a minha incompetência não seja tão calva que solicite o riso da leitora



O preconceito hereditário, e infelizmente consolidado, de que só dentro do lar deve a mulher desenvolver a sua actividade consciente – porque é alli que ella proveitosamente distribue a parte mais salutar e fecunda de sua alma – originou a indifferença irônica e systematica por todos os productos da intelligencia feminina.

E

E tão exaggerado se me afigura o preconceito quanto é justamente louvável qualquer afirmação de applauso, que sirva de estímulos vigorosos à franca manifestação mental do sexo egrégio.

A Rainha do Ignoto é um livro de estréia, parece-me.

A sua auctora não tem a recommendação da critica contemporânea, nem sequer se apresenta à sombra protectora do prestigio de um nome laureado.

Não quiz padrinhos. Ainda bem. Louvo-a pelo justo orgulho que revela a tempera de um espírito esclarecido e emancipado, que se atira ás lides atrahido pelas fascinações do ideal.

Como todo espírito que pensa e, por isso mesmo; não segue a turba compacta dos rotineiros vulgares, Emilia Freitas não rende homenagem ao convencionalismo orthodoxo da civilização, mas aspira inscrever-se nas fileiras dos paladinos do futuro, firme, resoluta, como tantas que brilham na arena pelo talento e pela actividade productiva e constante.

O Rainha do Ignoto não é um romance que agrade ao espírito da epocha. Não é, francamente, um livro de fazer successo no mundo litterario. Não. É um ensaio, uma tentativa promissora, que tem o grande mérito – e não é pouco – de tornar evidente o talento da auctora e o seu espírito impressionável e relativamente cultivado.

A concepção não se inspira em factos observados; funda-se n'uma espécie de occultismo, que não sabe bem ao senso critico da actualidade.

Emilia Freitas, porem, não é um espírito que se preocupe demasiado com a opinião dos outros. Escreve ao sabor de sua imaginação, n'um estylo que não é aprimorado nem pêco.

A parte o que há de mysterioso e phantastico no romance da intelligente escriptora nortista, o *Rainha do Ignoto* offerece-nos scenas naturalissimas da vida campesina e dos nossos mais adeantados nucleos sociaes.

Não escapou à sua observação, por exemplo, a curiosidade abelhuda e incommoda com que o aldeão assedia a paciência e bohomia de uma família da praça, que demora, por tempos, no sertão.

De facto, elles entram em nossa casa com toda a semceremonia, observam silenciosos, a principio; depois desacanham-se, vêm as mil perguntas, mexem, remexem, desconfiados mais petulantes, acompanhando-nos em todos os movimentos com o olhar aparvalhado, ou talvez ingenuo, das almas simples que vivem na natureza agreste.

O Rainha do Ignoto é, em summa, um lamento sincero, uma manifestação de profundo amor pelos que soffrem as desventuras, as ingratições da vida ephemera, e especialmente pelas victimas indefesas do donjuanismo perfumado e aventureiro que campeia altivo nos salões polidos da sociedade elegante.

A protagonista do romance e algumas outras figuras de mulher, creadas pelo espirito altamente imaginoso de Emilia Freitas, são typos inteiramente inverosimeis. E, neste particular, divorcio-me do pensamento da illustre patricia, quando arbitrariamente affirma, no prefacio do seu livro, que hoje, com mais razão, podemos nos apoderar do inverosimil, pois estamos na epocha do espiritismo e das suggestões hypnoticas...

Perdão. A idea fundamental do seu romance não se concilia com o espirito scientifico e philosophico da actualidade; esta é profundamente realista para admitir creações da natureza da Ilha do Nevoeiro e quejandas.

Estou certo, porem, de que a intelligente patricia nos dará de outra vez um romance, não direi de pura observação e analyse, porem emancipado do apriorismo decadente, que conduz o espirito às mais repugnantes aberrações moraes.

O espirito da mulher tende demasiado para o romantismo, e nisso está a difficuldade de filiar-se à eschola naturalista, que tem como patriarcha o vulto veneravel do grandioso auctor da Comédia Humana, e como representantes n'este século, alem de outros, homens da envergadura intellectual de Flaubert, Zola e Daudet.

O amor é a pedra de toque do romance de Emilia Freitas. Foi ao estudo desse sentimento, o mais enganador e pujante da natureza humana, que a distincta escriptora dedicou as mais vivas forças do seu talento. Disse algumas verdades, indubitavelmente, mas phantaziou muito. Não sei se as tuas idéas particulares estão, como penso, traduzidas na personalidade intellectual da protogonista do romance; si, o estão phantaziou e phantaziou muito, pondo nos lábios de Dianna o que se segue:

Amaria!... amaria mais do que Virginia (1) a pobre orphã que descança sob a lage de um sepulchro! Amaria!... amaria mais do que Odethe (2) a infeliz condemnada a um silencio forçado! Amaria mais do que a mãe ao filho que se afoga, mais do que o louco ao seu thesouro imaginário! Mais do que o condemnado ama à vida; mas não uns olhos lindos, uns cabellos, uns lábios... um todo elegante... Amaria à transparencia divina de uma alma delicada e terna,

amaria ao character, à consciencia pura de um espírito esclarecido, embora pela luz natural da intelligencia.

Basta. È a manifestação de uma alma tão delicada, tão subtil, tão vaporosa, que chega a diluir-se no ether.

Amaste, diz em outra página Dianna, apostrophando o coração – amaste... e teu amor cada vez que se erguia de teu imo era para levantar-te uma força e te estrangular de dor! Teus sonhos remontaram ás nuvens, tomaram as transparências luminosos do sol! Mas evaporaram-se e, como rolos de fumo, subiram para o ar, deixando, após si, a caveira descarnada do esquecimento de tuas illusões.

Eis o resultado do mysticismo em amor: foge tudo, tudo volatiliza-se, fica-nos apenas a caveira descarnada das nossas illusões, mas isto quando o problema não se resolve com uma bala de revolver ou uma dose de strychnina.

O amor é o princípio de todas as desgraças, diz Emilia Freitas, epigraphando um dos capítulos do seu romance.

Escutem agora o que sobre esse mágico sentimento conceitua Mantegazza, o sábio physiologista e psychologo, profundo conhecedor do coração humano.

A mais rápida e ardente sympathia nasce na admiração da forma, que é, para bem dizer, o sentimento do bello satisfeito pelo objecto desejado.

E mais adiante:

Em amor, o espírito e o character fraquissima influencia exercem, si a elles se não junta a belleza; e a esthetica domina o mundo do amor. Aquelles mesmos que acreditam collocar na mais alta esphera do ideal o critério de sua escolha, e que desdenham o bello como um engodo para as naturezas vulgares e dominadas pelos sentidos, não buscam, sem que o saibam e sem que o queiram, senão qualidades essencialmente sexuaes.

Perfeito. Não desdenhando os attributos moraes e intellectuaes, é, de facto, a forma o que mais profundamente impressiona.

Na mulher, uma bem conformada estructura ossea, que lhe dê um talhe esbelto, uma bellissima cintura, uns seios petulantes, não lhe faltando espírito e donaire, garante-lhe um cortejo de adoradores, que fariam os mais ridículos papeis para conseguirem beijar-lhe a orla do vestido ou a ponta das sandálias.

Uma leve inclinação do nariz, para cima ou para baixo, escreve Schopenhauer, tem decidido da sorte de uma infinidade de moças.

A força e a coragem do homem, além de outras qualidades, é o que exerce sobretudo poderosa influencia no animo da mulher. O caracter, a intelligencia opulentam e fazem realçar a feição plastica, mas não constituem, em regra, essenciaes elementos de seducção. Diz ainda Mantegazza, que a mulher pode amar um homem somente porque elle é bonito.

Sim, contanto que a esse exemplar masculino da espécie não falem as qualidades viris que o recommendem ao amor da mulher; assim como a esta não devem faltar qualidades essencialmente femininas que seduzam o homem. E é por isso que à mulher não agrada o homem bonito e afeminado, pela mesma razão physiologica porque ao homem não convem a mulher bella, mas varonil.

O sexo faz parte muito integrante de nosso organismo para que possamos eliminal-o da nossa apreciação, confirma abalizado mestre.

Para a mulher pouco importa que o eleito do seu coração seja um imbecil. D'entre uma côrte de admiradores, onde avultam poetas que lhe decantam a imagem, nevroticos, lymphaticos e tuberculosos, recommendaveis pelo talento, ella prefere o imbecil, aquelle sujeito que a olha humilhado e que não se atreve a dirigir-lhe um galanteio porque não sabe, mas que é bem apessoado, sadio e forte, apto para dar-lhe uma prole robusta. O inconsciente avverte-lhe de que é ella e não o marido quem transmite a intelligencia aos filhos, e por isso considera o talento no homem como um brilhante adorno, que pode alimentar-lhe a vaidade, mas nunca inspirar um amor duradouro e fecundo.

O casamento é um laço dos corações e não das cabeças, ainda é Schopenhauer quem o diz.

E continua:

Quando uma mulher affirma que está fascinada pelo espirito de um homem é pretensão vã e ridicula, ou então é a exaltação de um ser degenerado.

Supponhamos um rapaz de admirável talento, character diamantino, sociável, etc., mas que nada entende de bigodes, na phrase de laureado poeta, nem sabe tornejar um galanteio. Qualquer janota empertigado e palavroso, admitto mesmo um typo boçal que traje na moda e trescale perfumes deliciosos, impõe-se com melhor vantagem á preferênciã de uma mulher.

O homem, porem, considera muito a intelligencia no bello sexo, porque sabe, por instincto, que, sendo aquella faculdade uma

manifestação de superioridade na espécie, um producto de selecção mental, não pode a geração futura privar-se d'ella.

Em primeiro lugar, porem, as qualidades physicas é que predominam, porque são ellas que interessam mais de perto a perfectibilidade da espécie.

Os factos que desmentem esses princípios são desvios, casos pathologicos, aberrações do senso esthetico, ou poesia, poesia e romance.

È possível até que o homem ame na mulher uma parte de seu corpo, o pé, por exemplo; e José de Alencar, no Pata da Gazella, romantizou esse caso, com muita graça e não menos observação.

A mulher, por outro lado, pode amar no homem o nariz, os olhos, a cabelleira, etc, e, a propósito, lembra-me de já me ter dito um rapaz que uma moça se apaixonara vivamente pela sua dentadura.

Amar a transparência divina de uma alma delicada e terna pode ser muito bonito como poesia, mas é inverosimil, puro platonismo que não logra triumphar da realidade das coisas.

Amor platônico, permittem-me as almas sonhadoras, é amor inutil, infecundo, frio, que traz sempre o estigma indelevel da morbidez, da degenerescência.

Ainda é a protagonista do romance quem diz:

E este homem, que nunca conseguiu o simples prazer de trocar commigo duas palavras em uma conversação banal, teve a coragem de amar-me, sem esperança, quinze longos annos!

Pudera! Amar quinze annos SEM ESPERANÇA é puramente romântico.

Poderia desenvolver estas apreciações, mas prefiro rematar a estirada que já vai longa. O leitor intelligente, por observação e experiência própria, mais do que eu sabe quanto é problemático o amor que não traduz a afinidade electiva de dois seres.



Eis o que penso sobre o romance de Emilia Freitas.

O facto de não estar em harmonia com as minhas idéas o pensamento fundamental do seu livro, e a diversidade das nossas opiniões sobre o assumpto capital – o amor, não me fazem desconhecer o mérito litterario do romance e o espirito atilado e observador da distincta escriptora nortista, que procurou estudar a alma da mulher nos seus differentes aspectos.

A nova lus*

Se és Cristo todo de Deus,
 se és patrimônio da casa
 divina em seu passado,
 que a razão te dá certeza

É de Deus a tua vida,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna,
 "independente".

Não há a Luz, Deus, Forno,
 porque não há nada ali,
 não há nada ali — inclusive
 a tua nova vida — Deus!

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Fonte: Jornal Luz e Fé, 2/11/1901. Página 2.

... e, em consequência, de Deus, para Deus, e
 não há a Luz, Deus, Forno,
 porque não há nada ali,
 não há nada ali — inclusive
 a tua nova vida — Deus!

Que razão te dá a tua
 vida eterna, não é possível,
 que não morre, não se altera,
 é, porém, sempre eterna?

Arturo Castro Alves

Porque?

Aquele, quando se espelha a sub-
 cãna que cultivamos o espiritismo, fazendo
 sessões tolas, a "caixa-fôrca", uma e
 o mesmo material, à noite, para adivinhar
 o futuro, adivinha de caridade, esperan-
 ças, naturalidade, ver alguma coisa de
 fantasmagórico, com que aparência, no
 menos um pouco demoníaco, patético que
 se dignasse de representar alguma patre-
 melia...

Hoje, porém, gente que procura
 impingir a mediunidade, o que não foi
 feita, conhecida, mas não descaída, a
 por ocasião dos referidos trabalhos,
 há quem o mal e o espírito por si.
 Apesar do alto poder, chegamos à e-
 vivência de nos Marneiros e ligamos
 ma de mediunidade, e como essa ocorre
 no universo sem uma causa determi-
 nada e um fim determinado, esta dila-
 tação faz da parte de grandes
 coisas, em relação à interpretação da lei,
 da religião que não se opõe, mas im-
 palpáveis, ciência, da religião que não
 dá lugar a ceticismo e a dúvida e não
 dá lugar a que se diga "pelo espírito"
 "pelo espírito" para que não haja
 "pelo espírito" "pelo espírito" "pelo espírito"

Tempo" de repetir e idêntico e não
 a expressão da corte de Roma, in-
 tegro a religião do cabalístico espírito. Os
 homens, por a dia reencarnado (reincarna-
 não se chamam a feição? A natureza
 encarnada da obra: a população de
 Maranhatim, lembrava sem do modo
 extraordinário como, em princípio do
 tempo, por um dia de erro, uma
 força elétrica carbonífera um dia idô-
 los da matéria.

Porque estamos convencidos de que
 cumpriamos o nosso mandato sobre a
 terra, a "que, com o "Incluído", embora,
 procuramos ser "que os que se aca-
 der, a pura doutrina espírita.

ARTURINO VIEIRA

REINCARNAÇÃO

Não fazo nos que escarnam-
 vereale, fato que ainda não
 creiam nella, mas deixam conheci-
 a procuram examinar os factos que
 a evidenciam.

Das verdades espíritas uma das que
 mais custam a aceitar é a da rein-
 carnção, mas ninguém poderia re-
 jeitá-la se lhe fosse possível uma re-
 moinção a como suceder me apenas
 conexão a vida terrena. Não tpa-
 a, mas de este anno quando sem o
 máximo conhecimento das verdades
 espíritas, tive a idéa da reencarnação.

Era em uma bella manhã, das sete
 para as o ta horas, no pateo entre Ho-
 nos, admirava curiosamente umas
 tuvas alisadas, regularizadas pelo
 sol em tão muito azul, de rubro, es-
 clmoi mentalmente: Morrerai, mas vi-
 rei de novo uscer... me reconhe-
 rei neste ou a existência, sentirei
 ou não o mesmo sol? O cogitar era
 profunda para uma criança d'aquella
 idade, d'ou sem replicação.

(Segue)

R. P. V.

Fonte: Jornal Luz e Fé, 2/11/1901. Página 4.

No Pará, a escritora Emília de Freitas também contribuiu para publicações espíritas. O Jornal *A Província* de Recife de 24 de abril de 1903 registra o recebimento da revista *Sophia*.

Recebido em um exemplar da *Sophia*,
revista espírita que publica no Pará e da
qual são diretores professor Antônio Vieira
e secretária a exma. srta. d. Emília Freitas
Vieira.

Dentre as poucas referências de escritoras cearenses citadas no *Dicionário da Literatura Cearense* de Raimundo Girão, encontramos o nome de Emília de Freitas e sua trajetória enquanto professora e escritora nas cidades em que viveu, Fortaleza e Manaus.

FREITAS (Emília). Filha de Antônio José de Freitas e Maria de Jesus Freitas, nasceu em 11 de janeiro de 1855, na cidade de Aracati, CE, em cuja escola pública recebeu os primeiros ensinamentos. Falecido o pai, em 1869, retirou-se para Fortaleza, dedicando-se ao aprendizado das línguas francesa e inglesa e o da Geografia. Em 1885 frequentou a Escola Normal. Acompanhando o irmão Alfredo Freitas, em 1892 transferiu-se para Manaus, AM, e ali exerceu o cargo de professora do Instituto Benjamin Constant até 1900, quando regressou ao Ceará, acompanhando do marido, o jornalista Antônio Vieira, que foi redator do Jornal de Fortaleza. Novamente residindo em Manaus, passando a colaborar na imprensa manauara. No Ceará colaborou no *Libertador*, *n'O Cearense*, *n'O Lírio*, em *Brisa*, estes últimos exclusivos literários e todos de Fortaleza. No Pará, colaborou no *Amazonas Comercial* e em *Revolução*, sempre publicando versos de sua autoria, os quais, colecionados e selecionados, constitui o livro *Canções do Lar*, 1891. Em 1899, publicou *A Rainha do Ignoto* (romance psicológico), "onde o Ceará e o Amazonas constituem cenários, provando com tal escolha as ligações indissolúveis estabelecidas pela emigração cearense e seladas com o sangue de seus filhos no amansamento das florestas silvestres, na conquista da terra inatura" (Abelardo Montenegro). É, deste: "Vivendo numa sociedade em que a mulher se dedica aos afazeres domésticos, sendo-lhe vedada a ilustração do espírito, Emília Freitas é uma pioneira, uma precursora do movimento cearense", tomando parte nas

E

atividades literárias jornalísticas. Informa o Barão de Studart, em seu Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense, v. 1, p. 242, que Emília publicou o romance *O Renegado*. Faleceu no dia 18 de outubro de 1908, em Manaus.

GIRÃO, 1987. Página 106.

Aproveitamos o momento para fazer uma correção em relação a data de falecimento da escritora Emília de Freitas. Em várias obras de consulta como o Dicionário da Literatura Cearense e em sites da internet constam o dia 18 de outubro como data de falecimento de Emília, entretanto a data correta é o dia 18 de agosto de 1908, como está descrito no Dicionário Biobibliográfico de Guilherme de Studart e como podemos atestar na notícia imprensa no jornal do *Commercio* transcrito abaixo:

Emília de Freitas faleceu em Manaus, a 18 de agosto de 1908. *O jornal do Commercio* (Manaus) publicou uma nota.

Falleceu ante-hontem, à noite, pelas 8 ½ horas, a antiga e conhecida professora publica d'esta capital, dona Emilia Freitas Vieira, esposa do nosso confrade Arthunio Vieira.

Poetisa apreciável, romancista observadora, dona Emilia Freitas, — nome pelo qual era conhecida, foi denodada paladina do abolicionismo, no Ceará, sua pátria, o que lhe valeu o cognome de Poetisa dos Escravos.

Collaborou largamente no *Libertador* e aqui em Manáos no *Amazonas Commercial*, na *Patria*, etc.

Fervente espírita, muito escreveu nos periódicos da doutrina, do Ceará e Pará, sendo secretaria das redacções do *Verdade e Luz* e da *Sophia*, em Belém.

Deixou publicados um livro de versos — *Canções do lar* e um romance *Rainha do Ignoto*; e inéditos, além de muitos escriptos espíritas, um romance de collaboração com o marido e denominado *O Renegado!*

Ainda há pouco, na *Revelação*, do Pará, fez publicar uma série de artigos sob a epigraphe *Da mulher para a mulher*, que foi longamente reproduzido no sul da Republica.

Fonte: *Jornal do Commercio* (Manaus), 20 de agosto de 1908, Página 1.

No ano de 1980 através do estudo do professor Otacílio Colares, o livro a *Rainha do Ignoto* foi reconduzido ao cenário da literatura cearense em edição

da Imprensa Oficial do Estado. Afirmou aquele ilustre estudioso: *Rainha do Ignoto* é legítima literatura fantástica. Com iguais características, antes dele e na sua contemporaneidade, outro não haverá.

Olga Barroso em seu estudo *Quem são elas*, incluiu o nome de Emília de Freitas dentre as homenageadas.

EMÍLIA DE FREITAS

Na época em que viveu Emília de Freitas, já a literatura cearense projetara no cenário nacional nomes de real grandeza, enchendo o espírito do tempo com o sentimento e o idealismo reinante.

Nascida na cidade Jaguaribana de Aracati, em janeiro de 1855, era filha do Tenente-Coronel Antônio José de Freitas e Maria de Jesus Freitas.

Seu pai era um homem de visão e liderança no meio em que vivia, tendo sido o fundador da cidade de União, atualmente Jaguaruana. Falecido em 1869, já sem nenhum prestígio político, deixa viúva com 12 filhos, dos quais quatro, poucos anos depois, também faleceram.

Emília teve uma juventude marcada por muito sofrimento, abrindo-se na sua alma sensível sulcos profundos, cujo estado emocional ela sempre deixou transparecer nos doridos versos.

Soube com altivez enfrentar os grandes embates da vida, aproveitando as adversidades para a própria afirmação.

Sempre voltada para as coisas do espírito, após a morte do seu pai veio residir em Fortaleza onde, a duras penas, conseguiu ampliar seus conhecimentos através de muita leitura e do estudo intensivo do francês e do inglês.

Com a persistência que sempre teve, conseguiu figurar como colaboradora nos jornais *O Lírio*, *Libertador*, *Cearense* e *a Brisa*. Em todos eles, teve oportunidade de publicar os seus versos.

Não foi fácil no entanto essa sua vitoriosa conquista; nem só de louros ela se viu coroada. Enquanto alguns reconheciam o valor do seu talento jovem, descobrindo nos seus versos a riqueza das imagens, outros lhe empanavam o brilho, expondo o seu nome com depreciativos comentários.

Cada vez mais conhecida e relacionada no meio social da cidade, era ela constantemente solicitada a participar de eventos culturais, tendo sido distinguida entre as participantes do movimento em prol

da abolição da escravatura do Ceará, para oradora da solenidade de instalação da Sociedade das Cearenses Libertadoras, em 1883.

Sua é voz eloqüente que declara com ardor cívico: “É nosso dever auxiliar os heróis na árdua empresa da remissão dos cativos”. Mulher de pensamento e vontade firmes, muito embora cercada do descaso e das incompreensões, prosseguia decidida no caminho árduo das letras.

Seu destino no entanto a conduziria a longínquas paisagens onde de mistérios se envolveram todos os seus sonhos.

Assim é que, com o falecimento dos seus pais, e com os terríveis efeitos da grande seca do final do século, Emília embarca em companhia do irmão para Manaus.

Lá ela foi nomeada professora do Instituto Benjamin Constant, onde ensinou nos cursos primário e secundário. Apesar de sobrecarregada com os deveres do magistério, não deixou a notável escritora de manter contato com os intelectuais da terra, prestando sua colaboração ao jornal *Amazonas Comercial*, daquela capital.

É bem provável que seu romance *Rainha do Ignoto* tenha recebido forte influência, de um lado, das suas leituras sobre o magnetismo, assunto em voga na época, e, do outro, do espiritismo, culto a que encaminhara a sua imensa solidão. Além disso teve a visão panorâmica da portentosa Amazônia, com seus mistérios, suas lendas e encantamentos.

Sem modelos a imitar, sem recorrer aos recursos da técnica, seu livro constitui-se um verdadeiro desafio à sua habilidade. Vivia, pois, um momento inusitado que somente a arte poderia explicar, “livre de peias e de amarras”.

Emília alça, portanto, seu altaneiro vôo para longe das disputas, das preferências pessoais e dos apadrinhamentos.

Fantástica a sua literatura; fantasioso o seu pensamento, conflitante com o real, quando já se tornara obsoleto o romantismo, deixando a intelectualidade em clima de desconfiança e de descrédito.

Assim aconteceu quando do lançamento do seu romance, *a Rainha do Ignoto*. Livro alentado, com 456 páginas, e se colocando fora dos padrões aceitos na época, fez com que a autora recebesse o desairoso título de *a Funesta*. Esta situação perdurou por muitos anos em torno de sua obra fulminada pelo cáustico julgamento dos críticos. Também de sua autoria é o romance *Renegado*, além de *Canções do Lar*. O Barão de Studart, no seu Dicionário Bibliográfico, omitindo-se de comentário, apenas deixou registrados os dados pessoais da autora e os títulos e obras publicadas.

Sendo ela uma escritora muito conhecida nos meios intelectuais cearenses, foi realmente com muita tristeza e decepção que assim se expressou: *De ouvidos cerrados seguirei desassombrada no dificultoso caminho da Literatura Pátria.*

A superioridade do seu espírito, a capacidade de lutar pelos seus ideais, como que se foram arrefecendo, com a sensibilidade ferida, atingida no mais íntimo do seu ser, como se pode observar na amargura que extravassava nesse seu escrito: *Vinte e nove anos já passaram por minha frente cismadora! E assim como as tempestades marcam com os ossos a passagem do viajante no deserto, eles me deixaram na mente os esqueletos dos meus sonhos.*

Desfolharam minha crença e minhas esperanças, assim como fizeram murchar os encantos que anfloram a minha poética e desditosa mocidade.

Só em 1980, graças à iniciativa e ao metucioso estudo do professor Otacílio Colares, o seu livro *a Rainha do Ignoto*, foi reconduzido ao cenário da literatura cearense em edição da Imprensa Oficial do Estado. Afirmou aquele ilustre estudioso: "A Rainha do Ignoto" é legítima literatura fantástica. Com iguais características, antes dele e na sua contemporaneidade, outro não haverá.

Viveu pois Emília de Freitas adiante do seu tempo, precursora e vidente, convicta do seu verdadeiro papel de escritora.

Desacreditada e relegada ao esquecimento, deixou aos pósteros o julgamento da sua obra, que se eleva na grandeza do seu iluminado espírito!

Fonte: BARROSO, 1992, Páginas 39-41.

33 - ELVIRA EUGÊNIA CORREIA DE PINHO (1860-1946)

Elvira Eugênia Correia de Pinho nasceu em Maranguape no dia 12 de julho de 1860. Filha de Reginaldo Benévolo Ferreira Pinho e Eugênia Correia de Pinho. Em 1872 ficou órfã de pais e sua tia Maria Correia do Amaral manda busca-la e matricula-a no Colégio Imaculada Conceição, tornando-se uma das primeiras alunas do Colégio e diplomando-se em 1877.

No magistério começou como auxiliar do Colégio Santa Rosa Lima, dirigido por suas primas Júlia e Judith Amaral. Em 1882 foi nomeada Professora primária da capital. Em 1892 e 1893 atuou como professora de Música da Escola Normal Pedro II, da qual foi a primeira mulher a ocupar o cargo de

Diretora em 1913, ficando apenas três meses por conta de uma intervenção federal, o que a obrigou a pedir demissão e voltar a ser professora de música na mesma instituição, da qual se aposentou em 1919 após 37 anos de magistério público. Em homenagem ao seu trabalho desenvolvido na educação seu nome foi dado às Escolas Reunidas da Praia de Iracema.

Elvira Pinho participou da campanha abolicionista, foi secretária da Sociedade das Senhoras Libertadoras e auxiliou no socorro aos flagelados da seca de 1915. Pianista de mérito, realizou estudos de Especialização de Teoria Musical com o Maestro François, no Rio de Janeiro. Voltando a Fortaleza, fundou o Recreio Musical, onde se apresentaram importantes nomes da música cearense. Escreveu um Compêndio de Teoria Musical, que recebeu elogios do Maestro Ernani Braga e do pianista Sousa Lima.

Sua presença foi marcante na educação e nos movimentos sociais, além de abolicionista, e de promover o socorro aos flagelados da seca de 1915, liderou uma histórica passeata das donas de casa de Fortaleza contra a alta incontida do custo de vida, em julho de 1946.

Elvira Pinho faleceu em 27 de agosto de 1946.

O estudo *Quem são elas* de Olga Monte Barroso, apresenta o nome de Elvira Pinho como uma das homenageadas.

ELVIRA PINHO

Surpreende-nos, ao termos conhecimento da vida de Elvira Pinho, a tríplice habilidade da educadora, da pianista e, sobretudo, da abolicionista.

Esses três grandes méritos têm seu significado pelo visto por uma sociedade distante e repleta de preconceitos, aceitando-a muito bem como educadora e exímia musicista. Possuía ela, contudo, espírito de liderança, e assim abraçou a campanha abolicionista no Ceará, sendo eleita secretária das Senhoras Libertadoras, em 1883, numa reunião com a presença de José do Patrocínio, ocasião em que este grande brasileiro convocou o trabalho da mulher cearense pela causa da liberação.

Elvira Pinho é cearense de Maranguape, nascida em julho de 1860, filha do Tenente-Coronel da Guarda Nacional, Regionaldo benévolo Ferreira de Pinho e Eugênia de Pinho.

Em 1872, órfã dos pais, veio para Fortaleza, onde passou a morar com a tia, Maria Correia do Amaral. Estudou no Colégio da

E

Imaculada Conceição, terminando os estudos com 17 anos e passando a ensinar no Colégio Santa Rosa, na Capital.

Foi destaque em sua vida não só no trabalho como abolicionista, mas também na ajuda dada aos falgelados da seca de 1915, assegurando-lhes trabalho na sua própria residência, para o ganha-pão do dia.

Assim procedendo, leva-nos nossa homenageada a julgá-la como uma mulher que agiu uma geração após o seu tempo, realizando a assistência social completa de trabalho e alimento, com corpo e alma cristãmente assistidos. Creio ser a bondade o tema principal na vida de Elvira Pinho.

Foi ela a primeira mulher nomeada Diretora da Escola Normal, em 1913, continuando como professora durante muitos anos.

Resta para nós a lembrança do trabalho feito com amor e dedicação, na solução das questões em torno da liberdade dos escravos, na companhia de Maria Tomásia, Carolina Cordeiro, Eugênia Amaral, Francisca Cruz e outras.

Fez curso de música no Rio de Janeiro, onde alcançou o maior sucesso, regressando ao Ceará, em companhia do irmão musicista e compositor Francisco Benévolo. Organizou a orquestra que muito serviu para o Recreio Musical, com serões para os amantes da arte musical. Elvira mantinha um curso particular de piano sendo grande o número de alunas.

Foi membro do Conselho de Instrução Pública e lecionou durante um ano inteiro gratuitamente, no Curso Preparatório da Escola Normal, até que fosse criada a Cadeira do Curso de Lições de Música. Escreveu um trabalho sobre Teoria Musical.

Já aos oitenta e seis anos, filiou-se à Sociedade das Donas-de-Casa, com a finalidade de conter a alta dos preços dos gêneros de primeira necessidade, em Fortaleza, no ano de 1946.

Irmã do Tenete-Coronel Jaime Benévolo, foi com suas extraordinárias atitudes aquela que soube dignificar o nome da mulher cearense.

Numa tela do renomado pintor Raimundo cela, no ano de 1931, colocada no salão principal do Palácio da Luz, antes residência dos governadores, e, hoje, sede da Academia cearense de Letras, estão retratadas as figuras que muito se destacaram no movimento abolicionista e vitorioso do Ceará.

Lá está a notável Elvira, bem localizada entre as demais, a merecer os nossos efusivos aplausos.



34 - ESTEFÂNIA GASPAR BEZERRA DE MENESES (1897-)



Fonte: Mulheres do Brasil – V. 3

Para falar sobre Estefânia Gaspar Bezerra de Menezes foram consultadas duas obras de referência em estudos biográficos e culturais, o *Dicionário da Literatura Cearense* de Raimundo Girão e a *Cronologia da Cultura Cearense* de F. Silva Nobre, e ambos descrevem em seu texto o seguinte relato biográfico.

MENESES (ESTEFÂNIA GASPAR Bezerra de). Nascida na cidade de Quixadá, em 20 de novembro de 1897. Filha de João Gaspar de Oliveira, velho funcionário da Rede de Viação Cearense e Ana

Pinto Leite (Donana). Casou-se com Valter Bezerra de Menezes, Odontólogo, sem filhos. Cronista. Pertence à Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno e à Associação Cearense de Imprensa. Tem os Cursos de Matemática e Português. Publicou: Canto Coral; Lutar; Cumpriu-se a Magna Promessa; O Trabalho; O Menino da Gaita.

Fonte: Girão, 1987, Página 160.

Entretanto em consulta aos arquivos da Casa Juvenal Galeno sobre a Ala Feminina, encontrei uma outra informações sobre a data de nascimento da escritora, porém optei por manter seu nome no dicionário, em virtude de não ter oportunidade e tempo hábil para verificar em cartórios ou nos arquivos do Seminário da Prainha informações sobre a sua certidão de nascimento que comprovaria a data correta.

35 - EVANGELINA ACCIOLY



Evangelina Accioly nasceu em Guaiuba no Estado do Ceará, filha de Antônio Accioly de Vasconcelos e Maria Facundo de Vasconcelos. Evangelina Accioly foi escritora e defensora das causas femininas.

O periódico *A Razão* com data do dia 17 de agosto de 1919 em sua página 7, traz a notícia da FESTA DA MULHER promovida pelo grêmio dos Estudantes Phenixtas e presidida pela talentosa beletrista Evangelina Accioly.

Gremio dos Estudantes Phenixtas

FESTA DA MULHER

Realizou-se ante-hontem a sessão extraordinária de glorificação ao sexo feminino.

Os trabalhos foram presididos pela talentosa belletrista Evangelina Accioly. Sentaram-se à mesa o representante do presidente do Estado, dr. Eduardo Motta, o representante do "Collegio Cearense", Nair Leite Martins e as senhoritas Edna Amaral e Maria Augusta Jatobá. Ocuparam a tribuna: Adriano de Queiróz cujo discurso foi uma bellissima homenagem ao sexo affectivo; Prof. Euclides Cesar que mostrou a elevação moral e intellectual da mulher, citando os exemplos de varios espíritos femininos entre nós que constituem um orgulho para o Ceará e o dr. Eduardo Motta que proferiu magistral peça oratória que valeu pelo mais bello dos hymnos de glorificação à mulher.

Em seguida foi encerrada a sessão.

- Durante os intervalos, fez-se ouvir a harmoniosa banda da “Escola de Aprendizes Marinheiros” tendo sido o presidente Assis Barbosa bastante cumprimentado por mais essa victoria alcançada pelo Grêmio.

Fonte: Periódico A Razão, 17 de agosto de 1919–Página 7.

Segundo Schimmelpfeng em seu estudo *Cândida Maria Santiago Galeno; Nossa Nenzinha*, em 1953 a Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, começou a publicar livros. No gênero de crônicas *Naipes* foi o primeiro. Lançado no dia 29 de novembro de 1953 *Naipes* é composto de textos de Cândida Galeno, Heloneida Studart, Evangelina Accioly e Maria de Lourdes V. Pinto, todas cearenses.



Encontramos na antologia *Naipes* uma breve descrição da biografia de Evangelina Accioly que reproduzimos abaixo.

Evangelina Accioly nasceu em Guaiuba, Estado do Ceará, tendo por cenário de sua infância o panorama soberbo da Aratanha majestosa, o que contribuiu para que tivesse espírito romântico e imaginação criadora.

Foram seus pais Antônio Accioly de Vasconcelos e Maria Facundo de Vasconcelos, elementos de muito destaque da vila serrana, cuja principal rua tem o nome do Cel. Antônio Accioly de Vasconcelos, pertencente à tradicional família Accioly.

Desde pequena evidenciou real tendência para as belas artes: música, pintura, literatura, línguas, distinguindo-se das irmãs e colegas pela desenvoltura e facilidade em assimilar os mais diversos

assuntos. A despeito dessas tendências inatas que bem encaminhadas poderiam ter nos dado uma artista do teclado ou do pincel, uma poliglota ou escritora de nomeada, Evangelina apenas estudou particularmente, não tendo frequentado sequer um curso regular de colégio ou faculdade.

Escreveu os primeiros versos e contos aos 10 anos na sala de aula; eram eles sentimentais e de natureza dramática a ponto de provocarem lágrimas nas colegas para quem os lia. Publicou seus primeiros trabalhos no vespertino O POVO, em 1930; depois escreveu na GAZETA DE NOTÍCIAS e ultimamente no UNITÁRIO, na "Crônica da ALA", a cuja agremiação pertence.

Escreve prosa e verso com a mesma facilidade. Tem a publicar um romance, CORAÇÃO DE MULHER, duas novelas: O LIRIO DO VALE e OS MILAGRES DO PADRE JOÃO, esta, irradiada pela Rádio Iracema. No Pará escreveu com o pseudônimo de Neanglivea na revista A SEMANA; no Ceará colabora em JANGADA, a vitoriosa revista da ALA FEMININA.

Sua atividade literária tem sido intermitente, passando longos períodos dissociada das letras, donde a razão de não ser mais extensa a sua obra literária.

É esta a primeira vez que vê seus trabalhos publicados em livro.

36 - FRANCISCA CLOTILDE BARBOSA LIMA (1862-1935)



Ao elaborar o *Resquícios de Memórias*, dicionário biobibliográfico de escritoras cearenses, o principal objetivo era revelar o nome das escritoras que nasceram no século XIX e que foram apagadas da história da Literatura Cearense.

Dentre as escritoras cearenses desse período temos um expressivo número de estudos sobre a escritora, abolicionista, professora e dramaturga Francisca Clotilde Barbosa de Lima. Estudos que abordam a obra *A Divorciada*, a Revista *A Estrela* e a dedicação de Clotilde ao magistério.

Embora a escritora seja citada como poetisa, Francisca Clotilde não deixou publicado nenhum livro com o seus poemas que encontram-se esparsos em jornais, almanaques e antologias.

Dentre esses estudos destacamos a obra de Anamelia Custódio Mota *Francisca Clotilde: uma pioneira da educação e da literatura no Ceará*; os estudos de Luciana Andrade de Almeida *A Estrela: Francisca Clotilde e literatura feminina em revista no Ceará (1906-1921)*, sua monografia *Francisca Clotilde e a palavra em ação (1884-1921)*; a pesquisa de Cecília Maria Cunha, *Além do Amor e das Flores: Primeiras Escritoras Cearenses*; e a tese de Gildênia Moura de Araújo Almeida, *Mulheres Beletristas e Educadoras: Francisca Clotilde na Sociedade Cearense—de 1862 a 1935*.

Sobre esses estudos é preciso fazer algumas observações. Na obra de Anamélia consta a informação de que Francisca Clotilde teria participado da *Liga Feminina Cearense*, organizada e liderada por Alba Valdez em 1904. Na verdade essa organização chamava-se *Liga Feminista Cearense* e nos meus estudos não encontrei confirmação desse dado. Francisca Clotilde participou de um movimento posterior intitulado *Liga Feminina Cearense* que dentre as suas ações buscava o direito das mulheres ao voto. Anamélia também afirma que Ana Nogueira assim como Francisca Clotilde não reuniu em volume sua produção poética. Fato esse que já esclarecemos no livro. Anna Nogueira publicou sim um livro intitulado *Versos* aos 94 anos de idade.

Sobre a obra de Cecília Cunha *Além do amor e das Flores: Primeiras Escritoras Cearenses*, não foi possível confirmar a autenticidade de autoria do poema *A Fatal*, descrito por Cecília como sendo de Francisca Clotilde, a autora informa como fonte o jornal *A República* do dia 02/01/1988, p.4. É evidente que o jornal não é de 1988. Em contato com a pesquisadora fui informada de que houve um erro de digitação e que a data correta seria 1888. De acordo com a obra *Para a História do Jornalismo Cearense* do Barão de Studart, o jornal *A República* apareceu em Fortaleza em 9 de abril de 1892 resultado da fusão do *Libertador* e do *Estado do Ceará* e que seu último número foi distribuído no dia 22 de janeiro de 1912. Informações que contrariam a pesquisa da estudiosa Cecília Cunha. Faz-se necessário confirmar a data e o jornal em que o poema foi publicado.

Resgatar as poesias de Francisca Clotilde e publicá-las em um livro é um dos próximos trabalhos que devo desenvolver, inclusive é o tema de estudo do meu mestrado, analisar as poesias de Francisca Clotilde e de Anna Nogueira Baptista, contemporâneas, professoras, poetisas e abolicionistas.

A foto que estampa esse capítulo foi retirada do livro *Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX*, página 146, de Eduardo Campos, onde o autor aborda através de fotografias de época a Fortaleza do século XIX. Infelizmente não identifiquei no final do século XIX algum fotógrafo chamado de J. A. Cordeiro. Nessa época circulava em Fortaleza o fotógrafo J.A. Correia, conhecido por retratar a seca de 1877 a 1878. Na fotografia Francisca Clotilde aparece bem jovem, pelas datas ela estaria com quinze anos, bem diferente das fotos que circulam pela internet onde ela já está em avançada idade.

No estudo *Quem são elas*, Olga Monte Barroso, destaca o nome de Francisca Clotilde como uma de suas homenageadas.

Temos neste capítulo a imagem da mulher que impulsionou com brilhantismo e personalidade o papel da educadora, da poetisa e da escritora.

Possuía cultura manifestada em suas criações, seja na dramaturgia, conto, romance e poesia, porém sua vida foi marcada por atos de renovação como um preparo e antecipação do futuro.

Cearense de Tauá, nascida em 19 de outubro de 1862, era filha de João Correia Lima e Ana Maria Castelo Branco.

Ainda criança, mudou-se com os pais para Baturité, fazendo os primeiros estudos com a professora Ursulina Furtado. Vindo para Fortaleza, estudou no Colégio da Imaculada Conceição e quando terminou o curso foi escolhida pelos dirigentes da primeira Escola Normal do Estado para professora, como um prêmio aos estudos realizados com sucesso, portadora que era de sólida cultura.

Francisca Clotilde integrava o Clube Literário em companhia de Farias Brito, Justiniano de Serpa, Juvenal Galeno, Antônio Bezerra, Abel Garcia, Oliveira Paiva e outros.

Trabalhou com a maior dedicação no movimento da abolição da escravatura, e, como jornalista, que era, colaborava nos jornais *O Domingo* e *o Libertador*, que tinha Rodolfo Theófilo e Juvenal Galeno como colaboradores.

Publicou em 1881, para uso na Escola, o livreto *Noções de Aritmética*, como também uma Coleção de Contos e um drama em três atos: *Fabiola*.

Sua obra principal foi o discutido romance *A Divorciada*, lançado em abril de 1902, numa época em que pouco se falava em desquite, merecendo crítica elogiosa por parte dos intelectuais.

No romance ela visa com inegável competência apresentar uma mensagem de observação dos hábitos sociais da época. É uma obra de 223 páginas pretendendo auxiliar os leitores a entrarem na complexa problemática do divórcio, na tão discutida questão do casamento que não deu certo. Antecipou-se a tudo e a todos.

Num artigo de autoria da professora Ângela Barros Leal Farias há comentário sobre os estudos feitos por Rosângela Ponciano, bisneta de Francisca Clotilde, inclusive uma parte do diário dela, onde se lê: *julgo-me só, desalentada. Às vezes tenho medo de enlouquecer.*

Em novembro de 1880, o jornal de Baturité *A Ordem* noticiou o casamento de Francisca Clotilde com Francisco de Assis Barbosa Lima. Vinte e cinco dias depois, morria o seu pai, o que muito a abalou. Pelas frases de infortúnio que escreveu, admite-se que seu casamento não deu certo e que ela foi possuída de grande paixão por um amigo, o capitão reformado Antônio Duarte Bezerra, que por motivo de saúde deixou a carreira militar, e se dedicou aos trabalhos intelectuais.

Havia grande afinidade entre os dois; Francisca Clotilde, enfrentando a difamação da sociedade, se fez esposa por amor e desta união nasceram os seguintes filhos: Maria Antonieta, Clotilde, Aristóteles e Arquimedes.

Duarte Bezerra faleceu em janeiro de 1893.

Ainda como anotação no diário do artigo da professora Ângela, ela escreve: *juntos, como vivíamos, se dispuséssemos de elementos favoráveis, teríamos revolucionado o mundo! Não triunfamos da guerra crua que o mundo nos moveu? Por mais que a maledicência se cevasse na nossa reputação, não nos deixamos abater. O nosso amor, como escudo poderoso, nos protegia contra os nossos inimigos.*

Francisca Clotilde mudou-se de Baturité para a cidade de Aracati, acompanhada dos filhos. Foi fundadora do Externato Santa Clotilde, em regime de educação mista, aceito por parte da melhor sociedade. Outro assunto avançado de nossa homenagem.

Colaborava no jornal *Ceará Ilustrado*, fundado em 1894, sendo seus co-autores Sabino Batista, Viana de Carvalho, Pedro Muniz, Juvino Guedes, Alves de Lima e Rodrigues de Carvalho.

Em artigo intitulado *A Mulher e a Política* diz ela em determinado trecho: *em que pese aos obscurantistas, o tempo do fuso e da roca já desapareceu na voragem do passado e hoje a mulher, se não tem o direito de se apresentar nos comícios eleitorais, porque a lei não lho quis ainda*

F

conferir, tem o dever sagrado de acompanhar o homem, máxime quando ele se bate pela Pátria em seus dias nefastos e trabalha pela liberdade e pelo progresso.

Criou ela a Liga Feminina em favor da candidatura que achava ser a esperança do Ceará, Estado oprimido, cujos habitantes são dignos de melhor sorte. Este artigo ela termina dizendo: *Deus proteja o Ceará, que atravessa uma fase difícil, e livre os meus patrícios de lutas fratricidas, fazendo-o gozar as delícias de um governo digno e justo.*

Em 1906, voltando a residir em Baturité, criou a revista *A Estrela*, que numa fase áurea tinha correspondentes de vários Estados do Brasil. Stela Barbosa de Araújo no seu trabalho sobre Francisca Clotilde (*Mulheres do Brasil*, 1º vol. Pág.239), diz, referindo-se à revista: *teve ótimos colaboradores tais como: Leodegário de Jesus e Celso Meira de Vasconcelos, de Minas Gerais; Cordélia Silva, da Paraíba; Julieta Marinho, do Rio de Janeiro; Auta de Souza e Rosália Sandoval, do Rio Grande do Norte; doutores Beni de Carvalho, Andrade Furtado, Carlile Martins e Antônio de Castro, do Ceará; Doutor Eduardo Dias, médico baiano, atualmente residindo em Aracati, e muitos outros que seria difícil enumerar.*

Francisca Clotilde merece nossa admiração, pelo muito que deu de sua força de vida e renovação de costumes, todos simplesmente aceitos pela sociedade de hoje.

Faleceu em Aracati em 1935, querida e aplaudida por todos que com ela conviveram, tendo sido a professora ideal, possuidora de muita inteligência, cultura, dedicação e verdadeiro entusiasmo pelo magistério.

Fonte: Barroso, 1992, Páginas 49-51.

No livro *A Mulher E a Abolição*, vemos o seu nome registrado em homenagem ao trabalho que desenvolveu como escritora e entusiasta da causa abolicionista.

Ajudou como batalhadora no movimento libertador dos escravos no Ceará. – “Saíndo vitoriosa a causa da Abolição, ela ao oferecer uma coroa de louros ao Dr. Caio Prado, então Presidente do Estado, proferiu a seguinte quadrinha de sua autoria:

Eis o momento sublime
Da liberdade e da glória.
Do mundo inteiro ressoam
Os hinos desta vitória

Schimmlpfeng., 1984, Página 47.

À ANA NOGUEIRA

*Não te corre nas veias delicadas
O sangue azul da fátua realeza,
Nem te cerca o prestígio de grandeza
Que enaltece as cabeças coroadas;*

*Desconheces as regras variadas
De etiqueta, requinte da nobreza,
Nem preferes à doce singeleza
Em que vives as côrtes decantadas.*

*A teus pés não se curva a multidão
Para beijar tua pequenina mão,
Quando passas incógnita e sozinha;*

*Mas, sendo, como és formosa, e boa,
Tens uma bela e fúlgida coroa,
E vales muito mais que uma rainha.*

Francisca Clotilde, A Quinzena, 16/04/1888.

A UM POETA

*Detem a inspiração e o estro ousado,
Passa altivo no mundo o indiferente;
Que te importa o sofrer mais apurado
A beleza, a ilusão, o sonho ardente?*

*Tudo é vão, tudo passa, tudo mente:
Do teu canto o vibrar apaixonado
Disfarça muita vez um tom magoado
E se inspira na dor, na dor somente.*

*Sofra embora tua alma em desatino
De não ser entendida, atroz destino
Canta e segue a penosa trajetória.*

*Dilacerem-te os pés rudes abrolhos,
Canta a luz da alvorada, a cor de uns olhos,
O mar, a imensidade, o amor, a glória.*

Francisca Clotilde, A Estrella, nov. de 1915.

A ÁRVORE

*Ao contemplá-la, triste emurchecida,
Os galhos nus, de folhas despojados
Sem a seiva que outrora tanta vida
Lhe trazia em renovos delicados;*

*Ao vê-la assim tão só, tão esquecida,
Tendo gozado dias tão folgados,
Ao som dos passarinhos namorados,
Que nela achavam sombra apetecida;*

*Ai! sem querer encontro semelhanças
Entre meus sonhos, minhas esperanças
E a mirrada árvore dolente.*

*Ela perdeu as folhas verdejantes,
Bem como eu as ilusões fragrantas
Que outrora me embalavam docemente.*

Fonte: VICTOR, Hugo. *Sonetos Cearenses*. UFC. Casa de José de Alencar – 2ª Edição. Fortaleza/CE, 1997. Página 79.

Iracema

Num blandicioso estylo comparável ao canto do sabiá, na espessura da matta, em alvorecer primaveril, José de Alencar, gloria da terra cearense, idealizou o typo gracioso dessa india em cujo coração se acrisolavam os sentimentos fortes de uma raça selvagem e a meiguice empolgante de uma alma de donzella aprimorada ao sopro da civilização. Livre como a corsa, Ella palmilhava os sertões e mirava o rosto moreno, de traços correctos, na limpidês das águas de lagoa, crystallisadas aos esplendores do sol.

Desprendia festivos cantares quando a aurora roseava o céu e as flores silvestres que desatavam as pétalas embalsamando os campos do Ipú ornavam-lhe os cabellos opulentos e negros.

Os guerreiros mais famosos encontravam-na esquiua e ao fitarem a luz de seus olhos e o frescor de seus lábios rubros entreabrindo sorrisos álacres, pensavam que Iracema era talvez um gênio superior, a virgem privilegiada que Tupan destinára para proteger com a candidez de sua existência immaculada e descuidosa os valentes filhos dos Tabajaras.

Poema entretecido de imagens bellissimas, iluminado pelas fulgurações dos astros que matizam o céu azul que se estende sobre a Patria

do grande escriptor, apresenta-nos a visão lendária no grácil abandono do repouso á sesta, nos claros da floresta, ou mais tarde errando desolada pelos ermos sertões, a repetir o nome de Moreno á viração cariciosa, na hora contemplativa da saudade, ao morrer do dia.

Immortalisada pelo gênio de Alencar, o mimoso perfil dessa linda selvagem vencida pelo guerreiro branco reflecte-se através dos tempos sobre as alvas praias e as risonhas dunas que orlam os “verdes mares bravios”, marcando uma nova phase à literatura indígena e mostrando em colorido vivo e brilhante, a sensibilidade, a delicadeza e os affectos de uma alma feminina, expandindo-se ao calor das selvas, grande na sua dedicação, sublime no generoso desprendimento com que esquece tudo e carpe como a ave solitária as maguas pungentes da ventura perdida.

F. CLOTILDE

Fonte: NOGUEIRA. Joaquim da Costa. **Ceará Intellectual (Extracto do “Anno Escolar”)**. Typographia Escolar. Fortaleza – Ceará. 1910. Páginas: 40,41.

O CEARÁ

Ao Revº. Padre Paulino Nogueira

*Princeza dos verdes mares,
Oh! Minha terra querida,
Eu te saúdo contente
Nesta data enaltecida!
Quizera em Lyra dourada,
Em threnos harmoniosos
Proclamar ao mundo inteiro
Teus feitos sempre alterosos.*

*Teu céu azul é sereno,
São bellas tuas campinas,
Quando em Abril se matizam
De vicejantes boninas;
Doces vozes se desprendem
Nos galhos, por entre os ninhos,
Onde cantam seus amores
Milhares de passarinhos.*

F

*A lympha que nos verdores
Desliza sonora e pura
Cicia ternos segredos
Das mattas pela espessura;
E a reflectir docemente
O azul sereno dos céos
Parece um límpido espelho
Da gloria immensa de Deus.*

*Oh! Meu Ceará querido,
Bella pátria de Alencar,
Com quanto amor te venero,
Oh! Como sei te exaltar!
Na fúlgida constellação
Da terra da Santa Cruz,
E's a estrella mais brilhante,
Oh! Grande terra da luz!*

*Tens flores, as mais formosas,
Aves de todas as cores,
As borboletas mais lindas,
Os mais gentis beija-flores.
O teu luar argentino,
A se espalhar sobre o mar,
Inspira meiga poesia,
Obriga a gente a sonhar.
Salvé, terá abençoada,
Que na noute procellosa
Da dor soubeste vencer
Sempre de pé corajosa;
Que cantem com ufania
O esplendor, a Victoria,
E os cearenses que honrem
Teu nome cheio de gloria!*

F. CLOTILDE

Fonte: NOGUEIRA. Joaquim da Costa.

Ceará Intellectual (Extracto do "Anno Escolar").

Typographia Escolar. Fortaleza – Ceará. 1910–Páginas: 64,65,66.

Francisca de Mello Cesar foi professora na Escola Normal no período de 1892 a 1922, ensinando prendas, álgebra, geometria e português. Ainda no final do século XIX também trabalhavam na Escola Normal, as escritoras: Ana Facó na função de inspetora de alunas, Elvira Pinho lecionando música e Adilia de Albuquerque Luna Freire responsável pela cadeira de classe infantil.

Segundo informou o jornal "A República" de 28 de dezembro de 1896, Francisca de Mello Cesar casou-se em cerimônia civil com José de Barcellos. Passando a assinar Francisca de Mello Cesar Barcellos. Jose Barcellos nascido em 1843, natural de Baturité, fundou o ginásio cearense em 1868, foi sócio fundador da Academia Cearense em 1894, participou do Clube Literário sendo um dos redatores da Revista "A Quinzena" em 1887; foi professor, sendo posteriormente em 1885 nomeado diretor da Escola Normal em 1889. Também exercendo o magistério no liceu de Fortaleza em 1914. Escreveu o livro "Ensino Simultâneo da Leitura e da Escrita e Pontos de Geografia.

A esperança

A esperança é, na vida, uma grande força; é uma verdadeira felicidade, e não poucas vezes a única que nos é dado gozar neste mundo.

Por ella fruimos antecipadamente todas as venturas que a nossa imaginação nos faz sonhar.

E' ella quem dirige os nossos pensamentos, os nossos trabalhos e nos conduz ousadamente à mais temerarias empresas; é o factor poderoso de todos os nossos progressos.

Reanima o viajante sequioso nos areares ardene do deserto, e, abençoado pharol, guia ás desejadas plagas o triste naufrago das illusões da vida.

Sem a esperança a existencia não teria mais encantos, não teria mais direcção.

Coração sem esperança seria como planta mirrada a que faltasse o orvalho do céu.

Fada bemfazeja, ella nos acompanha em todas as edades da vida.

Embala carinhosa o berço do infante e alcatifa de flores a estrada da adolescencia, essa quadra feliz em que o coração, cheio de

H

douradas illusões, sonha com um porvir brilhante povoado de encantadoras, imagens e das mais risonhas perspectivas.

Mais tarde, quando a mão impiedosa do destino tem desfolhado um a um os nossos queridos sonhos, a doce esperança, qual flor delicada nascida em meio de ruínas, brota ainda por entre os destroços de nossas illusões desfeitas; e, como a phenix, renascendo das proprias cinzas, ella surge de novo a affagar-nos o coração.

Dirigimos o olhar para outro lado e sonhamos ainda, não para nós, mas para nossos filhos, um provir cheio de felicidades e de gozos.

Finalmente, no ultimo quartel da vida, quando o olhar embaciado já pouco vê a cabeça encanecida se inclina para o chão, a nossa esperança transpõe o tumulto e se dirige para o céu, ultima e suprema aspiração dos que nada mais esperam neste mundo.

Francisca de M. Cesar Barcellos

NOGUEIRA. Joaquim da Costa. **Ceará Intellectual (Extracto do "Anno Escolar")**. Typographia Escolar. Fortaleza – Ceará. 1910. Páginas: 51 e 52.

38 - HENRIQUETA GALENO (1887-1964)



Falar sobre Henriqueta Galeno é exaltar a memória da mulher que mais se dedicou em promover as Artes e a Literatura de todos os tempos em Fortaleza. Sua vida foi toda devotada a memória do seu pai Juvenal Galeno e a Casa de Juvenal. Através de seu empenho criou a Falange Feminina e posteriormente Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno. Tanto fez pelos outros, que abnegou a publicação de sua própria obra e somente após a sua morte foi publicado o seu estudo *Mulheres*

Admiráveis. Urge o resgate das poesias de Henriqueta Galeno e a publicação de uma obra a ela dedicada. Que esse estudo sirva de estímulo para que outras pesquisadoras se dediquem mais aos estudos de nossas escritoras.

Nas primeiras páginas de *Mulheres Admiráveis* podemos conhecer Henriqueta Galeno através de sua autobiografia.

AUTOBIOGRAFIA

Meu nome é bem curto: Henriqueta Galeno. Nasci e me criei na cidade de Fortaleza, na mesma casa onde resido e na qual viveu por mais de cinquenta anos Juvenal Galeno, meu pai e o o criador da Poesia Popular Brasileira. Só depois de adulta e depois da morte de meu pai, é que fiz a minha primeira viagem ao sul do país.

Fiz os meus estudos primários em casa, com professores particulares, como se usava naquela época. Entre eles tive o prazer de contar com Nini Dodt Barroso, moça de grande talento, irmã do nosso querido Gustavo Barroso. Depois estudei no Colégio da Imaculada Conceição.

Sou bacharel em Ciências e Letras, diplomada pelo Curso que era dirigido pelo grande mestre Soriano de Albuquerque. Fiz o curso preparatório no Liceu do Ceará, onde tirei nota máxima em Português, Francês e Literatura e por um tris não foi reprovada em Matemática, matéria que nunca consegui assimilar. Fiz o Curso de Direito na Faculdade do Ceará e, logo ao concluir, o Presidente do Estado, Dr. João Tomé, ofereceu-me a nomeação para a Promotoria da Capital. O “Jornal da Manhã”, dirigido pelo jornalista Luís Santos, que estava presente à reunião e ouviu o oferecimento do Dr. João Tomé, noticiou o fato num furo de reportagem, no dia seguinte. Exultei de contentamento. Sonhei na tribuna profligando com veemência os crimes. Mas este belo sonho, logo ao amanhecer do dia seguinte foi desfeito pelo veto terminante de meu pai, que não concebia, naquela época, uma moça exercendo este cargo e, zangado, como raramente eu o via, disse-me: “Sou absolutamente contrário e terei grande desgosto se você me desobedecer”. Eu sempre o obedeci cegamente. Ele era tão amante dos filhos e me tratava com um carinho extraordinário por isso não relutei. Desisti do meu belo sonho e chorei em silêncio. Dr. João Tomé, com uma fidalguia de sentimentos às vezes rara nos homens públicos, nomeou-me, então para o lugar que estava vago, de Inspetor do Ensino Estadual, contrariando assim a pretensão de prestigioso político que, em desabafo, numa crônica sem espírito, procurou sustenatar a tese de que estas funções só eram compatíveis com o sexo forte.

Lecionei Literatura na Escola Normal, por algum tempo, substituindo o então professor, Dr. Tomás Acioly, que estava na Câmara Federal.

H

Fui professor de História do Brasil no Liceu do Ceará, durante 9 anos, conforme a certidão de serviço que tenho em mãos. Tive como alunos de História do Brasil, no Liceu do Ceará, figuras hoje das mais representativas no cenário político do país, como Juracy Magalhães e Parsifal Barroso.

Representei o Ceará no 1º Congresso Feminista reunido na Capital Federal, presidido pela valorosa figura de mulher que é Berta Lutz. Fundei a Casa de Juvenal Galeno, centro irradiador da cultura cearense, de estímulo aos jovens que se iniciam e que congrega a Inteligência da mulher cearense num departamento, a Ala Feminina, num culto perene à memória daquele que viveu cantando o Ceará e o seu povo em todas as suas alegrias e sofrimentos.

Exerço atualmente as funções de Inspetor do Ensino Secundário, trabalho na Seccional do Ceará e já estou tratando de aposentar-me.

Pertenço à Academia Cearense de Letras, onde ocupo a Cadeira 23, patrono é, justamente, Juvenal Galeno.

Henriqueta Galeno faleceu em Fortaleza a 10 de setembro de 1964.

O Periódico *Folha do Litoral* de Camocim noticiou no dia 20 de abril de 1919, que Henriqueta Galeno havia recebido o grau de bacharel em Direito.

Foi conferido o grão de bacharel em direito pela Faculdade cearense á senhorinha Henriqueta Galeno, filha do venerando e distincto poeta Juvenal Galeno.

Houve na residência do progenitor da intelligente diplomada um sarau literario, iniciando-o o brilhante poeta cearense Mario Linhares com uma formosa conferencia sob o thema «O elogio do sonho».

Fonte: *Folha do Litoral* (Camocim) – 20 de abril de 1919 – Página 3.

Na obra *Quem são elas* de Olga Monte Barroso, o nome de Henriqueta Galeno é citado com destaque.

Ao refletir sobre o notável trabalho desenvolvido por Henriqueta Galeno em favor das letras cearenses, acorre-me à mente

H

pensamento do professor de oratória João Meireles Câmara: *A importância de uma obra não se avalia pelo aplauso dos contemporâneos e sim pela extensão de tempo em que ela exerce influência sobre o pensamento de um grupo ou de uma nação.*

A obra de Henriqueta é vista no contexto das suas realizações, pois, como uma centelha de luz, se aviva em traços fortes em meio aos grupos onde ela atuou com toda a sua energia espiritual.

Aí estão as instituições culturais que ela ajudou a construir, toas atuantes e operosas. Muitos intelectuais, os quais, em plena juventude, privaram do seu ameno convívio e receberam o incentivo de sua palavra, ou o ato de fé que ela depositou no destino de cada um, ainda mourejam.

O nome de Henriqueta enche, pois, toda uma época e se perpetua com a ressonância do bem que praticou. Dela disse com muita propriedade o escritor Florival Seraine, quando de sua posse na Academia Cearense de Letras, na cadeira nº 23: *Todo mundo ficou a dever a Henriqueta nesta brava cidade de Fortaleza, porque difícil seria existir alguém que não vislumbrasse, que fosse por completo indiferente à força espiritual emanada de sua complexa atuação dentro da sociedade.*

È, portanto, me valendo de um critério de valor e de justiça, que lhe venho prestar nestas modestas letras a mais sincera homenagem como expoente de nossa cultura que ela foi, vulto feminino dos mais autênticos e de maior prestígio do seu tempo, inteligência voltada com ardoroso empenho em favor das nobres causas da cultura cearense.

Nascida em Fortaleza em 23 de fevereiro de 1887, na *Casa Verde da Lira*, como foi chamada a residência do vate imortal Juvenal Galeno, seu ilustre pai, era sua mãe a Senhora Maria do Carmo Cabral Galeno, carinhosamente chamada de Mariquinhas.

Fez os estudos, inicialmente, com professores particulares, com aulas administradas em casa, como era de uso naquela época. Depois, passou a estudar no Colégio da Imaculada Conceição, fez os preparatórios no Liceu, e ingressou na Faculdade de Direito do Ceará, onde se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais, em 9 de abril de 1919.

Com a presença do então Presidente do Estado, Dr. João Tomé, e do Diretor da Faculdade, Soriano Albuquerque, Henriqueta presta o juramento sozinha, com a admiração do seu vasto círculo de amizade.

H

A sua formatura foi acontecimento de grande significação, festejada no seio da família com solene sessão lítero-musical. Várias personalidades do mundo político e cultural estiveram presentes, entre as quais Mário Linhares, que fez conferência sob o tema *Elogio do sonho*, e Dr. João Tomé. Este, de modo cavalheiresco, convidou-a a ocupar o cargo de promotor público.

Seria essa, na verdade, grande realização para Henriqueta, prêmio aos méritos de sua inteligência e dos ideais que lhe iluminavam a vida. Mas, infelizmente, a radicalidade da sociedade do seu tempo não comportava tão grande abertura.

Sendo assim, não contou ela com o consentimento do pai, vendo desfazer-se, no curto espaço de uma noite, daquela festiva noite comemorativa de sua formatura, tudo o que sonhara realizar no desempenho de sua carreira profissional.

A indicação do seu nome para Promotoria do Estado lhe representaria a culminância da vitória conquistada.

Novos horizontes abriam-se, pois, em sua vida. Passou Henriqueta a exercer o magistério, ocupando a cadeira de História do Brasil, no Liceu do Ceará, durante dez anos. Entre muitos dos seus alunos que se projetaram na vida cultural e política, destacam-se os nomes do ex-governador da Bahia, Juracy Magalhães, e Parsifal Barroso, ex-governador do Ceará.

Leccionou também Literatura na Escola Normal, durante o impedimento do Dr. Tomás Acioly, que se encontrava na Câmara Federal. Foi Inspectora Federal do Ensino Secundário por trinta anos, trabalho do qual se desincumbiu com responsabilidade e competência.

Mas o seu forte era, sem dúvida, a Literatura. A sua vocação para as letras manifestava-se a cada dia nas atividades culturais das quais participava.

Enquanto, nessa época, os grêmios estudantis e as associações literárias iam surgindo, impulsionados pelos arroubos do momento, esvaindo-se e dissolvendo-se com a mesma facilidade, fato extraordinário, no entanto, ocorria numa residência familiar localizada no coração da cidade. Na residência de Juvenal Galeno, os poetas, escritores, jornalistas, políticos e artistas, todos ali se reuniam em torno da figura patriarcal do cantor *das Lendas e Canções Populares!* Promoviam eles a festa do pensamento, numa efervescência cultural entusiástica e proveitosa.

H

As duas filhas de Juvenal Galeno, Henriqueta e Julinha, atuavam com entusiasmo naqueles serões literários que ali se repetiam de sucesso em sucesso, geralmente às quartas-feiras.

No dizer de Antônio Sales, era nesta *a única manifestação de vida mental* da cidade que a imprensa vez por outra registrava.

Nasceu, portanto, daí o Salão Juvenal Galeno, desse encontro de intelectuais, do coração amoroso de Henriqueta e da sensibilidade de Julinha.

Quando a sua data de criação, há divergências, porquanto alguns jornais da época registram as suas atividades a partir de 1916, enquanto Henriqueta dá como data de 27 de setembro de 1919 a de sua fundação.

Durante dezessete anos, o Salão Juvenal Galeno funcionou ininterruptamente, cumprindo a sua bela e significativa missão, sempre conduzida por sua grande animadora.

Em 1931, falece Juvenal Galeno e o coração de Henriqueta sobre o rude golpe, sem que suas reservas espirituais se exaurissem e em momento nenhum arrefecesse o seu ideal de levar adiante a obra de seu pai situado entre os maiores que fizeram a grandeza da poesia brasileira.

O seu pensamento então tomou novas proporções. O Salão tinha sido experiência muito válida. Ela, contudo, desde muito tempo, alimentava ousados planos para intensificar e solidificar o movimento das letras cearenses.

Como nos grandes pólos culturais do país, dotaria do Ceará de um centro irradiador do que de melhor produziu a intelectualidade do Ceará, ou das melhores expressões manifestadas nas letras e nas artes.

Numa das suas entrevistas à imprensa do Sul, ela afirma, referindo-se aos seus propósitos, *que sabia querer com persistência e segurança*. E, com essa convicção, partiu Henriqueta do sonho para a realidade, fundando a Casa de Juvenal Galeno em 1936, ponto alto dos festejos comemorativos do centenário de nascimento do imortal poeta.

Não errou, entretanto, no seu vaticínio. A casa, realmente no passado o maior centro divulgador da cultura do Ceará e, no presente, elo de ligação entre os maiores nomes que pontificaram em nossas letras, continua o seu papel de grande incentivadora dos

talentos novos, além de ser o escrínio onde está guardada a memória da vida e obra de Juvenal Galeno, tão viva como ela ardentemente desejou.

Henriqueta participou ativamente de significativo momento que marcou uma época. Não apenas o da vida social da província, mas do grande momento do ato de criação de um notável poeta; da emoção vivida e sentida por ele, ouvindo da sua própria voz a revelação do seu mundo de sonhos, mergulhada naquele manancial onde o fenômeno poético agitava o mais profundo do seu ser.

Henriqueta viu nascer a poesia de Juvenal Galeno como fios cristalinos das mais puras fontes! Com eles, teceu o seu poema de amor, esculpindo-os na sua sensível alma.

Não os guardou só para si. Anunciou em todos os quadrantes a boa nova da literatura cearense. Fez as atenções voltarem-se para o Ceará.

Poetas de barbas brancas com matéria imponderável, na textura de sonho, lança para fora de si a sua poesia com os sentimentos telúricos que lhe invadiam a alma!

Nessa nova instituição, Henriqueta reservou grande espaço para acolher o pensamento da mulher intelectual cearense.

Funda a Falanfe Feminina, mais tarde Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, principal departamento cultural da Cosa, já com mais de meio século de existência e que tem sabido com heroísmo corresponder aos anseios da sua dinâmica e idealista fundadora.

É importante consignar que da Ala saíram muitas escritoras cujos nomes engrandecem a cultura do Ceará.

Muitos talentos se desenvolveram com o incentivo da ilustre fundadora, e, com o desaparecimento desta, com o zelo de sua sucessora, a sobrinha dedicada Cândida Maria Santiago Galeno, que presidiu aos trabalhos da instituição até os seus últimos dias.

Mas não termina com essas realizações a luta travada por Henriqueta, com o seu ideal sublime de ajudar e a sua decisão de promover, de levar a mulher cearense a uma realização maior, conscientizando-a da sua importância, do seu real valor.

Batalhava, com todo o seu empenho, para que o elemento feminino, sem restrição, tivesse *livre exercício em todas as atividades sociais* e conquistasse, com o seu trabalho honesto, a necessária emancipação.

H

Com esses pensamentos, como uma das mais expressivas culturas femininas do Ceará, no seu tempo, teve notável participação no Congresso Feminista do Rio de Janeiro, no ano de 1931.

Suas declarações, todas expressas com bom senso e elegância, foram estampadas nos principais jornais cariocas. Não sou feminista rubra, absolutamente.

Defendo os direitos do meu sexo sem exageros. Acho que a mulher deve participar igualmente de todas as atividades sócio-políticas. Bato-me, fortemente, pela seleção dos valores femininos, não só intelectuais, como morais.

A mulher quer e deve ser integralizada de seus direitos há tanto postergados.

Eis o autêntico modo de pensar da feminista Henriqueta, tão feminina na sua maneira de reivindicar um direito que de modo convincente soube defender.

Ainda recuando no tempo, encontra-se a marca do trabalho espiritual dessa grande mulher, sempre em ascensão.

O seu nome surge no passado embasando a Academia de Letras do Ceará, primeiro órgão cultural dessa natureza a funcionar nesta capital, reunindo os mais renomados escritores e poetas daquela época.

Henriqueta era secretária dessa instituição. A sua presença também está registrado nos primeiros dias de fundação da Academia Cearense de Letras, a qual em 1951, fundiu-se à citada Academia de Letras.

A grande incentivadora das letras cearenses tomou assento na novel Academia, na cadeira nº 23, patrocinada por Juvenal Galeno. Por muitos anos secretariou essa importante instituição cultural.

Reuniu-se a escritores e valorosos jornalistas, contribuindo para a formação da Associação Cearense de Imprensa, em 14 de julho de 1925.

Não se encontrava ali a mulher marcada pelos preconceitos da época, mas uma força viva, inteligência equilibrada e fascinante personalidade, acatada e respeitada aqui e fora do Ceará.

Henriqueta escrevia e os jornais publicavam os seus versos de louvação à terra, de exaltação à natureza e outros onde extravasava os mais íntimos sentimentos, como no poema "Alma Deserta", ou, ainda na poesia intitulada "Força Indômita".

Apesar disto, Henriqueta omitiu-se de enfeixar em livro tudo o que escreveu. Somente após sua morte, Nenzinha publicou o livro que

H

ela escrevera, *Mulheres Admiráveis*, (biografia de dezessete mulheres intelectuais), prestando-lhe a mais justa e oportuna homenagem ao ensejo da inauguração da Editora Henriqueta Galeno, em 1965.

Grande e brava Henriqueta, a quem o Ceará tanto deve, nas lutas primordiais de suas letras! Faleceu em setembro de 1964, no dia 10, deixando de luto a intelectualidade cearense, a quem tanto serviu.

Fonte: Barroso, 1992, páginas 65-70.

Raimundo Girão na obra *Dicionário da Literatura Cearense* apresenta breve biografia da escritora, destacando o seu trabalho na direção da Casa Juvenal Galeno e na promoção da cultura e da literatura cearense.

GALENO (HENRIQUETA). Nasceu em Fortaleza. Filha de Juvenal Galeno da Costa e Silva e Maria do Carmo Cabral e Silva. Fez os primeiros estudos no Colégio da Imaculada Conceição, de Fortaleza, e bacharelou-se, em 1918, pela Faculdade de Direito do Ceará. Fundou, no ano de 1919, o Salão Juvenal Galeno, posteriormente chamado CASA DE JUVENAL GALENO, na mesma casa onde viveu o poeta e ela nasceu. Na direção da Casa de Juvenal Galeno, cuja finalidade precípua é cultuar a memória do criador da Poesia Popular no Brasil e incentivar e intensificar as atividades intelectuais cearenses e o intercâmbio cultural brasileiro,—a Dra. Henriqueta Galeno, que também era poetisa, demonstrou excepcional dedicação, pertinácia e espírito de catálise, sabendo, com efeito, reunir em tertúlias, já memoráveis, homens de pensamento e artistas conterrâneos e muitos dos que têm ensejo de visitar a terra cearense. É bem a CASA, como já foi dito, admirável centro de intelectualismo, a sala de visita espiritual do Ceará, que há con corrido, grandemente, para a maior divulgação e o melhor conhecimento das Belas-Letras dentro e fora do Estado. Para complemento dos objetivos da original organização cultural, criou-se, em 1936, a “Ala Feminina”, que congrega as escritoras, poetisas e mulheres que cultivam a arte e as letras, sendo ocupante da Cadeira de N.º. 23, de que é Patrono o seu ilustre pai.

Publicou: Henriqueta Galeno no Congresso Feminino e na Academia Carioca de Letras; Juvenal Galeno, o Legítimo Criador do Popularismo Literário no Brasil; Júlia Lopes de Almeida; Maria Quitéria, A primeira mulher-soldado no Brasil; Mulheres Admiráveis (póstumo), 1965. Faleceu em 10 de setembro de 1964.

GIRÃO, 1987. Páginas 108 e 109.

H

Em âmbito nacional seu nome é citado no *Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado* de Raimundo de Menezes, Volume III.

GALENO (Henriqueta) – N. em Fortaleza, a 23 de fevereiro de 1897, filha do poeta Juvenal Galeno da Costa e Silva e D. Maria do Carmo Cabral Galeno. Estudou no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1918. Fundou, em 1919, o Salão Juvenal Galeno, depois denominado Casa de Juvenal Galeno, no mesmo local em que viveu o poeta e ela nasceu, na rua General Sampaio nº 1128, em Fortaleza (CE). Ali se criou, em 1936, a Ala Feminina, que congrega as escritoras, poetisas e outras que cultivam as letras e as artes. É considerada a sala de visita espiritual do Ceará e onde são recebidos os intelectuais que visitam Fortaleza. Oficializada como de utilidade pública. Pertenceu a poetisa à Academia Cearense de Letras, cadeira nº 23, de que é patrono Juvenal Galeno. Exerceu o cargo de inspetora do Ensino Secundário. Lecionou no Liceu do Ceará e na Escola Normal. Faleceu em Fortaleza, a 10 de setembro de 1964.

Bibliografia: Henriqueta Galeno no Congresso Feminino e na Academia Carioca de Letras. Juvenal Galeno, o Legítimo Criador do Popularismo Literário no Brasil. Júlia Lopes de Almeida. Maria Quitéria, a Primeira Mulher-Soldado do Brasil. Mulheres Admiráveis, CE. 1965.

FONTES: Antologia Cearense, ágs.159-162. Afrânio Coutinho, Brasil e Brasileiros de Hoje, I, pág. 535. Cruz Filho, pref. De Mulheres Admiráveis. Raimundo Girão, His. da Faculdade de Direito do Ceará, pág. 231.

Iconografia: Mulheres Admiráveis, cit. Antologia cearense, cit.

Fonte: MENEZES, 1969, Página 556.

CASA ABANDONADA

*Velha casa abandonada
À margem da estrada branca
Tuas paredes em ruínas
Caem aos poucos aos pedaços;;;
Velha casa arruinada
Que a ninguém abrigas mais,
Porque não desabas logo
Levando envolta contigo
Toda essa vida passada?!*

H

*Velha casa derrocada
Quando tombares na relva
Verde e branca do caminho,
Alguém passando verá
Nos resquícios da tapera
Nos escombros dos teus membros
Na angústia da tua dor,
Saudades braças erguidas
Sombras leves dos teus sonhos
Fantasmas do teu passado
Chorando à margem da estrada
Tua história dolorida
O teu romance de amor!
Velha casa abandonada
À margem da estrada branca...
És como uma alma dorida
Donde fugiram ligeiros
Sonhos róseos de esperança,
Promessas azues de amor,
Ficando sob os escombros
Dessa imensa soledade
Todo um romance esquecido...
Um sorriso...uma saudade...*

SONHOS 'MEUS

*Sonhos meus líricos nevados,
Que o meu destino crestou.
Retalhos d'alma espalhados
Que o vento forte arrastou.
Sonhos meus, líricos nevados
Que o meu destino crestou.*

*Foi sonho azul de criança
Minha ilusão mais querida.
Desfez-se sem esperança
Na correnteza da vida.
Sonhos meus, líricos nevados
Que o meu destino levou.*

H

*Sonhos meus, sonhos queridos,
Do tempo da mocidade.
Sinto-os n'alma, doloridos,
Entre as névoas da saudade.
Sonhos meus, líricos nevados
Que o meu destino arrancou.
Triste destino impiedoso
Desfez-se a felicidade,*

*Tirando-me d'alma a ilusão...
Só tu, apenas, saudade,
Ficaste em meu coração...
Qual juazeiro frondoso
Na inclemência do sertão.*

DIA DE SANTA LUZIA

*Dia de Santa Luzia
Depois da missa fui abrir aquêlo cofre
Em que, há muitos anos, s escondia
Toda a correspondência
Que outrora perfumou certa existência....*

*Tomei nas mãos aquêlo velho escrínio
Com a calma indiferente
De quem não sente
A mais simples e pálida emoção.
E ao rever tudo aquilo
Que noutra tempo via
Com verdadeira devoção,
Nalma senti os transe da agonia.*

Como a sorte transmuda o coração!

*Ah! Como é terrível o tempo
Na sua faina destruidora:
- Até mesmo certas cartas afetuosas
Já não têm para nós o perfume das rosas.
O tempo as reduziu a leve poeira,
Para amargar uma existência inteira...*

H

*Hoje, Santa Luzia,
No teu dia
Fui abrir aquêlo cofre,
Que há tanto tempo não via.
E que nêle encontrei?
- Alguns vestígios do passado!
Todo um romance esquecido;
Todo um romance acabado.*

FÔRÇA INDÔMITA

*Por muito tempo contive a inspiração
Que, de contínuo, me impelia,
Em surtos de beleza e de emoção,
Para o caminho iluminado da Poesia.*

*Minh'alma cheia de enternecimento,
Temia alçar o vôo, em cânticos de amor,
Para um mundo referto de esplendor,
E as impressões subjetivas de sua vida tumultuosa
Que em água forte gravara,
E as impressões objetivas de alheio tormento
Que a comoveram e exaltaram,
Bem alto traduzi num canto inaugural
De dolorosa queixa e de revolta imensa!
No meu subconsciente tudo dormitava
Num receio pueril, num temor natural.*

*Mas de repente minh'alma irrompe com fragor
Impulsionado por atávica Fôrça Indômita
Que me obriga a cantar,
Em horas de alegria e instantes de aflição,
Os versos simples, tristes e espontâneos
Da minha grande e lírica emoção!*

Fonte: LINHARES, Augusto. *Coletânea de Poetas Cearenses*. Rio de Janeiro: Editora Minerva Ltda, 1952. Páginas: 263, 264, 265, 266.

A poesia de Henriqueta Galeno ainda hoje encontra-se esparsa em jornais e antologias. Encontramos na *Antologia Cearense (1ª série)* organizada pela Academia Cearense de Letras em 1957 o poema *Maio no Ceará*, que reproduzimos abaixo.

MAIO NO CEARÁ

*Maio! Quanta beleza nas campinas,
Desde o nascer do sol às horas vespertinas!*

*A natureza em festa é uma linda oferenda
Para os sonhos de amor!
Que alegria na casa da fazenda,
Tudo reluz: o céu azul e o campo em flor.*

*A mocidade,
Preso à doída alegria de viver,
Tem gritos de alacridade.
O grande amor, em tudo,
Seja na terra em vibrações, ou no céu de veludo,
Está um novo e belo poema a entretecer.*

*Os pássaros, em revoadas
Como setas faiscantes,
Vão festejando o despertar da vida.
Pelas longas estradas,
Namorados a rir, na expansão dos desejos,
Ligeiros e ofegantes,
Na deliciosa sensação dos beijos,
Glorificam a terra encantada e florida.
Os velhos, pelas curvas dos caminhos,
Nossa quadra de brilho e de fragância,
Recordam cenas mortas e carinhos,
Coisas que estão bem longe na distância...*

*O sol, pelo infinito, é um crisântemo de ouro,
Que a Natureza artística engrinalda
E que derrama um pólen delicado
Por sobre o campo imenso e fecundado,
Onde o milho abundante e louro
Pompéia entre milhões de folhas de esmeralda.*

*Maio no Ceará: vida, encanto, alegria,
Ilusão.
E amor!*

H

*Canta por tôda parte a divina poesia,
Na suave expressão
De um hino claro e redentor!*

*Mas ai de quem, eternamente incompreendida,
Tendo a alma entristecida,
Vive, no entanto, sem viver,
Em silêncio, a pensar, a cismar e a sofrer,
Lembrando os dias luminosos e risonhos
Da ventura que outrora acalentou,
Num maio surpreendente e raro que passou,
Deixando atrás de tudo um punhado de sonhos.*

Antologia Cearense, 1957, Academia Cearense de Letras, páginas: 159 e 160.

RENDEIRA DO CEARÁ

Henriqueta Galeno

*Foi nas praias do Ceará,
Sob um sol formoso e quente
Do Nordeste do Brasil,
Que apareceu a rendeira
Mais famosa e mais faceira
Que nesta terra se viu!
Para vê-la, quanta gente!
E ela ainda fatigada
De tão longa caminhada,
Seus bilros está trocando,
E a renda vai aumentando
No papelão da almofada...
Renda tão branca e tão fina
Para noivas enfeitar,
- lembra uma gaze divina
Ou um retalho de luar...
Ao som monótono e leve
Do trec-trec dos bilros,
A saudade, dentro em breve,
De sua terra distante,
Nasce e magoa e tortura*

H

*O seu peito soluçando...
E ei-la a cantar com ternura
Bela canção brasileira,
Portadora de alegria
Ao coração da rendeira.
A morena tão formosa
Vai tecendo todo o dia,
Diligente e caprichosa,
As filigranas mais lindas
Que formarão a mensagem
De Gratidão e Amizade,
Escrita em doce linguagem
Que, entre carícias infundas,
A São Paulo ofertará
Embora a sua humildade,
Em nome do Ceará.*

(do Informatico ALA – fev/86)

Fonte: Revista Jangada – Ano XI – Fortaleza-CE – 2º Semestre – 1998 N° 26.

NATAL

HENRIQUETA GALENO

*Papai Noel!
Figura simbólica do Natal,
Da petizada rica e venturosa,
Que tudo vê num sonho côr de rosa,*

*Noite de Natal!
Que alvoroço no palacete da cidade!
Com que vivacidade
As mimosas e encantadoras crianças,
Entre doces anseios de esperanças,
Dispõem sutilmente suas sandálias
Para receberem os presentes
Do Papai Noel,*

*Que à meia noite,
Ao badalar do sino,*

H

*Andará pelas casas, em visita,
A distribuir as “festas”
Aos pequenos, que são seus prediletos,
No silêncio da noite alta e infinita.*

*- Que linda boneca botou
O Papai Noel
Na minha sandália!
Grita, pulando de alegria,
A mimosa pequerrucha!*

*Outra brada:
-Que deliciosos bombons deixou
Papai Noel
No meu sapatinho!*

*E, em cântico numa festiva algazarra,
Onde perpassam gestos de carinho:
Viva! Viva o Papai Noel!
Numa humilde choça,*

*Próxima à casa do rico,
Habita um pobre que possui filhos pequenos,
Labuta tanto, sem um dia repousar,
E com que esforço vive a prole a sustentar!
Desconsoladas crianças,
Nunca tiveram um bombom ou um brinquedo,
Ouviram no Papai Noel falar
E logo foram colocar
Perto de suas redinhas,
As suas tão rasgadas chinelinhas,
Para também receberem
Os lindos mimos do Natal!*

*Ah! Como foi diferente,
Quando as pobrezinhas acordaram!
Viraram e reviraram
As chinelinhas,
Nenhum bombom, nenhum brinquedo,
Neles encontraram!*

H

*O velho das longas barbas,
No seu passeio dadivoso,
Esqueceu as chinelinhas
Das pobrezinhas!
Ingrato Papai Noel!*

*Você quer saber, com quem eu comparo
O Papai Noel?
Com o destino da gente:*

*Umaz vezes risonho, outras vezes amargo!
Os felizes – são as crianças ricas,
Cujos sapatinhos sempre lembrados,
Ficam recheados
Dos lindos mimos do bondoso Papai Noel!*

*Os infelizes – as pobrezinhas,
Cujas chinelinhas
Não mereceram nenhum mimo
Do ingrato Papai Noel!*

*O meu coração
Representa para o Destino
A chinelinha
Da pobrezinha!
Nas dádivas da vida nunca foi lembrado
Vive sempre esquecido e tristonho e magoado
Sempre olvidado!
Destino cruel,
Tu és o meu ingrato Papai Noel!*

Fonte: Revista Jangada Nº 1- Páginas 32-34.

THESE apresentada e defendida pela Dra. Henriquêta Galeno, representante do Estado do Ceará, na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, reunida em congresso no Rio de Janeiro, em Julho de 1931.

“Ilustres sras. da Federação pelo Progresso Feminino.

Acudindo prazeirosamente ao vosso apelo, para que o Ceará se fizesse representar neste Congresso, aqui estou, não só na qualidade

H

de delegada oficial do Estado do Ceará (função igualmente confiada a minha ilustre companheira, escritora Adilia de Albuquerque Morais) como ansiando por ver de viso o vosso trabalho, no sentido de melhorar a posição em que ainda se acha, socialmente, a mulher do meu país.

Venho ouvir a exposição das vossas idéas, afim de assimilar aquilo que considerar aplicável ao mundo feminino cearense, no momento de ansiedade em que vivemos.

Não sei, ainda, se as minhas idéas feministas serão perfeitamente acordes às vossas. Precisamos da troca franca e positiva de idéas no modo de encarar o momentoso problema, para o qual vimos voltando a nossa maior atenção.

Não venho, logo, ao entrar no vestibulo, vos protestar solidariedade, sem primeiro observar e estudar e tracejamento de vosso plano. Esta declaração preliminar que vos faço, é, antes de tudo, uma prova evidente de minhas atitudes francas, decisivas e sinceras. Digo-vos, hoje, aqui, o que direi amanhã, lá fora, e por toda parte.

Passo a expor-vos as minhas idéas feministas. Entendo que o feminismo deve, quanto antes, entrar altiva e corajosamente na liça.

Precisamos, neste momento de tumultos e de ânsia, adquirir sem mais delongas, nem injustificáveis recuos, a participação igualitária da mulher em todas as actividades sociais.

Quebrems, num gesto resoluto, estes grilhões que, por dezenas de anos, nos têm acorrentado e rebaixado a uma situação de seres inferiores, incapazes de ter uma cerebração semelhante á do homem e poderemos participar, igualmente, dos direitos sócio-políticos conferidos áqueles.

Já está provado, suficientemente, por autoridades no assunto, ser uma artificiosa e calculada falsidade a falada interioridade intelectual da mulher.

Esta caduca e terribilíssima trincheira separatista já derruiu fragorosamente. Aí estão as superiores decisões do grande Novicow que, num consciencioso e fulgurante estudo, destróe, superiormente, as irritantes e fastidiosas objeções dos nossos retrógrados opositores.

Não pretendemos pedir nenhum favor e nem a concessão de um privilegio, que nos obrigue a uma gratidão nunca assás demonstrada ao dadivoso reformador. Pedimos é a justiça igualitária, que nos conceda, enfim, o nosso direito, até então sonogado. Pretendemos participar igualmente das mesmas vantagens e das

mesmas desvantagens dos sêres masculinos, em toas as atividades humanas.

Não queremos mais ser afastadas do desempenho de um cargo publico, ou que se nos vede o seu acesso com o eterno e fragilimo pretexto – de não o podermos ocupar, pelo simples fato de se pertencer ao sexo feminino. Ora não há nada de mais abusrdo, de mais atentatorio aos direitos alheios. – Para que serve a Constituição do meu país? Acabemos de vez com este absurdo. A mulher deve exercer toda e qualquer função publica, devendo-se-lhe exigir somente que ela tenha o necessário preparo para o cargo que pleiteia. Não se cogite de sexo e sim de sua capacidade, no desempenho das funções por ela exercidas.

Veja-se, no exercício de qualquer cargo, simplesmente-o funcionário, sem distinção de sexo, obrigado ás mesmas vantagens e aos mesmos prejuízos. Não vejo maior absurdo que esta condenação da mulher, relegada a uma situação de inferioridade, pelo grande e muitas vezes involunraio crime de ter vindo a esta existência planetária pertencendo ao sexo feminino. Isto é simplesmente ridículo. Por mim, se me tivesse feito uma consulta prévia, jamais eu teria vindo aqui como mulher, enquanto o nosso país usasse de sistema tão bárbaro para o nosso sexo.

“As qualidade nem os defeitos na espécie humana são divididos por sexos” (Novicow-Emancipação da Mulher, pag.46). A desigualdade dos sexos provem, não de uma inferioridade orgânica e real, mas do estado de ignorância e do afastamento do trabalho a que se ha votado a mulher. (Vitoria do Feminismo – Adonias Lima, pag.38). À Idea de que a mulher é inferior ao homem sob o ponto de vista da inteligência não tem fundamento científico algum, diz Novicow á página 40 do seu extraordinário livro, repetidamente citado neste trabalho.

Desde a remota época do matriarcado que a mulher vem satisfatoriamente provando a sua capacidade para o trabalho.

Vérecque, na sua valiosa “Histoire de La Famile” assegura que as primeiras invenções das artes e dos officios são atribuídas “ás deusas e não aos deuses”.

Julgo que o nosso primeiro trabalho deve ser para a obtenção da nossa emancipação econômica, por meio do nosso próprio esforço. E para consecução deste ideal é primordialmente necessário o nosso livre exercício em todas as atividades sociais. A sujeição econômica da mulher é, a meu ver, uma degradação para a própria

mulher. E o que pôde valer, o sêr degradado? O voto, no meu modo de encarar o problema, não deve ser a principal questão. Claro está que devemos exercer os direitos políticos, como as mulheres do velho mundo e da America do Norte.

Agora é oportuno pleitearmos o exercício desse direito em face da profunda transformação política por que passou o nosso país.

Dizem os nossos opositores que um parlamento com mulheres seriam um pandemônio. No entanto, como é do conhecimento geral, do Congresso do nosso país, ainda não fez parte a mulher, e até agora não têm faltado ao recinto imponente do nosso Parlamento – a s gritarias, os barulhos, a confusão, a balburdia, e – por que não dizel-o? – até cenas de pugilato. E as grossas somas no Tesouro Nacional a compensar estes “afanosos e ordeiros” trabalhos!...

Tratemos, agora, antes de tudo, e sem mais delongas, da nossa emancipação econômica. Deve ser essa a nossa maior e mais urgente conquista, o ponto convergente da concentração de nossas supremas energias! Eis, portanto, – a nossa bandeira – a emancipação econômica da mulher e, consequentemente, o seu livre acesso a todos os cargos administrativos, tendo-se em mira unicamente as suas qualidade, intellectuais e morais, talqualmente se deve fazer para com o sexo masculino.

O meu feminismo converge especialmetne para este ponto. Resolvamos sem temores e nem falsos e antiquados preconceitos, a nossa situação moral – o resto virá naturalmente depois.

Congregadas, coesas, e resolutas, saiamos das teorias e, impavidas, firmes, entremos no terreno pratico das lutas e das competições.

Nada de discussões teóricas.

Já as sustentamos suficientemente. Batalhemos, agora, pela concretização dos nossos justos anseios, tornemos um fato real, a nossa emancipação econômica. Não consintamos que perdure esta sujeição econômica da mulher. Pois, nela, vos digo francamente, vejo a causa maior da prostituição. E não se venha dizer o contrario. Os fatos, além de numerosos, são de muito fácil observação. Estar uma mulher sujeita a um homem, pelo simpels fato de precisar do sustento dele para manter a sua posição perante a sociedade local, muitas vezes possuindo esta mulher mais capacidade do que o seu senhor, isto é, ao meu vêr, verdadeiramente infamante para ela. “Não pôde haver independecia sem emancipação economica, a

mulher deve agir e atuar por si mesma”. (“Vicotira do Feminismo”) – Adonias Lima, pag.32.

Avancemos, pois, na conquista da nossa liberdade econômica. Lutemos, sem recuos, pela consecução deste intento, sem a nada temer. Façamos nossas, neste momento, as palavras evangélicas; “Os tempos são chegados”. – Para nossa emancipação econômica e o livre acesso igualitário a todas as atividades sociais-políticas – os tempos são chegados. E, na aurora da igualdade libertária do nosso país, não seria admissível que só a mulher continuasse injustiçada. Que respeitem os nossos direitos, como já o vêm fazendo tantos países europeus, onde a mulher exerce qualquer atividade ao lado do homem. A elevação que tem presidido a renovação administrativa do Brasil, não pode somente falhar em seus atuais dirigentes na sonegação dos direitos da mulher.

Coesas, resistentes, como o joazeiro da minha terra natal, consigamos sem mais demora a nossa emancipação material.

Sou de opinião que deve presidir o critério da seleção dos valores mentais e morais, nesta fase marcante da nossa organização.

O feminismo, bem orientado não significa em hipótese alguma, a diminuição do sexo oposto.

Não pretendemos desafiar o “sexo feliz” para uma luta nem tampouco mostrar a nossa superioridade neste ou naquele ponto. De modo algum.

Queremos é que se não sonegue mais os nossos direitos, há tanto postergados. Desejamos compartilhar, igualmente, com os nossos pais, com os nossos irmãos, os nossos amigos do sexo oposto, das mesmas lides afanosas. Aspiramos a ser dos nossos maridos, não somente a companheira física (a quem ele não trata dos seus negócios porque, na sua opinião ela não os compreende...) mas também, e principalmente, a companheira dos afans intelectuais, de trabalhos comuns, de continuas trocas de idéas, sem distinção de assunto, companheira de todas as horas, confidentes de todas as alegrias e pesares, partilhando com eles, honesta e inteligentemente, uma vida de seres iguais.

Não podemos nos acomodar é com uma situação de seres inferiores, a que estamos entregues até agora. Queremos a união fraternal; a paz, a harmonia, o amor e a compreensão perfeita destas palavras do já mencionado Novicow’ “as qualidades nem os defeitos da espécie humana, são divididos por sexos”. Tenho uma idêntica maneira de pensar.

H

Por índole não sou intolerante. Defendo os direitos do meu sexo sem exageros extremados, tanto assim que vos confesso:

- Como há homens ruins, existem mulheres péssimas; como há homens bons, há também mulheres ótimas. Bons e máos existem, indiferentemente, nos dois sexos. Esta é que é a verdade. A supressão dos direitos da mulher é a injustiça praticada na mais vasta escala que se póde imaginar, afirma o consagrado autor.

Os dois sexos, sem esta irritante e injustificável barreira separatista, deve caminhar fraternalmente amigos pelas invias estradas do “struggle for life” – participando de todas as atividades sócio-políticas igualmente. Aí está a minha tese feminista.

Como vêdes, bato-me sobretudo pela emancipação da mulher, qualidade indispensável á conquista integral de todas as nossas aspirações.

No Ceará, senhoras, ainda não foi iniciado o movimento feminista.

Luto, portanto, quase sozinha. Agora, felizmente, já conto com adetas cujos nomes alegro-me em dizer-vos pois são justamente das mais brilhantes das intelectuais cearense.

Eil-as: Adilia de Albuquerque Morais, Alba Valdês e Suzana de Alencar Guimarães. Ali, no entanto, não tenho permanecido inativa: constitui-me a pioneira do grande ideal de nossa emancipação. Como diretora do São Juvenal Galeno (salão intelectual e artístico que venho mantendo, sem quaisquer auxílios de poderes públicos, há uma dezena de anos – Deus sabe com que esforço!) cheguei a solicitar do então presidente Matos Peixoto a concessão dos nossos direitos. Aqui está o O POVO – um dos mais valiosos jornais de minha terra – que estampou o meu discurso neste sentido.

Quando do advento da nova era governamental, tive de receber o grande cearense e brilhante intelectual José Carvalho, no aludido salão, dirigi estas palavras ao senhor interventor e seus secretarios ali presentes:– “E que no cumprimento das novas leis não esqueçam, para também não cair no grande crime de lesa-justiça, que a Mulher, por verdadeira Justiça, deve integrar-se na posse de um Direito que o egoísmo dos homens lhe usurpou. E chegada a hora das supremas reivindicações, justo é, pois, que os nossos reformadores cultos, como são, não deixem subsistir os retrogradados preconceitos deprimentes da emancipação sócio-política da mulher com a reparação do Direito que lhe é devido.

H

Na hora de tumulto e indecisão que atravessamos, surgiu-nos a radiante alegria de vermos que ao nosso querido Ceará coube o penhor seguro dessa paz e segurança duradouras, com a escolha de um dos nossos mais dignos conterrâneos para a difícil tarefa de sua direção.

Sem disfarce preconcebido de lisonja, mas, tão somente por absoluto dever de Justiça, devemos reconhecer e proclamar que ao dr. Fernandes Tavora sentimetnos sobejam de alta nobreza de caráter e de coração para a garantia de tudo que desejamos.

Como vêdes, o meu esforço isolado eu o tenho dado espontaneamente pois me anima este mesmo ideal de liberdade igualitária da emancipação sócio-política e material da mulher.

Filio-me, hoje, oficialmente e publicamente, com a maior satisfação, às vossas filerias de combatentes, se achardes que o meu ideal feminista, conforme o acabo de expor, está integralmente de acordo com o vosso.

Senão, continuarei, mesmo sózinha, no meu iluminado e distante Ceará, na defesa do ideal que acarinho sem temer os remoques canhalas, por isso que nada me farpa desviar da trilha que me tracei.

Creio que não exagero afirmando-vos:—Na conquista de um ideal, sou combatente que se póde matar, mas vencer — Nunca!”

Fonte: Ao espírito culto do dr. Fernandes Tavora, homenagem de Henriqueta Galeno, Páginas 7-12.

(Opúsculo encontrado no Instituto Histórico de Fortaleza)

Registros fotográficos da escritora Henriqueta Galeno no 2º Congresso Feminista Internacional realizado no Rio de Janeiro

Fonte: Ao espírito culto do dr. Fernandes Tavora, homenagem de Henriqueta Galeno

(Opúsculo encontrado no Instituto Histórico de Fortaleza)



Henriqueta Galeno ladeada pelas beletristas Alba Canizares e Maria Luiza Mota.



Henriqueta Galeno em companhia da poetisa Henriqueta Lisboa e das escritoras Mercedes Dantas eACY Colábo.



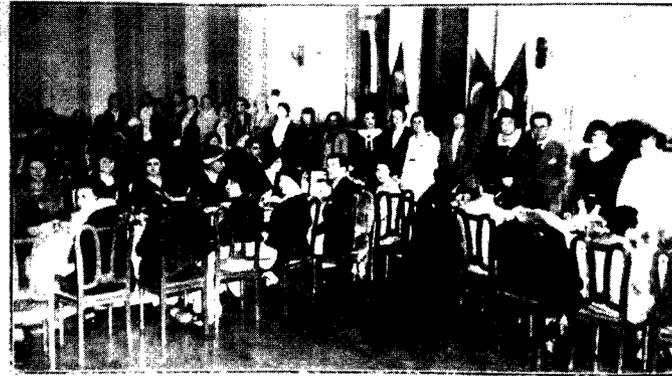
Henriqueta Galeno na residencia da escritora Maria Luisa Mota.



Embarque de Henriqueta Galeno, de regresso ao Ceará. No grupo estão o Sr. Fernandes Távora, ex-interventor do Ceará, representantes da imprensa, diversos intelectuais cariocas e as escritoras Mercedes Dantas, Ana Amelia Carneiro de Mendonça, Maria Luiza Mota, Ana Cesar e outras.



Fotografia apanhada no momento do Congresso Feminino em que Henriqueta Galeno foi a sua casa. Além da sra. Berta de Barros, visível no grupo, encontram-se no grupo, à esquerda, representante do Ceará, e de Pernambuco, e do Governador Federal e o dr. Monte Arrais representando a colônia cearense.



Um aspecto da reunião realizada pela Federação pelo Progresso Feminino. As organizadoras e a imprensa, no Rio de Janeiro. À esquerda, o sr. Paulo Luiz, chefe da Federação. Henriqueta Galeno e Adilberto Albuquerque e o sr. Monte Arrais, representantes do Ceará.



Grupo apanhado na Academia Carioca no breve momento após a recepção de Henriqueta Galeno no seu domicílio. Ficaram no grupo a dr. Berta de Barros, presidente da Academia, Fe. Assis Moreira, as escritoras Alina Canizares (oradora oficial), Francisca Cordeiro, Maria Salgueiro, Maria Luiza Mota e diversos outros acadêmicos.

39 - IGNACIA DE MATTOS DIAS (1854-1931)

Nasceu em Icó a 11 de Junho de 1854. Ignacia de Mattos Dias esposa de Frutuoso Manoel Dias, juntos empenharam-se em favor da libertação dos escravos.

O jornal *Libertador* de 28 de junho de 1884 em sua segunda página noticia a vinda do casal para a capital.

N'esta capital – Achão-se n'esta capital a passeio o Sr. Capitão Frutuoso Manoel Dias, e sua distinta consorte, a Exma. Sra. D. Ignacia de Mattos Dias. digna 1^a. secretaria da sociedade das Libertadoras Icoenses.

Naturaes e moradoras na primeira cidade livre do Imperio, o capitão Frutuoso Manoel Dias e sua estimável consorte prestaram os mais assignalados serviços no grande factio da libertação do Icó.

Comprimntamos ao respeitável cidadão, e a sua illustre senhora que occupou lugar saliente e honroso no generoso movimento abolicionista da província.

Fonte: Jornal *Libertador*, 28 de junho de 1884, página 2.

De acordo com o Barão de Studar no Diccionario Bio-bibliographico Cearense, Ignacia de Mattos Dias, representou papel saliente no movimento abolicionista da antiga Província. De espirito muito cultivado, colaborou em vários Jornais e revistas como a “Revista Social” de Jonathas Serrano, Rio de Janeiro, e foi tradutora de obras de propaganda religiosa e moral, como *A vida de Santa Thereza* e *as Palhetas de Ouro*.

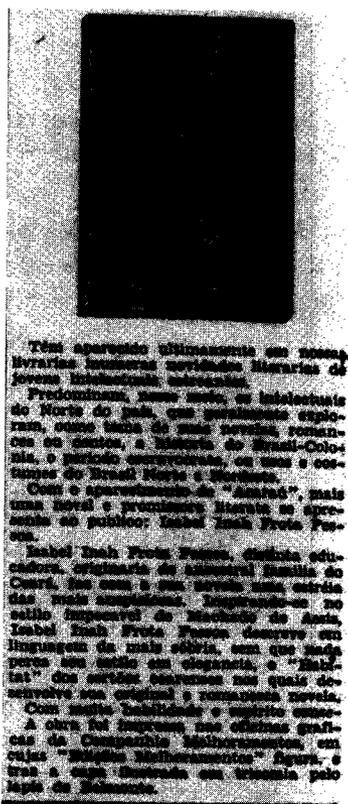
Ignacia de Mattos Dias faleceu no Rio de Janeiro no dia 3 de junho de 1931.

40 - ISABEL INAH DA FROTA PESSOA (1881-1960)

Isabel Inah da Frota Pessoa nasceu em Sobral no dia 04 de abril de 1881, filha de Emiliano Frederico de Andrade Pessoa e Maria Adelaide da Frota. O Casal teve nove filhos. Dois morreram ainda criança, José e Emiliano. Os filhos eram os seguintes, por ordem cronológica de nascimento: Maria Emília, a Maroquinha, nascida em 1872, Frota Pessôa, nascido em 1875, Ana Letícia

(1877), Pedro Emiliano (1879), Isabel Inah, a Sinhazinha (1881), Julieta (1883) e Marinete, a Maria (1884).

Isabel Inah exerceu o magistério no Instituto Nacional de Música. E publicou os seguintes títulos. No *Redemoinho da Vida* publicado no Rio de Janeiro em 1946; *Acarau* (1948); e *Oito dias Maravilhosos – Uma história para crianças*, em 1959.



Fonte: Jornal A Gazeta Juvenil – Nº 31 – 14/10/1948

A escritora morou grande parte de sua vida no Rio de Janeiro, local onde faleceu no dia 13 de janeiro de 1960.

Isabel Inah da Frota Pessoa

A família de Isabel Inah da Frota Pessoa tem o pesar de comunicar o seu falecimento e sepultamento ocorrido ontem, dia 13 de janeiro, no cemitério São João Batista. A missa de 7º dia, será celebrada

no dia 21, às 8,30, na Igreja Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. A todos os amigos presentes nesses atos agradece penhorada. 28499

Fonte: Jornal Correio da Manhã (RJ), quinta-feira, 14 de janeiro de 1960, Página 10.

41 - ISABEL OMPHALE GONDIM (BILA GONDIM) (1866 - 1937)

Isabel Omphale Gondim nasceu em Sobral a 10 de Março de 1866, filha de Galdino Gondim e D. Maria Clara Gondim. Em família era carinhosamente chamada de Bila Gondim. Desde criança demonstrou o gosto pelas letras tornando-se poetisa e eximia charadista, também dirigiu peças sendo elogiada e reconhecida pela crítica. Seu nome é destaque em diversos almanaques brasileiros e de Portugal.

Isabel Omphale Gondim faleceu em Sobral em 20 de novembro de 1937, aos 71 anos de idade.

LOGOGRIPO

A minha amiga Leonora V. Araujo

Esta mulher que apresento 1-3-8-6

Sem d'ella saber o nome.

Ha tres dias encontrei-a

No caminho morta a fome 2-4-5-6

Encontrei-a comendo herva 2-3-10-7-4

Que ella fructo chamava. 7-4-5-9-12

Julguei que estivesse louca

Mas ella, em delirio estava. 11-4-5-1-6

Aqui vos deixo a mulher. 7-10 2-3-12

Esta mofeta ignorante; 1-3-5-6-3-4.

Dai-lhe comida e deixai-a 9-3-3-4

Em socoço algum instante:

Que sentença tão cruel 7-6-9-8-11-14

Ha diviso em seo othar! 11-1-3-6-3

Coitada, está tão cansada,

Que de pé não pode estar.

Se tiver mal ammoniaco 10-5-4-6-12-3

Dai-lhe um pouco a cheirar.

Não deixae-a de finar-se. 11-4-5-9-3-6-3

Que ainda pode escapar.

CONCEITO

Deveis exprimer o succo

De um fructo a adstringente

E dai-lhe para beber

Que é mui conveniente.

Mala-90

BILA

Fonte: A Cidade (Sobral) - Quarta-feira, 17 de maio de 1899 - Página 3.

O Periódico *A Cidade* (Sobral) de 23 de março de 1901, em sua página quatro, apresenta no quadro *passa-tempo* uma charada de Izabel Omphale Gondim, conhecida também como Bila Gondim.

PASSA-TEMPO

CHARADAS

A Ex^{ma}. Sr^a. D. BILA GONDIM

- 3—2 A campanha tem abundancia de,
armas ?
2—4 Disto o soberano fez um poema.
2 --2 Em Roma o animal que vive
n'agua é passaro.
1 . 2 Um vestido preto solto.
2 - 4 Senhor é unicamente galante.

5—3—901.

OCEANO.

No periódico *A Cidade* do dia 8 de janeiro de 1902 nas páginas 1 e 2 encontramos a indicação do estudo ainda inicial do Dicionário Bio-bibliográfico de Barão de Studart onde o historiador traça um perfil da escritora Isabel Omphale Gondim apresentando-nos duas informações de suma importância, a indicação da utilização de pseudônimos na publicação de artigos e o apelido carinhoso **D. Bila** a quem o redator do jornal carinhosamente se refere.

D. Isabel O. Gondim

Da importante *Revista da Academia Cearense*, que se publica na Capital do Estado sob a abalisada direcção dos d^{rs}. Pedro de Queiros, Henrique Theberge e Barão de Studart, transcrevemos do *Pequeno Diccionario Bio-Bibliographico*, do Barão de Studart, o lisongeiro estudo sobre a nossa distinctissima conterrânea e intelligente collaboradora d. Isabel Omphale Gondim, que, tantas vezes tem abrilhantado as columnas d' *A Cidade*, com os facetos scintillantes de sua penna inspirada e primorosa.

Damos parabens a **d. Bila** pela honrosa e merecida distincção que lhe foi confiada por um dos mais proeminentes vultos das letras patrias .

Eis a bibliographia:

"Nasceu em Sobral a 10 de Março de 1866, sendo seus paes Galdino Gondim e D. Maria Clara Gondim.

Revelou desde tenra idade decidido gosto pelas letras, não podendo todavia completar sua educação intellectual devido à falta de meios em nossas cidades do centro do Estado. Entretanto, dotada de bastante força de vontade e de intelligencia, tem produsido artigos de valor litterario, assignando-os sob pseudonymos.

Seu nome figura nas páginas de diversos almanaks quer Brasileiros quer de Portugal, de cujas charadas, logogriphos, etc., é emérita decifradora.”

Fonte: *A Cidade*, 8 de Janeiro de 1902, páginas 1 e 2.

Isabel Omphale Gondim foi colaboradora d’O *LYRIO* de Recife. Na edição de aniversário da revista, Isabel escreve o texto *Minhas Felicitações* para parabenizar a revista e suas colaboradoras.

MINHAS FELICITAÇÕES

Acanho-me, confesso, acanho-me sobremodo reitero, de ver o meu obscuro nome firmado nas candidas páginas do travesso *Lyrio*, onde só diviso nomes de insignes escriptoras e mimosas poetisas, como o são as illustradas collaboradoras desta brilhante revista, que hoje faz o seu primeiro anniversario.

O entusiasmo, porém, de que estou possuída, por ver *O Lyrio* contar hoje um anno de existencia só com o auxilio de habeis mãos femininas, faz com que eu rompa este véo, o acanhamento – e trace estas toscas linhas para saudar as gentis collaboradoras desta elegante e graciosa revista, primor de gosto e sentimento.

Ao fundador d’ *O Lyrio*, ao distincto engenheiro Cintra Luiz, pela intuição a que obedece, trazendo á litteratura o precioso concurso feminino, faço extensivas as minhas felicitações e á pleiade de escriptoras e poetisas que gentilmente corresponderam ao seu appello.

ISABEL O. GONDIM.

Correspondente em Sobral – Ceará.

O Lyrio – Recife – Ano 1903 – Edição 013-014 – Página 13.

O jornal *O Rebate* de Sobral de 2 de janeiro de 1909 parabeniza a Sra. Bila Gondim pela direção no Drama de Natal .

Drama de Natal

Conforme noticiãmos há dias, hontem foi representado em nosso theatro, por um grupo de gentis senhoritas da ELITE sobralense, o DRAMA DE NATAL ensaiado habilmente pela exma. Senra. d. Bila Gondim.

A representação teve cabal desempenho e agradou geralmente ao selecto auditório, que não se cansou de applaudir às gentis representantes.

Para essa representação foi executado luxuoso guarda-roupa e um lindo scenario, que muito agradaram.

Sentimos, pela exiguidade de tempo, não podermos diser detalhadamente, como desejávamos, sobre esse esplendido festival artístico, no qual todas as senhoritas que nelle tomaram parte se revelaram bastante inteligentes e bem compenetradas dos seus papeis, não sendo mesmo possível, sem grave injustiça, diser que esta salientou-se daquela na interpretação do papel que lhe foi confiado.

O Rebate de Sobral de 2 de Janeiro de 1909 – Página 1.

O Jornal *Pátria* (Sobral) do dia 9 de março de 1910, em sua segunda página parabeniza Izabel Omphale Gondim pela passagem do seu aniversário e exaltando suas qualidades como poetisa e charadista.

Rutilará amanhã mais uma aurora na arcada do céu do precioso viver da exma. d. Izabel Omphale Gondim.

Modelo anhelado de virtudes, **a d. Bila, como chamam-a na intimidade da família**, tem se destacado pelas suas boas qualidades.

Poetisa de talento superior, charadista exmia, ella tem se imposto a admiração d'aquelles que consideram o talento acima das mediocridades mundanas.

Coração generoso e bom sempre affeito a pratica do bem, ella sabe adoçar com suas palavras confortadoras nas almas que lufada do infortunio tenta levar de roldão.

“A Patria” que considera a distincta senhora por todas as suas bellas qualidades, manda-lhe ainda que antecipadamente as suas sinceras felicitações, desejando que a data d’ amanhã por muitos annos se reproduza e que a ventura e a felicidade estejam sempre ao lado da distincta escriptora.

O Jornal *Pátria* (Sobral) do dia 9 de Março de 1910– Página 2.

Em 1911 no periódico *A Patria* de Sobral uma nota com o título de *Theatro* parabeniza Bila Gondim pela direção no drama sacro *O Cego e a Leprosa*. (Páginas 1 e 2).

ALMANACH DE PERNAMBUCO

Logogrifo 110
A' Nova Caçadora

Uma só vez; sim! amei *confesso* 15, 19, 3, 6, 11, 12
 Este amor que eu julgava infundo 9, 8, 4, 5, 6, 1, 2
 Morreu bem moço, pois a *cruel* parca, 1, 16, 15, 12
Inexorável, m'o roubou sorrindo 15, 4, 14, 16, 1, 12

Inda me lembro do que me dizia
 O *ser mimico* que adorei na vida 18, 19, 20, 15, 12
 Amo-te tanto, só tu és meu *ídolo*, 16, 1, 2, 4, 6
 Sem ti não posso sobreviver *querida* 2, 13, 11, 4, 8, 9, 1, 6

Sobre cuidado! Ai! gozar não *pode*, 7, 6, 3, 18, 12
 Do casto amor que me jurou um dia,
 Assim como as *flores*, desbrochou, fanou... 8, 6, 14, 17, 12,
 3, 4, 6, 5

Tendo por thalamo uma lousa *fría* 9, 3, 14, 19, 20, 18, 2

Mas quando a morte me roubar a *vida*, 11, 15, 9, 17, 5,
 4, 18, 12

Sei alegre *habitar* nos Céos 9, 13, 5, 4, 13, 10, 16, 15,
 4, 18, 12

As nossas almas v'arão *contentes* 6, 3, 2, 14, 15, 19, 5,
 4, 18, 12

Salda sempre, para os pés de Deus 2, 11, 19, 15, 21, 1, 2

Não mais um dia me verá distante
 Oh! doce amigo, que adorei na vida
 E tu, risonho, bendirás em hymnos
 A Deus, unido á *mulher* querida.

Sobral-Ceará. D. ISABEL OMPHALE GONDIM.

CHARADA bisada 111

3—Porque é que o homem não *crê* no proprio ho-
 mem 7—2.

Piauí. K. BULA.

Fonte: Almanach de Pernambuco – 6º anno—Ano 1903 – Página 80.

ALMANACH DE PERNAMBUCO

Logogrifo 270
A' Exma. Sra. D. Aurora Oypsophila C...

Esta mulher que te apresento 3, 7, 8, 5
 Dizem-me ter moderação 1, 2, 3, 4, 5, 1, 8, 9
 Porém direi que tem arte 2, 1, 7, 3, 4, 8, 6
 P'ra vencer uma multidão 4, 5, 1, 3, 9
 E' ella a escrava liberta
 Que contra Nero conspirou,
 Portanto não te descuides
 Que matar-te ella jurou.

Sobral—Ceará. D. ISABEL OMPHALE GONDIM.

Fonte: Almanach de Pernambuco – 8º anno—Ano 1906 – Página 207.

Charada 64*Dedicada a D. Francina Campos e Assumpção Matta*

A linda-flôr, olorante, rosea,—2
 Simples e casta, como tu, douzella,—1
 Não tinha, oh ! flôr ! o suave aroma—1
 De tua bocca, pequenina e bella.

Não tinha, crê, o perfume grato
 Dos labios teus que embriagam, flôr,
 Desses teus labios onde ha o nectar
 Embriagante, qual melhor licôr.

Sobral.—Ceará. D. ISABEL OMPHALE GONDIM.

Fonte: Almanach de Pernambuco – 9º ano—Ano 1907 – Página 47.

Seu nome está registrado na obra *Homens e Vultos de Sobral* de autoria do Monsenhor Vicente Martins.

D. Izabel Omphale Gondim – Filha de Galdino José Gondim e D. Maria Clara Gondim, nasceu em Sobral, a 10 de março de 1866. Revelou decidido gosto pelas letras, não tendo conseguido completar sua educação intelectual. Foi colaboradora de diversos almanaques quer brasileiros, quer de Portugal.

MARTIN, 1989, página 168.

42 - IZABEL PERGENTINA DE ARAUJO

Izabel Pergentina de Araujo, professora e poetisa, casou-se com o Sr. Lucas de Souza Araújo em 08 de abril de 1902 na vila de Palmas, hoje Coreaú.

Em 1894 cursou o terceiro ano na Escola Normal tendo como colegas de classe Judith Amaral e Adelaide Facó. O jornal *A Republica* de 14 de dezembro de 1894 na página 4 apresenta um requerimento de Izabel Pergentina d'Araújo solicitando inscrição no concurso aberto para o preenchimento da cadeira do ensino misto da povoação de S. Bento de Amontada. No ano seguinte no mesmo jornal no dia 24 de abril de 1895 Isabel requer pagamento a coletoria de Itapipoca pelos serviços prestados na povoação de São Bento.

De acordo com dados do *Almanach Administrativo* Izabel Pergentina lecionou na povoação de S. Bento de Amontada entre os anos de 1895 e 1897. Em 1898 foi transferida para lecionar em uma cadeira do sexo feminina em Itapipoca e no ano seguinte para Cratêus. No *Almanak Laemmert* o nome de Izabel Pergentina de Araujo figura entre os anos de 1915 a 1919 como professora de instrução pública.

O Jornal *A Cidade* de Sobral do dia 26 de junho de 1901, na página 3, publica um poema assinado por I. Pergentina em Palma, 13-6-1901 dedicado A Rosina de Castro, com o título A Rosa e a Sensitiva. Palma era um antigo povoado que hoje é denominado Coreaú.

A ROSINA DE CASTRO

A ROSA E A SENSITIVCA

*Junto á rosa mui altiva,
Elegante e feiticeira,
Humilde sempre e rasteira
Vegetava sensitiva.*

*Aquella, do amor no enleio
Ufana de mil louvores,
Das auras dos beija flores,
Ao osculo offertava o seio.*

*Esta, ao céo, em doce prece
Pedia ao menos, lhe desse
Uã graça digna de amor!*

*Concedeu-lhe em fim, belleza
Singular a natureza
Fê-la o symbolo do pudor!*

Palma, -13-6-1901

I. Pergentina

Fonte: *A Cidade* – Quarta-Feira, 26 de Junho de 1901 – Página 3.

Um mês depois no mesmo periódico, no dia 27 de julho de 1901 na página 2, e publicado o poema *NO OLIVETE* dedicado ao jornal *A Cidade*.

NO OLIVETE

(Para A Cidade)

*É noite Na gaze do espaço fluctua
Ainda que a medo, em ebrio clarão,
De algidos, níveos fulgores, a lua,
Que em prata colóra da terra a amplidão.*

*Serenas deslisam-se em crespos remansos
As águas argenteas do velho Cedron.
O vento que passa enflora de mansa
A Veiga que geme tristissimo som.*

*E alem, no Olivete, de luz aureolado,
Um vulto bellissimo se avista prostado,
Com a face banhada de rubro suor!*

*É o doce Jesus, o “Raboni” < do amor,
Que exclama em tristeza: “Este Calix, meu Pai,
Si vos é possível, de mim afastai!”*

Palma – 4 – 7 – 1901.

I. PERGENTINA

Fonte: A Cidade – Sabbado, 27 de julho de 1901 – página 2.

Izabel Pergentina também escreveu crônicas para a imprensa, destacamos os textos: Saudades da Escola, oferecido ao jornal *A Cidade* e *O invento Santos Dumont*.

SAUDADES DA ESCOLA

(Para A Cidade)

Si algum período de nossa vida se passa que desperte saudades, o da vida collegial é um.

É o Collegio o similis fiel da família, mas nessa família é o espírito que irmãnisase àquelles aquem chamamos collegas, e dedica aos mestres uma afeição semifilial, porque iluminando-se das refulgencias divergidas de su'alma, reveste-se desse mysticismo indefinível – amor e gratidão!

E, quereis experimentar um mundo de dulçores? Pronunciais estas palavras Mestre e Collega!

Que turbilhão de idéas evocam ellas, idéas caríssimas e saudosas que recordam um passado vivido doce cohesão de almas que acostumaram a reciprocamente amar-se, porque receberam as mesmas luzes, tiveram as mesmas glórias, experimentaram as mesmas satisfações e libaram os mesmos soffrimentos, desses soffrimentos que transformam se em dulcificações, porque são a égide, o baluarte de todas as verdadeiras grandiosidades!

E essas lembranças, essas affeições tão gratas nascidas na Escola eternisam se no coração, sempre tão vivas, tão amaveis, como nos momentos daquella feliz convivencia, que só pelo prysma da fé, vemo-la reproduzir-se na eternidade.

Quem ao recordar esse ditoso tempo escolar, não sente embeber-se lhe a alma dos effuvios mysticos deste sentimento que em nosso vocabulário tem o nome de saudade!?

Palma – 8-8-1901

I. Pergentina

Fonte: A Cidade – Quarta-Feira – 21 de Agosto de 1901 – Página 3.

O invento- Santos Dumont

Quem sente pulsar-lhe nas veias atomos de sangue verdadeiramente brasileiro, quem ao despontar dos albores da vida e ao primeiro roçar das alcatifas do berço inspira o bafejo oxygenado e puro das auras perfumosas do Brasil, não pode deixar de embriagar-se ao impeto dessa onda mixta de enthusiamo, satisfação e orgulho, por ver o Brasil mimosear a infância do Seculo XX com a chave mysteriosa da situação desse invento, que há dezenas de annos tem sido objecto de acurada preocupação e de profundo estudo de sabios de differentes nacionalidades que sondando com ardorosa tenacidade os mysterios da sciencia, desejam ver o seu nome acclamado pela humanidade como inventores da – direcção do aerostato.

Já para invenção deste foram consumidas centenas de annos sem resultado proficqo; pois sabe se, que já no século XII a Inglaterra tentava experiências da navegação aérea, sendo mais tarde imitada por outros paizes, obtendo porem resultado sempre negativo, até que nos primeiros annos do século XVIII o brasileiro Frei Bartholomeu de Gusmão inventava o aerostato, obtendo suas experiências de navegação aerea em Lisbôa, o mais feliz successo.

Estava, pois, descoberto o aerostato por um brasileiro, com quanto a França queira roubar-lhe esta gloria, a que aliás não conseguirá attentas as provas de prioridade de experiências, impressos, etc, do Padre Gusmão, sobre os irmãos Montgolfier, que só em 1783 fizeram a primeira ascensão do seu aerostato, quando já em 1724 Frei Bartholomeu refugiva-se na Hespanha victima de perseguição pelo seu invento.

Afinal, estava descoberto o meio da navegação aerea cuja utilidade impunha-se a primeira vista; faltava por tanto dar direcção aquella navegação. Hoje, porém, surge ainda das plagas brasileiras o joven Santos Dumont, que descobrindo o meio de dirigir o aerostato, faz suas experiencias em Paris, mantendo-se a aeronave no itinerário por elle previamente traçado e seguindo a direcção que lhe dá aquelle inventor. Com que fremitos de alegria sabemos dos pormenores da experiencia do jovem aeronauta e do entusiasmo com que é aclamado na Europa onde todos os jornaes occupam-se do seu invento!

Convença-se, pois o Velho Mundo que são glórias exclusivas do Brazil as descobertas da navegação aérea.

Palma, 24 de Agosto de 1901.

I. PERGENTINA

Fonte: A Cidade – Quarta-Feira, 11 de Setembro de 1901 – Página 2.

NOITE DE AGOSTO

*É noite serena de lua formosa!
Em doce quietude repousa a natura
Talvez qu'em silencio, ness'hora murmura
Um idyllo, um poema, uma prece amorosa!*

*No céo rico estojo das jóias divinas
O arminho da nuvem descora o luar!
Seus raios tão puros em alvo brilhar
Desenham na terra o perfil das boninas!*

*As louras estrellas, da lua em ciúmes,
Com dúbios fulgores esquivam os lumes!
E fitando a delta, que bella que é,*

*Seu raio parece em minh'alma fundir-se!
E ella serena, fiegmatica, a sorrir-se,
Segredar à nuvem: "Non scordar di me!"*

Palma – 12-9-1901

I.Pergentina

Fonte: A Cidade – Quarta-Feira, 9 de Outubro de 1901 – Página 2.

RECORDAÇÕES DE MAIO

*É tão bello o sorrir de uma alvorada
Farta de flores!
As corollas gentis nevi-rosadas
Entre verdores,*

*São lindas, mas tão lindas, despertadas
Pelos fulgores,
Das auroras de Maio engastadas
Em mil primores!*

*Como embebe-se então a natureza
De pura essência!
Talvez ria, ao fitar tanta belleza,
A Omnipotencia!*

*É que em Maio, vestido de esperança,
Levam os ares,
O dulcíssimo cantar de mil creanças
A Stella Maris!*

Palma, 15 de Novembro de 1901.

I.Pergentina

Fonte: A Cidade – Quarta-Feira, 20 de Novembro de 1901 – Página 2.



Ester Sales foi autora do primeiro livro mediúnico psicografado no Ceará, o romance *Almas Errantes*, embora escrito na década de 30, a obra só seria publicada 60 anos depois, em 1986, quando ela contava com 92 anos de idade.

O pesquisador Luciano Klein em seu estudo *Memórias do Espiritismo*, dedica um capítulo a biografia da médium.

Joaquina Ester Sales Pessoa nasceu em 1894, no município de Acaraú, Ceará. Em 1914, casou-se com o tenente da Brigada Militar de Pernambuco, Francisco de Andrade Fortuna Pessoa, que faleceria em 1935, no Recife, durante combate em uma intentona comunista.

Ester Pessoa tornou-se espírita quanto, ainda na companhia do esposo, morava em Fernando de Noronha. Aliada e amiga de D. Quinhinha Pessoa, esposa do diretor do presídio da ilha, começou a desenvolver aquilo que seria sua vocação por excelência na seara espírita: a assistência aos necessitados.

Voltando ao Ceará, acelerou seu ritmo de trabalho em comunidades carentes. Ao participar de uma reunião mediúnica na residência de Secundino Passos, apresentou-se-lhe o Espírito Maria Celeste, sugerindo a criação de uma instituição filantrópica. Com o apoio de José Ferreira Motta e José Borges dos Santos, fundou, no dia 28 de maio de 1948, a “Legião Espírita Feminina”.

Ao lado de um grupo de abnegados companheiras, “Tia Ester”, como passou a ser conhecida, realizou um trabalho sem precedentes no Ceará, em prol dos mais carentes. A “Legião” patrocinou o “Clube das Mães”, “leite às criancinhas”, “sopa dos velhinhos”, “sacola dos necessitados”, “Clube do Idoso”, e a fundação da “Escola Maria Celeste”, que empreendeu um extraordinário programa social.

Médium de excepcionais recursos, Ester Pessoa psicografou o romance “Almas Errantes”, de autoria do espírito João Villaça. Recebida na década de 30, a obra seria publicada somente 60 anos depois, em 1986, quando ela contava com 92 anos de idade.

J

O confrade e amigo José Eldon Barros de Alencar, presidente da Associação Médico Espírita do Ceará, na capa da aludida obra, que é o primeiro livro mediúnico publicado no Ceará, descreve a impressão que D. Ester lhe causou quando manteve com ela seu primeiro contato. "(...) Aquela voz senil, porém firme, dominadora e bem harmonizada, deixava transparecer bondade e vitalidade. (...) Fui até ela. Encontrei-a sentada em uma cadeira como colo cheio de retalhos e aos seus pés, caixas de bonecas prontas e por terminar, cujas vendas ajudavam na manutenção da casa e de pessoas carentes (...) fiquei maravilhado e desde então, Dona Ester passou a ser Tia Ester. (...) Gigantesca mulher, que, nesta longa jornada, com pouco que consegue, faz muito para muitos que precisam de ajuda".

Tia Ester regressou à Pátria Espiritual, no dia 18 de setembro de 1992, com a prolecta idade de 98 anos.

KLEIN FILHO, 2000, Páginas: 52 e 53.

44 - JUDITH CORREIA DO AMARAL

A escritora Judith Correia do Amaral, filha de João Antônio Albernás do Amaral e de Maria Correia do Amaral, estudou em Recife, foi professora, pintora, musicista e abolicionista.

Em 1881 exerceu o magistério no colégio Santa Rosa de Lima, escola fundada por sua família. Em 1894 foi diplomada na Escola Normal.

No Jornal *A Nota* de 27 de maio de 1917, Leonardo Mota ao ser inquirido sobre qual a beletrista cearense que merecia lugar de destaque, ao que ele responde "Judith Amaral...Alba Valdez "Entre les deux mon coeur balance...".

Gisela Schimmelpfeng em seu estudo *A Mulher E a Abolição*, menciona o nome de Judite destaca o seu trabalho.

JUDITE CORREIA DO AMARAL, pianista, pintora e escritora, não foi casada. Era a nona filha do português João Antônio Albernás do Amaral e de Maria Correia do Amaral. Ajudou durante a campanha da abolição, participando de uma gincana no salão nobre da Assembléia Provincial.

Schimmelpfeng, 1984, página 49.

A caminho da glória

Iracema Guimarães Villela é, sem dúvida, uma esplendida organização artística. Nasceu com o privilegio da vocação literária. Bastava-lhe tão somente que o tempo e o estudo ou o meio coroassem-lhe depois a intelligencia tradicional da familia Luiz Guimarães.

E sem se preocupar com os applausos das multidões nem as condecorações e títulos ruidosos que a outros tantos envaidecem, surge serena e firme, graciosa e serena, suave e irônica, lapidando a golpes de buril a palavra esthetica e sublime que lhe brota exuberante da Penna diamantina. Assim, numa serie brilhante de triumpho, o seu espírito dadivoso augmenta o patrimônio do livro nacional.

“A Senhora Condessa” e “Uma Aventura”, recentemente apparecidos à luz da publicidade, são dois brilhantes que se engastam ao oiro sonoro da primosa lingua portugueza, cantada e enriquecida pela intelligencia brasileira.

A quem a felicidade proporciona o goso de os manusear para ler, sente irresistivelmente uma suggestão agradabilíssima ao percorrer essas estâncias primorosas onde cada trecho esbate e reproduz com as cores vivas e robustas da realidade as diversas minudencias do ambiente contemplado.

Ao claro e suave estylo empresta Iracema as mesmas nuanças e modalidades invejáveis de seu temperamento de escol que desconhece os rebuços da hypocrisia ridícula e repelle as intrujices enfatuadas das simples apparencias. Porque o seu instincto age ao redor de dois pólos: Verdade e Belleza. Taes os reflexos nas páginas de seus livros: belleza na concepção, na urdidura na phrase; verdade no conceito dos factos, na analyse rigorosa da psychê humana.

Dos contos que compõem “Uma aventura” não se lhe pode mesmo atinar a primazia, tal a perfeição do maravilhoso, a segurança do assumpto, a essência, o rythmo que ao conjuncto todo envolve.

No estylo narrativo, no estylo familiar são tão fortes as características do verdadeiro escriptor que, a gente parece contemplar os vultos que se movem em scena, os gestos e as discussões, os apparatus e os ‘qui-proquós’ de romenos valor. Faz rir e sorrir mantendo ao leitor numa curiosidade ascendente que, por vezes, se premedita o fim do desenlace de tal ou tal passagem. Para quem a leitura fornece poderosa influencia será accessível ao choque de sobressaltos e desmaios ou crise de risos.

J

Em “A Senhora Condessa” desenrolam-se factos que bem con-
dizem com a nossa indumentária ridicularizando a civilização
hodierna dos grandes capitaes que evoluem materialmente na
abertura de avenidas e construcções de palacetes, mas, na inte-
gra, mantem os traços que denunciam a índole corriqueira dos
provincianos.

E neste assumpto é de ver a consagrada artista que desnecessa-
riamente se occulta sob o pseudonymo de Abel Juruá, vencer ga-
lhardamente nas mil peripécias que o seu poceroso talento e sua
polymorpha imaginação engendram.

Dos typos creados para a farça do pittoresco romance pullulam
realmente nos nossos salões de festas, nas pomposas recepções
mundanas e íntimas com a differença que aqui, são observados a
intervallos e, por isso, allí, avultando em massa, parecem assumir
maiores porporções, maior gravidade, maior condemnação.

A tela que enlaça o enredo habilmente elaborado com a natura-
lidade e simpleza dos acontecimentos comuns revela superlativa-
mente a acuidade espiritual, a aptidão notabilíssima de observação
que se completa com a “verde” maravilhosa, o “savoir-dire” ine-
gualavel da notável escriptora.

Em escandir os meandros da psychologia feminina não conhe-
ço quem a deseje nem mesmo os a quem a fama quis consagrar
como tal.

Que falta por excelência, à constituição moral da protagonista Yára
– a decantada senhora condessa – para personificar a fatuidade de
espírito, o vasio de idéas conscienciosas, a prescripção ambiciosa
de querer sobrejugar as outras, à audácia inominal e estúpida, a
ponto de romper a felicidade de outra mulher em que prima a leal-
dade conjugal; ao dr. Brenno cuja sentimentabilidade vaccillante
entre a maledicência e cobardia a alvejada pelas insólitas provoca-
ções e espectaculosas exhibições de Yára?

Vanda – mulher de Brenno é a maior victima da serpente que se in-
sinua na alma leviana da condessa para trazel-a aos vexames dessas
amigas indesejáveis, martirizando-lhe o coração de esposa honesta
e digna.

O cômico, a tinta de pintura jocosa desliza especialmente para a
baroneza Gisela que ridiculariza o Barão pela proverbial sovenice
fazendo-a envergonhar-se de seus modos provincianos no meio da
alta roda que frequenta; em Zaira, a apparentar-se rica ostentando

J

as mesmas extravagâncias do meio social sem que o permitam os poucos recursos do marido. As discussões, as intermitências de gênios, os arrebatamentos de certos episódios concorreu para a lubridade do entrecho da peça. Mesmo nos papéis secundários, procede Iracema no mesmo desembaraço de perfeita letrada.

Já não são as intriguinhas entre amigas do “set” que se desconfiam e se mordem sorratamente sabendo urdir pretextos lamentáveis a favor de suas conveniências, são as próprias empregadas que, por vingança, comprometem as patroas devassando-lhes a vida íntima do lar.

Em summa, todos os trabalhos de Iracema têm o seu particular sabor literário que sobremodo agrada ao mais insípido paladar.

Concluindo: si minha opinião prevalecesse, eu, a aconselharia a tentar outro novo rumo onde pode dar largo vôo aos excepcionaes dotes intellectuaes de que lhe foi tão prodiga a Providencia. Depois de provas tão lúcidas em chronicas e novellas, contos, romances, seria louvável que agora extreasse na litteratura theatral, uma vez que ao nosso theatro faltam elementos que lhe prolonguem a vida.

Já antevejo o exito ao mesmo nivel, si não mais elevado que o do : “Nhônô Rezende”, “A Veranista” e “A Senhora Condessa”.

Judith Amaral

A Razão – Domingo, 12 de maio de 1929- página 3 – Caderno “A Razão Literária” A Intellectualidade feminina no centenário de José de Alencar.

Anuncio do Collegio Santa Rosa de Lima

COLLEGIO
Santa Rosa de Lima.
PROGRAMMA.
(4.º Anno)

I
DO ESTABELECIMENTO EM GERAL.

Este estabelecimento tem por fim dar ás suas alumnas uma esmerada educação moral e civil, e bem assim uma cabal instrução scientifica, litteraria e critica.

O methodo de ensino de accordo com o regulamento organico da instrução publica da provincia e baseado nas melhores prescrições de pedagogia, comprehendendo todas as vantagens para o progresso e desenvolvimento intellectual das alumnas.

O edificio em que funciona o collegio está situado n'um dos mais salubres e pittorescos arrabaldes da capital, dispondo d'uma grande e excellente chácara que offrece aos paes de familia todas as garantias para a preciosa saúde de suas filhas.

Não encontrando nenhuma destas necessidades do velho regimen escolar, hoje abando, ellas continuarão a gozar no collegio da todos os commodos que tinham no seo de suas familias.

Assim, a saúde das alumnas será objecto de maior cuidado da parte dos directores que conjuntamente com o mais esmerado ensino moral e scientifico, se empenham em proporcionar á suas discipulas tudo o que possa concorrer para o seu bem-estar physico, e embelesar-lhe a vida collegial, como seio jogos castos, passeios, dança, gymnastica e outras divertimentos proprios de sua condição.

II
DAS MATERIAS DO ENSINO.

O ensino comprehendê:

1.º - Instrução primaria dividida em dous cursos, consistindo o primeiro na: Lettura de prosa, verso e manuscrito, Calligraphia, contabilidade, Doutrina christã e civilidade.

Formão as materias do 2.º curso o estudo da Grammatica portuguez, Analyse grammatical, Historia Sagrada, Historia Patria, Arithmetica e Geographia phisica.

2.º - Curso especial de educação domestica, comprehendendo:

I - Costura, canto, piano, desenho, pintura a olio, aquarella e pastel; Bordados - branco, á seda e lã; Misesagas, froco e oiro, etc. Flores de papel, de penno, penas, etc. Malhas, trileiras, crochet.

II - Lições de economia domestica, hygiene e conhecimentos uteis para a vida pratica.

3.º - Curso completo das linguas Portuguez, Francesa, Italiana e Ingles.

4.º - Mathematica, Geographia Geral, Astroonomia, Historia, Physica - Rhetorica e Poetica, que devem comprehender o estudo da grammatica portuguez.

III
DAS ALUMNAS EM PARTICULAR.

Admittem-se alumnas internas, semi-internas e externas que tenham 5 annos completos.

As semi-internas passarão o dia no collegio, onde terão a refeição de tarde, e voltarão á noite para a casa.

As externas deverão achar-se no estabelecimento ás 9 horas da manhã e sahirão ás 3 da tarde.

As internas podem passar os dias feriados em casa de seus paes, tutores e correspondentes.

IV
DA CONTRIBUÇÃO.

A pensão será paga adiantada e mensalmente na razão seguinte:

Cada alumna interna, de qualquer curso, com direito ao ensino de todas as materias, excepto desenho, pintura, piano e canto 30000

Semi-internas, nas mesmas condições 20000

Externas, segundo as aulas que frequentarem:

Por piano 10000

« canto 5000

« desenho 3000

« pintura 10000

« qualquer outra materia . . . 4000

A alumna que frequentar mais de uma aula terá um abatemento de 10 %.

A mesma vantagem gozarão os paes de familia que tiverem mais de uma filha no collegio.

V
DO TEMPO LECTIVO E DAS FERIAS.

O collegio Santa Rosa de Lima começa os seus trabalhos lectivos no dia 3 de Fevereiro e dá as ferias geraes no dia 8 de Dezembro.

Em todo tempo podem receber a matrícula qualquer alumna nas condições do programma.

São feriados:

- Todos os domingos, dias santificados e de festas nacionaes;

- E mais os seguintes: Carnaval, Semana Santa, Santa Rosa de Lima e dia de finados.

VI
DO REGIMEN ESCOLAR.

As alumnas terão todo o estímulo para cumprirem os seus deveres mediante os premios que se admittem geralmente nas casas de educação.

- Assim, cada alumna terá uma caderneta em que serão escriptas separadamente as notas em que incorrerem.

- Estas notas serão lavradas nos paes e mães de familia, que por este meio ficarão scientes do aproveitamento e applicação de suas filhas.

- Serão premiadas com corôas honorificas as alumnas que mais se distinguirem por seu bom procedimento e applicação nas aulas.

- Perderão o direito ao premio as alumnas que durante o anno tiverem merecido castigo grave e as que deixarem sem justo motivo de frequentar as respectivas aulas.

- Os castigos porem, serão raras quasi nunca corporaes, e sempre de accordo com o disposto no Regulamento da Instrução Publica.

VII
DO PERSONAL DOCENTE.

As aulas de phisica, italiana, ingles e doutrina christã estão confiadas aos

Padre Dr. João Augusto da Frota.

« Anacleto Corrêa do Amaral.

As demais aulas se admittem á cargo dos directores e professoras do collegio Santa Rosa de Lima

Julia Amaral.
Julia Amaral.
Candida Argentina da Frota.
Elvira Pinho.
Doretina A. Moraes de Mattos.

AVISO.

Qualquer applico tendente ao collegio pode ser tratado na Rua Formosa n.º 114, no escriptorio do «Cearense» e na chácara do Benfica.

 45 - JÚLIA CORREIA DO AMARAL

A educadora Júlia Correia do Amaral era filha do casal abolicionista João Antônio Albernás do Amaral e de Maria Correia do Amaral. Seus pais tiveram vinte filhos: Isac Correia do Amaral; João Correia do Amaral; Eugenia Correia do Amaral; Adelaide Correia do Amaral; Edith Correia do Amaral; Ildefonso Correia do Amaral; Eleotério Correia do Amaral; Raquel Correia do Amaral; Judite Correia do Amaral; Josue Correia do Amaral; Philomena Correia do Amaral; Arão Correia do Amaral; Antônio Correia do Amaral; Sara Correia do Amaral; Ester Correia do Amaral; Ananias Correia do Amaral; Moises Correia do Amaral; Idalina Correia do Amaral e Miguel Correia do Amaral.

No estudo *A Mulher E a Abolição* a autora Gisela Paschen Schimmelpfeng faz uma breve descrição sobre o papel desempenhado por Júlia na questão abolicionista.

JÚLIA CORREIA DO AMARAL, sétima filha do comerciante João Antônio Albernás do Amaral e Maria Correia do Amaral. Inupta. Ajudou na batalha redencionista e juntamente com sua irmã Judite fundou e dirigiu o Colégio Santa Rosa de Lima, em Fortaleza. Com o maior relevo administrou a Sociedade das Senhoras de Caridade, da capital cearense.

SCHIMMELPFENG, 1984, página: 49.

 46 - JÚLIA CARNEIRO LEÃO DE VASCONCELOS (1880 - 1950)



Júlia nasceu em Granja no dia 07 de setembro de 1880, era solteira, professora, geógrafa, literata e poliglota, foi a primeira mulher a ter ingresso no Instituto do Ceará, como sócia efetiva. Após a sua transferência para o Rio de Janeiro passou a ser sócia honorária, ocasião em que sua vaga foi ocupada por Alba Valdez.

Na ocasião da posse no Instituto do Ceará em 1930, Júlia sentiu a rejeição por

J

ser mulher e estar no centro onde os homens eram unanimidade, no artigo de Valdelice Carneiro Girão intitulado: “A Mulher no Instituto do Ceará” observamos quando o Dr. Antônio Teodorico da Costa – sócio fundador pede claramente que: “ A nova sócia se lembrasse sempre que um membro daquela assembleia se opusera ao seu ingresso no seio do Instituto”. Esse depoimento revela claramente a discriminação a qual a mulher era submetida. Essa foi a única vez em que Júlia Vasconcelos esteve na instituição.

Júlia foi professora de Geografia e Cosmografia, por concurso, da Escola Normal Justiniano de Serpa, tendo defendido a tese “Oceano e seu papel na “harmonia do globo”. Também atuou como jornalista, colaborando na imprensa em assuntos geográficos.

Mário Linhares em sua obra *História Literária do Ceará* faz referência a escritora, na página 187.

JULIA CARNEIRO LEÃO DE VASCONCELOS – Nasceu em Granja (Ceará), a 7-9-1880. Seus grandes conhecimentos de Geografia e História Geral, comprovados como professora da Escola Normal de Fortaleza, elevaram-na á cadeira vaga, no Instituto, com o falecimento de seu pai, Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos. Além dos estudos de sua especialização, a emérita educadora possui sólida cultura geral que o profundo conhecimento das línguas francesa, inglesa e alemã lhe propiciou. Vários trabalhos de sua autoria atestam o fulgor de seu talento: “Oceano e seu papel na harmonia do globo”. “América Meridional”. (Parte física).- “Esfera Celeste e Coordenadas” (Tese), 1900; “Memória Histórica”, 1920; “Uma valiosa unidade brasileira”, 1922; “A ilha Sylt e os insulares”, 1925; “O território do Chaco”, 1933.

LINHARES, Mário. *História literária do Ceará*. Rio de Janeiro: Fundação das Academias de Letras do Brasil, 1948. Página 167.

Júlia faleceu em 20 de janeiro de 1950 no Rio de Janeiro.



Júlia Galeno e Henriqueta Galeno foram responsáveis em transformar a Casa de Juvenal Galeno em um local destinado a promoção das Artes e da Literatura.

Olga Barroso Monte em seu estudo *Quem são elas* destaca o nome de Júlia Galeno como uma de suas homenageadas.

Sem se focalizar a extraordinária personalidade de Julinha Galeno nestas páginas, não se completaria a tríade de mulheres notáveis da família Galeno, que, em torno do “Mistral Nordestino”, contribuíram para tornar impercível a sua importante obra: Henriqueta, Julinha e Cândida Galeno (Nenzinha).

Senhora de invulgar personalidade, Julinha cativava a todos com a facilidade que tinha de abordar os diversos assuntos, sobretudo os relacionados com a arte da Poesia. Extrovertida, bem humorada, transmitia à vida uma mensagem de real encantamento.

Nasceu Julinha Galeno em Fortaleza no dia 5 de fevereiro de 1889, sendo seus pais o Poeta Juvenal Galeno e D. Maria do Carmo Galeno. E foi a caçula, dos sete filios do casal.

Como a irmã Henriqueta, cursou as primeiras letras com professores particulares, depois passou a estudar no Colégio da Imaculada Conceição. Nunca foi aluna-modelo, como ela mesma afirmava. Irrequieta e espirituosa, quase sempre arranjava um meio de se sair bem das costumeiras travessuras.

Apesar de estudar em colégio de religiosas e pertencer a família de formação católica, sempre se considerou espírita, embora paradoxalmente rezasse aos santos de sua devoção, de cujas imagens nunca se separou.

Comunicativa e atraente, Julinha despertava admiração dos jovens intelectuais frequentadores dos serões e tertúlias literárias, que promovia juntamente com Henriqueta, na sua casa, em torno de Juvenal Galeno.

Ambas nutriram os mesmos ideais pelas letras e artes.

Declamadora, possuía o dom de interpretar com muito sentimento as poesias com que sempre encantava os ouvintes.

J

Os versos de Juvenal eram os preferidos e como ela se transportava ao interpretá-los realçando os dotes naturais do autor, conseguindo sempre os mais calorosos aplausos!

O nome de Julinha fazia sempre parte das programações comemorativas, recepções a escritores, homenagens, enfim, era constantemente solicitada para com sua arte enriquecer aqueles momentos festivos.

Casou-se, em 1910, com o abastado comerciante baiano Francisco de Sant'Anna. Antes de partir para a Bahia, recebeu dos seus amigos do Ceará a mais carinhosa manifestação de afeto, numa despedida que contou com os nomes ilustres de Mário Linhares, Antônio Sales, Cruz Filho, Beni Carvalho, Herman Lima, Leonardo Mota, Rodolfo Theófilo e outros.

O casal fixou residência em Salvador, onde ela plantou as sementes do seu idealismo, continuando as atividades culturais. Recepcionava a alta sociedade, promovendo recitais beneficentes e divulgando a poesia de Juvenal, atingindo o auge dos saraus e tertúlias literárias.

Partiu Julinha para o Rio de Janeiro, a fim de aprimorar a sua arte de recitar versos. Fez curso com a grande declamadora Ângela Vargas de Barbosa Viana. Com os bons resultados obtidos, de regresso a Salvador implanta o seu curso de declamação, com o maior sucesso.

Organizou com suas alunas programas de rádio, sendo constantemente solicitada para as festas artísticas no meio social daquele importante centro de cultura.

Divulgava os seus pensamentos nos jornais "A tarde" e "O Imperial", inteiramente absorta nessas atividades espirituais, sem se dar conta do luxo que a cercava.

O marido tinha interesses opostos ao seu, e como comerciante bem-sucedido, fez expressiva fortuna, dela usufruindo em viagens custosas que empreendia pelos centros mais avançados da Europa e Estados Unidos.

Julinha fez sua primeira viagem em 1912, percorrendo vários países do território europeu. Tinha ela irresistível atração pelos museus, onde ia sentir de perto a cultura de cada povo. Também se empenhava em conhecer os mais renomados escritores de cada país, tendo conhecido pessoalmente em Portugal Júlio Dantas, que lhe ofereceu a primeira edição da "Ceia dos Cardeais". Esteve Julinha em Paris, visitando Anatole France, conhecendo-o pessoalmente e

J

admirando-o ainda mais através de sua importante obra, que possuía como verdadeira relíquia.

Nas viagens de negócios do marido, teve a ilustre escritora que enfrentar momentos muito difíceis, não só de saúde, mas de grande risco que corriam no oceano, com os navios e guerra na rigorosa procura que faziam a elementos fugitivos.

Essa sua experiência foi cheia de contrastantes ocorrências que a levaram a separar-se do marido a fixar residência no Rio de Janeiro.

Desquitada, com os filhos sob sua tutela, procura refazer a vida. Inteligente e realizadora, persegue o seu ideal de divulgação das letras e das artes.

Nesse afã, casa-se com o alemão Leo Voos, também comerciante, mas homem como qual ela logo se identificou pela sensibilidade artística e generosa participação nos trabalhos que ela desenvolvia em favor da cultura.

É nessa época de felicidade que ela instala a Cabana Azul, originalíssima em todos os aspectos, conseguindo ali reunir artistas e intelectuais.

Em 1936, em comemoração ao centenário de nascimento de Juvenal Galeno, funda a Academia Juvenal Galeno, onde grandes vultos da cultura nacional tomaram posse nas respectivas Cadeiras, ente eles Olegário Mariano, Hélio Sodré, Murilo Araújo, Ademar Tavares, Bastos Tigre, Maria Sabina, Laurindo de Britto, Margarida Lopes de Almeida e Gilka Machado, além de renomados pianistas e pintores. O Ceará se fazia presente através das figuras destacadas de Amora Maciel, Álvaro Bomílcar, Martins de Alvarez, Faustino do Nascimento, Gustavo Barroso, Mário Linhares e Clóvis Beviláqua.

No auge da gloriosa carreira de incentivadoras das letras, sofre Juliana o mais rude golpe. Em 1942, com a explosão da Segunda Guerra Mundial, sendo Leo Voos alemão, é preso e confinado com outros políticos na Ilha das Flores.

Passa Julinha por um dos mais cruciais momentos de sua vida, desfazendo-se dos objetos de arte e entregando-os a seus doadores. Vai, a conselho de influente amigo, para o sul de Minas, pequeno lugarejo chamado Passa-Quatro.

Mesmo assim, enfrentando todos os percalços, aquela decidida mulher não se deixa levar pelo desalento e, na vastidão da Serra da Mantiqueira, naqueles ermos, alça a sua bandeira de idealismo e grande bravura.

J

Julinha dá a sua morada o nome de “Chácara das Lendas e Canções”. Na precariedade daquele ambiente, onde a iluminação pública não existia, ela faz as suas reivindicações ao prefeito local e consegue vitoriosamente que a energia chegue até a sua morada.

Com a morte de Leo Voos, sofre outro rude golpe, não deixando de cantar o amor que lhe devotava, na sublimidade de seu verso liberto e eloqüente, como foi a sua vida.

Era sócia efetiva do Instituto Brasileiro de Cultura; sócia titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; sócia efetiva da Sociedade Brasileira de Filosofia; foi Presidente de Honra da Academia Feminina de Letras e Artes do Rio de Janeiro; foi sócia honorária da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB); fundou e foi Presidente Perpétua do Salão de Poesia – Uniter – Rio de Janeiro.

Em 1976, é recebida na Casa de Juvenal Galeno pela Ala Feminina, que lhe prestou significativa homenagem pela publicação do seu livro “*Crespúsculo Iluminado*”.

Depois de cantar toda a beleza, de cercar de todo amor o nome augusto do pai e de formar corrente positiva de esperança com todos os seus amigos, fecha os olhos a esta vida, nonagenária, em abril de 1978, a notável e inesquecível Julinha.

Como Henriqueta e Nenzinha, fortalecida pelo nobre sentimento do amor, deixou a marca profunda do seu eficiente trabalho, ao qual os pósteros, sem dúvida, farão justiça.

Fonte: BARROSO, 1992, pág. 79-82.

ALEGRIA

*Acordei como os passarinhos
ao raiar da aurora.
E correndo como se tivesse asas,
Fui pelos caminhos, cantando, sorrindo!...
Alma plena de sonhos,
Como flores abrindo,
Na madrugada da vida.
E nesta doida corrida,
Num gesto largo, generoso,
Despretensioso,
Fui ofertando a todos*

Minha alegria!
 - Senhor, bom-dia!
 Eu conheço toda gente.
 Todo mundo é bom.
 Todo mundo é bonito.
 E num grito
 De alma feliz
 A todos eu quis
 Dar minha alegria,
 Minha alma sadia.
 Inconsciente,
 Estouvada, dei tudo!
 E de volta, cansada,
 Não me restava nada!
 E toda aquela gente,
 A quem dei
 Minha alegria?
 Passa por mim indiferente
 E não responde mais ao meu bom-dia...

Rio – 1943

Júlia Galeno

Fonte: Crepúsculo Iluminado – Vozes de Sonho.

AQUÊLE BANCO

Eramos quatro no banco.
 Naquele doce descanso,
 Duas amigas, ele e eu.
 Aquêlê banco cresceu.
 Alegres e conversando,
 As horas foram passando.

Uma amiga se despediu.
 A outra também fugiu.
 Nós dois ficamos sozinhos.
 De repente apertadinhos...
 O banco diminuía,
 Num abraço nos unia.

J

*Que coisa misteriosa.
Eu fiquei tão curiosa,
Que sempre vou me sentar,
Naquele banco ficar.
As amigas vão chegando,
O banco vai se alargando...
Quando chega o meu amado
O banco fica apertado...*

Caxambu – Sul de Minas–1932

Fonte: Crepúsculo Iluminado – Vozes de Sonho.

MEU SONETO D'ARVERS

*Também tenho comigo o meu grande segredo,
Um amor escondido... e não posso falar.
Tenho receio, sim, confesso – eu tenho medo
Que ele possa saber e de mim se afastar.*

*Eu não sei como foi esse estranho bruxedo...
De repente me vêm impulsos de chorar...
E eu não posso esquecer esse frágil brinquedo,
E não posso, meu Deus!... Nunca mais devo amar!*

*O seu corpo terei separado do meu...
Mas nunca morrerá... amor que não viveu.
Sonhos meus! Sonhos meus, quer torturam e consomem.*

*E tão longe de mim. E nem pensa, sequer,
Onde possui esse amor e essa pobre mulher...
Com estes versos dirá – quem será esse homem?*

TROVAS

*Saudade faz renascer
Um bem que tanto se quis
A vontade de te ver,
Vontade de ser feliz!*

*Este amor de meninice
E transformou em saudade.*

J

*O consolo da velhice,
A minha felicidade.*

*Com toda sinceridade
Eu agora te confesso:
És toda a minha saudade,
A inspiração do meu verso...*

Fonte: ARAÚJO, Raimundo. **Poetas do Ceará** – Fortaleza: Imprensa Oficial, 1985. Página: 73.

48 - JULIA MOURA (04/04/???)

Júlia Moura, seu nome consta na relação de poetisas e escritoras destacados por Antonio Bezerra de Meneses na obra *O Ceará e os Cearenses* de 1906. Ainda em 1904 a escritora participou da *Liga Feminista Cearense* assumindo a função de oradora oficial. A *Liga Feminista Cearense* foi o primeiro movimento feminista do país organizado por Alba Valdez.

Depois do ensino doméstico, são em geral educadas com esmero nas letras e nas belas artes. Há ali senhoras que tem nome feito como poetisas e escritoras. São bem conhecidas as Exmas. Sras. Anna Nogueira, Francisca Clotilde, Ignácia de Matos Dias, Emília de Freitas, Francisca de Mello Cezar, Luíza Amélia de Paula Rodrigues, Anna Lectícia da Frota Pessoa, Luíza Justa, Anna Facó, Anna Bilhar, Adília de Albuquerque Luna Freire, Maria Salazar, Maria Rodrigues, (Alba Valdez), Maria Amélia Torres Portugal, Aurelinda Simões, Olga de Alencar, Amélia de Alencar e **Júlia Moura**, estas seis últimas, directoras da Liga Feminista Cearense, fundada pelas mesmas em 26 de Julho de 1904, e muitas outras, que honram os jornais com os seus escritos. Em música e desenho conhecemos também cultoras distintíssimas.

MENESES, 1906, Pág. 75.

No ano de 1904 Julia Moura e Amélia Alencar abriram um estabelecimento educacional com o nome *Colégio 15 de Novembro*, em anuncio publicado no *Jornal do Ceará* de 30 de janeiro de 1906 eram divulgadas as especialidades.

Collegio 15 de Novembro

Avizamos aos senhores pais de familia que resolvemos abrir um estabelecimento de educaçao primaria, secundaria e artistica.

O curso primario comprehende os primeiros rudimentos da educaçao moral, civica e religiosa. O secundario abraçará as seguintes materias: portuguez, francez, arithmetica, algebra e geometria. O curso artistico—musica, piano, lãuta e prendas.

Acceptam-se criações de ambos os sexos, sendo os meninos menores de 12 annos.

Pagamentos—no acto da matricula, que se acha aberta do dia 15 do corrente em diante.

Sede: Rua S. Pompeu n. 72.
Portaleza, 11 de Janeiro—905.

Amelia Alencar.
Julia Moura.

Em 03 de julho de 1907 na segunda página do *Jornal do Ceará*, Julia Moura se despede dos amigos e anuncia sua partida para Manaus.

Julia Moura

Seguindo para Manáos, enviou-nos o seu cartão de despedida a joven e futura escriptora Exm. Sr.ª D.ª Julia Moura.

Agradecidos, desejamos-lhe boa viagem.

Em Manaus a escritora Júlia Moura colaborou com o *Jornal do Commercio* de Manaus e lecionou em várias escolas públicas e particulares. Destacamos um texto de sua autoria publicado no dia 24 de maio de 1908, na página 8.

Episodio da vida collegial

AS MINHAS ALUMNAS

Sempre tive amor às flores – essas joias perfumosas que formossem o manto regio da Natureza-mãe.

Essa affeição sincera tem sempre por origem ellas se prenderem a algum facto que de extraordinario occorreu na minha vida intima.

- quando os dias me foram bonançosos, ou quando o acaso me bafejou com o simoum da adversidade, ou porque a sua historia

J

desperte em minha alma alguma cousa de mystico -, pois até as flôres, minhas caras leitoras, têm sua história, e esta, muita vez, constitue um verdadeiro romance de moça.

Dentre as flôres da minha terra, a madresilva tinha sua primazia: ella se relacionava a um facto bem interessante da minha vida collegial.

Fazia eu parte do corpo discente de um dos mais acreditados estabelecimentos de educação, do norte do Brasil. Entrava um pouco atrasada; mas a directora, ou por sympathia, ou por felicidade minha, classificou me no 2º anno de curso – infallivelmente ia lutar com grande dificuldade.

Estudava sem tregoa afim de obter as melhores notas e não desmerecer a consideração da directora.

O nosso professor de portuguez era rigoroso em excesso: nunca havia dado distincção por mais applicada que fosse a alumna, ou por melhor que ella se exhibisse.

Certo dia, casualmente (é o que se pôde presumir) lançou sobre meu caderno de portuguez uma nota – optima.

Sensação!...As alumnas em peso ficaram pasmadas.

A directora, muito satisfeita, abraçou-me offerecendo-me um bello mimo em lembrança do meu grande esforço, e do resultado de meu triumpho.

Estava orgulhosa de mim mesma: a vaidade tinha attingido o coração e eu me julgava superior a todas as minhas collegas.

No recreio, uma das minhas companheiras se dirige a mim: voltei-lhe as costas e disse lhe com todo o desdem sae-te d'aqui, tôla; não quero perder meu tempo com gente que não sabe estudar; há não sei quantos annos que aqui estás, ainda não conseguiste tirar uma distincção – provas assim o teu cuidado...

Irreflectidamente pronunciei aquellas duras palavras sem me lembrar que ella era a mais affeioada das minhas collegas.

Dois fios de lagrimas correram-lhe pelas faces, e a um canto foi esconder-se, resentida da minha ingrantidão.

Um raio de lucidez côou através do meu espírito e envergonhada da minha acção, corri para abraçal-a e, misturando nossas lagrimas, pedi-lhe perdão pelo muito que a tinha feito soffrer.

Ella, então, tirando um lindo ramo de madresilvas que tinha no decote do vestido, entregou-m'ó dizendo: hoje é que conheço o

J

quanto me estimas; este passo de tua vaidade é mais uma lição para o futuro. Procuraste humilhar-me com o fulgor de tua intelligencia e eu te humilhei com a singeleza de minhas lagrimas; toma estas madresilvas – ellas te recordarão, um dia, o excesso de tua vaidade e a indulgencia do meu coração?

A directora soube do occorrido; e no dia seguinte, em plema aula, mandou-nos levantar, fazendo um bello elogio às nossas acções – o arrependimento e o perdão.

Ainda hoje conservo o raminho de madresilvas: beijo-o repetidas vezes, lembrando-me com saudade daquelle dia da minha adoescencia

XXI-V-MCMVIII

JULIA MOURA

Fonte: Jornal do Commercio (Manaus) 24/05/1908 – Página 8.

Em setembro de 1908 Júlia Moura casou-se com o Sr. Raymundo do Rego Barros e Souza, passando a assinar d. Júlia de Moura Rego Barros.

No *jornal do Commercio* de 27 de setembro de 1908 na Página 7, Júlia Moura publica *Carta Literária* e a oferece para sua amiga Amélia do Rego Barros. A carta aborda assuntos sobre o casamento e as responsabilidades a serem assumidas.

Carta litteraria

A Amélia do Rego Barros

Hoje, minha amiga, chegamos ao fim das nossas aspirações – noivas; amanhã – esposas.

Até agora vivemos despreoccupadas, isto é, sem nenhuma responsabilidade individual, somente a cogitar no futuro daqueles a quem iamos despozar, a quem, à força do Destino, tínhamos consagrado o nosso coração, a nossa alma, a nossa vida.

Transformação completa vae se operar em nossos viver, á convivencia com as amigas, as festas collegiaes, os prazeres innocentes da nossa idade, tudo isto vae ser substituido por um coração que nos comprehende, por um riso que nos prende, por um affecto que nos escravisa.

Noivas – temos o cerebro cheio de sonhos e illusões, e como que uma nuvem de chimeras a toldar o firmamento da realidade; Esposas – somos escravas dos nossos deveres, das nossas acções, perante aquelles que vão ser companheiros dos nossos dias.

Novos cuidados já nos esperam: sonhamos com o dia de amanhã, com a sorte que nos aguarda, ou com a felicidade que nos há de surpreender!

Somos por conseguinte duas mathematicas a resolver o mais difficil problema da humanidade – o casamento.

Em primeiro logar tenho a dizer-te que está em nossas mãos a base para manter a Felicidade da vida conjugal: obediencia absoluta, dedicação extrema, fidelidade perpetua e amor ao trabalho. Estes são os unicos mandamentos que temos a respeitar.

Com elles, subjugamos todos os preconceitos da mais exigente sociedade, com elles, conquistamos a amisade e consideração dos nossos esposos; com elles, finalmente, preparamos o codigo onde serão escriptas as leis para a nossa família.

Não sei si teremos de nos separar – o poder das circumstancias talvez nos obrigue a tanto; si a sim fôr, guarda em tua alma as palavras que acabo de ditar, pois ellas só poderão vicejar fructos deliciosos da realidade dos factos.

Adeus, minha irmã, para teu esposo sê fiel, boa, meiga e dedicada.

Despede-te sem saudade da vida de moça, lembrando-te sempre que si cumprires o que te disse, encontrarás no casamento a felicidade completa.

Manãos, –XXVI – IX – MCMVIII Julia Moura

Fonte: Jornal do Commercio – 27/09/1908 – Página 7.

49 - LUIZA AMÉLIA DE PAULA RODRIGUES

Ao citar o nome de Luiza Amélia de Paula Rodrigues ao falar das escritoras e poetisas bem conhecidas, Antônio Bezerra de Meneses na obra *O Ceará e os Cearenses*, inclui a poetisa na relação de escritoras cearenses que produziram textos literários no Século XIX e início do século XX, seja na imprensa ou através da publicação de livros.

Encontramos no jornal *PATRIA* publicado em Sobral, no dia 19 de janeiro de 1911 na primeira página, um poema da escritora.

RÉO D'AMANHÃ

*O dia inteiro pelas ruas anda
Enxovalhado, rôto, indiferente,
Mãos nos bolsos, olhar impertinente,
Um machucado chapéosinho à banda.*

*Cigarro à bocca, modos de quem manda,
Um dandy da miséria, alegremente
A procurar ocasiões sómente
Em que as tendências bellicas expanda.*

*E tem doze annos só!... Pobre corolla
De flôr, que vae abrir em solo impuro!
Ah! quem lhe faz à peregrina esmola*

*De arrancar-o aos tentáculos do monturo,
De atiral-o à officina, ao templo, à escola?!
- O vagabundo de hoje é o réo futuro!*

AMELIA RODRIGUES

Fonte: *Jornal Patria*

Ano II, Sobral, Quinta-feira, 19 de janeiro de 1911 – Num. 48 – Primeira
Página.

50 - LUIZA DA JUSTA (1877 - 1920)

A escritora e educadora Luiza da Justa era filha de Florentina da Costa Justa e de Antônio Gonçalves da Justa. O casal teve três filhos: Luiza da Justa; Angelica da Justa e José Gonçalves da Justa.

Antônio Bezerra na obra *O Ceará e os Cearenses* escrita em 1906 e editada em Fortaleza por Assis Bezerra, cita o nome de Luiza Justa dentre as escritoras de destaque na época.

Há ali senhoras que têm nome feito como poetisas e escritoras. São bem conhecidas as Exmas. Sras. Anna Nogueira, Francisca Clotilde, Ignácia de Matos Dias, Emília de Freitas, Francisca de Mello Cezar, Luiza Amélia de Paula Rodrigues, Anna Lectícia

L

da Frota pessoa, Luiza Justa, Anna Facó, Anna Bilhar, Adília de Albuquerque Luna Freire, Maria Salazar, Maria Rodrigues, (Alba Valdez), Maria Amélia Torres Portugal, Aurelinda Simões, Olga de Alencar, Amélia de Alencar e Júlia Moura, estas seis últimas, directôras da Liga Feminista cearense, fundada pela mesmas em 26 de Julho de 1904, e muitas outras, que honram os jornais com os seus escritos.

Luiza da Justa faleceu em Fortaleza no dia 12 de maio de 1920.

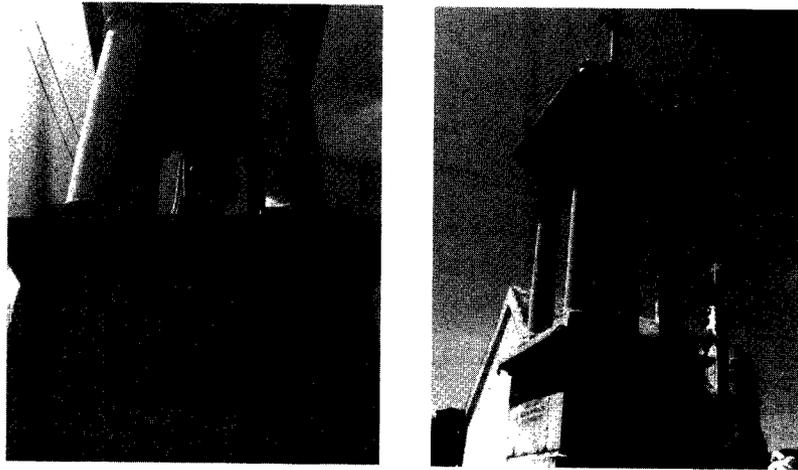


Foto: Carla Castro.
Cemitério São João Batista – Jazigo da família.

51 - LUISA DE OLIVEIRA FRAZÃO (LUIZA FRAZÃO)

Luiza Frazão um nome até então desconhecido na Literatura Cearense, Lem nenhuma antologia ou dicionário foi encontrado o registro de algum dado biográfico ou sobre a sua obra, ao buscar mais informações sobre a história do Crato me deparo com a surpresa de revelar mais uma poetisa para o *Resquícios de Memórias*.

Luiza Frazão nasceu no Crato e residiu no sítio Bebida Nova, filha de Maria Josefina de Oliveira Frazão e do tenente Miguel Beserra Frazão.

Seus dados biográficos foram revelados na obra de F.S. Nascimento *Crato: Lampejos Políticos e Culturais*.

L

Residente no sítio Bebida Nova, localizado nas proximidades da encosta da chapada do Araripe, se o poder agrário e a beleza da paisagem fossem motivos de felicidades, Luisa Frazão teria revelado isso em seus versos. Mas, no poema em quartetos, publicado no jornal Vanguarda, edição de 14 de julho de 1887, a melancolia e o desencanto foram as exteriorização predominantes em

UMA NOITE DE MARTÍRIO

*Vivo e não vivo, que o sofrer das dores
Causam-me horrores, que não sei dizer;
Vivo, mas sinto qu'esta vida é nada,
Já estou cansada no fatal viver!*

*Já sinto a vida despedir-se cedo
Deste degredo de miséria e dor;
Sei que não posso suportar mais tempo
Este momento, que me causa horror!*

*Horrível noite! Como estou sofrendo,
Quase morrendo nesta solidão...
Todos dormindo e só eu velando
Triste pensando, sem quietação.*

*Sem um a luz, sem uma voz amiga,
Nesta fadiga me entregando aos céus;
Tudo em silêncio...a natureza calma
E a pobre alma só pensando em Deus.*

Fonte: NASCIMENTO, 1998, Página 97.

 52 - MARGARIDA DE QUEIROZ

Margarida de Queiroz foi aluna da escritora Francisca Clotilde e exerceu o magistério tendo firmado o seu nome como referência na educação de Fortaleza, no final do século XIX e início do século XX.

Em 1880 dirigiu a terceira escola mixta de Fortaleza, criada pela lei N° 1920 de setembro de 1880. No ano de 1891 foi nomeada como normalista diplomada para a cadeira do sexo feminino da villa de Mecejana.

No jornal *A Constituição* de quarta-feira, 10 de julho de 1889 na segunda página, são descritas diversas homenagens pela passagem do aniversário do diretor da Escola Normal, o Sr. José de Barcellos, dentre elas um discurso proferido por Margarida de Queiroz na época aluna do 2° ano.

Por último fez-se ouvir, no meio de calorosos applausos, a distinta e sympatica alumna do 2° ano; D. Margarida de Queiroz que pronunciou com muita eloquência e arte, este bellissimo discurso.

 53 - MARIA AMÉLIA TORRES PORTUGAL

Maria Amélia Torres Portugal foi educadora e escritora. Exerceu o magistério na antiga Vila do Soure, hoje Caucaia e em Fortaleza, Segundo a Revista Trimensal do Instituto do Ceará de 1895, dirigiu a 11ª Escola Mista de Fortaleza, criada pelo decreto n° 57 de 18 de junho de 1892. Lecionou na escola Normal até o ano de 1924.

A primeira reunião da *Liga Feminista Cearense*, idealizada por Alba Valdez, aconteceu em sua residência, conforme descreve a nota do *Jornal do Ceará* em 27 de junho de 1904, na página 2.

Liga Feminista Cearense

Conforme fora anunciado, realizou-se às 7 horas da noite, em casa de residência da distinta preceptora d. Maria Amélia Torres Portugal, a sessão fundadora desta sociedade, revestindo-se do maior brilhantismo.

Com a presença das inteligentes e dignas sócias Alba Valdez, Amélia Alencar, Júlia Moura, Aurilinda Simões, Olga Alencar,

M

Branca Simões e Maria Amélia Torres Portugal, foi aberta a sessão, sendo procedida a eleição para a directoria da Liga que ficou assim composta:

Presidente, Alba Valdez.

Vice-Presidente, Maria A. Torres Portugal,

Primeira secretária, Olga Alencar.

Segunda secretária, Aurilida Simões,

Oradora oficial, Julia Moura,

Thesoureira, Amélia Alencar,

Proferiram brilhantes allocuções, Alba Valdez, Maria A. Torres Portugal e Júlia Moura.

Foi nomeada uma comissão das sócias, Amélia Alencar, Júlia Moura e Alba Valdez para organização dos estatutos.

Consta-nos que a posse da directoria eleita revestir-se-á de grande brilhantismo.

Jornal do Ceará em 27 de junho de 1904, página 2.

54 - MARIA ARACY MAGALHÃES MARTINS (1897 - 1977)



Maria Aracy Magalhães Martins— Nasceu em São Benedito no dia 25 de dezembro de 1897, filha de Manuel Rufino de Magalhães e Arsênia Augusta de Magalhães. Aracy casou-se com Raimundo Mesquita Martins, senhor Martins exerceu atividades na indústria, no comércio e na política. O casal teve sete filhos: Miracir, Edimilson, Carolina, José Haroldo Martins, Maria Arsênia, Airton e Neide.

Aracy Martins utilizou também o pseudônimo de Ana Alice, redigiu o jornal literário e publicou *Poemas da Minha Dor* e *Eterna Flama*, conforme registra Adalzira Bittencourt em seu estudo *Dicionário Bio-bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil* – 2º e 3º volumes.

M

ANA ALICE – Pseudônimo de Maria Aracy Magalhães, nascida no Ceará, na cidade de Santa Quitéria, onde reside, ali redigiu o jornal literário e publicou “Poemas da minha Dor”, poesias.

BITTECOURT, 1970, Páginas 261, 262.

ARACY MARTINS – Poetisa cearense – autora do “Eterna Flama” com prefácio de Cyro de Lavra Pinto–Editôra Henriqueta Galeno – 1968. Pertence à Ala Feminina da “Casa Juvenal Galeno” – colabora em “Jangada” de Fortaleza.

BITTECOURT, 1972, Páginas 436.

Fez o curso secundário no Instituto Normal Guaramiranga, na serra de Baturité: Casada, foi residir em Santa Quitéria, e ali presidiu o Posto de Puericultura. Ainda em Santa Quitéria fundou a Ala Cultural dos 12 e escreveu os hinos da cidade, do centenário do município e outros. Sócia correspondente da Academia Cearense de Letras. Titular da cadeira n° 15 da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, tendo como patrona a heroína Anita Garibaldi. Seu livro *Eterna Flama* foi publicado em 1968 pela Editora Henriqueta Galeno. Maria Aracy Magalhães Martins morreu em 6 de fevereiro de 1977.

PUBLICAÇÃO: *Eterna Flama* (1968).

TROVAS DE MARIA ARACY MAGALHÃES MARTINS

*As águas correm, cantando
Nas cordas do rio cheio!
Eu as imito, chorando
Na lira de meu anseio.*

*Vai chorando quem se ausenta,
Quem fica, põe-se a chorar...
Quem parte, mal agüenta,
Tem vontade de ficar!*

*O vento soprando forte,
Folhas arrasta no chão...
Assim o sopro da sorte
Quando abate o coração.*

M

*Quem sabe o que é saudade,
Saudade não quer sentir...
A gente de toda idade
Ela bem sabe ferir!*

*Amor se paga com amor,
Diz conhecida oração...
Tu me pagas, sem favor,
Amor com ingratidão!*

*Quem se despede sorrindo
Tem vontade de chorar;
Porém o riso iludindo
Não deixa o pranto jorrar!*

*Saudades, olhos tristonhos,
Chorando sem ver ninguém:
Cheios de sombras nos sonhos,
Procurando ver alguém...*

*Lua branca, lua linda,
Rondando silenciosa...
Ouves e vês, mas, ainda
Te chama de mentirosa.*

*Saudade, pontas de espinhos
Que ficam no coração,
Quando se apartam caminhos
Depois de apertos de mão!*

*Saudades, olhos chorando,
Rosário de longos ais...
Toda dor vai-se acalmando,
Mas, ela sempre dói mais!*

Fonte: Galeno, Cândida. *Trovadores Cearenses*, Editora Henriqueta Galeno, 1976. Páginas 52-53.

55 - MARIA DO PATROCÍNIO FURTADO (1866 - 1906)

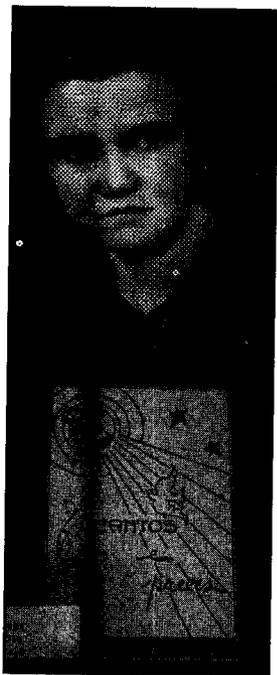
Maria do Patrocínio Furtado nasceu em Quixeramobim a 26 de Março de 1866. Filha do Capitão Vasco Rogério Furtado e D. Henriqueta Angelica do Patrocínio Furtado.

Aos 14 anos após se restabelecer de grave moléstia nos olhos, entrou para o Colegio da Imaculada Conceição de Fortaleza, onde fez brilhante figura por seu talento e aplicação.

Poetisa de muita inspiração, alma eminentemente christã, deixou dois livros de poesias intitulados *Tristezas á margem do Aracoyaba* e *O meu Álbum*.

Maria do Patrocínio Furtado faleceu em Baturité a 19 de Julho de 1906

56 - MARIA DOLORES FURTADO NOGUEIRA (1896 - 1973)



Maria Dolores Furtado Nogueira, literalmente Dolores Furtado, como era conhecida em família, nasceu na cidade cearense serrana do Ipu aos 8 de dezembro de 1896 filha de Francisco Alves da Fonseca Lobo e Irene Celeste Furtado Lobo. Casou-se com o Sr. Clovis Nogueira Rabelo.

Iniciou seus estudos aos 4 anos de idade e aos 8 já fazia versos. Estudou no Colégio Nossa Senhora de Nazaré, de D. Maria Mendes, no Colégio La Ruche, de Madame Gonthier, e no Colégio da Imaculada Conceição, onde se diplomou. Foi professora particular de português, francês e piano. Fez os seguintes Cursos: de Noções de Serviço Social e de Psicologia, ministrado pelos professores Fernanda Pinto Ferraz e José Cláudio Vilhena de Moraes promovido pelo SESI em 1957; de Literatura Brasileira, realizado pela Academia Cearense de Letras em 1961.

Além de pertencer à Ala Feminina foi também sócia efetiva da Associação Cearense de Imprensa. Para escrever alguns de seus poemas utilizou o pseudônimo Ofélia de Ofir.

Publicou pela Imprensa Universitária do Ceará e pela Imprensa Oficial do Estado os seguintes livros: de versos: *Meu Canteiro de Violetas, Cantos e Preces, Pétalas ao Vento e Barcarolas* (1960). É colaboradora de todos os jornais de Fortaleza. Figura no *Ceará*, de Raimundo Girão, no *Cancioneiro de Fortaleza*, de Artur Eduardo Benevides e no *Retrato de Fortaleza*, de Raimundo Girão e Ubatuba de Miranda.

Dolores Furtado faleceu em Fortaleza aos 10 de junho de 1973.

Seu nome está registrado no *Dicionário da Literatura Cearense* de Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa.

DOLORES FURTADO (Maria...Nogueira). nasceu na cidade de Ipu, em 1896; sendo seus genitores Francisco Alves da Fonseca Lobo e Irene Celeste da Fonseca Lobo. Poetisa, trovadora e pianista. Pertenceu à Casa de Juvenal Galeno (Ala Feminina) e faleceu em Fortaleza no dia 10 de junho de 1973. Deixou publicados: *Meu Canteiro de Violetas e Barcarola*, agora outros trabalhos de ordem literária.

Fontes para estudo crítico:

Cândida Galeno, *Trovadores Cearenses*, p. 105; *Mulheres do Brasil*, v.1, p.332; Raimundo de Meneses. *Dicionário Literário Brasileiro*, 2ª. Ed., p. 293. GIRÃO, 1987, página 94.

Na contra capa da obra *Cantos e Preces* (1954) o escritor Arthur Eduardo Benevides faz uma apresentação de Dolores Furtado.

Dolores Furtado Nogueira é uma das mais expressivas figuras das letras femininas em nossa terra, com uma sugestiva produção intelectual que a coloca em posição de destaque no quadro geral da literatura da Província.

Poetisa e cronista de apreciáveis recursos, possuindo um estilo sóbrio e característico, ela se filia ao grupo daqueles que, tocados por uma vocação autêntica, não desertam de seus ideais estéticos, trabalhando pelo prestígio sempre crescente do nome literário do Ceará. Seus poemas e crônicas, simples mas significativos, revelam a presença de um sentimento criador dos mais belos e dignos de admiração.

ARTUR EDUARDO BENEVIDES.

O ROSÁRIO

*O Rosário é a Paixão,
Cada conta é uma rosa,
Cada rosa uma porção
Do sangue da Redenção.
Cada mistério uma dor*

*Nessa dor um coração,
Nêsse coração um amor
Da Virgem da Conceição.
Na árvore da Cruz – o Cristo
E no Cristo – o Salvador,*

*Que morreu sacrificado
Sômente por nosso amor.
O Rosário é a Eucaristia,
A Hóstia – o beijo de luz,
As lindas mãos de Maria*

*Nos entregando a Jesus...
Ó meu Rosário de flores,
De sofrer e de alegrias,
Mistério dos meus amores
Minhas dez Ave Marias!*

FURTADO. 1954, página 19.

TEREZINHA DE JESUS

*Ó Teresinha, em tua vida santa,
Nos prometeste só o bem fazer..
E sôbre nós, do céu, de glória tanta,
Chuvas de rosas conseguir descer!*

*De Lisieux tu és a flôr bendita.
Deu-te Maria um cândido sorriso,
E lá no céu, ó santa carmelita,
A tua glória esplêncida eu diviso...*

FURTADO. 1954, página 24.

SÓ!

*Só! Que tristeza, ó Deus!
 Em tudo, falta-me tudo!
 Esperei...confiei nos filhos meus
 Preparei-lhes ninhos de veludo
 No meu coração.
 Sózinha agora, que tristeza, ó Deus!
 Cruél desolação....*

*Sinceridade? Não conheci ainda.
 A felicidade aqui depressa finda.
 Contigo, meu Deus, há tudo em tudo,
 A vida no teu reino é sempre linda!
 Oh! Dá-me também um ninho de veludo
 Lá onde há risos, cânticos, ventura,
 - Acode-me, meu Deus, na minha desventura!*

FURTADO. 1954, página 31.

IRENE FURTADO LOBO

1º ANIVERSÁRIO DE SUA MORTE

*Para a missa eu convido
 Amigos, também os parentes,
 - Satisfazei meu pedido
 Estando a ela presentes.*

*Na igreja de S. Bernardo
 Vinte e oito, às sete horas,
 - Ali portanto, eu aguardo
 Se possível, sem demoras.*

*O meu agradecimento
 Sincero, de coração,
 Ao comparecimento,
 Por este ato cristão.*

FURTADO. 1954, página 33.

IRENE

*Irene Celeste é o nome
De minha mãe tão velinha,
Que já do céu se avizinha
Na mágua em que se consome.*

*Quisera imitar o incenso
Para subri ao infinito
E dar o meu beijo imenso
No seu semblante vendito.*

FURTADO. 1954, página 34.

MINHA INSPIRAÇÃO

*São meus sonetos
Meus netos,
Meus filhos,
Os estribilhos
Da minha doce canção.
Meus netos ainda são
Os meus mais raros poemas
Os meus formosos temas
São a minha inspiração.
É o cofre – meu coração
P'ra guardar meus talismãs
A minha grande oração
E a prata das minhas cãs.*

*Que mais desejo no mundo
No vale triste, profundo
Cheio de tanta aflição?
Que a minha poesia,
Sejas tu, Virgem Maria,
E na derradeira hora,
Ó minha Nossa Senhora
A minha consolação!*

FURTADO. 1954, página 46.

Dolores Furtado Nogueira



DOLÓRES FURTADO NOGUEIRA

Na obra *Cantos e Preces* de Dolores Furtado além dos poemas e de suas trovas, há também a reprodução de seus dados biográficos publicados pelo jornal *Unitário* a cargo do escritor Antônio Girão Barroso, a qual reproduzimos abaixo.

DADOS BIOGRÁFICOS DA AUTORA

Publicados pelo "UNITARIO", de Fortaleza na secção "RETRATO", a cargo do escritor Antônio Girão Barroso:

ONDE NASCEU?

Na cidade do Ipú, lendária terra da majestosa e decantada bica. Vim ao mundo a 8 de dezembro – festa da Imaculada Conceição, numa 2ª. Feira, dia da semana em que (numa coincidência interessante) nasceram também os meus três filhos.

NOME DOS PAIS?

Francisco Alves da Fonseca Lobo, falecido há muitos anos, e Irene Furtado Lobo, há pouco falecida aqui em Fortaleza, aos 90 anos de idade.

ESTUDOS

Quando comecei a estudar contava 4 anos, em Pacoti, tendo como professora d. Filó Negreiros, genitora do atual reitor do Seminário de Fortaleza, ao tempo em que o meu tio e pai adotivo Monsenhor

M

Furtado, de saudosa memória, era vigário daquela vila pitoresca. E na capital cearense estudei com d.d. Margarida de Queiroz, Alba Valdez e Judite Amaral, concluindo aos 11 anos o curso primário. Ingressei no Colégio da Imaculada Conceição, cuja professora de português era a irmã Simas, naquela época irmã Apoline, porque as irmãs de Caridade, ao se elevarem à dignidade de Superiores, tomam o nome de família. Recebi ali o certificado do curso secundário, cursando depois o Colégio de Nossa Senhora de Nazaré, dirigido por d. Maria da Cunha Mendes, sendo meus mestres Agapito J. dos Santos, Soriano de Albuquerque, Maria Luisa Piquet, madame Gouthier e outros. Aos 15, era professora do Jardim de Infância do referido educandário, funções que exercia com bastante timidez, e já escrevia na revista "Proteu", de Minas Gerais, a convite do Dr. Hermogenes Pereira. Lecionavam-se piano d.d. Aurélia Menezes e Mocinha Frota, Matemática estudei, mas não aprendi, pois a matemática é vocação, é dom como a poesia, a música...

PROFISSÃO

Sou viúva e considero a viuvez uma triste profissão (permitam-me dizer assim), pois uma viúva, tem que enfrentar um "batente" terrível, em todos os setores, e trabalhar duplamente para se manter.

RELIGIÃO

Católica. Pertencço a várias associações religiosas:—Ação Católica, Mães Cristãs da Catedral, Ordem Terceira Franciscana, Apostolado da Oração e Pia União de Santo Antônio.

GOSTA DE POLÍTICA?

Não sou política militante, mas cumpro o meu dever de brasileira, votanto e, "por acaso", são vitoriosos, os meus candidatos.

TRABALHOS PUBLICADOS?

Tenho um livro na Imprensa Oficial, que, segundo a promessa sincera do dr. Expedito Costa, sairá a lume por todo começo deste ano, se Deus quiser. Outros trabalhos, em prosa e verso, tenho sempre o prazer de vêlos publicados em jornais e revistas de nossa terra, por gentileza dos seus dinâmicos diretores.

COMO VÊ O MOVIMENTO CULTURAL DO CEARÁ?

Há em nosso meio movimentos culturais que merecem muito louvor, como os que se notam na Academia de Letras, no Instituto do

M

Ceará, na tradicional Casa de Juvenal Galeno, na Nova Tebaida, que tem como diretor o querido prof. Euclides Cesar.

QUAL TEM SIDO A SUA ATUAÇÃO EM NOSSA VIDA CULTURAL?

Não sei por que, sem o merecer, sou sempre convidada a tomar parte em quase todos os torneios literários, isto nas alas femininas... Frequentei sempre essa apreciadas reuniões, inclusive as da Academia dos Novos, onde conheci alguns dos nomes hoje feitos na literatura cearense.

QUAL O POETA DE SUA PREDILEÇÃO?

Gosto de todos e o Ceará brilha nos seus poetas – pássaros encantados, mas o de minha preferência guardo no coração. O Ceará parece feito de poesia, poesia dolente e sentimental como os fados e canções lusitanos e como os suaves e doloridos prelúdios de Chopin...

FURTADO. 1954, páginas 61, 62, 63.

RECORDAÇÕES

QUEM SOU

NUNCA tive a curiosidade de saber a minha história desde o meu nascimento; mas como vejo a minha velha mãe, nonagenária mas perfeitamente lúcida, pedi-lhe alguns apontamentos para que sirvam de esclarecimentos à minha vida pregréssa:

- Disse-me que nasci faltando uns 15 minutos para meia-noite do dia 8 de Dezembro – festa da Imaculada Conceição, e por este motivo, minha avó paterna e madrinha de crisma, D. Geracina Lôbo, assentou que aquêle dia seria o do meu aniversário natalício. Na cidade do Ipú, é que vim aportar às plagas dêste planêta, ora fora da órbita, sem paz e sem segurança à vida comum da sociedade, em que vivemos assustados.

O ano (não direi) fazendo jus a êsse espírito genuinamente feminino de ocultar a idade. Batisei-me no dia 26 de Janeiro do ano ignóto, aniversário do meu avô materno Cel. João de Mendonça Furtado, sendo êste e sua segunda esposa D. Maria do Carmo Menescal Furtado, os meus padrinhos do batismo, na mesma cidade do Ipú, do qual foi celebrante o Revdmo. Pe. Macário Bezerra de Arruda, vigário de Campo Grande. Crismeimei-me em Sta. Quitéria, onde era vigário, o meu tio Mons. João Alfredo Furtado, e foi o meu

padrinho o venerando capuchinho Frei Mansuêto de Poveranza, de santa memória. Consagrei-me na Igreja de Nossa Senhora das Dôres, no Ipú, pelo Pe. Máximo Feitosa, de inesquecível memória. Morrendo o meu pai Francisco Alves da Fonsêca Lôbo, o meu saudoso tio Mons. Furtado, convidou mamãe com os dois filhos, eu e meu irmão Carlos Lôbo, para sua companhia. Deu-nos todo o conforto e, para mim, chamou os melhores professores da época. Depois fui concluir os meus estudos no Colégio Imaculada Conceição, cuja atual Superiora – Irmã Simas foi a minha melhor mestra no Colégio, e a quem muito quero ainda. Ensinarame também já no mesmo ano em que faleceram os professores: Agapito Jorge dos Santos, Soriano de Albuquerque, Margarida de Queiroz, Alba Valdez, Judith Amaral, Aurélia Menezes, Mocinha Frota e Madame Gonthier.

Em companhia do meu pai adotivo vivi até o meu casamento com Clovis Nogueira Rabelo – operador de Filtros e Chefe do Açude Acarape do Meio (hoje São Gerardo), que me deixou 3 filhos: Núbia Maria, casada com o cirurgião dentista Clóvis Azevêdo Maia, residente no Rio Branco, Acre, onde é Chefe de clínica dentária, Lúcia Maria, casada com o Sr. José Saboia Bezerra, aqui residentes, e João Tarcisio que serve por 8 anos à Marinha de Guerra do Brasil e hoje reside no Amazonas, representante de uma importante firma. Tenho 8 netinhos – jóias primorosas de beleza e inteligência, e os mais preciosos tesouros de minha vida.

Tenho sofrido revêses, separações, dissabores, sendo a minha vida um joguêto do destino – pra lá, p'ra cá. Perdí o tio e pai adotivo; enviuvei; e minha velha mãe, valetudinária, vive atualmente num leito do Pensionato da Santa Casa de Misericórdia, cujo Provedor Desembargador Atayde, de invulgar generosidade, de par com o Sr. Arcebispo D. Antônio de Almeida Lustosa, modêlo de caridade, de zêlo apostólico e virtudes, abriam-lhe nas trevas dos seus sofrimentos, uma clareira de luz. Aproveito a oportunidade para dar um perfil ligeiro do nosso Santo Pastor: recolhido, porque aprendeu que bem viveu quem mais se escondeu, tem no silencio a força, que é o segredo do êxito dos que administram. Sou portanto, um traço de união entre esta velhinha e os filhos e netos, sem poder porisso, me afastar para a companhia dêles, enquanto não fechar os olhos aquela que abriu os meus. É um tanto triste a minha narrativa; mas sem lutas não há heróis, sem cruz não há calvário e sem calvário não há Tabor.

M

Para não causar dó a quem, sob cujos olhos caírem estas linhas, repetirei o conceito popular: “mal de muitos consôlo é”. Gosei dias felizes na meninice, mas, depois, quando entrei na realidade das cousas, é que verifiquei que o sofrimento é o apanágio da vida.

Aos 15 anos, tentei rabiscar contos em jronais e revistas de Fortaleza, a convite do Dr. Raimundo Menezes. Aos 16 anos entrei também para a Academia dos Novos, com séde em Fortaleza. Fui convidada para colaborar num revista mineira “Proteu” sob a direção do Dr. Hermogenes Pereira. Vem daí o meu pendor para publicidade. Meu tio me achava muito precoce, e criou-se-lhe o espírito a idéia de que eu era vaidosa, pelos elogios que me faziam – inferioridade que se me atribue – Confesso que gôsto de ser o que sou D. Joaquim José Vieira, o santo Arcebispo, pedia-me para tocar a piano e cantar canções italianas de sua predileção.

Hoje faço parte de algumas associações religiosas e tenho a felicidade de pertencer à “Ala Feminina” da Casa Juvenal Galeno, da qual me fizeram tesoureira, e cuja alma que lhe dá vida – Dra. Henriquêta Galeno, muito me honra com sua amizade, como também sua secretária a prendada sobrinha Nenzinha Galeno.

- Foi um pai maravilhoso e um grande amigo, o meu tio e êle dizia sempre que eu era o encanto e a alegria do lar do Cura da Sé... mas, infelizmente, pelas minhas travessuras de moça vaidosa, dei-lhe muitas dôres de cabeça.

Que ele me perdoe, e Deus o tenha na glória com os eleitos...

E, como a jandaia de Iracema, cantando nas frondes da carnaúba, a saudade de sua dona, eu, na minha poesia simples, choro a saudade dessas saudades...

Fortaleza, 15 de Agosto de 1952.

FURTADO. 1954, páginas 67, 68, 69.

57 - MARIA DUARTE
(MARIA DA PENHA GONZAGA DUARTE) - (26/03/?? - 3/01/1949)



Fonte: Jornal *A Manhã* (RJ)
26/03/1942 - Página 7

Maria da Penha Gonzaga Duarte a poetisa Maria Duarte, nasceu em Fortaleza mas viveu grande parte de sua vida no Rio de Janeiro, casou-se com Sebastião Duarte Cavalcanti, o casal teve uma filha Thereza Regina Duarte.

O jornal *Diário Carioca* de 24 de abril de 1940 na página 6 destaca o livro de estréia de Maria Duarte, *Poemas* publicado pela Editora Irmãos Pongetti.

POEMAS - MARIA DUARTE - IRMÃOS PONGETTI

“*Poemas* - é o livro com o qual faz sua aparição nas letras nacionais, a poetisa Maria Duarte, do distante Ceará. Trata-se de um livro vibrante, diferente que dará á autora um lugar destacado entre as nossas melhores poetisas.

A edição elegante e sóbria - dos Irmãos Pongetti.

O escritor Mário Linhares em seu estudo *História Literária do Ceará*, apresenta a poetisa Maria Duarte, destacando características de sua escrita.

MARIA DUARTE - Poetisa à feição de Adalgisa Néri. Seu verso de derrama em linhas longas e sinuosas, sem ritmo nem rima, como um trecho de prosa. Parece um rio que se perde na planície, sem alcançar o mar. Sua desenvolta imaginação monta o corcel árdego para a cavalgada valquiriana do instinto. Vê-se que há nela a chispa da bizarra sensibilidade de uma inteligência digna de melhor destino, na realização de uma obra menos impulsiva, mais equilibrada e harmônica. Em “*Poemas*”, publicado no Rio, em 1940, está o amálgama psicológico de sua índole amorosa. (Linhares, 1948, página 130).

Além do livro *Poemas* a poetisa Maria Duarte também publicou *Cânticos dos meus sentidos*, a escritora faleceu em 3 de janeiro de 1949 no Rio de Janeiro e está sepultada no cemitério de S. João Batista.

Maria Esther da Silva Pamplona nasceu em Fortaleza em 15 de Junho de 1871, Filha de Guálter Rodrigues da Silva e D.a Isabel Rabello da Silva. Fez seus primeiros estudos no Liceu Cearense, além das disciplinas obrigatórias Geografia, Francês, Português, Historia e Geometria estudou também o Inglês e o Alemão.

Casou-se com Confucio Augusto Pamplona, nascido em 22 de fevereiro de 1859 e falecido em 31 de dezembro de 1910. Confúcio foi pioneiro da telefonia no Ceará, proprietário da Casa Confúcio, onde vendeu gramofones, kinoscópios e outros aparelhos patenteados por Thomas Alva Edison do qual era distribuidor.

Em 1898 Maria Esther foi nomeada Professora Adjunta da cadeira de Aplicação da Escola Normal de Fortaleza, em Julho de 1900 apresentou-se em concurso á Cadeira vaga de Geografia da mesma Escola, sendo aprovada plenamente. Permaneceu na Escola Normal até 1910.

De acordo com o Barão de Studart as teses que então sustentou versaram sobre: Oceano, e seu papel na harmonia do Universo. America Meridional (parte physica). Esphera Celeste e Coordenadas, 66 pp. e foram impressas na Typ. Econômica, Fortaleza. Tendo-se retirado para Manaus, onde exerceu o magisterio, o Governo do Ceará exonerou a da cadeira da Escola Normal.

Segundo o Jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro de 3 de abril de 1952, a professora e escritora Maria Esther da Silva Pamplona, faleceu no dia 2 de abril de 1952 na Casa de Saúde São José, professora aposentada da Escola Técnica Nacional, exerceu o magistério em Fortaleza, Manaus e no Rio de Janeiro. Era mãe dos Srs. Confúcio Augusto Pamplona (diretor da Assistência Médica do IAPI) e Augusto Pamplona (auditor da Polícia Militar) e de D. Esther Pamplona Carneiro dos Santos (funcionária do Serviço de Policlínica) e D. Maria Esther Pamplona (funcionária do Departamento Nacional de Compras). O enterro ocorreu no dia 03 de abril às cinco horas da tarde no cemitério São João Batista no Rio de Janeiro.



Maria Facó de Araújo nasceu em Beberibe, a 10 de junho de 1886 filha de José Facó de Araújo.

Segundo Victor Hugo em *Sonetos Cearenses*, vivendo no austero ambiente familiar, sem sair da terra natal, ali mesmo fez os estudos primários, revelando grande aptidão para as letras, versejando com facilidade e inspiração.

De Beberibe enviava suas colaborações poéticas para a imprensa, já tendo o Estado, em a *Página Dominical de Letras & Artes*, dado acolhido a vários sonetos de sua lavra.

Maria Facó tem em preparo um livro de versos. Entretanto, não foi localizado em nossas pesquisas.

Fonte: VICTOR, Hugo. *Sonetos Cearenses. Poetas do Ceará*. 2ª Edição. UC, 1997. Página 142.

Na obra *Rui Facó – Uma Biografia – O Homem e sua Missão* de Luís Sérgio Santos, encontramos na página 142 e 143, uma referência sobre Maria Facó.

Outra intelectual da família foi Maria Facó de Araújo, sonetista e poetisa, filha de José Facó de Araújo, tio de Gustavo. Todos de Beberibe. Só que José Facó era dono de uma fazenda em Aracoiaba, a fazenda Córrego do Quinxinxi, no sertão central cearense, para onde depois migrou. Ele foi o primeiro Facó a migrar para Quixadá. Na zona rural de Quixadá já existiam membros da família Queiroz, principalmente o ramo ligado a Daniel de Queiroz e Clotilde Franklin de Queiroz, pais da escritora Rachel de Queiroz, que nasceu em Fortaleza, em 17 de novembro de 1910.

O periódico *Maria* de Pernambuco de número 242-3-4 do ano de 1934 em sua página 40, informa o falecimento de Adelaide Facó Araújo estremeçada irmã de nossa assinante Maria de L. Facó Araújo.

—Em Beberibe, Estado do Ceará, há pouco tempo falleceu d. Adelaide de Araujo, estremecida irmã da nossa assignante d. Maria de L. Facó Araujo. Com os nossos sentidos pesamos as exmas. familias das mortas acima mencionadas, recommendamo-las ás orações das nossas leitoras.

PLENILÚNIO INVERNIL

*Atrás da serra o sol desaparece.
Vem da floresta um rumorejo brando
Que mais parece de uma boca em prece
Do que de passarinhos se aninhando!*

*O Plenilúnio nas juremas cresce,
E, de tanto crescer, vai derramando
Na terra, tanta luz, que me parece
Em outro plenilúnio estar pisando...*

*Calou-se a voz do dia. Da floresta
Vêm sussurros de vozes e de beijos!
Na solidão a vida continua...*

*É a Criação! É a natureza em festa,
Em gorjeios, sussurros, rumorejos,
Embriagada desta luz da lua!*

Fonte: VICTOR, Hugo. Sonetos Cearenses. Poetas do Ceará. 2ª Edição. UFC, 1997. Página 141.

RAZÕES

*Se todo Goso tem no fundo
Um resabio de fêl.
E há no Degosto mais profundo
Umas gotas de mel...*

*Porque se admirar então a gente
Que a Vida seja doce a todo ser,*

M

*Se o amargo se bebe raramente
E o doce se está sempre a beber?!...*

MARIA FACÓ

Fonte: A Razão (Ce), Sábado, 12 de Setembro de 1931 – Página 6

COLUNA: Jardim de Apollo.

A LUZ DO LUAR...

*- Ola! Tá vendo? Aquelle é S. Jorge, montado no seu carneiro!
Traz ás costas, penduradas ao machado, as cabacinhas de mel.
Eu, tonta de luz e de somno, erguia vagarosamente a cabeça do collo de
sinha Rosa e olhava a lua. E via mesmo! Via São Jorge montado na seu
carneiro, trazendo ás costas, penduradas ao machado, as cabacinhas....
Quanto ao mel?!...Eu era um S. Thomé – precisava ver para crer:..
- E é mel, mesmo, sinha Rosa?
- Nêga véia não mente! Minha avó disse que é mel e eu nunca duvidei!..
E eu, que tanto acreditava na sabedoria de sinha Rosa, que via
S. Jorge montado no seu possante carneiro, ficava duvidando que
houvesse mel na lua! Também nesse tempo eu nem sabia que hou-
vesse “lua de mel”...*

.....

*Noutra terra vi tantas cousas tristes e alegres, mas, o que nunca
mais eu vi foi S. Jorge na lua!
E agora que voltei, passados tantos annos, não encontro mais
sinha Rosa! Dizem-me que ella dorme sob a alva areia do branco
cemiterio que ali alveja ao luar!
Sinha Rosa! O luar! Os cajueiros e os murtaes floridos! O brando
segredar dos cannaviaes!
O mar!.....
Como a recordação infantiliza a gente! Parece-me ouvir a voz de
sinha Rosa:
- Ola! Tá vendo!?!... E, olho...
Sugestão da lembrança, ou será que a gente só vé S. Jorge na lua de
sua terra? Não sei! Mas lá está, na lua, S. Jorge montado no seu car-
neiro. Traz ás costas, penduradas ao machado, as cabacinhas e....
Agora creio, sinha Rosa! Quantas abelhas palpitam em volta do*

M

ethereo cortiço! Parecem estrellas! E aquella, bem juntinho da lua... é de certo a abelha mestra. Mas isto não é o luar! Parece, mas não é!... É o mel que vae escorrendo em jorros das cabaças transbordantes!... Quanto mel derramado!... Como é doce o luar de minha terra!...

MARIA FACÓ

Fonte: Jornal A Razão (Ce), Sábado, 5 De Setembro De 1931 – Página 6–
Coluna: Jardim De Apollo.

DOIS LINDOS SONETOS DE MARIA FACÓ

I - ILOGISMO DA VIDA

*A vida é uma aranha. A Fantazia
E'a teia pela aranha planeada,
Atraindo o desejo que resfria
Na posse de uma coisa desejada.*

*E, assim, vae desejando dia a dia
Até que, de querer enfastiada.
A teia vae rasgando e se desfia
Ficando quase toda desmanchada.*

*Mas a Vida sentindo enfraquecida
A malha dessa teia que á vida
E' o motivo e principal suporte.*

*- A Vida que á vida tudo alcança
Amarra num fiapo a Esperança
E põe-se a remendar até a Morte!*

II - TAPERA

*Aqui era o pomar! Ali o jardim
Onde outrora se abriam tantas rosas!...
Desfez-se a paliçada e o capim
Se mistura com as hervas espinhosas.*

*Deste penedo quantas vezes vim
Olhar as ovelhinhas vagarosas
Que passavam lançando para mim
Suas doces olhadas langorosas!...*

M

*O lugar da vivenda é um calvado
Onde se vê, coberto pela éra,
Fronroso araçazeiro do oitão!*

*Ai tapéra de um lar abandonado!...
Também tenho no peito uma tapéra
Que outrora foi o lar de um coração!*

Fonte: A Razão (CE), Sábado, 12 de Setembro de 1931 – Página 6
COLUNA: Jardim de Apollo.

JUREMA

Jurema! Arvore sagrada!

*Templo santo eram os teus bosques guardados pela morena filha
de Araken.*

*O orvalho que perolava as tuas capitosas flores rorejava os negros
cabelos da noiva do guerreiro branco.*

*O licor extrahido de tuas vagens inspirava idéas guerreiras aos
valentes adoradores de Tupan.*

Jurema! Arvore simbolica!

*Ainda hoje és cultuada pelas irmãs de Moacir. Ao inebriante
cheiro de tuas flores, unanimemente desabrochador aos beijos do luar
de Junho, despertam as sertanejas morenas. E, ao erguerem-se de
suas alvas redes de algodão, ficam a contemplar o branco véo da
floresta, pensando no valente sertanejo que, nas perigosas vaque-
jadas, embrenha-se, sem temor, na tua punjente ramificação!*

*E, o véo das desposadas perpassa em sua mente excitada na per-
fumosa sugestão da manhã florida!...*

Jurema! Árvore do amor!...

Maria Facó

Fonte: A Razão (Ce), Quarta-Feira 4 de Novembro de 1931 – Página 8.

A CARAUBA

- As carauba tão fulorando! Nêga veia qué as festas!...

È serio, sinha Rosa?...E, sorrindo a prometer as festas, eu corria a varanha do alpendre. Era verdade! Lá estavam, pompeando ao rutilo sol da manhã, os botões de ouro prevenindo – Dezembro.

Dezembro! A epoca das alegrias e das singelas diversões! A saudade que, depois de onze mezes de vigilia iria dormirar num galho da arvore de Natal! E, desde o alegre dia em que sinha Rosa anunciava a floração das caraubas, até que as flores calam numa chuva de ouro, tapetando o branco areal enquanto o cipó de foto e o murtal aromatisavam o ar marinho com seu cheiro de mel, eu ia, invariavelmente, todas as manhãs, olhar as caraubas... Quantos castelos fazia eu então, na recordação de outras noites iguais aquele que tão anciosamente esperava! Hoje vivendo longe de minha terra, o coração afastado das doces ilusões de outrora, quando surge Dezembro. Lembro-me das caraubas!... Parece-me estar a ve-las cobertas de flores de ouro. Símbolo talvez do ouro. Símbolo talvez do ouro que o rei Gaspar ofereceu ao Deus Menino. E, chorando, minh'alma reza:–Bendita sejas carauba! Bendita pela alegria que me déste, pela alegria que dás ao povo de minha terra, tu que és o calendario a marcar com fiores de ouro o dia mais santo da cistandade! Bendita sejas carauba!...

Maria Facó

Fonte: A Razão (Ce), Quinta-Feira 5 de Novembro de 1931 – Página 2.

A DATA

Assim falou uma moça ao seu noivo! – Não me perguntes a data em que pela vez primeira te vi! Não se zangues se não sei responder!

Deixa que eu reclino a fronte em teu peito para que o teu coração escute o que eu vou dizer:–Faz tanto tempo!

Eu ainda não sabia distinguir as estações!... Sei bem que era tardinha. Brincava muito nesse dia! De repente, minha boneca resvelou e cahiu por terra! Eu nem olhei-a. Não olhava nada!

Quanto tempo estive assim sem ver? Não sei... mas, quando olhei, vi as laranjeiras! Eu que, até esse dia, só reparava nos frutos, murmurei encantada:—Como são lindas as flores, das laranjeiras! Parecem grinaldas de noivas! Os graunos trinavam nas palmas do coqueiral. Que alegria tem os pássaros soltos pensei e, correndo, fui abrir a gaiola onde cantavam um galo de campina. A ave, num curo vôo foi sentar-se numa goiabeira e ali ficou-se surpresa, movendo a cabecita rubra. Cansada de olhar o passarinho, ergui os olhos e disse:

- Que linda é o CEO! Como são belas aquelas nuvens assim rendadas! Parecem os véos das noivas!... E, então não sei onde foram os meus olhos! Mas, juro-te que não foi engano da minha imaginação infantil... No lugar onde os meus olhos foram: delineado um vulto de rapaz.. Eras tú, querido!...Faz tanto tempo! Posso lá precisar a data?!

Maria Facó

Fonte: A Razão (Ce), Sábado 7 de Novembro de 1931 – Página 8.

O ARRABALDE

*Quando o arrabalde atravessando eu ia
Ao entrar na cidade – que alegria
Senti vendo os telhados cor de jalde
Das casinhas modestas do arrabalde!
E, ao sol da manhã, mongubeiras em flor!
- O arrabalde era a entrada para o Amor!*

*Quando o arrabalde eu vim atravessando,
- De volta da cidade – definhando,
Vi as flores nos galhos poeirentos,
E, a luz do sol-pôr, os telhados cinzentos!
- Era o arrabalde, da sahida a porta
Duma esperança de ventura morta!...*

MARIA FACÓ

Fonte: A Razão (Ce), Segunda-Feira 9 de Novembro de 1931 – Página 2.

ÚLTIMO NUMERO

*Escarnece a assistencia de um vadio
Que, metido numa roupa esfarrapada,
Vae subir o madeiro corredio
Onde vê se a moeda cubiçada.*

*O garoto, fazendo um desafio
- Dia assistencia em conjunto – a gargalhada,
O mastro, sempre mais resveladio,
Abraça e vae caindo de pancada!...*

*E eu penso que esse povo rindo a esmo
Escarnece, coitado, de si mesmo,
Pois – mais tolos talvez que o vagabundo –*

*Vivemos procurando no Invizível,
A ventura, para nós inatingível,
Deslizando e caindo pelo mundo!...*

MARIA FACÓ

Fonte: O Debate (Sobral), Sábado, 5 de Dezembro de 1931 – Página 3.

60 - MARIA GONÇALVES DA ROCHA LEAL (1899-1980)



Maria Gonçalves da Rocha Leal foi professora e escritora, como a maioria de nossas biografadas, entretanto destacamos o papel de Maria Gonçalves no pioneirismo em levar para o interior do Estado os seus ensinamentos. Em 1924 fundou em Juazeiro do Norte o primeiro Grupo Escolar daquela cidade, onde exerceu o cargo de Diretora.

Olga Barroso destaca o nome de Maria Gonçalves da Rocha em seu estudo *Quem são elas*.

O Ceará, não obstante as sucessivas crises econômicas decorrentes do seu meio geográfico, nunca deixou de lutar, vencendo sempre

M

com denodo os grandes desafios em favor do seu crescimento sócio-cultural e político.

À mentalidade jovem cearense coube com determinação e idealismo a mais ampla participação nos movimentos ascencionais geradores do progresso, deixando registrada na nossa história a marca indelével do caráter inovador e da inteligência voltada sempre para as grandes realizações.

A força criadora, a garra, a consciência cívica, o amor às letras e às artes, o denodado esforço de sociólogos, juristas e educadores, são exemplos vivos transmitidos de outra geração, sucessivamente.

E em meio a tantos valores que se sobressaíram nas mais diversas áreas do conhecimento humano, encontro na educação, na galeria dos mais renomeados professores, um nome que muito honra e dignifica o magistério cearense: Maria Gonçalves Leal.

Foi ela sem dúvida figura de grande relevo no movimento que culminou na renovação do ensino brasileiro com expansão para os núcleos rurais e que se intitulou de "Rumo ao Campo".

Nascida em Juazeiro do Norte, a 23 de novembro de 1899, era filha de João Francisco Gonçalves e Maria Cândida Gonçalves.

Fez o curso pedagógico na Escola Normal Justiniano de Serpa, sempre como primeira aluna, diplomando-se professora em 1923.

Foi a oradora da turma, escolha feita pelos inegáveis méritos da inteligência, manifestada durante todo o período dos seus estudos.

Nessa época as idéias ruralistas tomavam conta de todo o país impulsionadas pelos estudos desenvolvidos por Alberto Torres, Sud Múccici, Chiquinha Rodrigues e outros.

Imbuída do mesmo pensamento desses grandes mestres, parte Maria Gonçalves para o Rio de Janeiro, a fim de se aperfeiçoar em Pedagogia, curso ministrado no Instituto de Educação, por Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Isaías Alves e outros.

De regresso ao Ceará desfralda Maria Gonçalves sua bandeira como autêntica líder do movimento educacional brasileiro já deflagrado.

Em 1924 funda na mística Juazeiro do Norte o primeiro Grupo Escolar daquela cidade, do qual foi Diretora. Também o Crato foi privilegiado com as luzes do seu espírito, tendo ela exercido o magistério no tradicional Colégio de Santa Tereza durante quatro anos.

Daí então novo horizonte se abre à sua frente. O ruralismo já era uma realidade e ela como uma das suas mais lídimas expressões é convidada para implantar em Limoeiro do Norte o novo modelo de pedagogia operacional; nesse sistema instalou a Escola Normal Rural daquela pacata cidade jaguaribana, e durante dez anos a dirigiu.

Ali ela mobilizou com argúcia a comunidade limoeirense e organizou um quadro social de pessoas responsáveis e capazes para ajudá-la a construir aquela nascente obra educacional.

Sua aguçada inteligência captou toda a problemática da estrutura básica dos trabalhos que enfrentava; a pobreza econômica, a escassez de recursos humanos foram obstáculos como os quais ela se defrontou. Entretanto, com idéias claras e esforços ingente, conseguiu conquistas a adesão e o apoio de toda a população daquela bela cidade jaguaribana, principalmente, das famílias de melhor poder econômico do lugar.

A Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte transformou-se assim em modelo entre as congêneres, tamanha a repercussão que teve o trabalho de Maria Gonçalves à frente daquela novel instituição.

Com experiências tão positivas demonstradas no seu vitorioso trabalho ela passa a desenvolver nova atividade junto à Escola Regional de Nutrição, Agnes June Leith, em Fortaleza, da qual foi Diretora de 1949 a 1954. O nome daquela grande educadora está ligado à Campanha Nacional de Educação Rural que se estendeu do Ceará à Bahia.

Foi ela coordenadora e orientadora dos programas de Educação Doméstica realizados nesse movimento.

Ainda de 1954 a 1976 implantou a Associação Nordestina de Crédito e Extensão Rural (ANCAR), coordenado e elaborando toda a programação de educação desenvolvida através da associação em todo o Nordeste, sendo pioneira na implantação desse sistema.

Ávida de conhecimentos, fez o Curso de Ciências Domésticas na Universidade de Porto Rico, em 1960, dando continuidade, no ano seguinte, aos estudos dessa mesma especialidade na Universidade do Vale do Tennessee (Estados Unidos).

Em 1962, Maria Gonçalves participou de outro importante Curso na Universidade de Michigan.

M

E assim foi toda a sua vida, de estudos e intenso trabalhos, mas omitiu inexplicavelmente outro importante aspecto do seu espírito: documentar em letra de forma as conferências que pronunciava e os importantes relatórios, roteiros de toda sua linha educacional.

Surpreendeu-se contudo sua veia poética encontrada em material bem organizado, visando à publicação de um livro intitulado “Mensagem”, datado de 1974 cuja dedicatória é feita à amiga cratense Maria Gonçalves se alça como um pássaro liberto. São louvações que se transformam em reminiscências românticas.

Termina essa coletânea com um desfilar de trovas, algumas delas selecionadas para sua participação como trovadora no livro dos “Trovadores Cearenses”, de Cândida Galeno, no ano de 1987.

Reconhecendo os seus méritos, o professor Antônio Albuquerque Sousa Filho, ex-secretário de Educação do Estado, instituiu, quando diretor do Centro de Ciências Agrárias da UFC, o prêmio Maria Gonçalves, destinado a estimular o ensino e a pesquisa, voltados para os problemas regionais.

A atividade fecunda do seu privilegiado espírito foi contudo reconhecida, tendo ela recebido vários títulos e medalhas, inclusive a de Justiniano Serpa, conferida pelo Governo do Estado Virgílio Távora em 1978, que ela não chegou a receber, por se encontrar enferma. Falece Maria Gonçalves em fevereiro de 1980, escrevendo assim com o seu trabalho fecundo de grande renovadora uma das mais vibrantes e belas páginas na história da Educação, a que ela se dedicou de corpo e alma.

É com alegria que a homenageamos com essa recordação de sua vida e lhe agradecemos perante a história.

A superioridade do Q.I. de Maria Gonçalves aliado ao alicerce cultural, cosolidado através de longos anos de estudo, deu-lhe o cognome de “Estrela do Magistério”.

Fonte: BARROSO, 1992, pág. 99-101

TROVAS DE MARIA GONÇALVES DA
ROCHA LEAL

*Quanto mais a gente vive,
Tato mais vai aprendendo;
Mas da vida no declive,
O saber vai se perdendo.*

*A saudade não é dor,
A saudade é sentimento,
Que ansce pura do amor
E vive só no tormento.*

*Bate o sino lá na Igreja,
Todo mundo pensa em Deus.
Não si por que ele me ensaja
Só pensar nos olhos teus...*

*No fim de um dia, cansados,
Talvez nos falte a coragem
De prosseguirmos, ousados,
Da vida a longa viagem.*

*Graças te damos, senhor,
Pelo muito que ofereces.
Neste mundo só de dor,
Valem muito nossas preces.*

*Vai a música aos ouvidos,
Em busca do coração...
Expulsa o tédio, os gemidos,
Infunde consolação.*

*A elegância e a beleza
Não devem se separar.
São da mesma natureza,
Para a mulher exaltar.*

*A morena brasileira,
Tem megatões de explosão:*

M

*Quando ela passa ligeira,
Leva tudo de roldão!*

*A lua, um sonho distante
Dos incautos namorados,
Hoje, um pouso delirante
Dos astronautas ousados.*

*Gostaria de escrever-te
Trinta cartas, cada mês,
E também de responder-te
Vinte cartas de uma vez.*

Fonte: Galeno, Cândida. *Trovadores Cearenses*, Editora Henriqueta Galeno, 1976. Páginas 206-207.

61 - MARIA JESUÍNA DE ALBUQUERQUE RODRIGUES (1882-??)

Maria Jesuína de Albuquerque Rodrigues também conhecida como professora D. Mocinha Rodrigues, nasceu em Sobral no dia 03 de setembro de 1882. Seu nome é referência na educação sobralense. A educadora dirigiu por doze anos o Periódico *Quinze de Agosto* como documenta o Monsenhor Vicente Martins em seu estudo *Homens e Vultos de Sobral*.

D. Maria Jesuína de Albuquerque Rodrigues – (Professora D. Mocinha Rodrigues) – Filha do Cel. José Gomes Rodrigues de Albuquerque Filho e D. Ana Frederico Rodrigues de Albuquerque, nasceu na fazenda Patos, município de Sobral a 3 de setembro de 1882.

São seus avós paternos o Cel. José Gomes Rodrigues de Albuquerque e D. Maria Alves da Fonseca de Albuquerque e maternos o Cel. José Frederico de Andrade e D. Francisca Rodrigues de Albuquerque.

Concluiu o curso primário em Sobral na Escola Professor Arruda e o de preparatórios no Colégio da Imaculada Conceição em Fortaleza, onde ficou 3 anos como Professora depois de ter completado o curso.

M

Educadora benemérita de enaltecidos dotes dirige ainda hoje em Sobral o Colégio N. Senhora de Assunção, por ela fundado em 10 de janeiro de 1908 e conta atualmente 32 anos de fundação.

Dirigiu o periódico “*Quinze de Agosto*”, jornal do Colégio N.S.da Assunção, mantido durante 12 anos.

Casou-se em Sobral na igreja do Menino Deus a 11 de fevereiro de 1911, com Francisco de Albuquerque Rodrigues Filho, já falecido. Era filho de Francisco de Albuquerque Rodrigues e D. Suzana de Albuquerque Rodrigues, sendo seus avós paternos Antonio Joaquim Rodrigues de Albuquerque e D. Ana Amélia Rodrigues de Albuquerque e avós maternos o Dr. João Francisco de Lima, médico maranhense, formado nos Estados Unidos e D. Irene Hermelinda de Lima, natural de Sobral.

É irmão de Francisco de Albuquerque Rodrigues e Dr. João Lima de Albuquerque Rodrigues, Juiz de Direito em Ouro Preto, Minas.

São irmãos de D. Maria Jesuina de Albuquerque Rodrigues, o Dr. Odorico Rodrigues de Albuquerque, engenheiro e catedrático da Escola de Engenharia, em Ouro Preto e o Dr. Adalberto Rodrigues de Albuquerque, médico residente em Fortaleza.

Fonte: MARTINS, 1989, página 269-270.

A professora também participou da Liga Feminina Sobralense como identificamos no periódico *O Rebate* do dia 10 de fevereiro de 1912 na segunda página.

LIGA FEMININA SOBRALENSE

Denos abaixo os nomes das senhoras e senhoritas da Liga Feminina Sobralense que firaram os telegrammas transmittidos ao Centro Chamusca, no Rio, e no nome amigável amigo "Euzé", Sr. Dr. Paula Rodrigues, em Fortaleza, da que damos noticia em uma de nossas edições passadas.

Victalina Parêde de Paula Pessoa
 Maria Jeaulina de A. Rodrigues
 Francisca Aragão de Paula Pessoa
 Estephania Rodrigues de Almeida
 Anna E. Figueiredo de Paula Pessoa
 Regina de Aragão Mendes
 Florencia de Aguiar Loyola
 Francisca Furtado da Rocha Frota
 Cesarina Gomes Parente
 Luiza de Paula Pessoa Mendes
 Antonia Luiza Rodrigues
 Carmella Rodrigues Duarte
 Anna Liberato de Carralho
 Rosa Rodrigues Freitas
 Maria José Lopes Mendes
 Raymunda Quixadá Mendes
 Francisca de Mello Fontanelle
 Candida da Frota Desmetti
 Maria José da Ponte e Silva
 Maria da Frota Cavalcante
 Esther Albertino de Albuquerque
 Irene Rodrigues dos Santos
 Francisca Raymunda de V. Mendes
 Neomelia Soares Lopes
 Inocencia da Frota Roque
 Francisca Gilda da Frota Mendes
 Cláudia de Aragão Coelho
 Izevolina Mendes Coelho
 Theresa da Frota Araujo
 Maria do Carmo Rodrigues do Amargal
 Marietta Mendes de Paula Pessoa
 Francisca Zeferina Pessoa Cavalcante
 Maria Antonietta B. de Albuquerque
 Judith de Andrade
 Maria Amalia Lima de Moraes
 Maria Leona Pontes
 Raymunda Amalia F. de Mendonça
 Maria de Oliveira Lopes
 Antonia Viriato da Ponte
 Inocencia Modesto Mendes
 Ceclimara Mendes Parente
 Amalia Bruno de Albuquerque
 Rita Carneiro de Mendonça
 Francisca Irapina
 Maria Nemezê de Albuquerque
 Maria C. de Araujo Vianna
 Nicolina Pinto
 Emilia Carneiro
 Amalia Nussa de Aguiar
 Edetrudes Barreto
 Rita de Frota e Silva
 Francisca Rodrigues Lima
 Maria Basto Freitas
 Neditê de Albuquerque
 Maria José de Vasconcellos
 Maria José de Mesquita
 Umbelina Alves de Jesus
 Maria José de Freitas
 Maria José Babino Cavalcante
 Maria Patrícia da Ponte
 Francisca Ribeiro de V. Parente
 Carmella Cyene
 Isabel da Ponte Mendes
 Maria Pereira dos Reis
 Alice Lopes Gomes
 Maria Petronilha de Mendonça Lopes
 Maria José de Lyra
 Maria do Carmo Alves
 Francisca Figueira de Mendonça
 Maria José Cavalcante Lima
 Estephania de Aragão Albuquerque
 Francisca Perreira da Silva
 Emília Carneira
 Madalena Plutarcho Lima
 Francisca dos Chagas Lima
 Estelvina Viriato de Medeiros
 Maria de Aragão de Paula Pessoa
 Adigmaria Ferreira Gomes
 Gilminiana de Pinho Pessoa
 Belar de Andrade
 Dayse Frota
 Lucille Frota
 Cephalia Soares
 Otilia Soares
 Rosalinda Soares
 Maria Soares
 Annália Parente de Paula Pessoa
 Anna Rodrigues de Albuquerque
 Maria do Carmo de Albuquerque
 Francisca Meneses
 Sarah Araujo
 Leonor Araujo
 Franczy Mendes
 Marietta de Paula Figueiredo
 Maria Augusta de Saboya
 Dotoras Mendes
 Neomil Mendes
 Anna Mendes
 Islay Mendes
 Jaey Mendes
 Rosalina Mendes
 Lindoia Mendes
 Mariannita Mendes
 Marietta Cyene
 Maria Luiza Cordelro
 Magdalena Cyene
 Hermelinda Cordelro
 Chomone Cyene
 Raymunda Barreto

Helena Barreto
 Altair Barreto
 Maria Barcelo
 Maria Oliva Thomé de Silva
 Delmira Soares
 Maria C. Lyra
 Quiteria Linhares
 Emilia Luthares
 Nium Ualdini
 Julieta Ualdini
 Cecy Ualdini
 Isabel Santos
 Leuz Santos
 Rosa Carneiro
 Marietta Carneiro
 Maria E. Figueiredo de Paula Pessoa
 Nyriam de Paula Pessoa
 Alueldinha Rodrigues
 Maria do Carmo de Mallo
 Jovina de Paula Pessoa Figueiredo
 Rosa de Paula Pessoa Figueiredo
 Marianna de Paula Pessoa Figueiredo
 Francisca de Albuquerque
 Gilberto de Albuquerque
 Maria de Albuquerque
 Rita de Albuquerque
 Marietta de Albuquerque
 Maria José Alves
 Maria da Gloria Alves
 Maria dos Anjos Alves
 Maria Augusta de Vasconcellos
 Amélia Moura
 Raymunda Idalina dos Santos
 Maria do Carmo Lyra
 Maria Luiza Magalhães
 Rosa Amélia Lopes
 Maria de Albuquerque Sobrinha
 Dousinha Cavalcante
 Jenny Mendes
 Betty Mendes
 Ilustrada de Oliveira
 Luiza de Oliveira
 Anna Santos
 Elias Parente
 Otilinda Freire
 Therosa Freire
 Francisca Carolina Lemos
 Raymunda Amalia de Meneses
 Azealia Sanford
 Sybille Pontes
 Aida Pontes
 Estelina Pontes
 Antonia Torres
 Feliza Torres
 Diva Albuquerque
 Raymunda Araujo
 Amalia Moraes
 Carlota Moraes
 Maria Moraes
 Geris Lopes
 Maria Freitas
 Rosa Freitas
 Livramento Freitas
 Carmella Guilhães
 Maria Augusta Ribeiro
 Maria Ferreira da Ponte
 Beatriz de Aragão Mendes
 Francisca de Aragão Mendes
 Idalina Fontenella
 Albertina Silva
 Rita Silva
 Otilia Araujo
 Cesarina Silva
 Frederica Silva
 Victalina Silva
 Neemia Silva
 Jos. de Ripardo Lyra
 Elias Ripardo
 Raymunda Ripardo
 Irene Lyra
 Emilia Alves
 Regina Parente
 Philadelpho Parente
 Georazy Mendes
 Emilia Rocha
 Maria Rocha
 Francisca Lima
 Frederica Lopes
 Mathilde Rodrigues
 Helena Nunes
 Rita Nunes
 Maria Nunes
 Joquina Rodrigues
 Judith Aragão de Paula Pessoa
 Julietta Carneiro
 Oletta Carneiro
 Laurinda Silva
 Dorimilva Lyra
 Christina Lyra
 Juliana Lyra
 Alberta Lyra.

No periódico *A Lucta* (Sobral) do dia 15 de janeiro de 1919 na primeira página é publicada uma nota sobre o Collegio Assumpção, em que destaca o empenho da senhora Mocinha Rodrigues em promover o acesso a educação para as mulheres.

Collegio d' Assumpção

A exma. sra. dona Mocinha Rodrigues, a imperterrita defensora da instrução da mulher nesta cidade, está ampliando o campo de acção do seu já bastante conceituado e adeantado «Externato d' Assumpção», levando-o até onde exigem as mais ingenuas necessidades da familia sobralense. Tendo feito aquisição das dependencias contiguas á igreja Menino Deus, que serviam de domicilio ás freiras, a esforçada preceptora, com o bom gosto e a dedicação que a distinguem, transformou-as em confortaveis e hygienicas salas de estudos, refeitórios e dormitórios bitolados todos ás mais modernas exigencias pedagogicas, apropriando-as a um internato de primeira ordem. Ouvimos que tanto para o internato como para o externato do adeantado collegio, já se têm matriculado muitas alumnas da elite sobralense.

Congratulando-nos com a população desta cidade, pela perspectiva de tão importante e útil melhoramento, cumprimentamos respeitosamente á exma. sra. dona Mocinha Rodrigues, que tão vantajadamente se vem impondo á admiação publica.

Fonte: *A Lucta* (Sobral) do dia 15 de janeiro de 1919 – primeira página.

O periódico *O Jornal* (Sobral) de 19 de agosto de 1934 registra o recebimento do jornal *Quinze de Agosto* editado pela educadora Mocinha Rodrigues. O jornal traz diversas contribuições das alunas do Colégio Assunção.

QUINZE DE AGOSTO

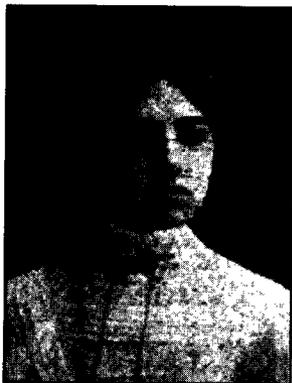
O dia 15 do corrente assignalou mais um anniversario da fundação do conceituado Collegio de Nossa Senhora d'Assumpção, dirigido pela exma. sra: d. Mocinha Rodrigues, conhecida educadora conterranea.

Commemorando o acontecimento, circulou o bem feito jornal "Quinze de Agosto", numa edição bem confeccionada e referida de es. oihida collaboração de diversas alumnas do tradicional estabelecimento de ensino sobralense.

Pela remessa de um exemplar de "Quinze de Agosto" que nos foi enviada, somos bastante gratos e a d. Mocinha Rodrigues, enviamos os nossos parabens pela data do anniversario do Collegio de N. S. da Assumpção.

Fonte: Jornal (Sobral) de 19 de agosto de 1934 – Página: 4.

62 - MARIA SAMPAIO DE ANDRADE (MARIA SAMPAIO) (1888 -)



Fonte: O Malho (Rj) 6 de Janeiro de 1912 – Página 38.

Maria Sampaio de Andrade, filha de Josué Assis Sampaio e Luiza Vieira Sampaio, irmã da Abigail Sampaio. Nasceu em Paracuru, CE, no dia 7 de janeiro de 1888. Fez os estudos primários na terra natal, diplomando-se pela Escola Normal de Fortaleza.

Exerceu o magistério de 1907 a 1915 em S. Lourenço, Paracuru; de 1915 a 1918, na Escola Isolada do Alagadiço; de 1918 a 1924, no Grupo Modelo, bairro Joaquim Távora, e de 1924 a 1937, ano em que foi aposentada no Grupo Escolar Santos Dumont, da capital.

Maria Sampaio colaborou nas revistas: *Fênix*, *Jangada*, de Fortaleza; *A Estrela*, de Aracati; *O Malho*, *Fon-Fon*, *Vida Doméstica e Excelsio*, do Rio de Janeiro, e nos jornais cearenses: *A República*, *O Ceará*, *O Povo*, *Unitário*, bem como em jornais do Uruguai e do Paraguai.

Dolor Barreira em sua obra *História do Ceará*, destaca a participação de Maria Sampaio na revista *A Jangada*, fundada por Mário Linhares que circulou de 1909 a 1912. Em nossas pesquisas não encontramos nenhum exemplar da referida revista. Descreve Dolor Barreira, *O número d'A Jangada, de dezembro de 1912, publica, em versos, os sonetos – Mal secreto, de Maria Sampaio*;



Fonte: Revista Fon-fon (RJ) Edição 0012-22/03/1924 – Página 81.

Maria Sampaio casou-se com o jornalista Claro de Andrade Júnior. São seus filhos: Claro e Josué (Gêmeos), Maria Aglair, Maria Luiza e José Clarindo.



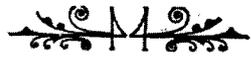
Maria Altayr, filhinha dos professores Claro d'Andrade Junior e Maria Sampaio d'Andrade, no dia de sua primeira communhão, realizada no Ceará, a 30 de agosto ultimo.

Fonte: Revista Fon-fon (RJ) Edição 0047-22/11/1924 – Página 64.

Raimundo Girão em seu *Dicionário de Escritores Cearenses*, apresenta uma breve biografia de Maria Sampaio revelando a utilização do pseudônimo Clora para assinar suas poesias.

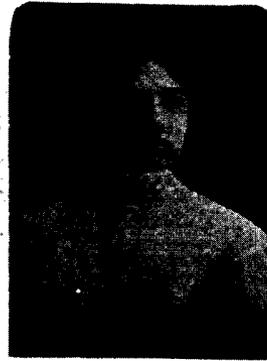
Poetisa muito inspirada, colaborou com seus versos nas revistas *Fênix e Jangada* de Fortaleza, em *A Estrela*, de Aracati, dirigida por Antonieta Clotilde, em *O Malho, Fon-Fon, Vida Doméstica e Excelsior*, do Rio de Janeiro, e nos jornais de Fortaleza, tais como *A República, O Ceará, O Povo, Unitário*, ainda em jornais de Portugal e do Uruguai, quase sempre sob o pseudônimo “Clora”.

Fonte: MENEZES, 1987. Página 47.



AS NOSSAS COLLABORADORAS

Maria Sampaio, poetisa cearense, autora de alguns sonetos que temos publicado na respectiva página.
É uma senhorita inteligentíssima e, como os leitores vêem, formosa.



Fonte: O Malho (Rj) 6 de Janeiro de 1912 – Página 38.

O crítico e escritor Mário Linhares em sua obra *História Literária do Ceará* faz uma breve descrição sobre as irmãs Sampaio.

MARIA E ABIGAIL SAMPAIO – São dois espíritos irmãos, irmãos pelo sangue e pelo sentimento poético. Maria Sampaio exerceu o magistério público, aposentando-se depois de ensinar em vários grupos escolares da capital cearense. João Brígido, publicando, no “Unitário”, os seus primeiros versos, escreveu a seu respeito: “Essa graciosa menina de dezessete anos se revela uma esperança das nossas letras, pela espontaneidade do ritmo e inspiração feliz dos seus versos”.

Essa esperança se converteu em realidade. Em “Átomos e centelhas”, publicado em 1928, em colaboração com sua irmã Abigail

M

Sampaio, firmaram-se as prendas de sua inteligência. Abigail Sampaio, por seu turno, em outros livros, – “Luar de Prata” e “Corolas de cristal”, mostrou-se poetisa de estro vibrante, tão belamente realçado num estudo de Henriqueta Galeno.

LINHARES, Mário. *História literária do Ceará*. Rio de Janeiro: Fundação das Academias de Letras do Brasil, 1948. Páginas 104 e 105.

Pseudônimo: Chlora.

BIBLIOGRAFIA:

ÁTOMOS E CENTELHAS, em colaboração com sua irmã, poetisa Abigail Sampaio, Fortaleza, Tip. Santos, 1928.

CRÍTICA E REFERÊNCIAS: De Américo Facó, Tomaz Carvalho, José Beltrão.

Fonte: VICTOR, Hugo. *Sonetos Cearenses. Poetas do Ceará*. 2ª Edição. UFC, 1997. Página. 144.

A CARNAUBEIRA

Maria Sampaio

*De farto capitel e estípite gigante,
Ostenta-se viril, na várzea, a carnaubeira;
Parece oferecer seus leques tremulantes
Donde se extrai o pó que nos fornece a cera.*

*Se lhe sacode o vento a fronde farfalhante,
Com que garbo Pompeia a colossal cimeira!
Forte, se a queima o sol terrível, causticante,
Insensível se mostra aos beijos da soalheira.*

*Ela nunca está murcha, ela nunca está triste.
Ornamento do campo ou oásis do deserto,
Aos ardores do sol e aos vendavais resiste.*

*Útil – espalha o Bem que entesoira, bendita,
(Ela que é pão, que é luz, remédio e abrigo certo)
No grande coração que dentro em si palpita!*

Fonte: VICTOR, Hugo. *Sonetos Cearenses. Poetas do Ceará*. 2ª Edição. UC, 1997. Página. 143.

DECEPÇÃO

*Caminhei por cálidos caminhos
 Aliginosos, vãos, intransitáveis,
 Por campos resequidos e mesquinhos,
 Do vento expos'a ás fúrias implacáveis.*

*Já transpunha desertos insondáveis
 - Orphã de amor, de paz e de carinhos, -
 Quando um ciclo de sons inenarráveis
 Veio trazer-me breves murmurinhos.*

*Parei. Tremia o coração nervoso...
 E, num mixto de medo e ethereo goso,
 Reconheci-lhe a fala cavernosa:*

*- Não vás, te peço! >> Proseguí fingindo
 Não tel-a ouvido, mas um écho lindo
 Resoou:—Maria! Que mulher teimosa!...*

Sampaio

Fonte: *Jornal Do Ceara*, Quarta-Feira, 20 de Dezembro de 1911.

OUTR'ORA E HOJE

*Outr'ora quando a lamina maldita
 Dos maus, dos inconscientes, dos tyrannos,
 Ameaçava aniquilar precita
 Nossa ventura no verdor dos annos,*

*Quando a mãe desses entes deshumanos
 A haurir nos dava o calix da desdita,
 Quanta amargura... quantos desenganos
 Soffremos, meu Amor?! Dor inaudita!*

*Hoje, em troca um perdão lhes mandaremos,
 Hoje que nos uniu o Ser Divino,
 E que a Gloria nos coube e que vencemos!*

.....

M

*Deus que é grande e que é santo, Deus que é puro,
Não podia afastar nossos destinos,
Turbando de uma vez nosso futuro!*

Maria Sampaio de Andrade

Fonte: JORNAL O EXEMPLO (RS), Porto Alegre,
13/05/1917 – Página 2.

POSTAL (*)

*Maria José Barroso
Alva, corada, mimosa,
De estatura mediana,
Tem encanto, é donairosa,
Tem porte de soberana.*

*O seu todo graça emana:
Ri sua bocca de rosa,
Se para o amor é tyranna
Para os demais é piedosa.*

*E' Maria um rouxinol
Que vive alegre, cantando
Nos dias fartos de sol.*

*Seus olhos negros e grandes
São como os d' águia fitando
O mundo, do alto dos Andes*

Maria Sampaio d' Andrade

Fonte: A Nota – Fortaleza, 29 de Julho de 1918 – Página 7.

ARVORE

*“Meio dia. Verão. Flammeja o sol ardente
Parecendo envolver em fogo a terra inteira;
Lança chispas em torno o solo incandescente
Em espasmos febris, em espiraes de poeira.*

M

*Um canto só não se ouve; é tudo ermo e silente.
A passarada arqueja abrigada à cimeira
Das frondes colossaes. E num rythmo dolente
Foge o vento em velóz e intermina carreira.*

*E bailam folhas no ar, já sem seiva e sem vida
- folhas que morrem como os sonhos côr de rosa
Que fenecem ao ruir de uma illusão querida...*

*Mas uma arvore, além, os ardores abruptos
Vencendo, ao caminheiro offerece garbosa,
Do corpo a fresca sombra, a polpa e o mel dos fructos.*

Fonte: Vida Doméstica (Rj) – Abril – 1930 – Página 87.

O NAUFRAGO

Aos moços d' A Jandaia

*Na praia, ao pôr do sol, eu fito o oceano attenta
- O ondulante lençol coalhado de jangadas;
E uma corre veloz, e outra deslisa lenta,
- Cem gaivotas gentis, à flor d'agua, em revoadas.*

*Um dos frágeis bateis fica-se atraz: enfrenta
Em vão a fúria audaz das ondas encrespadas,
Em vão enfrenta o mar a envolvel-o a nevoenta
Mortalha sepulchral das águas revoltadas.*

*E o pobre jangadeiro anceia embalde o porto,
Já quasi morta a fê, no seio quase morto...
Parte-se o remo...Exhausto o pescador desmaia.*

*E, sob o véo da noite- os espaços velando
O meu olhar afflicto – um cadáver rolando
Veiu de vaga em vaga, até bater na praia!*

Ceará – Fortaleza

MARIA SAMPAIO

Fonte: O Malho (Rj) 27 de Maio de 1911 – Página 37.

ATOMOS

*Atomos dos meus sonhos, pontos d'oiro
Que refulgis no Azul de minha vida
Vossa luz emprestae a illuzão fida
Que guardo dentro em mim como um thezoiro*

*Vós que sois o perenne sangradouro
Da fonte de minh'alma dolorida,
Que vaga, ora extensiva, ora abatida
Da vida pelo oceano fervedouro,*

*Triste queizumes segredando aos ventos,
Que parecem cortar seus brados roucos
Para a escutarem lôbregos e attentos,*

*Como ella sois também tímidos loucos
Brilhae mimosas e apague-nos lenosas
Como se nossa luz morresse aos poucos.*

MARIA SAMPAIO

Do "Atomos"

Fonte: A Razão – Domingo – 12 de Maio de 1929 – Página 3.

ROMPIMENTO

Num álbum:

*Juntos, alegres, iamos seguindo
O caminho ideal; tudo sorria,
O céu, a flor que odores espargia;
- È forçoso partir, disseste rindo.*

*As chammas infernaes na alma sentindo,
Indecisa, parei... Real seria?!...
Teu vulto, vi que ao longe se perdia
Transpondo a curva do caminho infindo.*

*Hoje que voltas ao antigo ninho,
A ti, anjo cruel, traidor e fêro,
Volta, direi: prosegue o teu caminho.*

M

*Não mais procures divisar-me a face...
Ingrato foste e vil, portanto quero
Que seja eterno o nosso desenlace.*

Ceará

MARIA SAMPAIO

Fonte: O Malho (Rj) 2 de Dezembro de 1911 – Página 37.

A ABELHA

Paródia ao chistoso soneto do mavioso poeta Sylvio Boel:

*Se eu não fosse por certo uma descrente,
Sentindo dentro em mim tal reboiço,
Diria a atordoar a toda gente,
Que devéras estava com feitiço!*

*Pois tenho um meche-meche impertinente
No meu peito, (tem graça contar isso!)
Que às vezes chego a crer ingenuamente
Que em vez de coração tenho um cortiço*

*E a tal abelha maestra, corriqueira
Me ronda todo peito, zombeteira,
Em fortes tremeliques, que cruel!*

*E aqui e alli, pulando de alegria,
Essa imprudente chia... chia... chia...
Que... nem a alma indomável do Boel!...*

Ceará

MARIA SAMPAIO

Fonte: O Malho (Rj) 30 de Dezembro de 1911 – Página 26.

O SUICIDA

*Cançado de soffrer, no sombrio aposento
Elle vagueia só, misero, abandonado...
Luta renhida e atroz cruza-lhe o pensamento
Tem lavas a queimar-lhe o peito apunhalado.*

M

*Em vão soffrear procura o pulsar apressado
Do coração oppresso; e em fundo desalento:
- Ai! infeliz que sou!... murmura o desgraçado,
Seus gemidos casando aos soluços do vento.*

*- De mim foge a ventura, assim se esvae o sonho...
De tantas illusões só resta o desengano!...
Diz, dardejando em torno o olhar frio e tristonho.*

*Na alcova penetrando, em dolentes gemidos,
Arranca de um punhal com furor deshumano
E fêre o coração com golpes repetidos!*

Ceará

MARIA SAMPAIO

Fonte: O Malho (Rj) 31 de Outubro de 1914 – Página 26.

VERSOS

MAIO

*Nas claras e febris manhãs puras de Maio
Fala-nos cada flor languido desmaio;
E lá do coração virente da floresta
Desata notas mil a passarada em festa.*

*Os nossos sonhos vão, chimericos e exues,
Aos paramos de além, à região da luz,
Buscando desvendar da Natureza o arcano,
Que empolga e que domina o pensamento humano.*

*E o Poeta desperta, affeito às melodias,
Empunha a Lyra e sae, ferindo as cordas frias,
Casando o canto seu ao chilrear das aves,
Ao bramir do oceano, aos sons das auras suaves.*

*Elle busca também, na vida transitória,
Os louros do renome, o píncaro da Glória.*

M

- Saúdem-te, ao passar, os pássaros nos ninhos.
- Transformem-se em rosaes os cardos dos caminhos!

MARIA SAMPAIO DE ANDRADE

(Ceará, 1920 – Do "Átomos")

Fonte: O Malho (Rj) 15 de Maio de 1920 – Página 12.

VOIX DU COEUR

*Geme a rôla, si além o sol se interna
Na assetinada fimbria do poente;
Geme, est'alma também, si, acaso, externa
Uma canção feliz a vaga ingente.*

*E quem, na solidão, sem lenitivo,
Triste, não gemerá?!... Não acredito
Que alguém, soffrendo, sorridente e altivo,
Affronte as fúrias do soffer maldito.*

*Só geme aquelle que o destino atira
Às férreas portas do cruel soffrer...
Só geme aquelle que de dor delira...
"Quem, não soffrendo saberá gemer?"*

MARIA SAMPAIO DE ANDRADE

Fonte: FON-FON (RJ) 15 de Março de 1924 – Página 6.

63 - MARIA SALAZAR FIUSA DE PONTES (???? - 1945)

A escritora, pintora e desenhista Maria Salazar perdeu os pais ainda criança em um naufrágio durante uma viagem do Ceará para o Rio de Janeiro. Órfã foi criada por uma tia que lhe chamava carinhosamente por Yoyó. Teve como orientador seu tio o Monsenhor Salazar.

Em 1907 casou-se com o poeta e bacharel em Direito Antônio Fiusa de Pontes. O casal teve uma única filha, Maria Consuelo de Pontes Nascimento que contraiu matrimônio com o poeta e juiz Faustino do Nascimento.

M

Em 19 de fevereiro de 1909 seu esposo a quem ela tanto idolatrava faleceu, na época sua filha tinha apenas dois anos.

Na fotografia abaixo vemos Maria Salazar em traje preto com sua filha, o genro e as duas netas.



O poeta Faustino Nascimento entre suas duas filhinhas, sua senhora e sua sogra, no pátio de "Trisantópolis", pouco antes da inauguração.

Fonte: Revista Beira Mar (RJ) 7/2/1942 – Página 9.

O Nome de Maria Salazar é lembrando em *O Ceará e os Cearenses* de Antônio Bezerra de Meneses como uma escritora de destaque.

Depois do ensino doméstico, são em geral educadas com esmero nas letras e nas belas artes.

Há ali senhoras que tem nome feito como poetisas e escritoras.

São bem conhecidas as Exmas. Sras. Anna Nogueira, Francisca Clotilde, Ignácia de Matos Dias, Emilia de Freitas, Francisca de Mello Cezar, Luiza Amélia de Paula Rodrigues, Anna Lectícia da Frota Pessoa, Luiza Justa, Anna Facó, Anna Bilhar, Adília de Albuquerque Luna Freire, Maria Salazar, Maria Rodrigues, (Alba Valdez), Maria Amélia Torres Portugal, Aurelinda Simões, Olga de Alencar, Amélia de Alencar e Júlia Moura, estas seis últimas, directoras da Liga Feminista Cearense, fundada pelas mesmas em 26 de Julho de 1904, e muitas outras, que honram os jornais com os seus escritos.

Em música e desenho conhecemos também cultoras distintíssimas.

MENESES, 1906, Pág. 75.

A poetisa exerceu o cargo de Diretora da Biblioteca Pública do Estado do Ceará entre os anos de 1926 e 1931. No jornal *A Imprensa* de Sobral do dia 02 de fevereiro de 1926 na página 2 encontramos uma correspondência de Maria Salazar para Sr. José Passos Filho diretor de imprensa.

PELA BIBLIOTHECA PUBLI-
CA DO ESTADO

—(—*)—

De D. Maria Salazar Fiuza
de Pontes, digna Directora da
Bibliotheca Publica do Ceará,
recebemos a circular seguinte:

Fortaleza 8 de Janeiro de 1925
Illmo. Sr. José Passos Filho
D. D. Director da Imprensa—
Sobral.

Summamente reconhecida agradeço a V. S. a generosa attenção, que tem dispensado á Bibliotheca sob minha direcção, enviando durante o anno preterito o conceituado organ que V. S. tão superiormente dirige.

Espero que V. S. não interromperá a sua delicada distincção continuada, e distinguir esta Republicação com a constante remessa do acetado Jornal, tão procurado por todos os consules desta Bibliotheca.

Contando, desde já, que serei atendida, significo a minha gratidão.

Saudações

Maria Salazar Fiuza Pontes
Directora

Maria Salazar faleceu no dia 08 de setembro de 1945 no Rio de Janeiro e foi sepultada no cemitério São João Batista. Maria José Lopes escreveu na revista *Beira-Mar*, o texto *Uma mulher extraordinária*, em homenagem a escritora.

Uma mulher extraordinária

Foi no alvor de minha adolescência, quando ansiosa de dedicações sinceras e intensas, que, no Ceará, minha terra natal, conheci a distinta conterrânea Maria Salazar Fiuza de Pontes.

Justo prêmio de sua vida conjugal modelar, era sua filha única Maria Consuelo, minha colega e amiga. Coléga, por estudarmos piano com a mesma professora e amiga, porque nossas relações eram fruto de afinidade espiritual, porque nos sentíamos à vontade em nossas inocentes confidências, em nossos passeios, em nossas visitas mútuas.

Quanto dessas visitas em sua casa, para minha maior felicidade, fui a pouco e pouco, conhecendo mais profundamente a personalidade marcante, verdadeiro fôco de irradiação de bondade de D. Maria Salazar Fiuza de Pontes, tocou-me, em cheio, a alma a chama de uma amizade e de uma admiração que, até então, eu desconhecia.

Essa amizade e essa admiração que lhe dedicava não me nasceram, no entanto, graciosamente; era a irradiação irresistível de suas virtudes altamente cristãs, tocando o ápice da perfeição humana, do idealismo religioso e, por conseguinte, da aspiração divina. Ouvindo-a, não raras vêses, em narrativas sobre passagens de sua vida, compreendi que sua peregrinação na terra fora uma epopéia de fé e de dedicações, de afeto e de sacrifício, de resignação e de heroísmo. Quanta vês, meu Deus, tive que reprimir, com dificuldade, minha emoção profunda ante a poesia do romance vivido por D. Maria Salazar Fiuza de Pontes, traduzindo-lhe a personalidade admiravelmente inteligente e que, para mim, era o enlevo de um ideal e de uma aspiração!

Os transe dolorosos da vida atingiram-na bem cedo. Ainda em mui tenra idade, perdeu os pais vitimados em impiedoso naufrágio, quando em viagem do Ceará para o Rio. Orfã, foi educada com desvelo, por sua tia, a que lhe dava o carinhoso nome de Yóyó, dentro de princípios rigidamente cristãos e tendo, por orientador espiritual seu tio, o piedoso e já falecido Monsenhor Salazar.

Casou-se ela muito bem. Infelizmente, porém, a ventura de sua vida conjugal foi de bem pouca duração. Jovem, bem jovem ainda, em pleno viço da incipiente juventude, perdeu o marido que idolatrava, o poeta Fiuza de Pontes. Ficou-lhe, no entanto, a filhinha única e diletta que, na ocasião, contava apenas dois anos de idade. Em Maria Consuelo, assim é o nome que recebeu na pia batismal, na exclusividade de seu amor maternal procurou e achou o alívio para a imensidade da dor da qual nunca conseguiu separar-se.

Todos que com ela tiveram, de longa data, a felicidade de privar e eu que também a tive desde minha adolescência ao lado de sua filha adolescente como eu, sabiam e conheciam nessa mãe admirável, seu poder de afeto, de carinho, de dedicação, de sacrifício, de bondade, de delicadeza, de energia inteligente para com sua filha querida, como ela o demonstrou, invariável e magistralmente, até os últimos dias que precederam sua morte.

E essa filha idolatrada soube corresponder à educação esmerada que recebera de sua mãe, quer sob o ponto de vista moral, quer na formação familiar e doméstica e quer no espírito francamente religioso através de seu amor verdadeiramente filial e de todos os desvelos para com sua progenitora.

Passaram-se os anos. Separámo-nos por algum tempo. Deixei minha natal e vim fixar-me no Rio, onde me acho há já 17 anos. O casamento de sua filha, a amiga predileta de minha adolescência, fê-la deixar igualmente o Ceará, afim de acompanhá-la e fixar residência na Capital Federal.

Assim, anos depois, reatamos os laços de nossa velha e inesquecida amizade. Casára-se Maria Consuelo com o distinto e ilustrado magistrado e poeta Faustino Nascimento, tendo dessa feliz união duas filhinhas: Marilurde e Elomar.

Sógra e avó, D. Maria Salazar Fiuza de Pontes soube repartir, com aquela imensa capacidade de amar, com os sêres Que haviam completado a felicidade de sua filha, o mesmo afeto, a mesma dedicação e o mesmo carinho inexgotáveis que só à Maria Consuelo dispensára.

Ainda me ressoam, em surdina aos ouvidos e revivem na mente, fazendo-me dos olhos brotar lágrimas de comoção as palavras ternamente carinhosas e as cenas enternecedoras nas quais transpareciam seu amor e meiguice para com as netinhas que a adoravam.

Sempre justa, porém, bondosa e sempre enérgica mas suave, sua voz, não raras vêses, era ouvida e invariavelmente respeitada e acatada por todos os seus.

Nesse aconchego, nesse ambiente de felicidade em família notei-lhe, contudo, sempre no olhar uma tristesa e resignação que pareciam emergir do fundo da alma, como que a reviver na recordação a presença de seu marido ausente.

Atestára a adoração que tinha por seu falecido marido o tesouro que, ciosa, guardára até à hora da morte – a querida coleção de cartas de noivado, que era a história de seu ideal de amor na terra. A lembrança, a recordação de seu esposo vivera com ela e só com ela morrerá. A querida relíquia, de acordo com a sua vontade, serviu-lhe de travesseiro para repousar eternamente a dorida cabeça, cujo pensamento único fora o de uma saudade que lhe enlutára a vida.

Hoje... já não possuo essa querida amiga.

Arrebatou-ma Deus quase que inesperadamente, pois, apesar da enfermidade que, anos seguidos a martirizava, seu espírito forte, numa luta constante contra o físico, nunca se deixara abater totalmente. Lutando, ao Creador entregou a alma.

Assim, imprevistamente, a 8 de setembro do corrente ano, Natividade de Nossa Senhora, ela, mansa e suavemente, como fora toda sua vida na terra, faleceu às 6 horas da tarde, hora do Angelus, rodeada da assistência médica e religiosa.

Seria ousadia de minha parte, si tentasse narrar, descrever a profundidade e grandeza de meu sofrer diante da gravidade das horas que precederam o enterro de Maria Salazar Fiuza de Pontes, cujos restos mortais ante meus olhos me aniquilavam o ser dando-me, como nunca, a percepção límpida de meu nada.

Assisti infinitamente comovida os arroubos, de justa dor, de sua filha Maria Consuelo que, num momento suprêmo de angustia – ao sair do corpo inanimado de sua mãe – soltou, como se tivesse sido agora pronunciadas, estas palavras: “Deixo-a partir, porque tenho fé!”

Não fiz um só movimento para consolá-la. Nessas ocasiões, fogem-nos dos lábios as palavras para darem lugar às lágrimas. Estas foram a única expressão de meus sentimentos, no momento. Sentia, compreendia também que no doloroso transe em que se debatia seu carinhoso coração de filha única, não havia consôlo nem sentimentos humanos capazes de estancar nos seus olhos as lágrimas e no seu peito a dor imensa de uma ausência irreparável e de uma saudade indefinível. Nêsses tristes momentos restam-nos apenas a esperança que nos proporciona a fé e depois, passados os primeiros tempos, a certeza de amizades puras e sinceras que, sentindo e chorando conosco, procuram aliviar o nosso sofrimento.

Reconheço, lastimo, intensamente a sua dor pela perda irremediável com que acaba de ser atingida. Sinto pelo afêto que lhe tenho e sinto mais ainda, se possível, pela grande amizade e pela admiração que dedicava a essa miga querida, à D. Maria Salazar Fiuza de Pontes.

Admirava nela o exemplo fulgurante de tôdas as virtudes cristãs de mulher e mãe; ouvia com prazer e encantamento os conceitos admiráveis que proferia sobre os homens e as cousas e, sobretudo, apreciava nela êsse conjunto extraordinário de sentimentos profundamente religiosos e essencialmente humanos. Conviver com

essa senhora, bem que espaçadamente, devido a meus afazeres, era para mim um motivo de alegria.

Guardarei, sinto isso vivamente, imperecível a querida lembrança dessa criatura, que foi uma mulher extraordinária.

Maria José Lopes

Beira-Mar

Fonte: Revista Beira-Mar – Outubro/Novembro–Ano 1945 – Edição 00781 – Página 41.

Da revista *Beira-Mar* destacamos um depoimento emocionado do escritor Mario Linhares sobre Maria Salazar.

A MUSA DE UM POETA

Por MARIO LINHARES

Faleceu, nesta Capital, a 8 de setembro último, D. Maria Salazar Fiusa de Pontes. O que foi a existência dessa excelsa criatura, somente os que tiveram a fortuna de privar de seu convívio, poderão avaliar.

Viuva do ilustre poeta cearense Antônio Fiusa de Pontes, falecido em Fortaleza a 19 de fevereiro de 1909, toda a sua viuvez foi dignificada pelo culto à memória de seu poeta.

Deu a mais formosa lição de amor à poesia, oferecendo um exemplo raro às suas irmãs de sexo, por vezes, indiferentes à delicadeza desse romantismo que brota do fundo de nosso coração.

É grato ver como ainda se abre a flor de tamanha sensibilidade, nestes tempos de grosseiro materialismo. Soube ela sempre ser digna de seu poeta, daquele que a glorificara em seus versos, como sagrado motivo de sua inspiração.

Nos quatorze primeiros anos de sua viuvez, trancara-se, como num túmulo, na solidão de sua casa, para somente voltar à vida forçada pelo dever da educação de sua única filhinha – Maria Consuêlo, hoje, ligada, como ela, ao destino de outro poeta, Faustino Nascimento.

Fiusa de Pontes, que eu revivi em “Poetas Esquecidos” como uma das mais belas expressões da poesia cearense, cantou assim, entre

M

outras composições de um florilégio que deixou esparso, a sua encantadora companheira:

MARIA

*Nunca me deixarás sozinho, no abandono
Do improficuo lutar de um ser desprotegido!
Ès de meu coração e ocupas nêle um trono
Que, para teu fulgor, conservo em pompa erguido!*

*Deixa, amada mulher, meu fiel anjo patrono,
Em meus sonhos cair o brilho estremecido
De teu sagrado olhar, porque feliz tenciono
Tôda a vida transpor, de teu olhar seguido.*

*Deixa minha alma encher tua imensa virtude,
Pois te encontrei no mundo antes que outro pudesse
Descobrir-te, querer-te e amar-te, como eu pude!*

*Deixa, sequioso, haurir apaixonado e imune
Os teus beijos e ver que todo o dia cresce
Esse glorioso amor que, tão forte, nos une!*

*Não se soube de casal mais ditoso, vivendo os dias de mais efusiva
alegria, na delicia de um idílio perene.*

*A morte súbita de Fiusa de Pontes abateu também a esposa para
o resto da vida, vida que se transformou num holocausto, no
constante desejo de morrer, para acompanhá-lo e unir-se a êle
novamente.*

*E, quando há poucos dias, morria, tinha ela o sorriso angélico dos
que fazem a romagem para uma vida melhor, mais pura, mais
luminosa e feliz...*

*Foi satisfeito o seu último desejo:—levar como travesseiro as suas
cartas de noivado. Sua morte foi um epitalâmio.*

*Bem haja a vida de uma criatura que foi, em gloriosa transfigu-
ração, o símbolo augusto da mulher brasileira, no que tem ela de
magnificência em virtudes morais, em beleza de sentimentos, na*

M

sublimação de amor e devoção religiosa aos manes do poeta, a quem inspirava os mais lindos versos.

Fonte: Revista Beira-Mar – Dezembro–Ano 1945 – Edição 00782 – Página 4.

O ANNEL DA PRINCEZA

*Chegam do lago a ponte, reclinou-se
Mirando as águas vivida a princeza,
Riu-se de ver sublime a correnteza
Por entre a selva encaminhar-se doce.*

*Airosa e terna olhando ella quedou-se
Puxa o annel e viva de belleza
Leva-o brincando aos labios, (com certeza
De que fatal seria, não lembrou-se)!*

*Discuida-se, da mão cahe d'entro d' água...
Um grito seu escapa-lhe de magua!
E o príncipe com toda ligeireza.*

*Salta depressa lívido no lago
Surgindo traz nos dentes com affago
O bello annel doirado da princeza!*

FIUSA DE PONTES

Das Myosotes.

Fonte: A Jandaia No. 2 – Setembro de 1895 – Página 3.

MARIA SALAZAR FIUZA DE PONTES

*Musa de um grande poeta, sua vida
Foi a sublimação da Arte e Beleza
De cuja flama tinha sempre acesa
A alma de tantas ilusões florida.*

*Cêdo o poeta morreu! E, de vencida,
Quando o levou a morte, de surpresa,
Fechou-se ela em sua íntima tristeza,
Qual no sono da Bela Adormecida...*

M

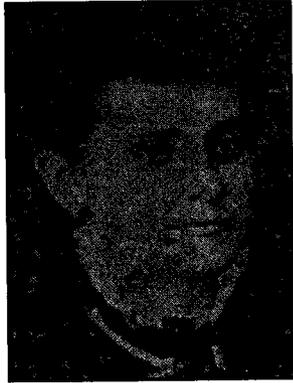
*A Dôr iluminou-a, na secreta
Adoração aos manes de seu poeta,
Como a alvorada doura os horizontes...*

*Enfim, deixando deste mundo o exílio,
- Foi no céu continuar o seu idílio
Maria Salazar Fiuza de Pontes.*

MÁRIO LINHARES

Fonte: Revista Beira-Mar – Janeiro–Ano 1946 – Edição 00783 – Página 104.

64 - MARIA THOMAZIA (1826-1902)



Fonte: MARIA THOMÁZIA O
AMOR À LIBERDADE de Gisela
Paschen Schimmelpfeng

A pós dezesseis anos de dedicação e pesquisa sei que ainda existem muitas escritoras e ilustres cearenses que ficarão de fora desse estudo. Muitas escritoras utilizaram pseudônimos ou apenas assinavam os seus textos com siglas isso dificulta muito a identificação de autoria. Muitas mulheres não publicaram por medo da censura e pela submissão em que viviam. Estamos falando do final do século XIX e início do século XX. Hoje mesmo li um relato onde Edith Braga afirmava ter vivenciado um ato de ousadia ao sair de casa durante o dia para comprar uma agulha de crochê sozinha. Outra vez quando saiu a noite com Maria

Thomazia e esta curiosa e encantada com fogos que ouviam se desviaram do caminho e foram até a sede do Jornal *O Libertador* para saber o que estava acontecendo. As mulheres jamais podiam sair sozinhas ao dia e muito menos a noite. A principio eu falaria somente das escritoras, mas muitas mulheres estiveram a frente de movimentos como o abolicionista, e elas faziam discursos, promoviam manifestações, se faziam discursos certamente os escreviam. E assim inclui algumas mulheres das quais não localizei os seus textos. Maria Thomazia foi uma das últimas mulheres que foram incluídas. Em visita a casa de Juvenal Galeno e em conversa com Francinete Azevedo, essa me sugeriu a inclusão do nome de Maria Thomazia e eu prontamente atendi, dada a importância dessa mulher para o nosso estado e para a libertação dos escravos.

Recorro ao estudo de Gisela Paschen *A Mulher e a Abolição* para acrescentar alguns dados da biografada.

MARIA THOMAZIA FIGUEIRA LIMA, congominada “A Libertadora”, em virtude de ter sido figura culminante na abolição da escravatura no Ceará, nasceu aos 6.XII.1826 em Sobral-CE, filha de José Xerez Furtado Uchoa e Anna Francisca Figueira de Mello. Não sabemos quando faleceu. Dizem que foi no ano de 1902, em Recife-PE. Já o jornal “A Capital”, editado em Sobral, de 22 de julho de 1903, traz uma nota do falecimento da grande Maria Thomázia nos seguintes termos:

-“Chegou do Rio a desoladora notícia de haver ali falecido D. Maria Thomázia Figueira Lima, uma das Senhoras que mais se esforçaram pela abolição da escravatura no nosso Estado. A veneranda e distinta morta era avó do poeta Carlos Dias Fernandes”.

Foi casada pela primeira vez com o viúvo Cel. Rufino Furtado de Mendonça. Deste matrimônio realizado a 21.XII.1840 em Sobral, teve oito filhos. Nasceram mais dois outros de suas segundas núpcias, efetuadas em 3.III.1859, também em Sobral, com Francisco de Paula Lima, natural de Aracati.

Mudando-se em 1877 com a família para a capital cearense, centro das decisões políticas da Província, casada com um abolicionista, Maria Thomázia logo participou na luta contra o vativeiro. Com o intuito decisivo de extinguir a escravidão no Ceará, foi fundada na noite de 18 de dezembro de 1882 a “Sociedade das Cearenses Libertadoras”. Destacou-se ali entre as senhoras, a inolvidável Maria Thomázia. A instalação solene efetuou-se no dia 6 de janeiro de 1883. Maria Thomázia, eleita como diretora-geral, participou em Acarape (hoje Redenção), no dia 1º de janeiro de 1883, da libertação dos escravos daquele município. E logo mais em Pacatuba, onde tomou lugar em torno da mesma juntamente com inúmeros outros ilustres abolicionistas. Foi um dos oradores. Em 20 de maio do mesmo ano já encontramo-la em Maranguape. Em 11 de janeiro de 1884 participou de um comício no qual se dirigiu aos fortalezenses, apelando para que todos ajudassem na libertação geral da Capital. Em 15 de abril, durante uma grande reunião da “Sociedade das Senhoras Libertadoras”, assim, se manifestou:

“Meus Senhores e minhas Senhoras:

Esta magna reunião de libertadores tem por objetivo único marcar um prazo e assentar sobre o modo de fazer efetiva a redenção dos cativos do município de Fortaleza.

Não há nada mais justo nem mais urgente, porque, se daqui partiu o brado de alarme para o interior, e se as vilas e cidades do centro, com o denodo de que ainda estão dando provas, repercutiram, ao apelo que lhes dirigiram os inimigos da escravidão; se por toda parte onde representaram os ecos da propaganda, levantou-se um altar ao culto da igualdade perante a lei e como consequência desse acordo de vistas, centenas de escravos passaram a ocupar o lugar que lhes competia na grande unidade da espécie humana; é forçoso que por nossa vez cumpramos o nosso dever, proclamando e pedindo a liberdade para os desventurados que ainda a não possuem.

Mercê de Deus já não há mais antagonismos! A generosa idéia conquistou todos os assentimentos, e esta reunião afirma o consórcio feliz da persuasão e da ação.

É tempo de resgatar a maior falta de nossos antepassados, pondo definitivo tempo ao anacronismo que nos abate perante a história contemporânea e nos amesquinha perante a nossa própria consciência!

Se esta heróica cidade foi o Quartel Geral do pensamento emancipador, a seus generosos habitantes corre neste momento, o glorioso dever de reduzir a estilhaços, os ferros dos poucos cativos que ainda protestam contra a lei absurda que há três séculos os tem seqüestrados das comunhões civis e políticas.

Repetindo a frase incisiva de um contemporâneo da imprensa, direi – “A emancipação do município de Fortaleza será o último dobre da escravidão em nossa província.”

Então veio a data que nunca deveria ser esquecida por todos fortalezenses: 24 DE MAIO DE 1883. Foram libertados os últimos escravos residentes nesta capital. E novamente Maria Thomázia proferiu um belo discurso, recebendo muitos aplausos. Finalmente chegou o dia 25 de março de 1884 e o então presidente da província, Dr. Sátyro d’Oliveira Dias, debaixo de aplausos, pronunciou:

A PROVINCIA DO CEARÁ NÃO POSSUI MAIS ESCRAVOS!

Maria Thomázia é homenageada, como sempre, quando se dirige em frases singelas e angélicas ao povo.

A Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, em Fortaleza, tem Maria Thomázia como Patrona da Cadeira nº 41, ocupada desde 30 de outubro de 1977 pela autora deste esboço.

Fonte: SCHIMMELPFENG, 1984, Página53-55.

65 - NOEMI DE ALENCAR ARRAES (1900-1973)



Noemi de Alencar Arraes nasceu em Araripe no dia 04 de janeiro de 1900. O escritor Joaryvar Macêdo em seu estudo *Autores Caririenses* lançado em 1981, apresenta o nome de dez escritoras, dentre elas Noemi Arraes.

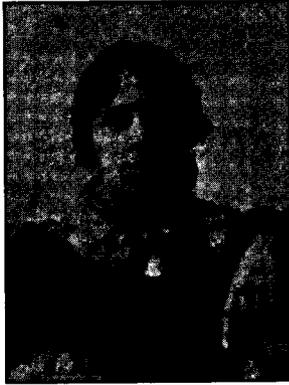
NOEMI DE ALENCAR ARRAES – Natural de Araripe, nasceu em 4 de janeiro de 1900, filha de Manuel Vieira de Albuquerque e Maria Almina de Alencar. Esposa de Alexandre Arraes de Alencar, de quem foi extraordinária colaboradora. Faleceu

em 5 de abril de 1973, deixando um livro de reminiscências e reflexões: *A Rocinha e a Fábrica*.

MACÊDO, 1981, Página 34.

O escritor Adriano de Sousa ao ingressar na Academia realizou um estudo sobre a biografia de Noemi Arraes que é Patrona da Academia de Letras do Brasil/Seccional Araripe-CE. A pesquisa realizada sobre a escritora encontra-se no livro *Patronos*, vol.1 da Academia de Letras do Brasil/Seccional Araripe-CE.

A obra escrita por Noemi *A Rocinha e a Fábrica* reflete dois momentos de sua vida. A primeira parte *A Rocinha* fala de sua infância em Araripe ao lado dos pais e dos irmãos e da roça no quintal a casa onde morava. A segunda parte *a Fábrica* descreve a sua vida após o matrimônio. As atividades desempenhadas enquanto era a primeira-dama e estava a frente da LBA e a própria fábrica Aliança fundada pelo seu marido.



Fonte: revista Estrella.

Odília Rodrigues nasceu no Ceará no final do século XIX, filha do Advogado, Abolicionista, Professor, Deputado Estadual, Federal, Jornalista, Orador e Poeta Martinho Rodrigues de Sousa e Dona Florentina Pinheiro Rodrigues. São seus irmãos: Maria Amélia Rodrigues, Maria Aline Rodrigues do Valle, Cleóbulo Rodrigues, Fernando Rodrigues, Gustavo Rodrigues, Julita Rodrigues e Otávio Rodrigues.

No início do século XX a família emigrou para o Acre em busca de melhores condições de vida. No Acre Odília estudou na escola Normal e exerceu o magistério. No dia 20 de julho de 1916 casou-se com o Sr. José Marques de Albuquerque Sobrinho e passou a assinar Odília Rodrigues de Albuquerque. O casal teve quatro filhos, dentre eles: Carlos Martinho Rodrigues de Albuquerque nascido no dia 29 de novembro de 1917, Raimundo Acreano Rodrigues de Albuquerque, nascido no dia 26 de outubro de 1919 e Maria de Nazareth Rodrigues de Albuquerque nascida em 12 de outubro de 1922.

Em 1919 As irmãs Odília Rodrigues de Albuquerque, Maria Amélia de Alencar e Zinzinha Alencar fundaram a agremiação Rose-Club que dentre suas atividades promovia encenações teatrais.

Odília começou a exercer o magistério em 1914 nas escolas D. Orsina da Fonseca e Senador Ruy Barbosa. Em 1918 lecionou na Escola General Pinheiro Machado, em 1922 no Grupo Escolar João Ribeiro e em 1923 na Escola Nilo Peçanha, nos anos seguintes Odília exercia o magistério e dirigia escolas.

O periódico *A Reforma* de 30 de julho de 1922 na página 4, parabeniza Odília Rodrigues de Albuquerque por mais um ano de existência e informa que tanto a Sra. Odília quanto o seu esposo o Sr. José Marques Sobrinho são colaboradores do jornal.

Odília Rodrigues foi colaboradora da Revista *A Estrella*, editada por Antonieta Clotilde. A edição de outubro de 1916, estampa a foto de Odília com a seguinte legenda: "A doce poetiza cearense Odília Rodrigues que, nas plagas acreanas, propaga vantajosamente a 'Estrella'."

para elle a posição saliente que occupa em todas as sociedades dos logeres onde ha desenvolvido sua actividade. Repleto de alegria pelo evento que assinalamos fazemos chegar ao estimado chefe os nossos cordiaes parabens com os votos das maiores venturas no decorrer de um porvir risonho e magestoso.

O dia 28 deste mez, foi de duplas alegrias para o nosso amigo Francisco Frota Filho, commerciante em Sobral, Ceará, por ser o de seu natalicio e tambem aniversario de seu casamento com a virtuosa sra. d. Quilquinia Frota.

Ante-hontem completou mais um anno de existencia a sra. d. Otilia Rodrigues de Albuquerque, distinta consorte do sr. José Marques Sobrinho, ambos col. laboradores deste jornal.

Armazens de Fazendas e Armazinho

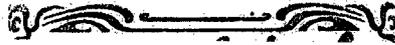
Fabrica de chapou de sol — Imperio de tecidos nacionais

DE
A. MONTEIRO DA SILVA

Recebe todos os generos do interior da Amazonia, em consignação e encarrega-se de sua venda pelo melhor preço do mercado, mediante modica porcentagem.

RUA SANTO ANTONIO, N. 18.— Caixa no Correio n. 28. Endereço telegraphico—MONTE.

BELEM—PARA'.



Fonte: A Reforma de 30 de julho de 1922—Página 4.

O seu esposo o Sr. José Marques de Albuquerque Sobrinho faleceu em Belem no dia 18 de junho de 1928.

67 OLGA DE ALENCAR MATTOS RABELLO

Nasceu em Baturité filha de José de Alencar Mattos e de Fausta Chistina Mattos, teve como irmãos: Amélia de Alencar Mattos; Francisco de Alencar Mattos; médico e procurador da República, Ruy de Alencar Mattos; farmacêutico, Hugo de Alencar Mattos; Clovis de Alencar Mattos; Hermes de Alencar Mattos; Branca de Alencar Nogueira; Sinhá; Mocinha; Linda e Graziella de Alencar Mattos.

Em 1902 com sua irmã Amélia de Alencar Mattos, criou o jornal *O Astro*, publicação bi-semanaria noticioso, literário e artístico, editada durante seis anos, de 1902 a 1907. As redatoras enviavam exemplares para todo o Brasil. Hoje existe apenas um exemplar no Instituto Histórico de Fortaleza.

seguintes collegas:

O *ASTRO*. Tivemos a visita deste interessante jornalinho bi-mensario, noticioso, litterario e artistico que acaba de vir a luz da publicidade na civilizada cidade de Baturité sob a direcção das illustradas patricias mãs, demoielletes Amélia Alencar e Olga Alencar.

O n. que honra nossa banca de trabalho é o 2, correspondente ao mez de Março.

Penhorados desejamos aos illustres collegas mil prosperidades.

O DIA, publicação quinzenal do Paraná.

O *ESPIRITA ALAGOANO*, orção de oro.

Fonte: Jornal A Cidade (Sobral) Sabbado, 19 de abril de 1902 – Página 3.

Segundo o Barão de Studart em seu *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, Rita de Cintra Costa nasceu no Icó, filha do Dr. Manoel Coelho Cintra. Rita foi correspondente da Revista *A Estrella* editada por Francisca Clotilde. Tendo se retirado para Recife em companhia do seu cunhado Dr. Barbosa Lima, ali consorciou-se com o Dr. Afonso Costa, que foi Deputado Federal. Colaborou n'O Lyrio, revista que por dois anos foi editada em Recife e era escrita exclusivamente por senhoras brasileiras. Seu retrato vem estampado na Revista Pernambucana n.o 13.

Rita de Cintra Costa faleceu no Rio de Janeiro em 26 de janeiro de 1926. Jornais do RJ publicaram a celebração da missa de 7º dia. Sua morte foi notícias em vários jornais do Brasil.

"D. Rita Cintra Costa – em sua residência, à rua Xavier da Silveira no. 55, faleceu, hontem, às 5 horas da tarde, **D. Rita de Cassia Cintra Costa**, esposa do Dr. Affonso Costa, Director do serviço de Informações do Ministerio da Agricultura e nosso prezado collaborador.

A Extincta era filha do desembargador Manoel Cintra e irmã dos Srs. Major Elias Cintra, Drs. Guilherme Tell Cintra, advogado Luiz Cintra, engenheiro Manoel Cintra, funcionario publico, sobrinha do engenheiro Coelho Cintra e cunhada do general Barbosa Lima. Senhora de muita cultura, geralmente estimada em nosso meio social, D. Rita Costa distinguiu-se sempre pela suas grandes virtudes.

Deixa Ella, com a sua morte, cinco filhos."

Jornal O Imparcial (Rio de Janeiro) – Quarta-feira, 27 de janeiro de 1926.

TUDO PASSA

(À D. Francisca Clotilde)

*No mundo tudo passa, tudo morre
Caem mirradas pelo sol ardente
As secas folhas, e seus troncos como
Negros fantasmas de estivados membros
Gemem saudosos de viçosos dias.
Da fresca primavera!*

R

*Assim também a juventude passa
Como nossa alma de ilusões despida!
Só vive do passado!
Esperanças, que cedo partiste
Onde é o teu parar?!*

*Oh! Tempos deleitosos que não voltam!
Quero cantar, mas já não tenho voz
Quero chorar, mas já não tenho lágrimas!
Reprime coração o teu gemido,
Esquece o teu passado!*

Recife – Rita de Cintra Costa, A Estrella maio de 1909.

A CANÇÃO DAS AGUAS (F.FERRARI.)

*Água corrente, fresca e crystallina,
Entre avelleiras, juncos verdejantes
Ao bosque vem contar, com doce accento,
O: velhos fastos das nações distantes.*

*E de bellas auroras e de occasos
Viros e loiros, em longinquas plagas,
Narra; e de amor as celebres historias
Das morenas creanças que, entre as algas,
Pelo beijo da morte adormeceram;
Dos poetas rememora os tristes fados,
De estupendos delictos os horrores,
Insonias narra aos verdejantes prados.*

*E agora, entre avelleiras verdejantes,
A água do rio, em crystallina senda,
Corre, cantando aos enflorados campos
De outras paragens a sentida lenda.*

RITA CINTRA COSTA
(Correspondente em Gravatá).

Fonte: O Lyrio – Recife – 5 de Maio de 1903 – Página 17.

69 - SANTUZA RODRIGUES DE ANDRADE

Santuza Rodrigues de Andrade nasceu em Sobral filha de João Frederico Rodrigues de Andrade e D. Francisca Otilia Rodrigues de Andrade. O casal teve quatro filhos. São eles: Humberto Rodrigues de Andrade, Antonio Joaquim Rodrigues de Andrade, Santuza Rodrigues de Andrade e Francisco de Assis Rodrigues de Andrade.

No Jornal *A Lucta* de Sobral do dia 19 de janeiro de 1921, na segunda página encontramos um registro que descreve Santuza como a talentosa beltrista da época.

Na companhia do seu digno irmão dr. Humberto Rodrigues de Andrade, competente inspector agrícola, regressou de seu passeio à Fortaleza a talentosa beltrista Santuza Rodrigues de Andrade. A ambos, os nossos cumprimentos de boa-vinda.

Fonte: Jornal *A Lucta* (Sobral), 19 de janeiro de 1921, Página 2

Seu nome está inserido na obra *Homens e Vultos de Sobral* do monsenhor Vicente Martins, onde temos acesso ao texto *A Mulher na Economia Social* de sua autoria, proferido durante a Exposição Regional Agropecuária e Industrial ocorrida no final do mês de setembro de 1918 em Sobral.

D. Santuza Rodrigues de Andrade – Filha de João Frederico Rodrigues de Andrade e D. Francisca Otilia Rodrigues de Andrade, nasceu em Sobral.

São seus avós paternos José Frederico de Andrade e D. Francisca Rodrigues de Andrade e maternos José Gomes Rodrigues de Albuquerque e D. Francisca Lopes Rodrigues de Albuquerque. Fez os estudos primários com a Professora D. Júlia Catunda, na vila de Santa Quitéria e depois em Sobral, com D. Eneita Siqueira e Colégio N.S. d' Assunção. Algumas matérias do curso secundário estudou ainda em Sobral com Murilo R. de Andrade, Dr. Fábio Figueira Saboia e Mons. Antonio Lira Pessôa.

Tem escrito versos bem inspirados e colaborado nos jornais e revistas de Sobral: *O Rebate*, *A Lucta*, *Correio da Semana*, *Scentelhas Eucharisticas*, *O Patronato*, *A Vontade*, *O Reino de Cristo* e *O Sacerdote*.

Atualmente é Presidente da Federação Mariana Feminina da Diocese.

É irmã do Dr. Humberto Rodrigues de Andrade, engenheiro agrônomo.

Da revista "Scentelhas Eucharísticas", de 1931, extraí a seguinte colaboração:

"O Testamento Divino"



"E aproximava-se a nona hora. Estarrecida a natureza ia assistir, o maior prodígio do amo. Deus que morria. As pedras nuas do Calvário – o cenário que recebia o testamento divino..."Eis a tua mãe". Era a única jóia que no mundo deixava Jesus. E no-la deu.

O céu toldou-se; o sol desaparece, de susto, como se a alma da terra estremecesse...Desperta a humanidade do pesadelo deicida, compreende a tirania praticada e o manto de tristeza e remorso a amortalha inteiramente. Jesus morre, perdoando, e fica conosco. Maria sofre amando e nos adota por filhos.

Eucaristia: hóstia divina da ceia da despedida. Maria: hóstia lacrimosa da despedida do Calvário.

Alimento da alma, esperança do coração, sustentáculo da fé, testamento de Deus..."

Eis a brilhante conferência de D. Santusa Rodrigues, proferida no Teatro S. João na noite de 30 de setembro, terceiro dia da Exposição agropecuária industrial de Sobral em 1918 sob o tema:

"A MULHER NA ECONOMIA SOCIAL"

"Exmos Senhores, minhas Senhoras.

Ante o fulgor deslumbrante desta noite e a distinção deste auditório, sinto-me amesquinhada, aniquilada, por assim dizer, na sombra da minha própria obscuridade. Mas, não é culpa minha, se vindo aqui ocupar a vossa preciosa atenção no complexo tema com que me acenou a nobre Diretoria da "Exposição", não é culpa minha, digo, se não correspondo a sua expectativa – porque outra deveria ocupar este lugar.

Avezinha frágil, que apenas esboça o vôo, com um ciciante ruflar de asas para as altaneiras e serenas regiões da vida literária – tudo espero da vossa benevolência.

Não digais depois de ouvir-me, que disse apenas banalidades... De fato, que posso eu dizer de outra mulher?!

Bem desejaria que minha passagem neste posto de honra fosse ao menos, como o bruxolear dessas tênues e rápidas “exalações” que aparecem, brilham por um instante, e somem-se depois na imensa concha azul do firmamento salpicado de sóis...

Senhores, abordando o palpitante tema – “a mulher na economia social” – seja-me lícito recapitulá-lo ligeiramente na história da humanidade.

A mulher, este “problema” tão largamente discutido, e eternamente sem solução exata, ente tão frágil e tão mal compreendido, foi em todos os tempos o alvo indefeso das mais descontraídas opiniões e, quicá, de clamorosas injustiças. Em muitas revoluções que abalaram por todo o mundo moral, ela toma, várias vezes o papel saliente, ignóbil.

Vemos, por exemplo, que foi a beleza fascinante de uma mulher que fez do Lutero, a insensata cabeça da “Reforma”, o chefe de uma das mais nefandas apostazias!

Roeu-lhe o coração o germen sinistro da corrupção, escaldando o cérebro a chama das paixões ruins!...

Vemos uma Carlota Corday apunhalando Marat, presa nas malhas perniciosas da política ou uma Ana Bolena semeando injustiças, plantando discórdias pela ambição vaidosa de posições políticas.

Mas, são verdadeiras anomalias. Tudo que há de santo, de bom e sublime, encontra um albergue carinhoso na pira sagrada que é o coração de uma mulher.

- O homem com sua portentosa coragem, – qual robusto e secular carvalho – levanta orgulhoso a frente e marcha ao encontro do bramir furioso das paixões, contando certo com a vitória; a mulher recua tímida, cônica de sua fragilidade. E o que quase sempre sucede, é que o cataclismo tremendo se desencadeia, desraiza o soberbo carvalho e o eco sinistro de sua queda é o crepitar do incêndio do erro na natureza toda convulsionada...

E a mulher, tenra plantinha; curva a haste delicada e submissa e, passada a tempestade, sem nada ter sofrido, ergue-se sorridente para o céu, de onde recebe a foça, como a dizer: “de Deus recebo a minha fortaleza, a quem temerei?”

De certo, não digo que ela sena “anjo” como fantasiavam as mentes exaltadas dos poetas; mas só excêntricos pessimistas, vêm na mulher os artifícios maléficos de Satã! Sem dúvida, estes consideram

tudo superficialmente, esquecendo totalmente o amor e a dedicação de suas próprias mães!...



Outro ponto largamento em controvérsia é a possibilidade de ter ela inteligência igual ao homem. A vaidade masculina se revolta quase sempre com essa possível igualdade, e se afirma que a inteligência da mulher é inferior. Certo ou preconceito – é esta opinião que também aceito.

- Na fase contemporânea, já não se discute, como os pagãos, se a mulher, de fato, possui uma alma; não vemos, como os fariseus, que condenavam a ser apedrejada a esposa infiel, nem como os povos orientais, em que as esposas eram apenas servas ignóbeis e as viúvas sentenciadas a ser queimadas vivas, após a morte do marido. Felizmente disso nada mais vemos. Já se vai fazendo justiça à classe feminina, dando-se-lhe melhor instrução e empregos mais liberais. Compreende-se já que a mulher não é apenas a boneca enfeitada dos salões, que se contenta com jóias e um pouco de galanteios; enfim, se aceita que ela seja um ente racional e inteligente. Elas não compreendem porém, a influência social que mais largamente poderiam exercer. São, por natureza, abnegadas, contentam-se com pouco e eis porque é restrito o seu círculo de atividades e de expansões. – Longe estou, Senhores, de fazer coro ao alvoroço ridículo das sufragistas inglesas, mas confesso – bateria palmas entusiásticas se as mulheres votassem...

Neste caso Brasil felizmente ainda não corrompe a vida moral o – divórcio – chaga que corrói a moralidade das mais cultas nações européias – o divórcio – o mais nefando dos ultrajes atirado à face da mulher, que é única a ser prejudicada Não tenho um anatema bastante veemente para repudiar tamando atentado aos bons costumes e à dignidade feminina! Pode “a moral utilitária, a aceitação científica da luta pela existência, o extermínio fatal dos fracos, o ideal do realismo do gozo, tudo isso pode em certos dias justificar-se ante a lógica fria. Mas, para confundir todas essas teorias denominadas positivas, basta a presença de um ser fraco, como sóe ser a mulher”. “A sua fraqueza é uma força de que os fortes carecem”; portanto, utilitários, profetas do nada, vos concito a depor as armas... Elas só poderiam reinar bem na época da ignorância e da barbaria.



Enfim, se mede a distinção de uma sociedade pelo respeito que se tem à mulher. Neste tocante, me orgulho de ser cearense. Não precisa mais acatamento respeitoso à mulher do que geralmente se observa nesta estremecida “terra do sol”...

Termino este ponto demonstrando, pelo que disse, que o papel da mulher na sociedade é **moralizador**, porque espalha uma atmosfera de respeito. **Civilizador**, porque, pela sua delicadeza inata, carece de maneiras mais afáveis, mais suavidade de costumes, forma, enfim, pela sua doçura, pelo amor, pela sua graça, um ambiente encantador, saturado de harmonias e de paz.

- Não é menos nobre a ação da mulher como crente. A caridade – sentimento essencialmente espiritual, explorado pelas religiões – encontra na mulher, cujo coração é aberto inteiramente ao amor, o melhor campo de abnegação.

Foi o amor – a caridade divina – que transformou o coração volutuoso de um Madalena numa alma de predestinada. Só os ímpios vêm, profanando todo o misticismo de sua religiosidade, o procedimento de Madalena como amor natural ao Rabbi de Nazareth.



É na grande guerra atual que vemos exemplos tão sublimes quanto tocantes de heróismo, de desinteresse. Que seria dos hospitais, dos doentes, se não minorasse os sofrimentos, se não lhes afosse o leito da dor, a piedosa mão de uma irmã de Caridade? Só elas advinham o alfabeto de uma língua só conhecida dos que gemem. Da comissura fina de seus lábios brotam eflúvios benditos de caridade, como dos roseirais desabrocham rosas, como das árvores brotam frutos!... Como uma flor de esperança colhida à borda dos abismos, suavizam os últimos momentos dos que partem para sempre... Senhores, chega a uma como apoteose a admiração que se tem a esta classe que é útil à humanidade toda.

Talvez alguns aqui conheçam esse empolgante episódio da guerra européia.

Depois de uma batalha, onde os Aliados sofreram grandes perdas, veio a ambulância para recolher os feridos. Chegando a um jovem tenente de hussares ferido mortalmente, o médico apressou-se ao curativo. O ferido extremamente pálido, com a voz débil como o sussurro de uma prece, disse que “desejaria antes uma Irmã de Caridade”. O médico chamou imediatamente uma Irmã,

recomendando-lhe o tratamento. – O jovem tenente de hussares era uma moça, e pouco depois expirava placidamente nos braços da piedosa enfermeira.

Cena, de fato, comovente, a dessas duas mulheres – cândidas vítimas – sacrificando-se uma pelo ideal augusto da filantropia. Imolada outra, no altar sacrossanto do patriotismo!

Como é bela a ação da mulher no catolicismo!

- E agora que se realiza em Sobral a primeira “Exposição Agropecuária”, graças ao esforço inteligente e ótimo de um grupo valoroso de progressistas que, antes de todo preconceito, visam o bem comum, acordando o interesse pela fonte de riquezas de nossa terra, vem a propósito lembrar como a mulher poderia incentivar o progresso da agricultura. Talvez bem poucos tenham pensado nisso.

É mais que repetido que a prosperidade do Brasil se relaciona estreitamente com a agricultura. Seja o Brasil um vasto celeiro e deixará de estar comprometida a integridade financeira do País.

Para isso é preciso que entrem na faina grandes e pequenos.

Ao contrário seria uma luta inglória. Pode parecer-nos um paradoxo dizer que a mulher muito faria pela Pátria, se se constituísse uma parcela inteligente e ativa desta plêiade de generosos obreiros do progresso.

Faz-se mister que nos convençamos que a mulher deve **ser alguma coisa**, deve ser mais que a jóia primorosa dos salões, que a delicada estatueta de porcelana – indispensável aos requintes da arte, porém inútil em se tratando do bem da coletividade.

Vemos que a sua inteligência é capaz de fazer descobertas – como o Raio – X – que pode comandar navios, dirigir aeroplanos ou cultivar os campos, como fazem atualmente na Europa, e farão aqui, se as contingências da vida as impelirem.

O calor excessivo e a aridez do solo cearense desanimam consideravelmente a marcha progressiva deste aspecto de atividade. A falta de umidade do solo é um problema de solução muito provável – seja exemplo a vasta região do Texas, onde chove menos que no Ceará, e é o celeiro dos Estados Unidos. – A mulher pode desde hoje, dispensar o seu contingente de energias neste sentido; já estudando os meios para a conservação dos legumes, já fazendo a seleção das sementes ou estimulando o trabalho com o seu interesse;

ora inculcando aos filhos o amor pela agricultura, e combatendo esse indiferentismo que geralmente se observa, em se falando de tão momentoso assunto.

Então, na horticultura ainda é mais lamentável a negligência, porquanto aqui não havia quase dificuldades a vencer e entretanto é nula sua existência entre nós.

Sabeis também que na América do Norte a mulher é um elemento poderoso e operoso na pecuária. Interessam-se em tudo o que lhes diz respeito. Auxiliam o “desleitemento”, a fabricar o queijo e a manteiga – é verdade que aplicam métodos muito mais aperfeiçoados que os nossos. Mesmo no Brasil – por exemplo, Santa Catarina – a mulher se emprega por vezes nestes misteres. E poderíamos seguir este exemplo no que tem de mais útil – administrar o fabrico dos laticínios para que haja método, cuidado e asseio, pois tudo isso é entregue exclusivamente à ignorância e ao desleixo dos nossos rudes sertanejos.

- Onde necessita uma minuciosa vigilância, ninguém excede a delicadeza de uma mulher. – É sabido que no Instituto Seroterápico de Butantã, em São Paulo, uma importante secção – a dosagem das ampolas do soro antiofídico – é confiada a uma turma de moças, nas quais o Diretor do Instituto deposita toda confiança no cuidado, na perícia incontestável, na inteligência com que desempenham este melindroso trabalho. E assim é que, em todos os campos da atividade humana, a mulher vai galgando um lugar de destaque e um posto de responsabilidades reais no tribunal supremo da opinião da humanidade.

- Como último ponto e somente de passagem, acenarei a influência benéfica da mulher na educação doméstica.

Sem dúvida alguma, o lar é o trono privilegiado da mulher! Nem todos os arroubos da eloquência humana, nem todos os europeus de vinte séculos são bastante para tecer uma coroa condigna e erguer um trono para a mulher – mãe cristã. A sua missão mais nobre é a formação de caráter aos homens do futuro.

Por sua vibratibilidade, sua inata perspicácia, a mulher foi talhada para “educadora”. E se ainda vemos falhas bastante graves, lacunas sensíveis na educação doméstica, é porque foi também deficiente, incompleta a educação recebida pela mãe.

É do lar que ela influi diretamente nos destinos da sociedade. – A intensidade da vida dos divertimentos, dos teatros, do azáfama de

querer aparecer e brilhar são, por assim dizer, uma doença da educação doméstica.

Como mãe deve viver mais para o lar.

Como o sol espalha, filtra a luz por todos os lados e na mais diminuta frinxa, ela tudo observa, prevê, zela, ameniza, ilumina enfim.

Mãe – é o anjo de abnegação, de amor, de sacrifícios sem medida; anjo de perdão, de doçura, de bondade! Como a lâmpada que se extingue em meio da escuridão da noite, –deixando a solidão e a treva – assim fica o lar quando desaparece essa forma visível da Providência Divina.

Creio que desaparece todo o egoísmo feminino quando, concentrando a torrente dos afetos no mais sublime dos amores – o amor materno – a mãe segue – coração feito de ansiedade e de esperanças – os primeiros passos vacilantes do filho pequenino.

E acompanhando o evoluir daquela alma, homem em miniatura, vai cinzelando habilmente um modelo de perfeição moral, como o escultor burila e transforma o mármore numa obra de arte.

E se vos falar da dor?! Que de prodígios não opera no coração de uma mãe, na aparência sem nenhuma resistência para o sofrimento?!

Seu olhar ausculta os menores acidentes, sua previdência defedent-os e a brandura adoça o fel das repreensões.

Pelo encanto peculiar, pelo dom de impressionar, pela delicadeza e pela expansão cativante de bondade que transborda do espírito feminino é que os tratados de pedagogia proclamam bem alto a influencia salutar e indispensável da mulher na educação das crianças.

Exmas. Senhoras, conheceis muito melhor que eu, este tema primordial. Sabeis a extensão da responsabilidade que o título glorioso de educadora acarreta em face da sociedade. Sabeis que a razão, a inteligência e não o sentimento devem ser o farol a aclarar a senda, pro vezes espinhosa, da educação doméstica, compreendeis que a criança deve ser guiada pelo raciocínio; que ela deve aceitar isto ou repelir aquilo, porque é ou não um bem; que deve ser rejeitada como errônea a correção pelo castigo físico ou pelo temor, pela repreensão sem nenhuma reserva – cousas essas que aviltam e humilham a nobreza do caráter. O único meio aceitável é a persuasão.

Nada mais belo que praticar o bem, porque só o bem deve ser praticado – porque o Bem dimana da fonte essencial de toda Justiça que é Deus.

- Srs. depois destas rápidas reflexões, feliz por ter dado meu humilde concurso a esta festa, poderei dizer como o soldado que, interrogado depois da primeira batalha, qual era a sua impressão – respondeu: “Tive medo de ter medo, mas não tive medo”.

E se me atrevi com passo tímido vir até aqui, é que confiei bastante na vossa bondade, que agora agradeço.

Srs. como cololario de tudo que há pouco tentei demonstrar, posso concluir dizendo – que na ação da mulher católica fulgura ri-sonha a esperança da Pátria e repousa a melhor salvaguarda da sociedade moderna...”

Fonte: MARTINS, 1989. Páginas 325-334.

70 - SERAFINA ROSA PONTES (1850 - 1923)

Serafina Rosa Pontes nasceu no Rio de Janeiro em 7 de outubro de 1850. Ainda criança foi abandonada pela mãe e nunca chegou a conhecer o pai, sendo adotada pelo médico cearense Francisco Alves Pontes.

Em 1870 o médico Francisco Alves Pontes desembarca em Fortaleza com toda família, como é descrito no jornal *Pedro II* de 14 de julho de 1870, na página 3.

Passageiros.— Entrados hontem dos portos do sul no vapor *Guarda*: Alferes Lourenço José Amora, Dr. Francisco Alves Pontes, sua senhora D. Rosa Felicioane Pontes e sua filha D. Serafina; criada Eulalia, Antonio e Joaquim, os sacras Angélica, Massimo e Tourinho; Eugénio Amancio da Paixão e Silva, Antonio dos Santos Castro, Alferes Ignácio da Silva Lages, Tenente Manoel Firmino da Cos-

O fato de não ter conhecido seu pai verdadeiro e de ter sido abandonada ainda criança pela mãe – uma mulher estrangeira, talvez alemã – parece ter-lhe provocado muita revolta e desencanto. Além disso, Serafina era praticamente cega, como, aliás, afirma em alguns de seus poemas.

Em 1894 publicou, em Fortaleza, uma coletânea de poesias intitulada *Livro da Alma*, que recebeu um elogioso prefácio de Francisca Clotilde. Seus poemas, escritos entre 1868 e 1894, são nitidamente românticos e revelam a fidelidade da autora à escola de sua formação. Encontramos neles versos de profunda tristeza, ao lado de alguns circunstanciais e de outros de cunho humorístico, como é caso de “Desilusão” e “Serenata”, onde, ironicamente, dessacraliza o amor. Alguns de seus poemas, como “Serenata”, “Martírios” e “Nunca mais”, foram musicados e eram cantados em serenatas na cidade de Fortaleza. Também nesse livro encontram-se as vinte e seis trovas, compostas por ocasião das festas juninas, contendo brincadeiras com pessoas de seu círculo de amizade. No poema de abertura, intitulado “Prólogo”, ela expõe suas limitações com humildade e solicita a compreensão dos leitores, como nas estrofes que cito:

*Não zombeis do meu livrinho
Que lhe tenho muito amor,
Sede com ele indulgente
Por especial favor;
Minhas pobres poesias,
Se não têm as melodias
De Castro Alves e Dias,
São repletas de candor.*

*Ditadas pela tristeza,
Pela esperança ou saudade,
Outras pela fantasia,
Pelo amor, pela amizade;
São minhas filhas queridas,
Do seio da alma nascida
Do coração produzidas
Sem preciosidade.*

Mário Linhares, em *História Literária do Ceará*, apresenta uma breve descrição da poetisa.

SERAFINA PONTES – Viveu obscuramente em Fortaleza. Quase cega e sem cultivo literário, ditava os seus versos para serem escritos pelas pessoas amigas. Estro delicado e espontâneo, o verso vinha-lhe como um gorgieio. Publicou “Livro d’ Alma” (prefaciado por F. Clotilde), que ficou lembrando seu nome.

LINHARES, 1948, Página 107.

Otacílio Colares, em *Lembrados e esquecidos*, afirma: “Não se poderá dizer que Serafina Pontes tenha sido uma expressão poética perfeita. Nem poderia assim ocorrer, sabidas as barreiras existentes para a mulher, no Brasil, de mais de um século atrás. Acrescente-se, no caso da poetisa, a meia cegueira que a acompanhou por toda a vida, o desconforto inicial para uma criança sem os zelos e carinhos dos pais e parentes próximos e valorizar-se-á a poesia de Serafina Pontes, tal qual se nos apresenta, desativada e singela, aqui e ali com versos defeituosos, mas nunca despojados do tom de sinceridade”.

Serafina Pontes faleceu em Fortaleza, solteira, em 11 de outubro de 1923, aos setenta e três anos de idade, em sua casa no bairro Jacarecanga.

Para esta Antologia, foram escolhidos alguns poemas que bem revelam seu talento e o quanto ela é merecedora de constar de um panorama da literatura produzida por mulheres do século XIX.

OBRA: *Livro da alma*, Fortaleza:[s.n], 1893.

LITTERATURA

Ovação

Ao illustre poeta cearense Augusto Xavier de Castro

*Eu, te saúdo Poeta
E te peço permissão:
Para minha pobre Lyra
Dedicar-te uma ovação.
Ella não tem melodias
Como as tuas poesias,
Bem sei, não posso imitar-te;
Mas por ti foi inspirada
A ti será consagrada
E' quanto posso offertar-te.*

*Salve! Vate Cearense
Do Brazil excelsa gloria!
Teu nome com letras d'ouro
Há de gravar-se na historia!
Teu nome augusto e bemdito
Já pertence no Infinito
Na terra não tem rival!*

Os anjos irmão te chamão
 E todos já te proclamão
 Athleta! Genio! Immortal!!

Quem pôde ouvir essas phrases
 De sublime inspiração?
 Sem amor eternecido
 Palpita o coração?
 O mavioso trinado
 Do meigo cantor alado,
 O doce aroma da flor,
 Da musica a terna harmonia
 Não tem tanta poesia,
 Não inspirão tanto amor!

Quando garboso recitas
 Tuas bellas producções:
 Em minh'alma sempre excitas
 Ineffaveis sensações.
 Que torrentes de harmonia
 Celestial ambrosia
 Emmana dos lábios teus!
 Teu estro incanta, fascina,
 A tua Lyra divina
 Foi afinada por Deus!

Tua mãe, deve orgulhar-se,
 De ver o seu filho amante
 Tão jovem, e já trilhando
 Uma senda tão brilhante!
 Cultivar tua amizade
 E' immensa felicidade
 Que me ufano de gozar;
 Como tua irmã eu digo:
 Em tua alma dá me abrigo
 Tens em meu peito um altar!

Avante! Nobre poeta!
 Trepidar, nem um instante

*Na florida arena que pisas
 Caminha, prossegue, avante!
 Has-de conquistar mil almas,
 Hás – de colher muitas palmas
 De immurchesciveis laureis:
 E subindo ao céu da gloria
 Verás a flor da Victoria
 Desabrochar a teus pés!!*

Fortaleza, agosto de 1877.

S. Rosa Pontes.

Fonte: Jornal O Cearense, 30 de Agosto de 1877 – Página 3.

GRASIELLA.

A' MINHA AMIGA ANNA L. DA GUERRA SAMICO.

*Era tão engraçadinha,
 Amavel Grasiellinha
 Tua adorada filhinha
 Era um mimo, um serafim!
 Tinha tanta intelligencia
 A par de muita innocencia
 Mas ai! a sua existênciã
 Deus bem cedo quis dar fim!*

*Hoje, em teu lar contristado
 Teu esposo angustiado
 Embalde busca o agrado
 Da amorosa Grasiella,
 E seus insontes maninhos
 Que igualmente tristininhos
 Todos sem os seus carinhos
 Perguntavam: onde está ella?*

*No céu, Dondon! Esta vida
 E' de gosos tão despida
 Que tua filha querida
 Não quis seus travos provar,
 Trocou dos paes as caricias*

*Pelas ethereas delicias
Era um anjo, elas divicias
De Deus voou a gosar!*

21-Março – 1888 SERAFINA R. PONTES –

Fonte: Jornal Pedro II–Data: 29/03/1888 – Página: 2.

A' JANE DAVY

*Minh'alma expansiva
Conversa com a tua
Nas noutes serenas
Nas ledas manhãs,
Murmura teu nome
Dizendo: Querida
Já somos amigas
Sejamos irmãs*

*Oh! Sim, nossas almas
Identificadas
No riso, no pranto
Serão sempre eguaes,
Seremos dois entes
Num só confundido
Não mais apartadas
Vivamos, não mais!*

*Servirá de exemplo
A' prosteridade
A nossa amisade
Sincera e leal
Ainda que a morte
Nos roube a existência
A nossa amisade
Será Immortal.*

S. PONTES.

Fonte: A Evolução , 20 de Dezembro de 1888 – Página 4.

TRIBUNA DO POVO

Offerta à minha amiga F. Clotilde

*Este cravo symbolisa
Amorosa inclinação,
Com elle acceita, querida,
Meu firmíssimo coração.*

*A minh'alma transbordando
De suavíssima alegria
Congratula-se contigo
Archanjo da sympathia.*

*Quisera trazer os anjos
Para te virem saudar
Em teu dia natalício,
Para mim dia sem par.*

*Até Deus se regosija
Com tua natividade,
Elle queira conceder te
Perdurável felicidade.*

19-10-1894

Serafina Pontes

Fonte: Jornal A Republica, Sabbado, 20 de outubro de 1894 – Página 3.

VERSOS

A' MINHA AMIGA F. CLOTILDE

*Não encontrei um flor
Que te possa hoje offertar,
As do jardim de minh'alma
Estão prestes a murchar,
Quando a esperança é perdida
Não se pode cultivar.*

*Quis offertar te uma jóia;
Porem faltou-me o dinheiro,
Quando este não existe*

*Não há praser verdadeiro
Esperemos para o anno
Se me for mais lisongeiro.*

*Faço votos ao Altíssimo
Por tua felicidade
Desejo que sempre goses
Saúde e prosperidade;
Deus te prolongues a existência
A bem de nossa amisade*

19-10-1895

SERAFINA PONTES

Fonte: Jornal A República – Terça-feira, 22 de outubro de 1895 – Capa.

JOIA

A' minha idolatrada amiga F. Clotilde

*De uma jóia preciosa
O bom Deus me fez presente,
No escriptorio de minh'alma
Ficará eternamente.*

*Me préza de possuir
Esta preciosidade,
Ella é querida amiga
Tua perfeita amisade.*

*Portanto deixar não posso
De saudar-te neste dia –
Dezenove de outubro
Que me aduz nímia alegria.*

*Que muito se reproduza
Esta data refulgente,
Tua verdadeira amiga
Deseja sinceramente.*

Fort. – 19 – Outubro – 1905.

Serafina Pontes

Fonte: Jornal do Ceará – Data: 20/10/1905 – Página 03.

EXCERTOS

*Foi no Rio de Janeiro
 Ia o século em meio então
 Era em casa de um viúvo,
 Creio que tabelião..
 Uma donzela estrangeira
 Fora ser a companheira
 De três crianças gentis;
 E o pai dessas crianças
 Com falazes esperanças
 Dela fez uma infeliz.*

*Um dia a desventurosa
 Sentiu que estava pejada.
 Sem saber o que fizesse,
 Ficou tão envergonhada
 Que deixou a residência
 Onde perdera a inocência,
 Maldizendo a sua sina.
 Andou por casas estranhas
 Sofrendo dores tamanhas
 Té que teve uma menina.*

*Ai! Pobre desgraçadinha,
 Melhor lhe fora morrer.
 Para que viera ao mundo
 Pra tantas dores sofrer?
 Logo aos três meses de idade
 Sua mãe, sem piedade,*

*Dela separou-se...Ai!
 E assim desventurada
 Bem distante foi criada
 De seus irmãos, mãe e pai.
 Depois, uma enfermidade
 Fê-la cega, coitadinha!
 Oh! Quantos padecimentos
 Para uma inocentinha,*

*Sem conhecer seus parentes,
Sem vê-los, queridos entes,
Que lhe serviam de pais;
Sem poder aprender nada,
Ah! Que vida malfadada,
É padecer por demais!*

*Mais tarde recuperou
A vista, mas imperfeita.
Teve uma infância bem lúgubre,
Foi uma vítima perfeita!
A menina sofredora
É desses versos autora,
Sou eu, senhores, sou eu.
Não gozei da mocidade
Nem uma só felicidade.
Foi bem triste o fado meu!*

*Hoje, por minha desgraça,
Inda vegeto no mundo,
Sem conhecer meus parentes,
Ah! Que desgosto profundo!
Meu pai adotivo é morto,
Minha mãe, já sem conforto,
Geme no leito de dor.
Eu, infeliz, sem recurso,
Ao triste pranto dou curso.
Meu Deus, valei-me Senhor!*

Fonte: MUZART, 2000. Páginas 457, 458.

CONFIDÊNCIA

*Vem cá, minha companheira,
Vem triste e mimosa flor,
Se tens da saudade o nome,
Da saudade eu tenho a dor.*

*Vem cá, flor, que de minha alma
És a cópia verdadeira,*

S

*Vem acalmar o meu pranto,
Vem cá, minha companheira.*

*Como tu, eu também sinto
Da saudade o amargor,
Vem ser minha confidente,
Vem, triste e mimosa flor.*

*Vem cá, oh! mesta florinha,
Que meu coração consome,
Vem minorar minhas mágoas,
Se tens da saudade o nome,*

*Tu és, oh! Roxa saudade,
Emblema do meu amor,
De um anjo a quem idolatro
Da saudade eu tenho a dor.*

Fonte: MUZART, 2000, Página 459.

O MEU VIVER

*Não vês no bosque a rolinha
A lamentar tão tristinha
O esposo que perdeu?
Foi feliz, gozou ventura,
Porém logo a desventura
Sua dita esvaeceu.*

*Não vês na roseira a rosa
Cheia de viço, garbosa,
Doce aroma a exalar?
Mas o rígido furacão
A rosa pendendo ao chão,
Fá-la de chofre murchar.*

*Não vês Diana formosa,
Tão pura, tão radiosa,
Como se ostenta no céu?
Mas uma nuvem escura*

*De inexplicável tristura
Vem ocultá-la em seu véu.*

*Como a rola, como a rosa,
Como Diana formosa
Assim é o meu viver.
Eu também fui aditada,
Fui assaz afortunada,
Mas hoje vivo a sofrer!*

Fonte: MUZART, 2000, Página 460.

NA VÉSPERA DA PARTIDA

*Cumprir vou a minha sorte,
Vou pro Norte,
Vou deixar a minha terra,
Vou viver longe dos meus,
Oh! Meu Deus,
Quanta dor meu peito encerra!*

*Vou partir, meu bem amado,
Pois o fado
Desumano assim o quis.
Vou viver fora daqui,
Longe de ti,
Vou ser muitíssimo infeliz!*

*Quer o meu fatal destino,
Tão ferino,
Que eu viva de ti ausente,
Mas, inda mesmo distante
Eu constante
Hei de amar-te eternamente.*

*Adeus, ah! Terra querida,
Minha vida!
Adeus, caros irmãos meus!
Adeus, meu anjo adorado,*

Idolatrado!

Minhas amigas, adeus!

Rio de Janeiro, julho, 1870

Fonte: MUZART, 2000, Página 461.

À MEMÓRIA DE MEU PAI ADOTIVO, DR. FRANCISCO A. PONTES

Venerando ancião, que nesta vida

Me serviste de pai, tão satisfeito,

Ai de mim! Quanta falta me tens feito.

Sem teu arrimo, onde encontrar guarida?

Tua memória sempre estremecida

È por mim que conservo neste peito,

Indelével e santo amor perfeito

Filial que te votei, alma querida.

Infeliz de quem só a vida trilha,

Embora não se afaste da verdade.

Sem ter um protetor, quem é que brilha?

Repousa em paz, meu pai, na eternidade,

Intercede ao Senhor por tua filha

Que se definha vítima da saudade.

Fonte: MUZART, 2000, Página 462.

NUNCA MAIS

Nunca mais é a frase sinistra

Que se diz em momentos fatais.

Quando o peito transborda de dor,

Entre prantos se diz: nunca mais!

Nunca mais, diz o triste orfãozinho

Lamentando a memória dos pais.

Tantos mimos, carícias tão ternas

Nunca mais gozarei, nunca mais!

S

*Nunca mais, diz a aflita viúva
Entre dores, soluços e ais.
Ai de mim! Meu esposo querido
Nunca mais hei de ver, nunca mais!*

*Nunca mais diz a virgem traída
Nas promessas que crera leais.
Em palavras fingidas dos homens
Nunca mais hei de crer, nunca mais!*

Fonte: MUZART, 2000, Página 463.

DESILUSÃO

*Desculpa, jovem, se de amar-te deixo.
Já não em queixo de meu triste azar.
Não compreendeste meu amor tão terno,
Vai pro inferno; não te quero amar.*

*Vi-te tão ledado, tão cheio de agrado,
Gesto engraçado, provocante olhar,
Ingênua amei-te por te crer um anjo,
Ès um marmanjo não te quero amar.*

*Teu riso é falso, tua voz fingida,
Desiludida posso assim falar.
Tive a loucura de te dar um riso,
Criei juízo, não te quero amar.*

Fonte: MUZART, 2000, Página 464.

APARTAMENTO

*Partiste! Só me deixaste,
Sem de mim ter compaixão.
Foi-se contigo minha alma,
Minha vida e coração.
Vou morrer, pois já não posso
Suportar tanta aflição!
Sem ver-te, sem escutar-te*

*Que alegria posso ter?
 Se tu és a minha vida,
 Sem ti não quero viver.
 Vem moderar minhas mágoas,
 Tem pena do meu sofrer.
 Se tu não vens, brevemente
 Saberás meu triste fim.
 Sem ti o mundo é deserto,
 Não posso viver assim,
 Infeliz! Tu não me amas,
 Nem sequer tens dó de mim!*

Fonte: MUZART, 2000, Página 465.

DESENCANTO

*Como a florinha que pendida ao lago
 Morre arrojada pelo Alquilão,
 Assim meu peito pela dor magoado.
 Morre aos embates de uma edaz paixão.*

*Qual tenra planta que fenece à míngua
 Da gota d'água que lhe dê vigor,
 Assim minha alma sem alento morre
 Carpindo a falta do teu doce amor.*

Fonte: MUZART, 2000, Página 466.

ABOLICIONISTA

*Meu Deus, concedei-me vida
 Pra ter a satisfação
 De ver no Brasil extinta
 A nódoa da escravidão.
 E tu, oh! Escravocrata,
 Deixa de trocar por prata
 O teu inditoso irmão!*

*Deus quer a fraternidade.
Termina a desigualdade
Na brasileira nação!*

Fonte: MUZART, 2000, Página 467.

AO SOM DA FLAUTA

*Porque motivo
A poetisa
Não concretiza
Seu ideal?
Qual do poeta
Seu mesto fado
É desditado,
Sorte fatal!*

*Ela ama tanto,
Mas, coitadinha,
Vive sozinha
A idiliar;
Não há quem saiba
Devidamente
Sua alma ardente
Apreciar.*

*No entretanto
A minha lira
Geme e suspira,
Ai! sem cessar!
Amo deveras
A poesia,
Ela alivia
O meu penar.*

*Sincera amiga,
Oh! Poesia,
És minha guia,
Meu doce amor.*

*Eu te prometo
Jamais deixar-te
Sempre adorar-te
Com nimio ardor.*

20 de novembro de 1892.

Fonte: MUZART, 2000, Página 468.

71 - ÚRSULA GARCIA
(ÚRSULA BARROS DE AMORIM GARCIA) (1864-1905)



Fonte: TV BRASIL – Letras &
Memória-Úrsula Garcia

Úrsula da Costa Barros Amorim Garcia nasceu em Aracati a 3 de março de 1864, filha do Dr. Francisco Amintas da Costa Barros, figura em evidência na magistratura e na política local, e de D. Rita Garcia da Costa Barros, sendo sobrinha bisneta de Pedro da Costa Barros, primeiro Presidente da Província do Ceará (1824), e prima do historiador Rodolfo Garcia. Casou-se com seu primo Dr. José Alexandre de Amorim Garcia, indo residir no Recife. Ficou viúva em 1890. Entregou-se à literatura como lenitivo à sua mágoa.

Era poeta, cronista, ensaísta e a primeira mulher nordestina a fazer jornalismo político. Entre tantos papéis e cargos que ocupou, foi membro da Liga Feminina do Ceará, do “Le monde Marche” e da Oficina Literária Martins Júnior.

Em 1902 fundou, juntamente com Amélia Bevilacqüa, a Revista feminina *O Lyrio*, divulgando prosas e versos. Colaborou em diversas publicações: *Gazeta do Café*, *A Província*, *Potiguarania*, *Almanaque de Pernambuco*, *O Phanal de Jaboaão*, *Vitória de Santo Antão* e *o prélio de Natal*. Publicou, em 1901, *O Livro de Bella* (poesias).

O LYRIO



Revista Mensal

REDACTORA-CHefe — *Amélia de Freitas Bevilacqua*,
 REDACTORA-SECRETARIA — *Úrsula Garcia*,
 REDACTORAS — *Ira, Maria Augusta Freire, Edwiges Sá Pereira,*
Luiza Ramalho e Adalgisa Ribeiro.



AO ANIVERSÁRIO D'O LYRIO



D. Amélia de Freitas Bevilacqua
 (Pintado)

7 recordável coisa, eis o meu martyrio
 De registar o inferno no tecto da primavera:
 Tendo quebrar num sopro as azas da chimera
 E criar no meu gélido as praias do Lyrio.

Sonhos, sonhos d'amor que-lhe ensalei do Euzépio
 A fugaste de zona toda a verdade austera:
 Voltaste ao conceito, disse-lhe que inda separa
 Os encafos de outra, o pristino delírio...

Mas, não! Resuscite, volta coragen leda,
 Cívico creador da Invençidade forte,
 Que me tornes, florido os estyros de seda!

E a alma da Mulher quem de affa a morte
 E do Vão no mar sem trillo sem varada,
 Qual bussola segura, aponta a Laza e o Norte!

Recife, 28 de Outubro de 1903.

CARLOS PORTO CARREIRO.

AO LYRIO

Sinto-me ufana ao fazer venia ao
 nascute *Lyrio*, innocente flor!
 Confiada á debil vigilancia da Mu-
 lher!
 Sinto-me ufana ao ser escolhida para
 regnar-lhe tambem o seu precioso solo;
 saudando-o, deposito-lhe uma gotta de
 orvalho.

THEODORA RODRIGUES.

Correspondente na Gloria do Goytá.



D. Úrsula Garcia

(Coord)

Na obra *História Literária do Ceará*, Mário Linhares faz uma descrição da nobre poetisa.

ÚRSULA GARCIA (1864-1905) – Era filha do Dr. Francisco Amintas da Costa Barros e D. Rita da Costa Barros e sobrinha-bisneta de Pedro José da Costa Barros, o 1º Presidente do Ceará. Em criança, mudou-se para o Rio Grande do Norte, acompanhando o pai, que foi magistrado alguns anos; e tendo-se casado em 1890, com seu primo Dr. José Alexandre de Amorim Garcia, transferiu-se para Recife. Ali, fundou em 1902 a revista mensal “Lírio”, de grande atuação naquele importante centro cultural.

Como poetisa, Úrsula Garcia deixou vultuoso número de poesias publicadas em revistas e jornais, nas quais ressalta um suave sentimento lírico, uma requintada delicadeza de coração.

LINHARES, Mário. *História literária do Ceará*. Rio de Janeiro: Fundação das Academias de Letras do Brasil, 1948. Página 106.

U

Deixou numerosas cartas. Em dias de 1905 foi atacada de varíola, tendo falecido no dia 26 de julho de 1905, no Recife, na casa 82 da Rua da Glória, sendo sepultada no Cemitério de Santo Amaro.

*“Tudo passa nesta terra
Neste mundo de ilusão
Vai para o céu a fumaça
Fica na terra o carvão.”*

*“Quando sorris, parece
Que de minha alma o tenebroso véu
Que a dor teceu e não desfez a prece
Se adelgaça e sutil desaparece
Teu riso vem do céu!*

*Alheias alegrias
O teu sorriso amargo assim corrói
Qual veneno cruel! Tais agonias
Traduz – não choras? Pois também não rias!
Teu riso dói!”*

BELA!

*Quando nasceu, o sono seu primeiro
Nos meus braços dormiu, rosada e quente,
E deitando-a no berço levemente,
Velei-lhe ainda o ressonar ligeiro.*

*De sua mãe ao colo o derradeiro
Dormiu, tão pálida e tão fria,
Que uma Virgem de Lourdes parecia
Entre os ramos em flor do sabugueiro.*

*E ela deitou-a morta – ai! coração!
Num leito de cetim – o seu caixão,
Que inundara de lágrimas e flores!*

*Velou-lhe o último sono! Dor suprema!
Longe... e eu não tive essa ventura extrema!
Nem podemos unir as nossas dores!*

Fonte: Mulheres do Brasil Pensamento e Ação – 2º Volume – 1971 – Pág. 503
Diccionario bio-bibliographico Cearense – volume terceiro – Barão de Studart.

A VIDA

*A vida é um sonho. Há sonhos deliciosos:
E o tempo alegre e com deleite passa.
Passa, porém, não volta, e os doces gosos
Se desfazem ao sopro da desgraça.*

*A vida é um sonho. Há sonhos horrorosos:
Causticante martyrio que espedaça
O coração em haustos dolorosos,
Passa também: — na vida tudo passa.*

*É um sonho a existência. Há lindos sonhos,
e há pesadelos horridos, medonhos!...
Oh! nunca um dia se repete igual!*

*Tudo muda, desfaz-se, tudo cança...
Como eterna só temos a esperança —
E sem tréguas em lucta — o bem e o mal.*

Úrsula Garcia

Da Revista: O Lyrio nº 2, 10 de dezembro de 1902, Recife/PE – Página 5.

FLOR EM BOTÃO

(FRAGMENTOS D'UMA CARTA)

À Maria Euphrasia

Queres saber como ella morreu?

*Não pude responder-te logo, mas procurarei referir tudo agora.
N'aquelles primeiros dias, eu só perguntava à mim mesma – como
foi possível que ella morresse?!*

*Sabes – eu d'antes gostava immensamente de ter, mergulhada a
haste na água d'um jarrinho, um botão de rosa; achava tão linda
a flor assim! O seu perfume me era mais agradável, a sua belleza
mais tocante. Quando o mimoso botõesinho seccava, substituí-a-o
por outro; mas nunca me ocorreu associar alguma idéia de vivo,
de humano, à pequenina flor.*

*Depois que ella morreu... será sem duvida uma puerilidade, por-
rem nunca mais quis possuir um botão de rosa!*

*E quando me dão uma flor assim, admiro-a, mas entristeço... É
fácil comprehenderes-me.*

*Olha, — uma vez, — fallava-se diante de mim na transformação que
muitas vezes se opera nas feições de uma menina quando se torna
moça, citando alguém as delicadas phrases de José de Alencar nas
primeiras páginas do seu admirável romance “Diva”; lembraram
também o dito popular: “de menina feia mulher bonita” e vice-ver-
sa. Apontaram-se não raros exemplos de meninas lindíssimas que
se tinham mudado moças pouco interessantes (porque convencio-
nalmente, não há moça feia; são feias somente as velhas...)*

Bella era linda, encantadora!

Houve então quem dissesse: -

“Quem sabe se ella se conservará bonita?” E eu protestei:

*“Oh!... Essa é um verdadeiro botão de rosa. Há de dar razão à J.
de Alencar: passará de botão à flor, simplesmente!”*

*Refiro-te isto agora para que me comprehendas melhor. Desde
então um botão de rosa me fazia lembrar aquelle anjo...*

*E esse botão, vês tu, não estiolou murchando até seccar; não fene-
ceu lentamente desbotando... não!*

*Conservou o mesmo viço e esplendoroso encanto até o derradeiro
instante. Bruscamente quebrado e precipitado no fundo d’um
sepulchro, era bello sempre...*

O’ meu adorável botão de rosa!

*Foi assim que ella morreu... e que eu nunca mais pude ver, sem
um doloroso confranger do coração, que mão alheia e descuidosa
colhesse e cortasse do galho uma flor em botão...*

URSULA GARCIA.

Fonte: O Lyrio, Recife, 10 de Dezembro de 1902 – Página 3.

A UMA JOVEM

*Tu nunca viste a flôr desabrochando
Da meiga brisa ao matinal affago?
Nunca fitaste o claro azul d'um lago
Fresco, macio, transparente, brando?*

*Pois bem: a flor é teu retrato. E quando
Pousa em teus labios um sorriso vago,
Teus olhos tem a limpidez do lago
E uma alma presa vai alli boiando.*

*Eu sei os sonhos que à scismar perscructas,
Sei os mysterios de adoraveis luctas
Que o teu formoso coração alteram...*

*Crê no futuro: Deus protege as flores.
Deus abençôa os juvenis amores,
E as almas fortes que soffrendo esperam.*

16-Março – 1903.

URSULA GARCIA

Fonte: O Lyrio, Recife, 05 de Maio de 1903 – Página 5, 6.

UMA LEMBRANÇA

*Eu quis levá-la ao cemitério, um dia,
Mas em casa disseram: “Tão criança!”
“É tão longe! É tão triste!” Eu insistia:
- Não sabe o que é tristeza, ela, e nem cansa!*

*A manhã é tão linda, o sol radia.
O ar tão puro, e é a brisa fresca e mansa...
É um passeio no campo. Não faria
Mal algum visitar quem lá descansa....*

*E eu pensava:–“É melhor ir caminhando
Com seus pezinhos, rindo, conversando,
Voltar a cor das rosas que levou...”*

*Não foi comigo... mas lá foi levada
 Numa manhã de sol... – muda, gelada,
 Lívida, inerte.....E nunca mais voltou!*

Fonte: VICTOR, Hugo. Sonetos Cearenses. UFC. Casa de José de Alencar – 2ª Edição. Fortaleza/CE, 1997. Página 195.

EPOCHAS D'UMA EXISTENCIA

*Um livro antigo achei, qual se perdido
 N'alguma antiga e abandonada igreja
 Precioso missal fosse esquecido;
 N'elle parece que um mysterio adeja.
 Penso que foi um livro mui querido,
 Mas cujo dono a morte arrebatasse.
 E o triste à solidão do pó, no olvido.
 Annos inteiros por alli ficasse.*

*Era este livro um album envelhecido,
 Um simples album de photographias;
 O perpassar do tempo já volvido
 Veio tornar-lhe as cores mais sombrias.
 Ninguem se importa mais que o livro seja
 Folheado, revisto... Quantos dias
 Essas folhas a luz do sol não beija!
 Pobres folhas colladas! Eu abri-as.*

*D'uma creança eis o retrato. A face
 Risonha, rechonchuda, petulante...
 - Se uma esperança viva se encarnasse
 Tinha esse rosto alegre e irradiante
 Como é feliz! Que sonho indefinido
 Enche de luz o riso que roreja
 Seu labio em flor... seu labio que o gemido
 Não pressente, e só jubilos poreja.
 Eil-a crescida: o seu sorrir fugace
 Reflecte o goso que o viver festeja,
 De quem venturas e prazer sonhasse,
 Na rosea idade que a illusão corteja.*

U

*Confiante, animosa, qual se erguido
 Altar de offerendas seu porvir pensasse,
 E de flores viçosas um tecido
 Julgasse o trilho em que garbosa andasse.
 Outro retrato. E' moça: o olhar perdido
 N'um sonho apaixonado inda sorri.
 Como ella crê no seu porvir querido!
 Como ella espera ser feliz aqui!
 (Aqui, na terra?!) Neste mundo, almeja
 Achar um ninho para o seu amor?...
 Dil-o seu rosto e seu olhar. Deseja
 Viver ditosa, triumphar da dor!*

*Volto a folha. É a mesma: enternecido
 Seu olhar diz viver n'um paraíso;
 Não é formosa, entanto, embellecido
 Pela ventura, encanta o seu sorriso.
 Como é gentil! Quanta illusão volte já
 No azul do céu das suas phantasias!
 Será verdade que possível seja
 Haver um fim a tantas alegrias?!*

*Outra folha. Que rosto estarecido
 De angustia, de terror, de dor sem nome!
 Que feições cadavéricas! Sumido
 O olhar sem luz! Parece morta à fome!
 Que triste véo sinistro alli negreja!
 É possível que assim se transformasse?
 De dor pressinto que seu peito arqueja
 E um pranto amargo desbotou-lhe a face.*

*Porque passar além? Não heis já lido
 De sua história o acerbo desenlace?
 Se inda existe o retrato presumido
 È como o de um cadáver que esfriasse..
 Não volto a folha! Pouco mais sobeja...
 Depois do desespero, há desconforto,
 Depois do mar sinistro que esbraveja,
 Escuro lago, estagnado e morto!*

U

*Se um busto em fino mármore esculpido
Súbito golpe rude esmigalhasse,
Mesmo no lôdo há tempos escondido
Onde a sorte maldita o mergulhasse,
Pode as vezes brilhar, se algum fugido
Raio de sol sobre elle inda lampeja,
Quando a chuva o lavar, assim partido,
O que foi, semelhar que ainda seja.*

*Mas se algum curioso irreflectido
Fôr perscrutar no fundo a vasa escura,
Verá despedaçado e ennegrecido
Esse resto de marmor que fulgura.
Deixai! Deixai-o em paz alli no olvido.
Contentai-vos do pouco que se veja...
Assim, á dor que dorme, o rir trazido
N'um sonho passageiro, é que a bafeja.*



*Eis a historia do livro envelhecido:
Quem seria o seu dono? Se fallasse
Diria o quanto fora estemecido...
Talvez até thesouros encerrasse!
Porém tudo acabou! Nem mais viceja
Florido ramo em tronco carcomido...
E o sol se manda um raio à velha igreja
È um raio frio, pallido, perdido!*

URSULA GARCIA

Fonte: O Lyrio, Recife, Novembro e Dezembro de 1903 - Páginas 10 e 11.

A DOR

Á D. Amelia Bevilacqua

E como o pequenito chorava sempre, dolorosamente, e repellira já impaciente os remedios que a mãe solicita lhe applicava, repetindo entre soluços: “Só queria que me passasse esta dor!” – ella o tomou nos braços e poz-se a acalentar-o n'uma cadeira de balanço, apoiando-lhe a face, do lado onde doía o dentinho, no seu hombro quente de estôfo negro que vestia.

Elle se deixava acariciar, supplicando sempre: “Só queria que me passasse esta dor!”

E esta phrase, irreflectidamente repetida, como um estribilho de innocencia e soffrimento, trouxe-lhe então à memoria uma das scenas passadas na sua curta vida feliz – tão cedo extincta! – quando um dia, aquelle que tinha levado para sempre d’este mundo a sua ventura, accommettido d’um accesso de nevralgia, soffrera algumas horas o que essa creança soffria alli nos seus braços...

Tambem elle se lhe apoiara ao hombro, e encostada a face dolorida ao calor da sua carne palpitante, então velada apenas pela rendada cambraia d’um penteador caseiro, murmurava infantilmente esse mesmo queixume.

Pareceu-lhe ouvil-o de novo, e, como n’um sonho, a misera arrastada por um impulso inexplicavel, para melhor reviver a sua recordação, ageitou docemente a cabecinha amarelada do pequeno, e devagariinho, muito brandamente, com uma suavidade sem igual começou a beijar muitas vezes sem conta aquella face contrahida pela dor. E aquella chuva de beijos, tão macia, tão ineffavelmente dados, foi como um calmante poderoso e magico:—a creança quietou-se, cessou de chorar e murmurava em voz de seu estribilho queixoso:

“Mais!... mais!... vai passando!... vai passando!...”

Ella beijava-o sempre, roçando subtilmente os labios tremulos no rostinho que já lhe sorria agradecido, sem dar conta do tempo que corria, e revendo n’aquelle olhar infantil e grato um outro olhar que a fitara tambem amoroso e reconhecido há tanto tempo!...

Quando a amiga, tendo nos braços o filhinho mais novo, se aproxima d’ella indagando se o pequeno aliviara ou dormia, foi elle mesmo quem respondeu:

“Passou a dor... estou tão bem assim!...”

E as lagrimas irromperam então impetuosamente dos olhos da infeliz, porque até essa mesma phrase ella a ouvira tambem d’ uns labios adorados, que a morte resfriara um dia...

A amiga a contemplava penalizada e admirada ao mesmo tempo; ella fez signal de que a deixasse, e vio ir depositar no berço

U

*proximo o outro pequenino adormecido. Então uma nova dor,
uma especie de inveja, mordeu-a no intimo do coração.*

Essa mãe, essa esposa, era feliz! Tinha tudo! E ella só tinha momentaneamente o reviver d' uma recordação – na doçura amarga d' aquella saudade, nas magoas voluptuosas d' aquella reminiscencia que uma creança tão inconscientemente acordára!

URSULA GARGIA

Fonte: O Lyrio, Recife, 5 de Novembro de 1902 – Páginas 5 e 6.

AS DUAS IRMÃS À FLORISA E A DORIA BEVILAQUA

*Uma é loura, serena, graciosa
Tudo n'ella é suave, repousado,
O velludo da face cor de rosa,
O riso meigo, o gesto delicado.*

*Outra morena, esplendida e airosa
Opulento cabello negro, ondeado,
Tudo n'ella reflecte a luz radiosa,
D'um espirito vivaz e aprimorado.*

*Rosa vermelha, entre-fechada ainda,
Rosa branca mimosa....Qual mais linda?
E' problema talvez sem solução.*

*Uma attráe, mas seduz a outra tanto!
Qual a que tem mais poderoso encanto?
De qual será mais forte a sedução?*

21-2-903.

Úrsula Garcia

Fonte: A Provincia (Recife) – Sábado, 21 de Fevereiro de 1903 – Capa.

MADRIGAL POR GRACEJO (Ao 19 de julho)

*Maria:
No teu anniversario natalicio
Eu não direi que os passaros cantavam,*

U

*Nem que as flores sorriam como indicio
De que a irmã festejavam,
Nem que o brilho de sol mais fulgurante
Se ostentou n'esse dia,
Nem que a aurora surgiu mais radiante,
Nada disso, Maria.
Eu te direi, pois sei que aves e flores
E astros inda não têm
Aos teus olhos mais bellos esplendores
Que aquelles que tão dulcidos te vêm
Dos risos infantis dos teus filhinhos,
Que o affectuoso olhar
D'esses entes que gosam teus carinhos
E vivem a te amar.
Rasga, pois, este insulse madrigal;
Não o conserves, não;
Guarda só na lembrança esta leal
Grata e pura affeição.
Que te offereço, em ares de gracejo
As linhas desiguaes – que versos, não!...
E paga-as com um beijo...*

Recife, 19-7-1904.

URSULA GARCIA

Fonte: A Província (Recife) – Sábado, 23 de Julho de 1904 – Capa.

No âmbito nacional seu nome é citado no *Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado – Volume III*, de Raimundo de Menezes.

GARCIA (URSULA da Costa Barros Amorim) – N. em Aracari (CE), a 3 de março de 1864, filha do Dr. Francisco Amintas da Costa Barros, figura em evidência na magistratura e na política local, e D. Rita Garcia da Costa Barros, sendo sobrinha bisneta de Pedro da Costa Barros, primeiro presidente da Província do Ceará (1824), e prima do historiador Rodolfo Garcia; Fêz os seus primeiros estudos com o seu pai. Havendo acompanhado o genitor, então nomeado juiz de Direito no Rio Grande do Norte, e ali terminou a sua instrução secundária. Em 1887, muito jovem, se casou com seu primo, Dr. José Alexandre de Amorim Garcia indo residir em Recife (PE). Ficou viúva, em 1890. Entregou-se à literatura como um lenitivo á

sua mágoa. Em 1902, fundou, juntamente com a escritora Amélia de Freitas Beviláqua, esposa de Clóvis Beviláqua a revista *O Lírio*, que circulou durante algum tempo, no Recife, e em que publicou trabalhos em prosa e verso. Escreveu contos e poesias. Deixou numerosas cartas. Em dias de julho de 1905, foi atacada de varíola, tendo falecido no dia 16, no Recife (PE), na casa n° 82, da Rua da Glória, sendo sepultada o Cemitério de Santo Amaro.

Crítica: “Úrsula foi um espírito tranqüilo e doce, o exemplo das môças prendadas de outrora. Escreveu muito, mas sua produção está esparsa e ignorada. Diversos artigos de política regional divulgados sem assinatura eram dados como pertencendo aos jornalista do tempo, tal a graça do remoque, a delicadeza do estilo, a finura dos reparos e a fôrça convincente da argumentação poderosa. Seu ambiente doméstico tranqüilo, tépido, dissipou-se na morte do marido; Úrsula ficou duplamente viúva, de corpo e coragem, e clipsou-se do movimento literário do nordete. Foi uma renúncia amargurada a que ela se determinou” (Luís da Câmara Cascudo).

Bibliografia: Livro de Bela, Recife, 1901.

Fonte: MENEZES, 1969, Página 570.

D. URSULA GARCIA

Hontem á 1 hora da madrugada, fallecen na rua da Gloria n. 82, sua residencia, a exma. sra. d. Ursula de Barros Amorim Garcia, uma das mais distinctas litteratas brasileiras.

D. Ursula Garcia que foi victima de varíolas, era natural de Aracaty, filha do dr. Amyntas da Costa Barros e viuva do dr. Francisco Alexandre de Amorim Garcia.

Estava no Recife a cerca de quatro annos viada de Natal, para onde fora levada aos oito annos de idade.

Dedicando-se com amor á litteratura a inolvidavel senhora deixa varios escriptos em prosa e verso, bem apreciados, tendo dado principio a um livro de contos denominado *Livro de Bela*.

Seus trabalhos lhe haviam graugeado uma reputação honrosa e merecida, assignalando-lhe um logar distincto entre nossos escriptores.

Foi sepultada hontem ás 11 horas da manhã, no cemiterio publico de Santo Amaro. A' sua exma. familia enviamos condolencias.

Fonte: A Provincia (Recife) – Quinta-Feira – 27 de Julho de 1905 – Capa.

Dados incorretos divulgados nas obras pesquisadas

1. Na obra *Coletânea de Poetas Cearenses* de Augusto Linhares, publicada no Rio de Janeiro pela Editora Minerva Ltda em 1952, está incorreta a data de nascimento da escritora Henriqueta Galeno. Na página 263. “*Henriqueta Galeno – nasceu em Fortaleza (Ceará), em Fevereiro de 1912*”.

A informação correta da data de nascimento da escritora Henriqueta Galeno é a seguinte: “*A escritora Henriqueta Galeno nasceu em Fortaleza no dia 23 de fevereiro de 1887 e faleceu em 10 de setembro de 1964.*”

Fonte: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX – Vol. II: antologia / organização*, Florianópolis, SC, Brasil : Editora mulheres. 2004

2. Na obra *Poetas esquecidos* de Mário Linhares publicada no Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti – Editores, 1938, está incorreta a data de falecimento da musicista Branca Bilhar. “*Branca Bilhar morreu em 22 de Dezembro de 1929*”.

A informação correta é: Branca Bilhar morreu em 22 de Dezembro de 1928, conforme noticiado no *Jornal Correio da Manhã (RJ)* de 23 de Dezembro de 1928 na página 8.

“*Branca Bilhar faleceu hontem a noite, na Casa de saúde São Sebastião.*”

3. Na obra *História Literária do Ceará* de Mário Linhares publicado no Rio de Janeiro pela Fundação das Academias de Letras do Brasil em 1948. Na página 105 consta como livro publicado de Abigail Sampaio o livro “*Luar da Pátria*”.

“*Abigail Sampaio, por seu turno, em outros livros – “Luar de Pátria” e “Corolas de cristal”, mostrou-se poetisa de estro vibrante, tão belamente realçado num estudo de Henriqueta Galeno.*

Entretanto o nome correto da obra é “*Luar de Prata*”, como cita Adalzira Bittencourt em seu *Dicionário Bio-Bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil – 1º volume*, na página 20.

“*Luar de Prata*”, que foi muito festejado e depois traduzido e publicado em castelhano, em 1919 no Uruguai.”

4. Na obra *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras* publicada por Nelly Novaes Coelho em 2002 na página 73, é registrada a seguinte informação sobre a morte de Antonieta Sampaio Fontes.

“*Voltou anos depois para o Ceará, onde faleceu em 02.03.1961.*” A informação correta da data de falecimento da escritora está registrado nas obras relacionadas abaixo, como sendo o dia 2 de março de 1963.

NOBRE, F. Da Silva. **Cronologia da Cultura Cearense** – Publicação da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, 1988.

GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. **Dicionário de Literatura Cearense**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado, 1987.

- 24 de fevereiro, Baturité: n. Antonieta Fontes, jornalista, poetisa (Relíquias do Coração, obra póstuma, 1980; Samambaia, Gotas de Orvalho, inéditos). M. em Fortaleza, em 2 de março de 1963.

NOBRE, F. Da Silva. **Cronologia da Cultura Cearense** – Publicação da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, 1988. Página 107.

NAS TRÊS OBRAS CITADAS O NOME DA ESCRITORA APARECE GRAFADO INCORRETAMENTE. O NOME CORRETO DA ESCRITORA É ANTÔNIA SAMPAIO FONTES.

5. Na obra *Evolução da Poesia e do Romance Cearenses* de Arthur Eduardo Benevides publicada em 1976 no capítulo 5 intitulado *Poetas sem Livros Publicados*, encontramos os nomes de cinco conhecidas escritoras, são elas: Francisca Clotilde, Ana Nogueira Batista, Úrsula Garcia, Maria Facó e Ana Facó.

Realmente a poetisa Francisca Clotilde não teve nenhum livro de poesias publicado apesar da vasta obra encontrada em jornais, entretanto a escritora publicou sim livros, com por exemplo *A Divorciada* em 1902. Como o próprio autor registra na página 30.

A escritora Ana Nogueira Batista, publicou sim um livro de poesias em 1964, intitulado *Versos*.

A escritora Úrsula Garcia publicou em 1901 o livro de poesias *O Livro de Bela*, como o próprio Benevides registra na página 86, entretanto o mesmo coloca em dúvidas a publicação do livro.

Outras vezes, o livro anunciado aparece, mas como divisão de outro, como *Vas Spirituale*, de Mário Linhares, ou *Taça de Ambrosia* e *Lira de Orfeu*, de Cruz Filho, estes últimos surgidos realmente em 1949, como parte do livro *Poesia*.

Além disso, não sabemos se *O Livro de Bela*, de Úrsula Garcia, publicado no Recife, em 1901, é de poesia.

De qualquer forma, fazemos o registro, até como inventivo para pesquisas sobre o assunto.

BENEVIDES, Artur Eduardo. **Evolução da Poesia e do Romance Cearenses**. Fortaleza / CE, 1976. Página 86

A poetisa Ana Facó teve suas poesias publicadas em livro, intitulado, *Poesias* (Obra Posthuma) de 1937.

6. Na obra *Mulheres do Brasil*, volume 3 a informação sobre a data de nascimento da escritora Estefânia Gaspar Bezerra de Menezes está incorreta. Segundo o estudo “*ESTEFANIA GASPAR BEZERRA DE MENEZES, filha de João Gaspar de Oliveira e Ana Leite Gaspar de Oliveira, nascida em Quixadá, no dia 21 de abril de 1907.*”

A data correta consta em dois estudos, no *Dicionário da Literatura Cearense* de Raimundo Girão na Página 160 e na *Cronologia da Cultura Cearense* de F. Silva Nobre na Pág. 147.

ESTEFANIA GASPAR BEZERRA DE MENEZES Nasceu no dia 20 de Novembro de 1897 em Quixadá. Estefânia Gaspar Meneses, foi cronista e participou da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno.

Publicou: *Canto Coral*, *O Trabalho*, *O Menino da Gaita*.

Referências

JORNAIS E REVISTAS PESQUISADOS:

- A Constituição 1863 a 1889
A Esquerda--1928
A Imprensa--1924 a 1932
A Liberdade--1864
A Lucta--1914 a 1924
A Quinzena (1887-1888)
Anuario das Senhoras Ano XVI- 1949
Aurora Cearense--1866
Brazil Livre--1930 a 1931
Ceará Ilustrado--1894
Correio da Assembleia Provincial--1839 a 1840
Gazeta do Norte--1880 a 1890
Gazeta Official--1862 a 1864
Jornal da Fortaleza--1870
Jornal do Ceará--1868
Libertador--1881 a 1890
Nortista--1913 a 1914
O Araripe--1855 a 1864
O Cearense--1846 a 1891
O Commercial--1845 a 1860
O Debate--1931 a 1932
O Estado do Ceará--1890 a 1891
O Garoto--1907 a 1908 -
O Jornal--1932 a 1935
O Jornal--1916
O Pão da Padaria Espiritual--1892 a 1895
O Rebate--1907 a 1913
O Sol: jornal litterario, politico e critico--1856 a 1898
Patria--1910 a 1915 -
Pedro II--1840 a 1889
Revista Trimensal do Instituto do Ceará--1887
Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros--1891 a 1930

Referências

- ADERALDO, Mozart Soriano. **Livros e Idéias : crítica e ensaio**. Fortaleza: Ed. Clã, 1954.
- ADERALDO, Mozart Soriano. **História literária do Ceará : dos oiteiros ao grupo clã**. Fortaleza: Editora: Imprensa Oficial do Ceará, 1986.
- ALBUQUERQUE, João Alves de. **Cearenses no Rio**. Fortaleza: Gráfica Urania, 1938.
- ALENCAR, Edigar de. **A modinha cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.
- ALMEIDA, Luciana Andrade de. **A Estrella: Francisca Clotilde e literatura feminina em revista no Ceará (1906-1921)**. Coleção Outras Histórias, 45. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado, 2006.
- ALMEIDA, Luciana Andrade de. **Francisca Clotilde e a palavra em ação (1884-1921)** / por Luciana Andrade de Almeida. – 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza(CE), 27/10/2008.
- ALVES, Joaquim. **Autores Cearenses**. 2. ed. Fortaleza: UFC/Casa de Jose de Alencar, 1997. 172p. (Coleção Alagadiço Novo ;132)
- ANTOLOGIA CEARENSE. Academia Cearense de Letras. IOF: Fortaleza/CE, 1957.
- ARAÚJO, F. Sadoc de. Ceará: **Homens e Livros: Estudos Críticos de Biobibliografia**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1981.
- ARAÚJO, Raimundo. **Poetas do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1985.
- AZEVEDO, Sânzio de, **Literatura Cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
- BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. 1º tomo. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.
- BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. 2º tomo. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1951.
- BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. 4º tomo. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1962.
- BARROSO, Olga Monte. **Quem São Elas**. Fortaleza: IOCE, 1992.

- BENEVIDES, Artur Eduardo. **Evolução da Poesia e do Romance Cearenses**. Fortaleza/CE, 1976.
- BERGSON, H. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BITTENCOURT, Adalzira. **Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil (ilustrado)**. Volume 1 . Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1969.
- BITTENCOURT, Adalzira. **Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil (ilustrado)**. Volume 2 . Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1970.
- BITTENCOURT, Adalzira. **Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil (ilustrado)**. Volume 3. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1972.
- BORGES, Raimundo de Oliveira. **O Crato intelectual**. Crato: Coleção Itaytera , 1995. (Dados Bio-bliográficos)
- BRASIL, Assis. **Dicionário Prático de Literatura Brasileira**. Edições de Ouro. Editora Tecnoprint Ltda, 1979.
- CAMPOS, Eduardo. **Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX**. Fortaleza: EUFC, 1985.
- CAVALCANTE. Alcilene. **Uma Escritora na Periferia do Império: Vida e Obra de Emília Freitas**. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 2008.
- CHAVES, Julieta Faheina. **Calendário de Escritores Brasileiros: Biografias**. Fortaleza, s/e, 1985.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico das Escritoras Brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2002.
- COLARES, Otacílio. **Apresentação crítica e notas**. In FREITAS, Emília. **A rainha do ignoto. Romance psicológico**. 2 ed. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, Imprensa Oficial do Ceará, 1980.
- COLARES, Otacílio. **Lembrados e Esquecidos. III**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1977.
- COLARES, Otacílio. **Lembrados e Esquecidos. V. Ensaio Sobre Literatura Cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1981.
- COSTA, Marcelo Farias. **Era um vez um grêmio: o teatro musical de Carlos Câmara e a construção do teatro cearense**. Fortaleza: Capricórcio Produções, 2014.

- CUNHA, Cecília Maria. **Além do Amor e das Flores: Primeiras Escritoras Cearenses**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.
- DUARTE, Constância Lima. "Emília Freitas". In MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.) **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- DUARTE, Constância L. . **Nísia Floresta: a pioneira do feminismo no Brasil**. 1. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.
- DUARTE, Constância L.. **Imprensa feminina e feminista no Brasil–Século XIX–Dicionário ilustrado**. v. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- Evangelina; STUDART, Heloneida. **Naipes**. Fortaleza: Edições Revista Jangada da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, 1953.
- FONTENELE, Maria do Carmo Carvalho. **Pioneiras em Evidência**. Fortaleza: Destak, 2000.
- FILHO, Luciano Klein. **Memórias do Espiritismo no Ceará**. Fortaleza: DPL Editora, Centro de Documentação Espírita do Ceará, 2000.
- FREITAS, Emília. **Canções do Lar**. Poesias. Fortaleza: Tipografia Rio Branco, 1891.
- FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto**. Romance psicológico. Fortaleza: Tipografia Universal, 1899.
- A rainha do ignoto. **Romance psicológico**. 2 ed. Pesquisa, organização, atualização ortográfica, apresentação crítica e notas por Otacílio Colares. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, Imprensa Oficial do Ceará, 1980. 363 p.
- GALENO, Cândida (org.). **O Livro da Ajebiana**. Fortaleza: Ed. H. Galeno, 1979.
- GALENO, Cândida. **Trovadores Cearenses**. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1976.
- GALENO, Henriqueta. **Mulheres Admiráveis**. Fortaleza: Casa de Juvenal Galeno. S/E
- GALENO, Henriqueta. **Mulheres do Brasil, Vol. I**, Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1971.
- GALENO, Henriqueta. **Mulheres do Brasil, Vol. II**, Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1971.
- GALENO, Júlia. **Crepúsculo Iluminado** – Fortaleza:Ed. Henriqueta Galeno, Ltda, 1969.
- GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. **Dicionário de Literatura Cearense**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado, 1987.

- GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica histórica**. 2. ed. Fortaleza, CE: UFC, Casa de José de Alencar, 1997. 95 p. (Coleção Alagadiço Novo ; 2)
- GIRÃO. Valdelice Carneiro. **Bibliografia Cearense Séculos XIX e XX – 1º Volume (1825-1930)**. Fortaleza: ABC Editora, 2001.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de & Lucia Nascimento Araújo. **Ensaístas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- LIMA, Abdias. **Radiografia Literária: Crítica da Província XI**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1979.
- LIMA, Abdias. **A Nave da literatura: crítica literária**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1981. 228 p.
- LIMA, Batista. **A Literatura Cearense e a Cultura das Antologias**. Fortaleza/CE: Edições Dezesete e Trinta. Fundação Edson Queiroz, 1999.
- LIMA, Batista. **O fio e a Meada: Ensaios de Literatura Cearense**. Fortaleza: Editora: Universidade de Fortaleza, 2000.
- LIMA, Herman. **Poeira do Tempo**. Rio de Janeiro: Editora Livraria: José Olympio, 1967.
- LINHARES, Augusto. **Coletânea de Poetas Cearenses**. Rio de Janeiro: Editora Minerva Ltda, 1952.
- LINHARES, Mário. **Gente nova: (notas e impressões)**. 2. ed. Fortaleza, CE: UFC, Casa de José de Alencar, 1998. (Coleção Alagadiço Novo ; 182).
- LINHARES, Mário. **História literária do Ceará**. Rio de Janeiro: Fundação das Academias de Letras do Brasil, 1948.
- LINHARES, Mário. **Poetas esquecidos**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti – Editores, 1938.
- LUFT, Celso Pedro. **Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira / Celso Pedro Luft**. Porto Alegre: Globo, 1966.
- MACEDO, Dimas. **A Metáfora do Sol**. 4ª. Edição – Revista e Ampliada. Fortaleza: Edições Poetaria, 2013.
- MAGALHÃES, Zelito. **O Romance Cearense – origem e evolução** – Fortaleza: LC Ed. 2003.
- MARTINS, Cláudio (Organização e Supervisão) – **A Quinzena** – Fortaleza: Fac Similar, 1984.
- MARTINS Filho, Antônio e Girão, Raimundo (orgs.). **O Ceará**. Fortaleza: 1945.

- MARTINS, Monsenhor Vicente. **Homens e vultos de Sobral**. 2. ed. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Stylus Comunicações. 1989
- MENEZES, Raimundo de. **Escritores na intimidade**. São Paulo: Editora S.A., 1949
- MOTA, Anamélia Custódio. **Francisca Clotilde: uma pioneira da educação e da literatura no Ceará**. Canindé: Gráfica e Editora Canindé, 2007.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- Mulheres do Brasil, Vol. III**, Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.
- Mulheres do Brasil, Vol. IV**, Fortaleza: Multigraf Editora, 1993.
- Mulheres do Brasil, Vol. V**, Fortaleza: Fortaleza: Multigraf, 2000.
- Mulheres do Brasil, Vol. VI**, Fortaleza: Fortaleza: Realce, 2009.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX – Vol. I: antologia / 2ed.rev**. Florianópolis, SC, Brasil : Editora mulheres, 2000.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX – Vol. II: antologia / organização**, Florianópolis, SC, Brasil: Editora mulheres, 2004
- MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX – Vol. III: antologia / organização**, Florianópolis, SC, Brasil : Editora mulheres, 2009
- NASCIMENTO, F.S. **Crato: Lampejos Políticos e Culturais**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial. UFC. 1998
- NOBRE, F. Da Silva. **1001 Cearenses Notáveis**–Rio de Janeiro: Impresso pela Casa do Ceará Editora–1996.
- NOBRE, F. Da Silva. **Cronologia da Cultura Cearense** – Publicação da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, 1988.
- NOGUEIRA, Joaquim da Costa. **Ceará Intellectual (Extracto do “Anno Escolar”)**. Typographia Escolar. Fortaleza – Ceará. 1910.
- OLIVEIRA, Carolina Rennó Ribeiro de. **Biografias de Personalidades Célebres** – 16. Ee. Ampl. E atualizada – São Paulo: LISA, 1982.
- PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.
- RIBEIRO, Luís Filipe. **A modernidade e o fantástico em uma romancista do século XIX**. In **Cadernos. III Seminário Nacional Mulher & Literatura**. Florianópolis: Universidade Federal de Florianópolis, v. 1, 1989. p. 135-40.

RIBEIRO, Sônia Cristina Bernardino. 'A narrativa de autoria feminina do século XIX em resgate: uma leitura de Lésbia e A Rainha do Ignoto'. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2001.

SAMPAIO, Filgueira. **Noções de História do Ceará**. Bahia: Papelaria Vera-Cruz, 1941.

SANTOS, Luís Sérgio. **Rui Facó (uma biografia) O Homem e sua missão**. Fortaleza: Omni, 2014.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Erico Vital. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SCHIMMELPFENG, Gisela Paschen. **A Mulher e a Abolição**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

SCHIMMELPFENG, Gisela Paschen. **Cândida Maria Santiago Galeno; Nossa Nenzinha**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1988.

SÍLVIO JÚLIO. **Terra e Povo do Ceará**. Rio de Janeiro, Livraria Carvalho Editora, 1936.

SIMÃO, Marum – Quixeramobim, **Recompondo a História**. Fortaleza, Ceará, 1996.

STUDART, Guilherme – **Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense**, 1911

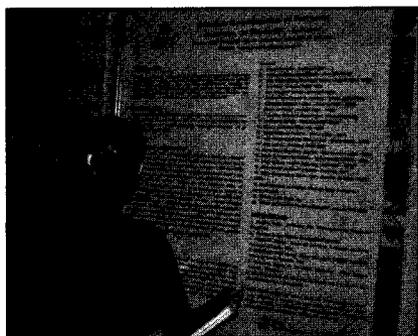
SOUZA, Maria da Conceicao. **Estudos bibliograficos cearenses : livros e folhetos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1973. v.01 (Biblioteca de Cultura).

SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

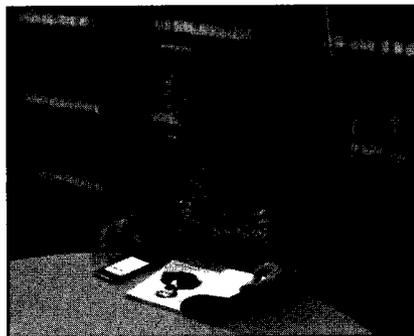
VICTOR, Hugo. **Sonetos Cearenses**. UFC. Casa de José de Alencar – 2ª Edição. Fortaleza/CE, 1997.

http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1491919609_ARQUIVO_TextofinalEdithBragaumaHistoriadeVidadedicadaaEducacaoCearense.pdf (Acesso em 25 de julho de 2019)

A Autora



UNIFOR



CASA DE JUVENAL GALENO

CRÉDITO: Foto de Daniel Pereira de Oliveira



INSTITUTO HISTÓRICO DO CEARÁ



BIBLI.GOVERNADOR MENEZES PIMENTEL

Carla Castro nasceu no dia 02 de abril de 1976 em Fortaleza. Filha de Vilmar Nogueira Osterne, natural da cidade de Limoeiro do Norte /CE e de Tereza Pereira de Castro, natural da cidade de Paraipaba/CE. O casal teve três filhos: Francisco Carlos de Castro, Carla Pereira de Castro e Carmem Pereira de Castro.

Formada em Pedagogia, Letras/Português e Direito, especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, atualmente cursa Mestrado em Literatura Comparada na Universidade Federal do Ceará.

Carla Castro escreveu o seu primeiro livro aos 10 anos de idade, *O Menino Pobre e o Menino Rico*, entretanto esse livro nunca foi publicado, mas

naquela época a autora já demonstrava o gosto pela escrita, sempre fazendo versos e escrevendo cartas para os amigos.

Em 2010 durante a IX Bienal Internacional do Livro, a escritora lançou o seu primeiro livro *A Vida em Versos*, composto de 45 poemas. No mesmo ano participou da antologia “Estações da Palavra” 1ª Antologia de Prosa e Verso, organizado pela ACE – Associação Cearense dos Escritores.

Em 2011 veio a lume os *Cadernos de Filosofia do Direito III* organizados pelo professor Oscar D’Alva, onde a escritora relaciona o Fédon ao espiritismo em um artigo intitulado “Fédon–Um prenúncio à doutrina Espírita”. No mesmo ano participou da II Antologia de Prosa e Verso organizada pela ACE – Associação Cearense dos Escritores cujo título é: *Segundo Pensamento* e também da Antologia *Viagens Poéticas* organizada pelo Templo da Poesia.

Em 2012 participou da *II Antologia do Papo Literário, clipeomas* e da Antologia *Sinos dos Ventos* publicação da ACE. Em 2013 da antologia nacional *100 poemas, poetas, volume II*.

ANEXOS

PROJETO DE LEI N° 209/2003

LEI N° 13.411, DE 15.12.03. (D.O. DE 17.12.03)

LEI N.º 16.380, DE 19.10.17 (D.O. 23.10.17)

PROJETO DE LEI N° 209/2003

Institui o Dia da Literatura Cearense

A Assembléia Legislativa do Estado do Ceará

DECRETA:

Art. 1º Fica instituído o “Dia da Literatura Cearense”, a ser comemorado em 17 de novembro.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas todas as disposições em contrário.

PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, aos 17 de novembro de 2003.

Adahil Barreto

Deputado Estadual

JUSTIFICATIVA

O Ceará serviu de berço a um considerável universo de intelectuais que tiveram, no passado, e ainda têm nos dias atuais, grande influência no desenvolvimento cultural tanto do próprio estado quanto do Brasil como um todo. Não por acaso, o Ceará tem oito nomes ilustres vinculados à Academia Brasileira de Letras – ABL, como membros ou patronos de Cadeiras. Na condição de membros da ABL figuram Araripe Júnior, Clóvis Beviláqua, Gustavo Barroso (quatro vezes Presidente da Casa de Machado de Assis), Heráclito Graça, Raimundo Magalhães Júnior e Rachel de Queiroz, sendo esta a primeira mulher a integrar a Academia. José de Alencar é Patrono da Cadeira n° 23, eleito por Machado de Assis, e Franklin Távora é Patrono da Cadeira n° 14, por escolha de Clóvis Beviláqua.

Segundo estudiosos do assunto, como a Doutora Regina Fiúza, Diretora da Academia Cearense de Letras, o desenvolvimento cultural do Ceará tem origem em associações, academias e grêmios literários, dentre os quais cumpre ressaltar, pela sua importância, a Padaria Espiritual, fundada em 30 de maio de 1.892 por um grupo de jovens intelectuais composto por Antonio Sales, Adolfo Caminha, Lopes Filho, Ulisses Bezerra, Temístocles Machado e Tibúrcio Freitas.

Antes da Padaria Espiritual foram fundadas outras associações literárias como a Academia Francesa do Ceará, de 1.872, fundada por Tomás Pompeu, Rocha Lima, Capistrano de Abreu, João Lopes, Ferreira Filho, Xilderico de Faria e Antônio José de Melo. Em 1.874, sob o patrocínio da Academia Francesa, foi criada a Escola Popular, destinada a pobres e operários, onde eram ministradas aulas e realizadas conferências e debates sobre religião, filosofia, literatura, história etc. Em seguida, no dia 02 de dezembro de 1.875, surgiu o Gabinete Cearense de Leitura, integrado por Guilherme Studart, Antônio Dias Martins, Paula Ney, Clóvis Beviláqua, Tomás Pompeu, Capistrano de Abreu, Júlio César da Fonseca e Araripe Júnior. Seus fundadores foram Antônio Domingues dos Santos, Joaquim Álvaro Garcia, Vicente Alves Linhares Filho, Francisco Perdigão de Oliveira e Antônio Domingues dos Santos Filho. Em 15 de novembro de 1.886, foi criado em Fortaleza o Clube Literário, integrado, dentre outros, por João Lopes, Antônio Bezerra, José Olímpio, Abel Garcia, com a colaboração de Juvenal Galeno, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales, Justiniano de Serpa e Francisca Clotilde.

No dia 03 de março de 1.887, surgiu o Instituto do Ceará, cujo objetivo tem sido, até os dias atuais, o estudo de História, Geografia, Letras e Ciências. Em 15 de agosto de 1.894, foi fundada a Academia Cearense de Letras, valendo ressaltar que a ACL é a primeira organização do gênero criada no Brasil. A própria Academia Brasileira de Letras, como se sabe, só foi instalada oficialmente no dia 20 de julho de 1.897, quase três anos, portanto, após a fundação da Academia Cearense. Foram iniciadores da Academia Cearense de Letras, Guilherme Studart, Justiniano de Serpa, Farias Brito, Drumond da Costa, José Fontenele, Álvaro de Alencar, Benedito Sidou, Antônio Augusto de Vasconcelos, Franco Rabelo, Pedro de Queiroz, Alves de Lima, Valdomiro Cavalcante e Antônio Fontenele. Foram, entretanto, considerados fundadores os vinte e sete primeiros sócios.

No dia 27 de setembro de 1.894, surgiu o Centro Literário, que durou dez anos, e teve como sócios fundadores Juvenal Galeno, Viana de Carvalho, Temístocles Machado, Papi Júnior, Álvaro Martins, Luiz Agassiz, Pedro Moniz, Alves de Lima, Otacílio de Oliveira, Ulisses Sarmento, Bonfim Sobrinho, Alfredo Severo, Jovino Guedes, Quintino Cunha, Frota Pessoa, Alcides Mendes, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, José Olímpio, Adriano Sabóia, Francisco Barreto, Tancredo de Melo, Almeida Braga e Belfort Teixeira.

A Academia Cearense de Letras, a mais antiga do Brasil, como já foi dito, tem dado uma contribuição extremamente significativa para o desenvolvimento da literatura do Ceará, por meio da promoção de cursos, conferências e publicação da sua Revista.

Existem ainda no Ceará três importantes instituições incentivadoras da cultura, que são a Academia Fortalezaense de Letras, a Academia Cearense de Língua Portuguesa e a Sociedade Amigas do Livro.

A instituição do “DIA DA LITERATURA CEARENSE” será uma forma de homenagear todas aquelas ilustres personalidades passadas, presentes e futuras que contribuíram, colaboram, e concorrerão para o engrandecimento cultural do nosso estado e para elevar, ao cume, pelo Brasil afora o nome do Ceará Cultural, Intelectual e Artístico.

A data proposta para comemoração do Dia da Literatura Cearense, 17 de novembro, dia do nascimento de Rachel de Queiroz, representa uma justa homenagem a uma das maiores escritoras brasileiras, nome de grande projeção dentro e fora do Brasil, dona de uma bagagem literária extremamente valiosa que tanto honra a literatura cearense, a nordestina e a brasileira.

Espera-se, igualmente, que a instituição dessa efeméride constitua estímulo para o surgimento de novos e expressivos valores literários e culturais na Terra da Luz.

PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, aos 17 de novembro de 2003.

Adahil Barreto

Deputado Estadual

LEI Nº 13.411, DE 15.12.03. (D.O. DE 17.12.03)

Institui o Dia da Literatura Cearense

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ, Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. Fica instituído o “Dia da Literatura Cearense”, a ser comemorado no dia 17 de novembro.

Art. 2º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas todas as disposições em contrário.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 15 de dezembro de 2003.

Lúcio Gonçalo de Alcântara

GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ.

Iniciativa: Deputado Adahil Barreto

LEI N.º 16.380, DE 19.10.17 (D.O. 23.10.17)

INSTITUI A SEMANA DA LITERATURA CEARENSE.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

Faço saber que a Assembleia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Institui a Semana da Literatura Cearense, a ser celebrada na primeira semana do mês de maio de cada ano, em todo o Estado do Ceará, no âmbito das escolas públicas, universidades públicas, órgãos públicos e outros que tenham interesse em homenagear obras de escritores cearenses.

§ 1º Nesse período, serão feitas exposições de obras de escritores cearenses, poderão ser discutidas em sala de aula temas relacionados às referidas obras, além da biografia e relevância do trabalho literário.

§ 2º Poderão ser feitas campanhas de estímulo e incentivo à produção de inéditas obras literárias por autores cearenses em todo o Estado do Ceará.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO DA ABOLIÇÃO, DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em
Fortaleza, 19 de outubro de 2017.

Camilo Sobreira de Santana

GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

Iniciativa: DEPUTADO FERREIRA ARAGÃO

demonstrava o gosto pela escrita, sempre fazendo versos e escrevendo cartas para os amigos.

Em 2010 durante a IX Bienal Internacional do Livro, a escritora lançou o seu primeiro livro A Vida em Versos, composto de 45 poemas. No mesmo ano participou da antologia "Estações da Palavra" 1ª Antologia de Prosa e Verso, organizado pela ACE – Associação Cearense dos Escritores.

Em 2011 veio a lume os Cadernos de Filosofia do Direito III organizados pelo professor Oscar D'Alva, onde a escritora relaciona o Fédon ao espiritismo em um artigo intitulado "Fédon - Um prenúncio à doutrina Espírita". No mesmo ano participou da II Antologia de Prosa e Verso organizada pela ACE – Associação Cearense dos Escritores cujo título é: Segundo Pensamento e também da Antologia Viagens Poéticas organizada pelo Templo da Poesia.

Em 2012 participou da II Antologia do Papo Literário, clipoemas e da Antologia Sinos dos Ventos publicação da ACE. Em 2013 da antologia nacional 100 poemas, poetas, volume II.

Resquícios de Memórias

Dicionário Biobibliográfico de Escritoras
e Ilustres Cearenses do Século Dezenove

Carla Castro



9 788542 014587